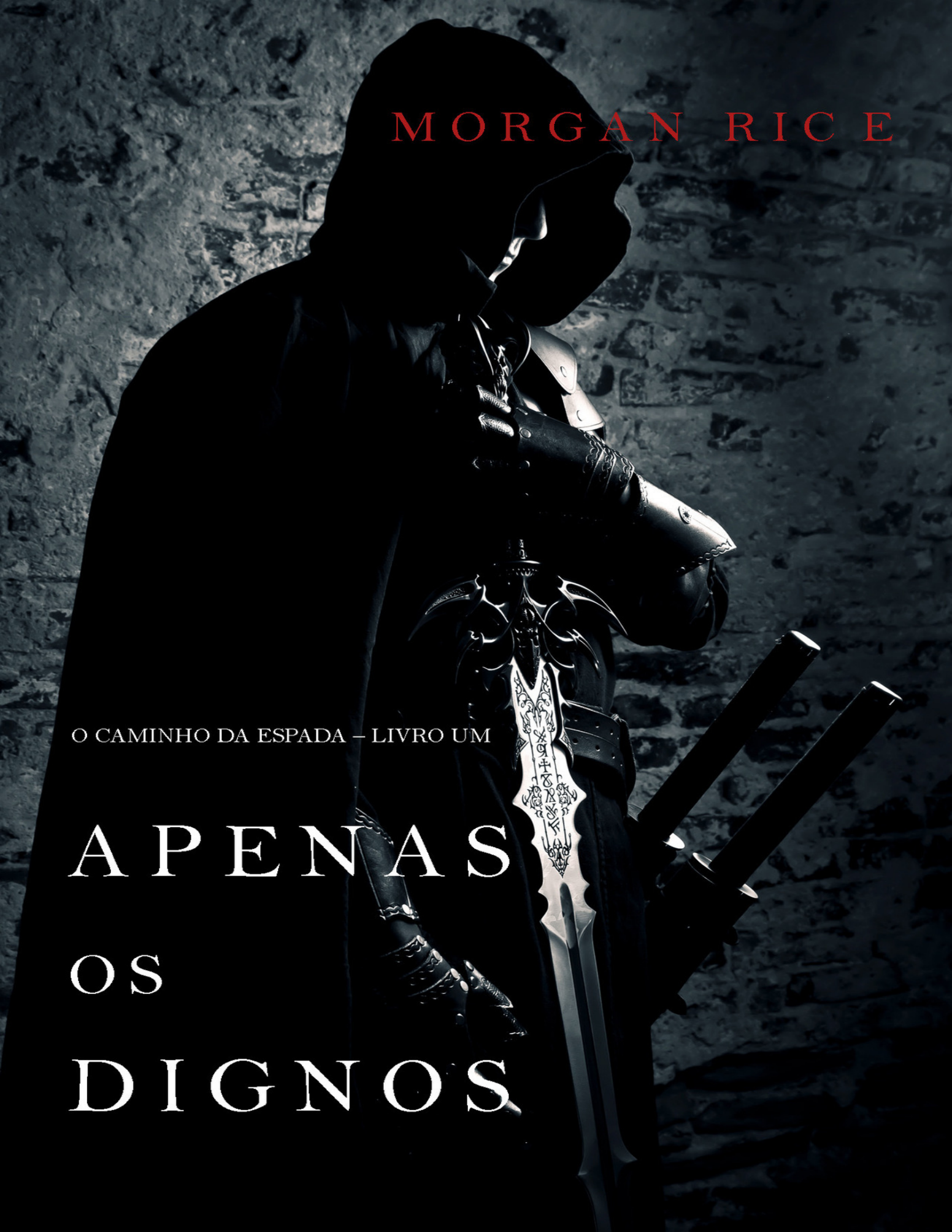




MORGAN RICE

O CAMINHO DA ESPADA – LIVRO UM

APENAS OS DIGNOS



APENAS OS DIGNOS

(O CAMINHO DA ESPADA – LIVRO UM)

MORGAN RICE

Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezessete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por três livros; da série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros; da série de fantasia épica DE COROAS E GLÓRIA, composta por oito livros; da série de fantasia épica UM TRONO PARA IRMÃS, composta por oito livros (a continuar); da nova série de ficção científica AS CRÓNICAS DA INVASÃO, composta por quatro livros; da nova série de fantasia OLIVER BLUE E A ESCOLA PARA PROFETAS, composta por três livros (a continuar); e da nova série de fantasia épica O CAMINHO DA ESPADA, composta por três livros (a continuar). Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

TRANSFORMADA (Livro #1 na série Diários de um Vampiro), ARENA UM (Livro #1 da série A Trilogia da Sobrevivência), UMA BUSCA DE HERÓIS (Livro #1 na série O Anel do Feiticeiro), ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Reis e Feiticeiros—Livro #1), UM TRONO PARA IRMÃS (Livro #1), e TRANSMISSÃO (As Crônicas da Invasão—Livro #1) estão todos disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sintase à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntarse à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligarse ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

Seleção de aclamações para Morgan Rice

“Se pensava que já não havia motivo para viver depois do fim da série O ANEL DO FEITICEIRO, estava enganado. Em A ASCENSÃO DOS DRAGÕES Morgan Rice surgiu com o que promete ser mais uma série brilhante, nos fazendo imergir numa fantasia de trolls e dragões, de valentia, honra, coragem, magia e fé em seu destino. Morgan conseguiu mais uma vez produzir um conjunto forte de personagens que nos faz torcer por eles em todas as páginas... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que adoram uma fantasia bem escrita.”

--*Books and Movie Reviews*

Roberto Mattos

“Uma ação carregada de fantasia que irá certamente agradar os fãs das histórias anteriores de Morgan rice, juntamente com os fãs de trabalhos tais como O CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini...Fãs de ficção para jovens adultos irão devorar este último trabalho de Rice e suplicar por mais.”

--*The Wanderer, A Literary Journal (referente a Ascensão dos Dragões)*

“Uma fantasia espirituosa que entrelaça elementos de mistério e intriga em seu enredo. *A Busca de Heróis* tem tudo a ver com a criação da coragem e com a compreensão do propósito da vida e como essas levam ao crescimento, maturidade e excelência... Para os que procuram aventuras de fantasia com sentido, os protagonistas, estratégias e ações proporcionam um conjunto vigoroso de encontros que se relacionam com a evolução de Thor desde uma criança sonhadora a um jovem adulto que procura a sobrevivência apesar das dificuldades... Apenas o princípio do que promete ser uma série de literatura juvenil épica.”

--*Midwest Book Review (D. Donovan, eBook Reviewer)*

“O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: enredos, intrigas, mistério, valentes cavaleiros e relacionamentos que florescem repletos de

corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores do género de fantasia.”

--*Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos

“Neste primeiro livro cheio de ação da série de fantasia épica Anel do Feiticeiro (que conta atualmente com 14 livros), Rice introduz os leitores ao Thorgrin "Thor" McLeod de 14 anos, cujo sonho é se juntar à Legião de Prata, aos cavaleiros de elite que servem o rei... A escrita de Rice é sólida e a premissa intrigante.”

--*Publishers Weekly*

Livros de Morgan Rice

OLIVER BLUE E A ESCOLA DE VIDENTES

A FÁBRICA MÁGICA (Livro 1)

[O ORBE DE KANDRA \(Livro 2\)](#)

AS CRÔNICAS DA INVASÃO

TRANSMISSÃO (Livro 1)

CHEGADA (Livro 2)

ASCENSÃO (Livro 3)

O CAMINHO DA ROBUSTEZ

APENAS OS DIGNOS (Livro n.º 1)

UM TRONO PARA IRMÃS

UM TRONO PARA IRMÃS (Livro n.º 1)

UMA CORTE PARA LADRAS (Livro n.º 2)

UMA CANÇÃO PARA ÓRFÃS (Livro n.º 3)

UMA NÊNIA PARA PRÍNCIPES (Livro n.º 4)

UMA JOIA PARA REALEZAS (Livro n.º 5)

DE COROAS E GLÓRIA

ES CRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro n.º 1)

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA (Livro n.º 2)

CAVALEIRO, HERDEIRO, PRÍNCIPE (Livro n.º 3)

REBELDE, PEÃO, REI (Livro n.º 4)

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO (Livro n.º 5)

HEROÍNA, TRAI DORA, FILHA (Livro n.º 6)

GOVERNANTE, RIVAL, EXILADA (Livro n.º 7)

VENCEDORA, DERROTADA, FILHO (Livro n.º 8)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro n.º 1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro n.º 2)

O PESO DA HONRA (Livro n.º 3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro n.º 4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro n.º 5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro n.º 6)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro n.º 1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro n.º 2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro n.º 3)
UM GRITO DE HONRA (Livro n.º 4)
UM VOTO DE GLÓRIA (Livro n.º 5)
UMA CARGA DE VALOR (Livro n.º 6)
UM RITO DE ESPADAS (Livro n.º 7)
UM ESCUDO DE ARMAS (Livro n.º 8)
UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro n.º 9)
UM MAR DE ESCUDOS (Livro n.º 10)
UM REINADO DE AÇO (Livro n.º 11)
UMA TERRA DE FOGO (Livro n.º 12)
UM REINADO DE RAINHAS (Livro n.º 13)
UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro n.º 14)
UM SONHO DE MORTAIS (Livro n.º 15)
UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro n.º 16)
O DOM DA BATALHA (Livro n.º 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº1)
ARENA DOIS (Livro n.º 2)
ARENA TRÊS (Livro n.º 3)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro n.º 1)
AMADA (Livro n.º 2)
TRAÍDA (Livro n.º 3)
DESTINADA (Livro n.º 4)
DESEJADA (Livro n.º 5)
COMPROMETIDA (Livro n.º 6)
PROMETIDA (Livro n.º 7)
ENCONTRADA (Livro n.º 8)
RESSUSCITADA (Livro n.º 9)
COBIÇADA (Livro n.º 10)
PREDESTINADA (Livro n.º 11)
OBCECADA (Livro n.º 12)

Sabia que eu já escrevi múltiplas séries? Se não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo e faça o *download* do primeiro livro de cada série!



Quer livros gratuitos?

Subscreva a lista de endereços de Morgan Rice e receba 4 livros grátis, 3 mapas grátis, 1 aplicação grátis, 1 jogo grátis, 1 história em banda desenhada grátis e ofertas exclusivas! Para subscrever, visite: www.morganricebooks.com

Copyright © 2018 por Morgan Rice. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos de Autor dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora. Este e-book é licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se quiser partilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se está a ler este livro e não o comprou, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desta autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação da autora ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

CONTEÚDO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

CAPÍTULO TRINTA E SETE

A palavra do Senhor veio até mim, dizendo: "Antes de te formar no ventre eu te conhecia e antes de você nascer eu te santifiquei; te nomeie profeta para as nações."

Mas eu disse: "Ai, meu Senhor, eu não sei falar; eu sou muito jovem."

Mas o Senhor me disse: "Não diga: 'Eu sou muito jovem'. Em vez disso, onde quer que eu te envie, você irá; e tudo o que eu te ordenar, você falará. Não os tema, porque eu estou contigo e irei te salvar."

Jeremias 1: 4-7

PARTE UM

CAPÍTULO UM

Rea se sentou em sua cama simples, suando, acordada pelos gritos que rasgavam a noite. Seu coração batia forte quando ela se sentou no escuro, esperando que não fosse nada, que fosse apenas mais um dos pesadelos que a vinham assolando. Ela agarrou a borda do colchão de palha barato e escutou, rezando, desejando que a noite fosse silenciosa.

Outro grito veio, porém, e Rea se encolheu com medo.

E depois outro.

Eles estavam se tornando mais frequentes - e se aproximando.

Congelada de medo, Rea se sentou e escutou enquanto eles se aproximavam. Acima do som da chuva forte, ela escutou também cavalos, de início um som fraco, e, depois, o característico som de espadas sendo desembainhadas. Mas nenhum som era mais alto que os gritos.

E, então, surgiu um novo som, que era ainda pior, se é que isso era possível: o crepitar das chamas. Rea ficou desolada ao entender que sua aldeia estava sendo incendiada. Isso só podia significar uma coisa: os nobres haviam chegado.

Rea pulou da cama, bateu o joelho contra o suporte de metal da lenha, único bem que tinha em sua cabana simples, e depois saiu correndo de casa. Ela saiu para a rua lamacenta, para a chuva quente da primavera que a molhou imediatamente. No entanto, não se importou. Ela piscou na escuridão, ainda tentando se livrar do pesadelo. Ao seu redor, cortinas se abriram, portas se abriram, e seus companheiros aldeões saíram hesitantes de suas cabanas. Todos ficaram ali, olhando a única estrada que serpenteava até a aldeia. Rea olhou juntamente com eles e, à distância, viu um brilho. Ela ficou preocupada. Era uma chama se espalhando.

Morar aqui, na parte mais pobre da aldeia, escondida atrás dos labirintos tortuosos que saíam da praça principal da cidade, era, numa época como aquela, uma bênção; pelo menos ela estaria segura aqui. Ninguém jamais voltava para essa parte mais pobre da cidade, para essas casas em ruínas onde só moravam os servos, onde o fedor das ruas obrigava as pessoas a se afastarem. Tinha sempre parecido como um gueto do qual Rea não conseguia sair.

No entanto, enquanto observava as chamas lambem a noite, Rea se sentia aliviada, pela primeira vez, por viver de novo aqui, escondida. Os nobres nunca se incomodariam em tentar navegar pelas ruas labirínticas e becos que levavam até aqui. Não havia nada para saquear aqui, afinal.

Rea sabia que era por isso que seus vizinhos indigentes simplesmente ficavam do lado de fora de suas cabanas, sem entrar em pânico, apenas observando. Por isso, também, nenhum deles tentou fugir para ajudar os aldeões que viviam no centro da cidade, aqueles ricos que os tinham desprezado por toda a vida. Eles

não lhes deviam nada. Os pobres estavam seguros aqui, pelo menos, e não arriscariam suas vidas para salvar aqueles que os tinham tratado como menos que nada.

E, no entanto, enquanto observava a noite, Rea estava perplexa por ver as chamas se aproximando e a noite mais brilhante. O brilho estava claramente se espalhando, rastejando em sua direção. Ela piscou, imaginando se seus olhos a estavam enganando. Isso não fazia o menor sentido: os saqueadores pareciam estar indo em sua direção.

Ouviam-se os gritos cada vez mais, ela estava certa disso. Rea se encolheu de medo quando, de repente, chamas surgiram a menos de trinta metros de distância, emergindo das ruas labirínticas. Ela ficou parada, atordoada. Eles estavam vindo para cá. Mas porquê?

Assim que teve esse pensamento, um cavalo de guerra apareceu galopando como um trovão na praça, montado por um cavaleiro feroz vestido com uma armadura toda preta. Sua viseira estava para baixo e seu elmo, sinistramente, em crista. Empunhando uma alabarda, ele parecia um mensageiro da morte.

Assim que entrou na praça ele desferiu um golpe certo com a alabarda pelas costas de um velho corpulento que tentava fugir. O homem nem teve tempo de gritar antes de a alabarda cortar sua cabeça.

Relâmpagos enchiam os céus e trovões ressoavam, com a chuva se intensificando, enquanto mais uma dúzia de cavaleiros invadiam a praça. Um deles erguia um estandarte. Brilhava com a luz das tochas, mas Rea não conseguia identificar a insígnia.

O caos se seguiu. Os aldeões entraram em pânico, se virando, correndo, gritando, alguns correndo de volta para suas cabanas por algum instinto remoto, escorregando na lama, alguns fugindo pelos becos. No entanto, mesmo esses não chegaram muito longe antes de as lanças voadoras encontrarem um lugar em suas costas. A morte, ela sabia, não poupava ninguém nessa noite.

Rea não tentou fugir. Ela simplesmente recuou calmamente, entrou em sua cabana e desembainhou uma espada, uma espada comprida, dada a ela tinha muito tempo, um belo trabalho de artesanato. O som dela sendo retirada de sua bainha fez seu coração bater mais rápido. Era uma obra-prima, uma arma que ela não tinha o direito de possuir, dada a ela por seu pai. Ela não sabia nem mesmo como ele próprio havia conseguido a espada.

Rea caminhou devagar e resolutamente para o centro da praça da cidade, sozinha, a única dentre os aldeões com coragem suficiente para resistir, para enfrentar esses homens. Ela, uma menina frágil de dezessete anos, tinha a coragem de lutar por conta própria diante do medo. Ela não sabia de onde vinha sua coragem. Queria fugir, mas algo profundo dentro dela a proibia. Algo dentro dela

sempre a levá-la a encarar seus medos, quaisquer que fossem as probabilidades. Não significava que ela não sentisse terror; ela sentia. Era que outra parte dela permitia que ela funcionasse em face disso. Desafiando Rea a ser mais forte que isso.

Rea ficou lá, com as mãos trêmulas, mas se forçando a manter o foco. E quando o primeiro cavalo galopou em sua direção, ela ergueu a espada, se aproximou, se inclinou e cortou as pernas do cavalo.

Doía fazer isso, mutilar esse belo animal; afinal, ela passara a maior parte de sua vida cuidando de cavalos. Mas o homem tinha erguido a lança e Rea sabia que sua sobrevivência estava em jogo.

O cavalo gritou um som horrível que ela sabia que ficaria em sua memória pelo resto de seus dias. Ele caiu no chão, de focinho na terra, jogando seu cavaleiro. Os cavalos atrás dele embateram nele, tropeçando e caindo em um amontoado ao redor dela.

Em uma nuvem de poeira e caos, Rea girou e enfrentou todos eles, pronta para morrer naquele instante.

Um único cavaleiro, em uma armadura toda branca, montando um cavalo branco diferente dos outros, subitamente foi direto para ela. Ela ergueu a espada para atacar novamente, mas esse cavaleiro era muito rápido. Ele se movia como um relâmpago. Assim que ela ergueu a espada, ele oscilou em arco a sua alabarda para cima, acertando na lâmina de Rea, fazendo com que ela ficasse desarmada. Ela se sentiu impotente quando sua preciosa arma foi arrancada, voando em um amplo arco pelo ar e aterrissando na lama do outro lado da praça. Poderia igualmente ter aterrizado a um milhão de quilômetros de distância.

Rea ficou lá, atordoada por ter ficado indefesa, mas acima de tudo confusa. O golpe daquele cavaleiro não tinha tido intenção de matá-la. *Porquê?*

Antes que pudesse terminar o pensamento, o cavaleiro, ainda cavalgando, se inclinou e agarrou Rea; ela sentiu a luva de metal dele cravando em seu peito quando ele agarrou sua blusa com as duas mãos. Em um único movimento o cavaleiro a ergueu para cima de seu cavalo, sentando ela na sua frente. Ela gritou com o choque, aterrissando bruscamente em seu cavalo em movimento, plantada firmemente na frente dele, com os braços de metal à sua volta, segurando ela com firmeza. Ela mal teve tempo para pensar, muito menos para respirar, enquanto ele a envolvia com os braços que mais pareciam duas garras. Rea se contorcia, se sacudindo de um lado ao outro, mas de nada servia. Ele tinha muita força.

“Pare de lutar”, ele ordenou. “Estou tentando salvar sua vida.”

Rea não tinha certeza se acreditava nele, mas mesmo assim, ficou quieta. Ele continuou galopando pela aldeia, abrindo caminho pelas ruas tortuosas e para longe da casa dela. Outro dos cavaleiros se aproximou dele e ele ergueu a espada.

“Ela é minha”, seu captor se apressou a dizer, e o outro cavaleiro recuou.

“Eu não sou sua”, Rea disse, o medo crescendo nela. “Eu não sou de ninguém.”

“As camponesas lutam, não?”, o outro cavaleiro riu.

Aquele que havia capturado Rea não disse nada. Eles irromperam da aldeia para o campo e, de repente, tudo ficou calmo. Eles se afastaram cada vez mais do caos, das pilhagens, dos gritos e Rea não pôde deixar de se sentir culpada por sua sensação momentânea de alívio de que o mundo estivesse em paz novamente. Ela sentiu que deveria ter morrido lá atrás, com seu povo. No entanto, à medida que ele abraçava Rea com mais força, ela entendeu que seu destino poderia ser ainda pior.

“Por favor”, ela se esforçou para dizer, achando difícil conseguir que a palavra saísse.

Mas ele apenas abraçou Rea com mais força e galopou mais rápido no prado aberto, subindo e descendo colinas ondulantes, sob a chuva torrencial, até eles ficarem em um lugar de absoluto sossego. Era sinistro, tão quieto e pacífico aqui, como se nada nunca tivesse estado errado no mundo.

Finalmente ele parou em uma grande planície numa parte elevada do campo, sob uma árvore antiga, uma árvore que ela instantaneamente reconheceu. Ela havia se sentado embaixo dela muitas vezes antes.

Em um movimento rápido ele desceu do cavalo, ainda segurando ela e levando-a com ele. Eles caíram na grama molhada, rolando, cambaleando, e Rea se sentiu sem fôlego quando o peso dele aterrizou ao seu lado. Ela notou que ele poderia ter aterrissado em cima dela, poderia ter realmente machucado ela, mas optou por não fazer isso. Na verdade, ele se posicionou de uma maneira que amorteceu a queda dela.

“Quem é você?”, Rea quis saber, “O que você quer comigo?”

“Você não entenderia”, disse o cavaleiro, se sentando. Rea não conseguia ver seu rosto, com a viseira branca em sua armadura colocada para baixo, apenas olhos fortes, quase violeta, aparecendo por trás das fendas de seu elmo. Em seu cavalo, ela viu a bandeira novamente, e dessa vez ela deu uma boa olhada em sua insígnia: duas cobras, envoltas em torno de uma lua, um punhal entre elas, envoltas em um círculo de ouro.

Ele estendeu a mão para Rea e ela balançou, socando sua armadura. Mas foi inútil. As suas mãos eram pequenas e frágeis, e estavam batendo em um traje de metal. Ela bem que poderia igualmente estar socando uma pedra.

“Eu não pretendo machucar você”, disse o cavaleiro. “Eu não pretendo fazer nada com você, a menos que você queira isso de mim.”

Rea sabia o que ele queria dizer e congelou. Ela tinha dezessete anos. Ela estava se guardando para o homem perfeito. Ela não tinha pensado que seria assim. Ou tinha? Seu sonho voltou, o que ela estava sonhando quando despertou, o que ela estava tendo por muitas luas. Ela tinha visto essa cena. Essa árvore, essa grama, esse planalto. Essa tempestade. Esse homem.

De alguma forma, ela havia previsto isso, e se deu conta que era por ele que ela tinha estado esperando.

“Eu sonhei com você também”, disse ele. “Sonhei que você estava em perigo e sonhei com o que nós faríamos juntos nesse lugar. Se você tivesse ficado com os outros, você teria sido morta, não importa o quão valente você seja. Aqui, podemos começar algo novo, se você quiser.”

Rea podia lembrar seus sonhos com esse homem e como ele tinha sido. Só de lembrar deles ela se aproximou dele.

“Sim”, ela sussurrou sobre o som da chuva.

As mãos dele se dirigiram para o vestido dela e ele a colocou no chão debaixo da árvore. Rea nunca tinha estado com um homem, mas ela tinha visto o que estava envolvido com os animais de sua aldeia. Não havia nada de animal nisso. O homem acima de Rea removeu apenas o mínimo de sua armadura, nem sequer mostrando o rosto, mas mesmo assim, ele foi gentil, e quando chegou o momento, ela deu por si se agarrando a ele com força.

Em poucos instantes, estava feito e Rea estava lá na grama, sem saber como agir a seguir. Ela ouvia o som de metal enquanto o cavaleiro vestia sua armadura completa mais uma vez. Ele se aproximou segurando um objeto, que entregou na mão dela.

Ela apertou os olhos debaixo de chuva e ficou atordoada ao ver que o objeto era um colar de ouro, com um pingente na ponta, duas cobras envoltas em uma lua, um punhal entre elas.

“Eu não sou uma prostituta a ser paga”, ela retrucou.

“Quando ele nascer”, ele respondeu, “dê isso a ele e mande ele para mim.”

Ela olhou para cima para ele.

“Você está indo embora, não está?”, ela perguntou. “Você está indo embora, simplesmente.”

“Você estará a salvo aqui”, respondeu ele, “e se eu ficar fora muito tempo, haverá pessoas que me procurarão. É melhor eu ir embora.”

“Melhor para quem?”, Rea retrucou. Ela fechou os olhos. Sobre o som da chuva, ela ouviu o cavaleiro montando seu cavalo, ficando vagamente consciente do som de seu cavalo indo embora

Os olhos de Rea ficaram pesados. Ela estava exausta demais para se mover deitada na chuva. Ela estava destroçada e sentiu o doce sono chegando, permitindo

que tomasse conta dela. Talvez agora, pelo menos, os sonhos sem fim parassem.

Antes de deixar o sono tomar conta, Rea olhou para o colar, para o emblema. Ela apertou a jóia, sentindo-a na mão, de um ouro tão grosso. Grosso o suficiente para alimentar toda a sua aldeia por toda uma vida.

Porque tinha ele dado a ela esse colar? Porque ele não tinha a abandonado para ser morta?

Ele, ele havia dito. Isso não tinha sido sobre ela. Ele sabia que ela iria engravidar. E ele sabia que seria um menino.

Como?

De repente, antes que o doce sono a levasse, tudo voltou correndo para ela. A última parte de seu sonho.

Um menino. Ela tinha dado à luz um menino. Um fruto de uma noite de fúria e violência.

Um menino destinado a ser rei.

CAPÍTULO DOIS

Três luas depois

Rea estava sozinha na clareira da floresta, atordoada, perdida em seu próprio mundo. Ela não ouvia o riacho escorrendo debaixo de seus pés, não ouvia o canto dos pássaros na densa floresta ao seu redor, não notava a luz do sol brilhando através dos galhos, ou o grupo de cervos que a observava de perto. O mundo inteiro desaparecia enquanto ela olhava apenas uma coisa: as veias da folha de Ukanda que ela segurava entre seus dedos trêmulos. Ela tirou a palma de sua mão da folha larga e verde e, lentamente, para seu horror, a cor das veias da folha mudaram de verde para branco.

Assistir a mudança foi como sentir uma faca atravessada em seu coração.

As folhas de Ukanda não mudavam de cor a menos que a pessoa que tocava nelas estivesse grávida.

O mundo de Rea desabou. Ela perdeu toda a noção de tempo e espaço enquanto estava ali, com o coração batendo nos ouvidos, as mãos trêmulas, e voltou a pensar naquela fatídica noite três luas antes, quando sua vila fora saqueada, muitos de seus mortos por contar. Quando *ele* a tinha levado. Ela estendeu a mão e passou a mão sobre a barriga, sentindo uma pequena protuberância, sentindo outra onda de náusea e, finalmente, entendendo o motivo. Ela estendeu a mão e tocou o colar de ouro que estava escondendo em volta do pescoço, bem por dentro de suas roupas, é claro, para que os outros não vissem. Ela se perguntou, pela milionésima vez, quem era aquele cavaleiro.

Por mais que tentasse bloquear as últimas palavras dele, elas soavam repetidas vezes em sua mente.

Mande ele para mim.

Subitamente Rea ouviu um ruído atrás de si e, quando se virou, se assustou ao ver os olhos redondos de Prudence, sua vizinha, olhando para ela. Uma menina de quatorze anos que tinha perdido a família no ataque, uma intrometida sempre muito ansiosa para tagarelar sobre qualquer um, Prudence era a última pessoa que Rea queria que soubesse o que estava se passando com ela. Rea observou com

horror os olhos de Prudence se desviando de sua mão na direção da folha em transformação, e, depois se arregalando ao entender.

Com um olhar de desaprovação, Prudence deixou cair a cesta de lençóis, se virando e correndo. Rea sabia que aquela fuga significava apenas uma coisa: Prudence iria informar os aldeões.

Rea ficou apavorada e sentiu sua primeira onda de medo. Os aldeões exigiriam que ela matasse seu bebê, é claro. Eles não queriam nenhuma lembrança do ataque dos nobres. Mas porque isso assustava Rea? Ela queria mesmo manter essa criança, o subproduto daquela noite violenta?

Rea estava surpreendida por estar com medo e, pensando nisso, se deu conta que era por temer não conseguir manter seu bebê seguro. Isso estava desorientando ela. Pensando apenas com a razão, ela não queria ter o bebê; fazer isso colocaria sua aldeia em risco. Isso apenas encorajaria os nobres que haviam invadido a atacar novamente. E seria tão fácil perder o bebê; ela poderia simplesmente mastigar a raiz de Yukaba e, em seu próximo banho, a criança morreria.

No entanto, ela sentia a nova vida presente no meio das suas entranhas, e seu corpo estava dizendo algo que sua mente não dizia: ela queria manter essa criança. Protegê-la. Era uma criança, afinal de contas, e uma que tinha sido prometida a ela em seus sonhos.

Rea, uma filha única que nunca tinha conhecido seus pais, que havia sofrido nesse mundo sem ninguém para amar e ninguém para amá-la, sempre tinha querido desesperadamente alguém para amar e alguém que a amasse de volta. Ela estava cansada de estar sozinha, de ficar isolada na parte mais pobre da aldeia, de vasculhar na sujeira por algo suficiente para viver, fazendo trabalhos forçados de manhã à noite, sem nenhuma saída. Ela sabia que nunca encontraria um homem, dado seu estado; pelo menos, nenhum homem que ela não desprezasse. Provavelmente ela nunca teria um filho além desse.

Rea sentiu uma súbita onda de vontade. Esta poderia ser sua única chance. E agora que ela estava grávida, ela se deu conta que não sabia até então o quanto queria essa criança. Rea queria ela mais do que tudo.

Rea começou a caminhada de volta para sua aldeia, no limite, presa em um turbilhão de emoções misturadas, mal preparada para enfrentar a desaprovação que ela sabia que a aguardava. Os aldeões iriam insistir que não houvesse nenhum assunto que sobrevivesse aos saqueadores de sua cidade, aos homens que haviam tirado tudo deles. Eles não iriam entender que as coisas tinham sido diferentes com esse homem; que ele tinha protegido ela. Rea dificilmente poderia culpá-los; era uma tática comum entre os saqueadores engravidar mulheres para dominar e controlar as aldeias em todo o reino. Às vezes eles eram mesmo enviados para isso. Ter um filho apenas alimentava seu ciclo de violência.

Ainda assim, nada disso poderia mudar como ela se sentia. Uma vida vivia dentro dela. Ela conseguia sentir isso a cada passo que dava, e se sentia mais forte por isso. Consequia sentir isso a cada batida do coração do bebê, pulsando através do seu próprio coração.

Rea desceu pelo centro das ruas da aldeia, voltando para sua cabana simplória, sentindo o seu mundo de cabeça para baixo, se questionando o que pensar. *Grávida*. Ela não sabia como estar grávida. Ela não sabia como dar à luz ou como criar uma criança. Ela mal conseguia se alimentar. Como ela iria sustentar a criança?

No entanto, de alguma forma, ela sentiu uma nova força se elevando dentro dela. Ela sentiu isso bombeando em suas veias, uma força da qual ela tinha estado vagamente consciente das últimas três luas, mas que agora estava completamente nítida. Era uma força além da dela. Uma força do futuro, de esperança. De possibilidade. De uma vida que ela nunca conseguiria liderar.

Era uma força que exigia que ela fosse maior do que ela jamais conseguiria ser.

Ao caminhar lentamente pela rua de terra, Rea começou ficando vagamente consciente do que a rodeava e dos olhos dos aldeões que a observavam. Ela se virou e, por todos os lados da rua, viu olhos curiosos e desaprovadores de mulheres velhas e novas, homens velhos e novos, de solitários sobreviventes, homens mutilados que tinham as cicatrizes daquela noite. Todos eles transportavam grande sofrimento em seus rostos. E todos olhavam para ela, para sua barriga, como se ela fosse de alguma forma culpada.

Ela viu mulheres de sua idade entre elas, rostos assombrados, olhando para ela sem compaixão. Rea sabia que muitas delas tinham também sido engravidadas e já tinham tomado a raiz. Ela conseguia ver a tristeza em seus olhos, e conseguia sentir que elas queriam que ela compartilhasse dessa tristeza.

Rea sentiu a multidão aumentar em torno dela e, quando olhou para cima, ficou surpresa ao ver uma parede de pessoas bloqueando seu caminho. A aldeia inteira parecia ter saído na rua, homens e mulheres, velhos e jovens. Ela viu a agonia em seus rostos, uma agonia que ela tinha compartilhado. Rea parou e olhou para eles. Ela sabia o que eles queriam. Eles queriam matar seu filho.

Ela sentiu uma súbita onda de desafio - e resolveu naquele momento que nunca faria isso.

“Rea”, disse uma voz grossa.

Severn, um homem de meia-idade com cabelos escuros e barba, e uma cicatriz na maçã do rosto, feita naquela noite, estava no centro e olhou para ela. Ele olhou

para ela de cima a baixo como se ela fosse um pedaço de gado. Passou pela cabeça de Rea que ele não era muito melhor que os nobres. Eram todos iguais: todos achavam que tinham o direito de controlar o corpo dela.

“Você tomará a raiz”, ele ordenou sombriamente. “Você tomará a raiz, e amanhã tudo isso fará parte do seu passado.”

Ao lado de Severn, uma mulher deu um passo em frente. Luca. Ela também tinha sido atacada naquela noite e tinha tomado a raiz na semana anterior. Rea ouvira Luca gemer toda a noite, gemidos de pesar pelo filho perdido.

Luca tentou dar a Rea uma sacola, com o pó amarelo visível lá dentro, mas Rea recuou. Ela sentiu a aldeia inteira olhando para ela, esperando que ela se aproximasse e a pegasse.

“Luca vai acompanhar você até ao rio”, acrescentou Severn. “Ela vai ficar com você durante a noite.”

Rea olhou para ele, sentindo uma energia estranha subindo dentro dela enquanto olhava para eles friamente.

Ela não disse nada.

Seus rostos endureceram.

“Não nos desafie, menina”, disse outro homem, dando um passo em frente, apertando ainda mais a foice até os nós dos dedos ficarem brancos. “Não desonre a memória dos homens e mulheres que perdemos naquela noite, dando vida ao seu filho. Faça o que esperam de você. Faça o que tem a fazer.”

Rea respirou fundo e ficou surpresa com a força em sua própria voz ao responder:

“Não o farei.”

Sua voz soava estranha para ela, mais profunda e madura do que jamais ouvira. Era como se ela tivesse se tornado uma verdadeira mulher do dia para a noite.

Rea observou os rostos à sua volta ficando raivosos, como uma nuvem de tempestade passando por um dia ensolarado. Um homem, Kavo, franziu a testa e deu um passo à frente, com ar autoritário. Ela olhou para baixo e viu um chicote na mão dele.

“Há uma maneira fácil de fazer isso”, disse ele, com uma voz de aço. “E uma maneira difícil.”

Rea sentiu seu coração batendo com mais força e olhou para ele bem nos olhos. Ela se lembrou do que seu pai lhe dissera uma vez quando era menina: nunca recue. Perante ninguém. Lute pelo que você quer, mesmo que as probabilidades estejam contra você. *Especialmente* se as probabilidades estiverem

contra você. Esteja sempre de olho no maior valentão. Ataque primeiro. Mesmo que isso signifique sua vida.

Rea entrou em ação. Sem pensar, esticou o braço, pegou um bastão da mão de um dos homens, deu um passo em frente e, com toda sua força, golpeou Kavo no peito.

Kavo arfou sem ar ao cair de joelhos, e Rea, não lhe dando outra chance, puxou de volta o bastão e golpeou ele no rosto. Seu nariz estalou e ele soltou o chicote, caindo no chão, segurando o nariz e gemendo na lama.

Rea, ainda segurando o bastão, olhou para cima e viu o grupo de rostos horrorizados e em choque olhando para ela. Todos pareciam um pouco menos certos.

“É *meu* filho”, ela cuspiu. “Eu vou ter esse menino. Se vierem atrás de mim, da próxima vez, não será um bastão em suas barrigas, mas uma espada.”

Com isso, ela apertou ainda mais o bastão, se virou e se afastou lentamente, abrindo caminho com os cotovelos entre a multidão. Ela sabia que nenhum deles se atreveria a segui-la. Pelo menos não por agora.

Ela se afastou, com as mãos tremendo, o coração batendo forte, sabendo que seriam seis longos meses até o bebê chegar.

E sabendo que, da próxima vez que eles viessem atrás dela, eles viriam para matar.

CAPÍTULO TRÊS

Seis luas depois

Rea estava deitada na pilha de peles ao lado de sua pequena lareira crepitante, completamente sozinha. Ela gemia e gritava em agonia quando as dores de trabalho de parto surgiam. Lá fora, o vento do inverno uivava e os ferozes vendavais faziam com que as portadas batessem contra as paredes da casa e a neve se desintegrasse em fluxos por cima da cabana. A tempestade furiosa combinava com o estado dela.

O rosto de Rea brilhava com suor. Ela estava do lado da pequena fogueira, mas não conseguia se aquecer, apesar das chamas furiosas, apesar do bebê chutando e girando em sua barriga, como se estivesse tentando sair. Ela estava molhada e com frio, tremendo, tendo certeza de que iria morrer naquela noite. Outra dor de parto surgiu, e, se sentindo assim, ela desejou simplesmente que o cavaleiro a tivesse deixado lá para que a matassem naquela época; teria sido mais misericordioso. Essa tortura lenta e prolongada, essa noite de pura agonia, era mil vezes pior do que qualquer coisa que ele pudesse ter feito a Rea.

De repente, ainda mais alto que seus gritos, por cima dos vendavais, ela ouviu outro som - talvez o único ainda capaz de provocar a ela um arrepio de medo em sua espinha.

Era o som de uma multidão. Uma multidão enfurecida de aldeões, que estavam chegando, ela sabia, para matar seu filho.

Rea reuniu toda a força que lhe restava, força que ela nem sabia que ainda tinha e, tremendo, de alguma forma, conseguiu se levantar do chão. Gemendo e gritando, ela caiu de joelhos, cambaleando. Estendeu a mão para se apoiar em uma estaca de madeira na parede, e com toda a força que tinha, dando um grande grito, ela conseguiu se levantar.

Era difícil saber se doía mais estar deitada ou de pé. Mas ela não tinha tempo para refletir sobre isso. A multidão estava fazendo cada vez mais barulho, se aproximando, e ela sabia que logo chegariam. Se fosse apenas a sua própria morte, ela não se incomodaria. Mas o bebê dela morrer - isso já era outro assunto. Ela tinha que manter essa criança em segurança, custasse o que custasse. Era muito estranho, mas ela se sentia mais ligada à vida do bebê do que à dela mesma.

Rea conseguiu cambalear até a porta e se chocou contra ela, usando a maçaneta para conseguir se levantar. Ela ficou parada ali, respirando com dificuldade por alguns segundos, se preparando. Finalmente, ela rodou a maçaneta. Pegou a forquilha encostada na parede e, se apoiando nela, abriu a porta.

Rea foi recebida por um vento súbito e neve, fria o suficiente para tirar o seu fôlego. Os gritos também a alcançaram, se elevando até mesmo por cima do vento,

e ela ficou apavorada ao ver ao longe as tochas, serpenteando em sua direção como vagalumes furiosos na noite. Olhou para o céu e, entre as nuvens, teve um vislumbre de uma enorme lua vermelho-sangue. Ela ofegou, surpresa. Não era possível. Ela nunca tinha visto a lua brilhar em vermelho, e nunca a tinha visto em uma tempestade. Ela sentiu um pontapé certo no estômago, e, de repente soube, sem sombra de dúvida, que aquela lua era um sinal. Era um sinal do nascimento de seu filho.

Quem é ele? ela questionou.

Rea segurava seu estômago com as duas mãos enquanto outra pessoa se contorcia dentro dela. Ela conseguia sentir seu poder, pronto para vencer o sofrimento e sair, como se ele estivesse ansioso para lutar contra essa multidão.

Então eles chegaram. As tochas flamejantes iluminaram a noite quando uma multidão apareceu diante dela, emergindo dos becos, indo direto em sua direção. Se ela estivesse no seu estado normal, forte, capaz, teria resistido. Mas ela mal conseguia andar - mal conseguia estar de pé - e não conseguia enfrentá-los agora. Não com o seu filho prestes a nascer.

Mesmo assim, Rea sentiu uma raiva visceral percorrê-la, junto com uma força animal. Uma força que ela sabia que vinha de seu bebê. Ela também recebeu uma descarga de adrenalina e suas dores de parto diminuíram momentaneamente. Por um breve instante, ela se sentiu de volta a si mesma.

O primeiro dos aldeões chegou, um homem baixo e gordo, correndo para ela, segurando uma foice. Quando ele se aproximou, Rea deu um passo atrás, agarrou a forquilha com as duas mãos, deu um passo para o lado e soltou um grito feroz enquanto a enfiava diretamente nas suas entranhas.

O homem parou em choque, depois sucumbiu a seus pés. A multidão também parou, olhando para ela em estado de choque, claramente sem esperar por isso.

Rea não esperou. Ela extraiu a forquilha em um movimento rápido, girou por cima de sua cabeça, e golpeou o aldeão seguinte na maçã do rosto enquanto ele se lançava para ela com seu bastão. Ele caiu também, estatelando-se na neve aos pés dela.

Rea sentiu uma dor terrível em um dos seus lados quando um outro homem correu e a atacou, fazendo-a cair na neve. Eles deslizaram pela neve, com Rea gemendo de dor quando sentiu o bebê chutando dentro dela. Ela lutou com o homem na neve, lutando por sua vida, e quando momentaneamente ele a soltou, Rea, desesperada, afundou os dentes em seu rosto. Ele gritava enquanto ela o mordida com força, sentindo o gosto do sangue e não querendo deixar o homem escapar, tudo pensando em seu bebê.

Finalmente, ele saiu de cima dela, colocando as mãos em sua bochecha mastigada e cheio de dor, e Rea viu aí sua oportunidade. Deslizando na neve, ela

conseguiu se levantar, pronta para correr. Ela estava quase conseguindo quando, de repente, sentiu uma mão agarrar seu cabelo por trás. Esse homem quase arrancou os cabelos dela de sua cabeça ao puxá-la de volta para o chão, arrastando-a. Ela olhou e viu Severn olhando para ela com cara de mau.

“Você deveria ter escutado quando teve a chance”, ele fervia. “Agora você vai ser morta, junto com seu bebê.”

Rea ouviu a multidão aclamando e ela sabia que tinha chegado seu fim. Ela fechou os olhos e rezou. Nunca tinha sido uma pessoa religiosa, mas, nesse momento, ela encontrou Deus.

Eu rezo, com cada pedaço de quem eu sou, para que essa criança seja salva. Você pode me deixar morrer. Apenas salve a criança.

Como se suas orações fossem atendidas, ela, de repente, sentiu a pressão de seus cabelos sendo libertada, enquanto, ao mesmo tempo, ouviu um baque. Ela olhou para cima, surpresa, pensando no que poderia ter acontecido.

Quando ela viu quem tinha vindo em seu socorro, ficou atordoada. Era um menino - Nick - vários anos mais novo que ela. O filho de um camponês pobre, como ela, que nunca tinha sido feliz, sempre atormentado pelos outros. No entanto, ela tinha sempre sido gentil com ele. Talvez ele se lembrasse.

Ela viu Nick levantando um taco e esmagando Severn na cabeça, derrubando-o e fazendo com que ele largasse Rea.

Então, Nick enfrentou a multidão, estendendo o seu taco e bloqueando Rea dos outros.

“Vá rápido!”, ele gritou para ela. “Antes que eles te matem!”

Rea olhou para ele com gratidão e choque. Essa multidão certamente o espancaria pelo que ele tinha feito.

Ela se levantou e correu com dificuldade, escorregando enquanto ia, determinada a chegar tão longe quanto pudesse enquanto ainda tinha tempo. Ela se escondeu em becos e, antes de desaparecer, olhou para trás e viu Nick desviando dos golpes dos aldeões e batendo em vários com o taco. Os homens, porém, o atacaram e o atiraram no chão. Com Nick fora do caminho, eles correram atrás dela.

Rea partiu em disparada. Ofegando, ela fugia pelos becos, procurando abrigo. Com dores terríveis, ela não sabia quanto mais longe conseguiria ir.

Finalmente conseguiu sair para a aldeia propriamente dita, com suas elegantes casas de pedra, mas ficou aterrorizada ao perceber que eles estavam se aproximando, a menos de seis metros de distância. Ela arfava, tropeçando mais do que correndo. Ela sabia que estava chegando ao seu limite. Outra dor de parto a consumia.

De repente, Rea ouviu um rangido agudo. Olhou para cima e viu uma antiga porta de carvalho diante dela se abrindo. Ficou surpresa ao ver Fioth, o velho boticário, espreitando de seu pequeno forte de pedra, de olhos arregalados, chamando-a para entrar rapidamente. Fioth estendeu a mão e puxou-a com uma força surpreendente para sua idade avançada. Rea entrou pela porta da luxuosa fortaleza em desequilíbrio.

Ele bateu com a porta e trancou-a atrás dela.

Um momento depois, ouviram-se batidas do lado de fora. As mãos e foices de dezenas de aldeões irados tentavam invadir o forte. No entanto, a porta aguentou, para o imenso alívio de Rea. Tinha trinta centímetros de espessura e era séculos mais antiga do que ela. Seus pesados parafusos de ferro nem se dobravam.

Rea respirou fundo. Seu bebê estava seguro.

Fioth inclinou-se e examinou-a, com o rosto cheio de compaixão. Ver seu olhar gentil ajudou-a mais do que qualquer outra coisa. Ninguém tinha olhado para ela com bondade nessa aldeia tinha meses.

Ele removeu as peles dela e logo veio outra dor de parto. Era um local tranquilo aqui, e aquecido. A tempestade de neve que passava pelo telhado estava agora silenciosa.

Fioth levou-a para perto do fogo e deitou-a sobre um monte de peles. Foi então que tudo se abateu sobre ela: a fuga, a luta, a dor. Ela desfaleceu. Mesmo que houvesse mil homens derrubando a porta, ela sabia que não poderia se mover novamente.

Ela gritou quando uma dor aguda de parto a percorreu.

“Eu não consigo correr”, Rea arfou, começando a chorar. “Eu não consigo mais correr.”

Ele passou um pano frio e úmido em sua testa.

“Não precisa mais correr”, ele disse, com sua voz antiga, reconfortante, como se ele já tivesse visto tudo isso antes. “Eu estou aqui agora.”

Ela gritou e gemeu quando outra dor correu pelo seu corpo. Ela se sentia como se estivesse sendo dividida em duas.

“Se encoste para trás!”, ele disse.

Rea fez o que lhe foi dito e, um segundo depois, ela sentiu. Era uma tremenda pressão entre suas pernas.

De repente, ouviu um som que a estarreceu.

Um gemido.

O choro de um bebê.

Ela quase desmaiou de dor.

Enquanto entrava e saía de seu estado de consciência, ela observou as mãos experientes do boticário puxando a criança e cortando o cordão umbilical com algo

afiado. Ela o viu limpar o bebê com um pano, desimpedindo seus pulmões, nariz, garganta.

O gemido e o choro ficaram ainda mais altos.

Rea também começou a chorar. Era um grande alívio ouvir o som do bebê penetrando em seu coração, elevando-se até mesmo acima dos aldeões batendo contra a porta. Uma criança.

Seu filho.

Ele estava vivo. Contra todas as probabilidades, ele tinha nascido.

Rea se deu conta vagamente do boticário envolvendo a criança em um cobertor, e logo sentiu seu calor e seu peso quando ele o colocou em seus braços. Ela segurava seu filho com força enquanto ele gritava e gemia. Nunca tinha estado tão feliz. As lágrimas corriam pelo rosto de Rea.

De repente, ouviu um novo som: cavalos galopando. O barulho de armadura. E, depois, gritos. Não era mais o som da multidão gritando para matá-la, mas sim da multidão sendo morta.

Rea escutava, confusa, tentando entender. Então ela sentiu uma onda de alívio. Claro. O nobre tinha regressado para salvá-la. Para salvar seu filho.

“Graças a Deus”, disse ela. “Os cavaleiros vieram em meu socorro.”

Rea sentiu uma súbita onda de otimismo. Talvez ele a levasse para longe de tudo isso. Talvez ela tivesse a chance de começar a vida de novo. Seu filho cresceria em um castelo, se tornaria um grande senhor, e talvez ela também. Seu bebê teria uma vida boa. *Ela* teria uma vida boa.

Rea sentiu uma onda de alívio e lágrimas de alegria inundaram suas maçãs do rosto.

“Não”, corrigiu o boticário, com uma voz pesarosa. “Eles não vieram para salvar seu bebê.”

Ela olhou para ele, confusa. “Então porque vieram?”

Ele olhou para ela sombriamente.

“Para matá-lo.”

Ela olhou para ele, horrorizada, sentindo um frio na espinha percorrendo-a.

“Eles não confiaram o trabalho a uma multidão de aldeões”, acrescentou. “Eles queriam ter certeza de que tudo era feito como devia ser, por suas próprias mãos.”

Rea sentiu gelo correndo nas suas veias.

“Mas...”, ela gaguejou, tentando entender, “... meu bebê pertence ao cavaleiro. O comandante deles. Porquê? Porque eles iriam quer matá-lo?”

Fioth balançou a cabeça tristemente.

“Aqueles homens que você ouve não são dele. São seus rivais. Eles querem o bebê dele morto. Eles querem *você* morta.”

Ele olhava para ela em pânico e com pressa. Ela sabia, aterrorizada, que ele falava a verdade.

“Vocês dois devem fugir desse lugar!”, ele insistiu. “Agora!”

Assim que ele terminou de proferir aquelas palavras eles ouviram um poste de ferro embatendo na porta. Desta vez não era uma simples foice de fazendeiro - era um aríete de cavaleiro profissional. Quando embateu, a porta se dobrou.

Fioth se virou para ela, com os olhos arregalados de pânico.

“VÁ!”, ele gritou.

Rea olhou para ele, aterrorizada, imaginando, se em sua condição, ela conseguiria simplesmente levantar.

Ele agarrou-a, porém, e ajudou-a. Ela gritou de dor. Mexer qualquer parte do corpo era uma pura agonia.

“Por favor!”, ela chorava. “Dói demais! Me deixe morrer!”

“Olhe em seus braços!”, ele gritou de volta. “Você quer que ele morra?”

Rea olhou para o menino chorando em seus braços e, quando deram outro encontrão na porta, ela entendeu que ele estava certo. Ela não podia deixá-lo morrer aqui.

“E você?”, ela se afligiou, percebendo. “Eles vão te matar também.”

Ele assentiu com resignação.

“Já vivi muitos anos”, ele respondeu. “Se eu conseguir atrasá-los para não encontrarem você, para dar a você uma chance de ficar em segurança, eu vou de bom grado desistir do que resta da minha vida. Agora vá! Vá para o rio! Encontre um barco e fuja daqui! Rapidamente!”

Ele puxou Rea antes de ela ter sequer a chance de pensar, e, antes de ela se dar conta, ele já estava levando ela para a porta dos fundos de seu forte. Ele afastou uma tapeçaria, revelando uma porta escondida esculpida na pedra. Ele se encostou na porta com toda a força e a abriu, fazendo um som agudo e liberando o ar antigo. Uma rajada de ar frio invadiu o forte.

Mal a porta se abriu, ele empurrou ela e seu bebê para a rua.

Rea se viu imersa na tempestade de neve, cambaleando por uma margem íngreme e coberta de neve do rio, segurando o bebê. Ela escorregava e deslizava, sentindo como se o mundo estivesse desmoronando embaixo dela, mal conseguindo se mover. Enquanto corria, um relâmpago atingiu uma imensa árvore perto dela, iluminando a noite e fazendo-a cair muito perto, em chamas.

Rea caiu, e quando se enrolou instintivamente para proteger seu bebê, ela sentiu o colar que seu pai lhe dera para seu bebê se soltar do pescoço, caindo nas chamas. Rea arrancou um galho fino para recuperá-lo e conseguiu enganchá-lo até mesmo quando o galho começou a arder. Ela o segurou por um momento, e ficou horrorizada ao ver a mão do bebê tentando alcançá-lo.

O bebê gritou, e Rea jogou o colar de lado, não importando agora *quem* o tinha dado. Ficou horrorizada ao ver o contorno perfeito do colar no braço do seu bebê. Parecia um presságio.

O terreno ficou mais íngreme e Rea escorregou novamente e, dessa vez, caiu sentada no solo escorregadio. Gritando, escorregou pelo declive abaixo até à margem do rio.

Ela respirou aliviada por alcançá-la e entendeu que, se não tivesse deslizado todo o caminho, provavelmente não teria conseguido fugir. Olhou para trás, chocada com o quão longe tinha chegado, e viu horrorizada que os cavaleiros tinham invadido o forte de Fioth e ateado fogo nele. O fogo ardia violentamente, mesmo na neve. Rea sentiu uma terrível onda de culpa, sabendo que o velho morreria por ela.

Um momento depois, cavaleiros irromperam pela porta dos fundos, enquanto mais cavalos galopavam em volta. Ela notou que eles a tinham visto, e, sem pararem, correram em sua direção.

Rea se virou e tentou fugir, mas não havia mais para onde ir. Ela não estava em condições de correr. Tudo o que ela conseguia fazer era cair de joelhos diante da margem do rio. Ela sabia que morreria aqui. Ela tinha chegado ao fim.

No entanto, a esperança permanecia por seu bebê. Ela olhou à sua volta e viu um emaranhado de gravetos, talvez um ninho de castor, tão espesso que parecia uma cesta. Impulsionada pelo amor de mãe, ela pensou rapidamente. Estendeu a mão, agarrou aquela cesta improvisada e rapidamente colocou seu bebê dentro dela. Ela testou-a e, para seu alívio, flutuava.

Rea se preparou para empurrar a cesta pelas águas calmas do rio. Se a corrente a pegasse, flutuaria para longe daqui, para algum lugar rio abaixo. Até onde e por quanto tempo ela não sabia. Mas alguma chance de vida era melhor que nenhuma.

Rea, chorando, se inclinou e beijou a testa de seu bebê. Ela gritou de dor, apertando as mãos sobre as dele.

“Eu te amo”, disse ela, entre soluços. “Nunca me esqueça.”

O bebê chorou como se entendesse, um choro estridente, elevando-se mesmo acima do novo estrondo de trovão e relâmpago, mesmo acima do som de cavalos que se aproximavam.

Rea sabia que não podia esperar mais. Ela empurrou a cesta e logo a corrente a levou. Ela assistiu, soluçando, enquanto o bebê desaparecia na escuridão.

Mal o perdeu de vista, o barulho de armaduras surgiu por detrás dela. Rea se virou e viu vários cavaleiros descendo de seus cavalos, a pouca distância.

“Onde está a criança?”, um deles exigiu saber, com sua viseira para baixo e sua voz cortando a tempestade. Não era nada como a viseira do homem que a tinha possuído. Este homem usava uma armadura vermelha, de formato diferente, e não havia gentileza em sua voz.

“Eu...”, ela começou.

Então ela sentiu uma fúria dentro dela - a fúria de uma mulher que sabia que estava prestes a morrer. De quem não tinha mais nada a perder.

“Ele se foi”, ela cuspiu, desafiadora, e sorriu. “E você nunca terá ele. *Nunca.*”

O homem gemeu de raiva e se aproximou, sacando de uma espada e apunhalando-a.

Rea sentiu a terrível agonia de aço em seu peito, e arfou, sem fôlego. Ela sentiu seu mundo se tornando mais leve, se sentindo imersa em luz branca, e ela sabia que isso era a morte.

No entanto, ela não sentiu medo. De fato, sentiu satisfação. Seu bebê estava seguro.

E quando ela caiu de cara no rio, as águas ficando vermelhas, ela sabia que tinha chegado seu fim. Sua curta e dura vida terminara.

Mas o menino dela viveria para sempre.

*

Mithka, uma mulher camponesa, estava ajoelhada à beira do rio, com seu marido a seu lado, os dois recitando freneticamente suas orações, sentindo não ter nenhum outro recurso durante essa estranha tempestade. Parecia que o fim do mundo estava sobre eles. A lua vermelho-sangue era um presságio em si - mas aparecendo junto com uma tempestade como essa, bem, era mais do que estranho. Era inédito. Ela sabia que algo importante estava acontecendo.

Eles estavam ali juntos, ajoelhados, com rajadas de vento e neve batendo em seus rostos, e ela rezava pedindo proteção para sua família. Pedindo misericórdia. Pedindo perdão por qualquer coisa que ela pudesse ter feito de errado.

Uma mulher piedosa, Mithka tinha vivido muitos ciclos de sol, tinha vários filhos, tinha uma boa vida. Uma vida pobre, mas boa. Ela era uma mulher decente. Não se metia na vida dos outros, tinha cuidado dos outros e nunca tinha feito mal a ninguém. Ela orava para que Deus protegesse seus filhos, sua casa, quaisquer

pertences escassos que eles tivessem. Ela se inclinou e colocou as palmas das mãos na neve, fechou os olhos e depois se baixou, tocando a cabeça no chão. Ela rezava a Deus para mostrar-lhe um sinal.

Lentamente, levantou a cabeça. Quando o fez, seus olhos se arregalaram e seu coração bateu com a visão diante dela.

“Murka!”, ela sussurrou com espanto.

O marido se virou e olhou também. Ambos ficaram ali ajoelhados, imobilizados, olhando com perplexidade.

Não poderia ser possível. Ela piscou os olhos várias vezes e, mesmo assim, ainda lá estava. Diante deles, trazida pela corrente da água, estava uma cesta flutuante.

E nessa cesta estava um bebê.

Um menino.

Seu choro perfurava a noite, ainda mais alto do que a tempestade, ainda mais alto do que os estrondos impossíveis dos trovões e relâmpagos, e cada grito de seu choro perfurava seu coração.

Ela pulou no rio, mergulhando fundo, ignorando as águas geladas que batiam como facas em sua pele. Agarrou a cesta e, lutando contra a corrente, voltou para a margem. Olhou para baixo e viu que o bebê estava meticulosamente envolto em um cobertor e que estava, milagrosamente, seco.

Ela o examinou mais de perto e ficou surpresa ao ver a queimadura fresca em seu braço - e ainda mais espantada ao ver o contorno de um símbolo: duas cobras circundando uma lua e um punhal entre elas.

Ela ofegou; ela reconheceu aquele símbolo imediatamente. Um símbolo do qual ela tinha ouvido falar através de folclore e lenda. Um que ela temia.

Ela se virou para seu marido.

“Quem faria uma coisa dessas?”, ela perguntou, horrorizada, enquanto o segurava apertado contra seu peito.

Ele só conseguia abanar a cabeça, atônito.

“Devemos levá-lo conosco”, ela decidiu.

Seu marido franziu a testa e sacudiu a cabeça.

“Como?”, ele perguntou “Não podemos nos dar ao luxo de alimentá-lo. Nós mal podemos nos dar ao luxo de nos alimentar. Já temos três garotos - para que precisamos de um quarto? Nosso tempo de criar filhos já acabou.”

Mithka, pensando rápido, mostrou a ele a queimadura no braço do bebê, sabendo, depois de todos esses anos, o que impressionaria seu marido. Ele claramente parecia abalado.

“Ouça”, ela retrucou. “Tem um sinal. Um sinal para nós”, disse ela severamente. “Vou salvar esse bebê - quer você goste ou não. Não vou deixar que

ele morra.”

Ele estava ainda fazendo má cara, embora com menos certeza, quando ouviu outro relâmpago. Ele observou o céu com medo.

“E você acha que é uma coincidência?”, ele perguntou. “Numa noite como essa, um bebê como esse vir a esse mundo? Tem alguma ideia de quem você está segurando?”

Ele olhou para a criança com medo. E, então, ele se levantou e recuou, finalmente virando costas e indo embora, claramente desagradado.

Mas Mithka não iria ceder. Ela sorriu para o bebê e o embalou contra seu peito, aquecendo seu rosto frio. Lentamente, seu choro se acalmou.

“Uma criança diferente de qualquer um de nós”, ela disse ao vento, segurando ele com força. “Uma criança que mudará o mundo. E a quem eu vou dar o nome de Royce.”

PARTE DOIS

CAPÍTULO QUATRO

17 ciclos solares mais tarde

Royce estava no topo da colina, sob o único carvalho que existia nesses campos de cereais. Uma árvore antiga cujos galhos pareciam alcançar o céu. Ele olhava profundamente nos olhos de Genevieve, profundamente apaixonado. Eles deram as mãos enquanto ela sorria para ele. Eles se aproximaram e beijaram. Royce sentia reverência e gratidão por ter seu coração tão cheio. Quando o amanhecer invadiu os campos de cereais, Royce desejou conseguir congelar esse momento para sempre.

Ele se recostou e olhou para ela. Genevieve era linda. Aos dezessete anos, como ele, ela era alta, magra, com cabelos loiros esvoaçantes e olhos verdes brilhantes, com um punhado de sardas em seus traços delicados. Ela tinha um sorriso que o fazia feliz por estar vivo e uma risada que o deixava à vontade. Mais que isso, ela tinha uma graciosidade, uma nobreza, que superava em muito o status de camponeses deles.

Royce viu seu reflexo nos olhos dela e ficou maravilhado por parecer que podia se identificar com ela. Ele era muito maior, é claro, alto mesmo para a idade, com ombros mais largos de que seus irmãos mais velhos, um queixo forte, um nariz nobre, uma testa altiva, uma abundância de músculos que ondulavam sob a túnica desgastada, e feições ligeiras. Como as dela. Os longos cabelos loiros dele caíam pouco acima das sobrancelhas, enquanto seus olhos cor de avelã-esverdeada combinavam com os dela, embora um tom mais escuro. Ele tinha sido abençoado com força e com uma habilidade com a espada que combinava com a de seus irmãos, embora ele fosse o mais novo dos quatro. Seu pai sempre brincou que ele havia caído do céu, e Royce entendia: ele não compartilhava os traços escuros de seus irmãos nem a estatura deles. Ele era como um estranho em sua própria família.

Eles se abraçaram. Era tão bom ser abraçado com tanta força. Era tão bom ela o amar tanto quanto ele a amava. Os dois, na verdade, eram inseparáveis desde crianças. Havia crescido juntos brincando nesses campos, haviam jurado, mesmo naquela época que, no solstício de verão de seu décimo sétimo ano, se casariam. Mesmo ainda muito jovens, tinha sido um voto verdadeiramente sério.

À medida que foram crescendo, ano após ano, não se distanciaram como a maioria das crianças. Em vez disso, se foram aproximando ainda mais. Contra todas as probabilidades, o voto deles passava de infantil a algo mais forte, solene, inquebrável, ano após ano. Suas vidas, ao que parece, estavam destinadas a nunca se separarem.

Agora, por fim, inacreditavelmente, o dia tinha chegado. Ambos tinham dezessete anos, o solstício de verão havia chegado. Agora eles eram adultos, livres para escolher por si mesmos e, ali, debaixo daquela árvore, observando o sol nascer, cada um deles sabia, com um entusiasmo vertiginoso, o que isso significava.

“Sua mãe está animada?”, ela perguntou.

Royce sorriu.

“Eu acho que ela te ama mais do que eu, se é que isso é possível”, ele riu.

A risada de Genevieve atingiu a alma dele.

“E seus pais?”, ele perguntou.

O rosto dela ficou sombrio, apenas por um instante, e ele ficou desolado.

“Sou eu?”, ele perguntou.

Ela balançou a cabeça.

“Eles amam você”, ela respondeu. “Eles só...”, ela suspirou. “Nós ainda não nos casamos. Para eles, nunca seria cedo de mais. Eles temem por mim.”

Royce entendia. Os pais dela temiam os nobres. Camponeses não-casados como Royce e Genevieve não tinham direitos; se os nobres assim o entendessem, poderiam vir e levar as mulheres deles, reivindicá-las para si mesmos. Isto é, até eles se casarem. Depois, ficariam em segurança.

“Em breve”, Genevieve disse, com seu sorriso se iluminando.

“Eles estão aliviados porque sou eu, ou porque, uma vez casada, você estará a salvo dos nobres?”

Ela riu e zombou dele.

“Eles amam você como o filho que eles nunca tiveram!”, ela disse. “E eu te amo também. Aqui, fique comisso.”

Ela deu a Royce algo amarrado com um fio, que era pouco mais que uma volta emaranhada de arame, com uma mecha de cabelo dentro. Para Royce, porém, isso era mais precioso do que tudo que já tinha visto. Ele pegou e colocou dentro de sua camisa, perto de seu coração.

Ele pegou seus braços e a beijou.

“Royce!”, gritou uma voz.

Royce se virou e viu seus três irmãos caminhando pela colina acima, em um grande grupo, com as irmãs e primas de Genevieve subindo com eles. Todos eles seguravam foices e forquilhas, todos eles prontos para o trabalho do dia. Royce respirou fundo, sabendo que a hora da despedida tinha chegado. Eles eram camponeses, afinal de contas, e não podiam se dar ao luxo de tirar um dia inteiro de folga. O casamento teria que esperar pelo pôr do sol.

Royce não estava incomodado por trabalhar nesse dia, mas ele se sentia mal por Genevieve. Ele desejava poder dar mais a ela.

“Eu gostaria que você pudesse tirar o dia de folga”, disse Royce.

Ela sorriu e depois riu.

“Trabalhar me deixa feliz. Me distrai, especialmente de ter de esperar tanto tempo para voltar a ver você logo mais”, disse ela, se inclinando e beijando seu nariz.

Eles se beijaram. Ela se virou com uma risadinha e abraçou suas irmãs e primas e, logo, estava saltando com elas pelos campos fora, todas tontas de felicidade nesse dia espetacular de verão.

Os irmãos de Royce apareceram por trás dele, tocando nos seus ombros, e os quatro se dirigiram para o outro lado da colina.

“Vamos lá, menino-apaixonado!”, disse Raymond, o irmão mais velho. Ele era como um pai para Royce. “Você pode esperar até hoje à noite!”

Seus outros dois irmãos riram.

“Ele está completamente apanhado por ela”, acrescentou Lofen, o irmão do meio, mais baixo que os outros, mas mais encorpado.

“Não há esperança para você”, Garet entrou na conversa. O mais jovem dos três, apenas alguns anos mais velho que Royce. Era o seu irmão mais próximo, no entanto, era também o que mais rivalizava com ele. “Ainda nem casou, e já está perdido.”

Os três riram, provocando Royce. Ele sorriu com eles e se dirigiram todos para os campos. Ele deu uma última olhada para trás e vislumbrou Genevieve desaparecendo colina abaixo. Ele se animou quando ela também olhou para trás uma última vez e sorriu para ele de longe. O sorriso restaurou sua alma.

Essa noite, meu amor, ele pensou. Essa noite.

*

Genevieve trabalhava nos campos, levantando e balançando sua foice, sem entusiasmo. Ela estava cercada por suas irmãs e primas, uma dúzia delas, todas rindo alto nesse dia auspicioso. Genevieve parava a cada poucos cortes para se apoiar no longo cabo, olhar para o céu azul e gloriosos campos amarelos de trigo e pensava em Royce. Quando o fazia, seu coração batia mais rápido. Hoje era o dia com que ela sempre sonhara, desde que era criança. Era o dia mais importante de sua vida. Depois de hoje ela e Royce viveriam juntos para o resto de seus dias; depois desse dia, eles teriam sua própria cabana, uma simples moradia junto dos campos, um lugar humilde legado a eles por seus pais. Seria um novo começo, um lugar para começar uma nova vida como marido e mulher.

Genevieve sorria só de pensar. Não havia nada que ela quisesse mais do que estar com Royce. Ele tinha estado sempre lá, ao lado dela, desde que ela era criança, e ela nunca tinha tido olhos para mais ninguém. Embora ele fosse o mais

novo dos quatro irmãos, ela sempre tinha sentido que havia algo especial sobre Royce, algo diferente sobre ele. Ele era diferente de todos ao redor dela, de todas as pessoas que ela já conhecera. Ela não sabia exatamente como, e suspeitava que ele também não. Mas ela viu algo nele, algo maior que essa aldeia, essa zona rural. Era como se o destino dele estivesse em outro lugar.

“E os irmãos dele?”, perguntou uma voz.

Genevieve despertou para a realidade. Ela se virou e viu Sheila, sua irmã mais velha, rindo, com duas de suas primas atrás dela.

“Afiml, ele tem três! Você não pode ter todos eles!”, ela acrescentou, rindo.

“Sim, o que você está esperando?”, sua prima entrou na conversa. “Temos estado esperando por uma apresentação.”

Genevieve riu.

“Eu *apresentei* você”, ela respondeu. “Muitas vezes.”

“Não foi suficiente!”, Sheila respondeu enquanto as outras riam.

“Afiml, não deveria sua irmã casar com o irmão dele?”

Genevieve sorriu.

“Não havia nada que eu gostasse mais”, ela respondeu. “Mas não posso falar por eles. Eu apenas conheço o coração do Royce.”

“Convença eles!”, sua outra prima insistiu.

Genevieve riu novamente. “Eu farei o meu melhor.”

“E o que você vai vestir?”, sua prima interrompeu. “Você ainda não decidiu qual vestido você vai...”

De repente, um ruído atravessou o ar, que imediatamente encheu Genevieve de medo, fazendo com que ela soltasse sua foice e se voltasse para o horizonte. Ela soube, antes mesmo de o ouvir completamente, que era um ruído sinistro, um som que trazia problemas.

Ela se virou e observou o horizonte. Quando o fez, seus piores temores foram confirmados. O som do galope se tornou audível e, sobre a colina, apareceu um séquito de cavalos. Ela ficou apavorada ao ver que seus cavaleiros estavam vestidos com as melhores sedas, empunhando a bandeira verde e dourada, com um urso ao centro, anunciando a casa de Nors.

Os nobres estavam chegando.

Genevieve ficou irada com o que estava vendo. Esses homens gananciosos tinham o dízimo após o dízimo de sua família, de todas as famílias dos camponeses. Eles sugavam tudo de todo mundo enquanto eles viviam como reis. E ainda assim, não era suficiente.

Genevieve viu-os galopando, e rezou intensamente para que eles estivessem apenas de passagem, para que não virassem para seu lado. Afiml, ela não os via naqueles campos tinha muitos ciclos solares

No entanto, Genevieve ficou desesperada quando, de repente, eles viraram e foram cavalgando em direção a ela.

Não, ela desejou silenciosamente. Agora não. Aqui não. Hoje não.

No entanto, eles continuaram cavalgando, chegando cada vez mais perto, claramente vindo atrás dela. A notícia do dia de seu casamento devia ter se espalhado, e isso sempre os deixava ansiosos para levarem o que conseguiam, antes que fosse tarde demais.

As outras garotas se reuniram em torno dela instintivamente, se aproximando. Sheila se virou para ela e agarrou seu braço freneticamente.

“CORRA!”, ela ordenou, empurrando-a.

Genevieve se virou e viu uma área aberta diante de si que se estendia por quilômetros. Ela sabia o quão tola seria - ela não iria longe. Ela seria ainda levada - mas sem dignidade.

“Não”, ela respondeu, com frieza, calma.

Em vez disso, ela apertou mais sua foice e segurou-a diante dela.

“Vou enfrentá-los de cabeça erguida.”

Elas olharam para ela, claramente perplexas.

“Com sua foice?”, sua prima perguntou em dúvida.

“Talvez eles não venham com maldade”, sua outra prima entrou na conversa.

Mas Genevieve via que eles estavam chegando e, lentamente, balançou a cabeça.

“Eles vêm”, respondeu ela.

Ela viu-os perto, esperando que abrandassem - mas, para sua surpresa, eles não o fizeram. No centro, cavalgava Manfor, um nobre privilegiado de vinte anos de idade que ela desprezava, o duque do reino, um menino de lábios largos, olhos claros, cabelos cacheados dourados e um sorriso de escárnio permanente. Parecia que estava constantemente olhando o mundo com superioridade.

Quando ele se aproximou, Genevieve viu que ele tinha um sorriso cruel no rosto, enquanto olhava para o corpo dela como se fosse um pedaço de carne. A menos de vinte metros de distância, Genevieve ergueu a foice e deu um passo à frente.

“Eles não me levarão”, disse ela, firme, pensando em Royce. Mais do que qualquer coisa, ela desejava que ele estivesse ao lado dela agora.

“Genevieve, não!”, Sheila gritou.

Genevieve correu na direção deles com a foice erguida, sentindo a adrenalina percorrer seu corpo. Ela não sabia como tinha reunido a coragem, mas tinha. Avançou, ergueu a foice e golpeou o primeiro nobre que se aproximou dela.

Mas eles eram muito rápidos. Se aproximavam cavalgando como trovões. Quando ela girou, um deles simplesmente ergueu seu taco, girou-o, e arrancou a foice da mão dela. Ela sentiu uma vibração terrível através de suas mãos e viu, sem esperança, sua arma voando, aterrissando nas espigas nas proximidades.

Um momento depois, Manfor passou a galope, se inclinou para frente e golpeou Genevieve no rosto com sua manopla de metal.

Genevieve gritou, girou com a força do movimento e aterrissou de cara nas espigas, com uma dor lancinante.

Os cavalos pararam abruptamente e, quando os cavaleiros desmontaram à sua volta, Genevieve sentiu umas mãos ásperas sobre ela. Ela foi colocada de pé com um puxão, ficando estonteada.

Ela ficou ali, cambaleando, e quando olhou para cima viu Manfor parado diante dela. Ele zombou, levantando o elmo e removendo-o.

“Solte-me!”, ela sibilou. “Eu não sou sua propriedade!”

Ela ouviu gritos. Olhou e viu suas irmãs e primas correndo até ela, tentando salvá-la - e viu, horrorizada, os cavaleiros baterem em cada uma delas, atirando-as para o chão.

Genevieve ouvia o riso terrível de Manfor enquanto ele a agarrava e a atirava nas costas de seu cavalo, amarrando seus pulsos juntos. Em seguida, ele montou atrás dela, esporeou o cavalo e partiu, com as garotas gritando atrás dela enquanto ela ficava cada vez mais distante. Ela tentava lutar, mas não adiantava, pois ele a segurava como se ela estivesse presa com correntes.

“Como você está errada, menina”, ele respondeu, rindo enquanto cavalgava. “Você é minha.”

CAPÍTULO CINCO

Royce estava em meio aos campos de trigo, talhando com sua foice, feliz pensando em sua noiva. Ele mal podia acreditar que seu dia do casamento havia chegado. Ele amava Genevieve desde sempre, e esse dia seria um dia que não iria rivalizar com nenhum outro. Amanhã, ele acordaria com ela a seu lado, em uma nova cabana só deles, com uma nova vida pela frente. Ele sentia borboletas no estômago. Não havia nada que ele desejasse mais.

Enquanto dava balanço a sua foice, Royce pensava nos treinos noturno com seus irmãos, os quatro brigando incessantemente com espadas de madeira, e às vezes com verdadeiras, com peso a duplicar, quase impossíveis de levantar, para torná-los mais fortes, mais rápidos. Embora ele fosse mais jovem do que seus três irmãos, Royce sabia que já era melhor lutador do que todos eles, mais ágil com a espada, mais rápido atacando e defendendo. Era como se ele fosse feito de um pano diferente. Ele não era como os outros, e sabia disso. No entanto, não sabia o porquê. E isso o incomodava.

De onde vinha seu talento para o combate? Por que ele era tão diferente? Não fazia muito sentido. Eles eram todos irmãos, todos do mesmo sangue, da mesma família. No entanto, ao mesmo tempo, os quatro eram inseparáveis, fazendo tudo juntos, quer brigando ou trabalhando nos campos. Isso, na verdade, era sua única apreensão relativamente àquele dia feliz: seria sua saída de casa o começo do distanciamento deles? Ele prometeu silenciosamente que não permitiria que isso acontecesse, custasse o que custasse.

Os pensamentos de Royce foram subitamente interrompidos por um som que vinha do final do campo, um som incomum para essa hora do dia, um som que ele não queria ouvir em um dia perfeito como esse. Cavalos. Galopando rápido.

Royce se virou e olhou, imediatamente alarmado, e seus irmãos fizeram o mesmo. Sua preocupação se aprofundou ao vislumbrar as irmãs e primas de Genevieve cavalcando até ele. Mesmo dali, Royce conseguia ver suas expressões de pânico, em urgência.

Royce tentava desesperadamente compreender o que estava vendo. Onde estava Genevieve? Porque estavam todas cavalcando até ele?

E, então, ele ficou preocupado ao perceber que, claramente, algo terrível tinha acontecido.

Largou a foice, assim como seus irmãos e a dúzia de outros camponeses de sua aldeia, correndo ao seu encontro. A primeira a chegar perto dele foi Sheila, a irmã de Genevieve. Ela desmontou do cavalo mesmo antes de ele parar, agarrando os ombros de Royce.

“O que está passando?”, Royce gritou. Ele agarrou os ombros dela, sentindo ela tremendo.

Ela mal conseguia pronunciar as palavras por entre suas lágrimas.

“Genevieve!”, ela gritou, com uma voz aterrorizada. “Eles a levaram!”

Royce sentiu seu mundo desabando ao ouvir as palavras dela, enquanto os piores cenários surgiam em sua mente.

“Quem?”, ele perguntou, enquanto seus irmãos corriam até ele.

“Manfor!”, ela chorava. “Da casa de Nors!”

Royce ficou apavorado e a indignação se apoderou dele. Sua noiva. Levada pelos nobres, como se ela fosse propriedade deles. Seu rosto se encolerizou.

“Quando!?”, ele quis saber, apertando o braço de Sheila com mais força do que pretendia.

“Agora mesmo!”, ela respondeu. “Assim que conseguimos, arranjam os cavalos para vir dizer a você!”

As outras desmontaram atrás dela e, quando o fizeram, entregaram as rédeas a Royce e seus irmãos. Royce não hesitou. Em um movimento rápido, ele montou no cavalo dela, esporeou e rompeu em disparada pelos campos.

Atrás dele, Royce conseguia ouvir seus irmãos cavalgando também, nenhum deles perdendo a batida, todos atravessando as espigas na direção do forte distante.

Seu irmão mais velho, Raymond, cavalgava ao lado dele.

“Você sabe que a lei está do lado dele”, ele gritou. “Ele é um nobre e ela é solteira - pelo menos por enquanto.”

Royce assentiu de volta.

“Se invadirmos o forte e pedirmos ela de volta, eles recusarão”, acrescentou Raymond. “Não temos fundamentos legais para exigir ela de volta.”

Royce rangeu os dentes.

“Eu não vou pedir ela de volta”, ele respondeu. “Eu vou levar ela de volta.”

Lofen balançava a cabeça enquanto cavalgava ao lado deles.

“Você nunca vai passar por aquelas portas”, ele gritou. “Um exército profissional espera por você. Cavaleiros. Armaduras. Armamento. Portões”. Ele balançou a cabeça novamente. “E mesmo que você consiga, de alguma forma, passar por eles, mesmo que consiga resgatá-la, eles não a deixarão ir. Eles vão te perseguir e matar.”

“Eu sei”, Royce respondeu.

“Meu irmão”, gritou Garet. “Eu te amo. E eu amo Genevieve. Mas isso significará a morte de vocês. A morte de todos nós. Deixe ela ir. Não há nada que você possa fazer.”

Royce conseguia ver o quanto seus irmãos se importavam com ele, e ele apreciava isso - mas ele não podia se permitir ouvir isso. Essa era *sua* noiva e, quaisquer que fossem as probabilidades, ele não tinha escolha. Ele não podia abandoná-la, mesmo que isso significasse sua morte. Era assim que ele era.

Royce esporeou o cavalo com mais força, não querendo ouvir mais nada, e galopou mais rápido pelos campos, em direção ao horizonte, em direção à cidade onde ficava o forte de Manfor. Para o que certamente seria sua morte.

Genevieve, pensou Royce. *Eu estou indo salvar você.*

*

Royce cavalgava pelos campos com toda sua energia, seus três irmãos a seu lado, subindo a última colina e depois descendo para a cidade que ficava lá em baixo. Em seu centro havia um enorme forte, a casa da Câmara de Nors, os nobres que governavam sua terra com mão de ferro, que haviam tirado a sangue tudo de sua família, exigindo dízimo após dízimo tudo o que eles cultivavam. Eles tinham conseguido manter os camponeses pobres por gerações. Eles tinham dezenas de cavaleiros à sua disposição, com armadura completa, com armas reais e cavalos reais; eles tinham grossos muros de pedra, um fosso, uma ponte, e vigiavam a cidade como uma mulher ciumenta, sob o pretexto de manter a lei e a ordem - mas, na verdade, apenas para sacarem tudo deles.

Eles faziam a lei. Eles aplicavam as leis cruéis que eram passadas por todos os nobres de todo o país, as leis que só beneficiavam *eles*. Eles funcionavam sob o disfarce de oferecer proteção, mas todos os camponeses sabiam que apenas precisavam de ser protegidos dos próprios nobres. O reino de Sevania, afinal, era um reino seguro, isolado de outros territórios por água em três lados, no extremo norte do continente Alufen. Um oceano forte, rios e montanhas eram seus espessos muros de segurança. O território não era invadido tinha séculos.

O único perigo e tirania vinha de dentro, da nobre aristocracia e do que eles tiravam dos pobres. De pessoas como Royce. Agora já nem seus bens eram

suficientes - eles tinham de ter suas esposas também.

Esse pensamento enraiveceu Royce. Ele baixou a cabeça e se preparou ao segurar sua espada com mais força.

“A ponte está em baixo!”, Raymond gritou. “A grade de ferro do forte está aberta!”

Royce viu isso ele próprio e considerou isso como um sinal encorajador.

“Claro que está!”, Lofen respondeu. “Você acha mesmo que eles estão esperando um ataque? Ainda por cima nosso?”

Royce cavalgou mais rápido, grato pela companhia de seus irmãos, sabendo que todos tinham um sentimento tão forte por Genevieve quanto ele. Ela era como uma irmã para eles, e uma afronta a Royce era também uma afronta a cada um deles. Ele olhou em frente e, na ponte levadiça, avistou alguns dos cavaleiros do castelo, olhando sem entusiasmo os pastos e campos que cercavam a cidade. Eles não estavam preparados. Eles não eram atacados tinha séculos e não tinham motivos para esperar um ataque naquele momento

Royce desembainhou a espada com um som diferenciado, baixou a cabeça e ergueu a espada. O som das espadas ecoou pelo ar quando seus irmãos também se aproximaram. Royce saiu na frente para assumir a liderança, querendo ser o primeiro na batalha. Seu coração pulsava de excitação e medo - não de medo por si mesmo, mas por Genevieve.

“Vou entrar, encontrá-la e sair!”, Royce gritou a seus irmãos, formulando um plano. “Vocês todos ficam fora do perímetro. Esta é minha luta.”

“Não vamos deixar você entrar sozinho!”, Garet gritou de volta.

Royce balançou a cabeça, inflexível.

“Se algo der errado, não quero que vocês paguem o preço”, ele gritou em resposta. “Fiquem aqui e distraiam aqueles guardas. Isso é o que eu mais preciso.”

Ele apontou com sua espada para uma dúzia de cavaleiros que estavam na guarita junto ao fosso. Royce sabia que, assim que passasse pela ponte, eles entrariam em ação; mas se seus irmãos os distraíssem, talvez desse para mantê-los afastados apenas por tempo suficiente para Royce entrar e encontrá-la. Ele apenas precisava de alguns minutos. Se conseguisse encontrá-la depressa, poderia agarrar nela rápido, fugir e se ver livre desse lugar. Ele não queria matar ninguém se pudesse evitá-lo; nem queria machucá-los. Ele só queria sua noiva de volta.

Royce baixou a cabeça e galopou o mais rápido que pôde, tão rápido que mal conseguia respirar, com o vento chicoteando seu cabelo e rosto. Ele se aproximou da ponte, a trinta, a vinte, a nove metros de distância, com o som de seu cavalo e seu batimento cardíaco trovejando em seus ouvidos. Seu coração batia em seu peito enquanto ele cavalgava, percebendo quão louco isso era. Ele estava prestes a fazer o que a classe camponesa jamais sonharia: atacar a nobreza. Era uma guerra

que possivelmente não conseguiria ganhar, e uma maneira certa de ser morto. Mas, no entanto, sua noiva estava atrás daqueles portões, e isso era o suficiente para ele.

Royce estava tão perto agora, a poucos metros de chegar à ponte. Olhou para cima e viu os olhos dos cavaleiros se arregalarem enquanto se atrapalhavam com suas armas, pegos de surpresa, claramente não esperando nada disso.

A reação tardia deles foi exatamente o que Royce precisava. Ele correu para frente e, quando eles levantaram suas alabardas, ele baixou a espada e, apontando para as flechas, cortou-as ao meio. Ele golpeava de um lado para o outro, destruindo as armas dos cavaleiros em ambos os lados da ponte, tomando cuidado para não os machucar se não precisasse. Ele só queria desarmá-los e não propriamente se envolver num combate.

Royce ganhou velocidade, impulsionando seu cavalo. Cavalgou ainda mais rápido, usando seu alazão como uma arma, chocando-se diretamente nos guardas restantes com força suficiente para atirá-los pelo ar, apesar da pesada armadura deles, por cima da ponte estreita, e se esparramarem na água do fosso abaixo. Royce percebeu que seria preciso algum tempo para que eles conseguissem sair de lá. E esse era todo o tempo que ele precisava.

Atrás dele, Royce ouvia seus irmãos ajudando sua causa; do outro lado da ponte eles cavalgaram para a guarita, atacando os desprevenidos guardas, desarmando-os antes que eles tivessem qualquer chance de se reagruparem. Eles conseguiram bloquear e barrar a guarita, mantendo desorientados os demais cavaleiros de guarda, e dando a Royce a cobertura que ele precisava.

Royce baixou a cabeça e avançou na direção da grade de ferro que estava aberta, cavalgando mais rápido enquanto observava que ela estava começando a baixar. Ele encolheu a cabeça ao pescoço e conseguiu passar depressa pelo arco aberto exatamente antes de a pesada grade se fechar de uma vez por todas.

Royce entrou no pátio interno, com o coração acelerado, e fez um balanço, olhando ao redor. Ele nunca tinha entrado lá e estava desorientado, encontrando-se cercado por espessas paredes de pedra por todos os lados, com vários andares de altura. Servos e pessoas comuns andavam de um lado para outro, carregando baldes de água e outras mercadorias. Por sorte, nenhum cavaleiro o aguardava lá dentro. Claro, eles não tinham nenhum motivo para estar esperando um ataque.

Royce examinou as paredes, desesperado por qualquer sinal de sua noiva.

No entanto, ele não encontrou nenhum. Ele entrou em pânico. E se eles a tivessem levado para outro lugar?

“GENEVIEVE!”, ele gritou.

Royce olhou em todos os lugares, freneticamente girando em seu cavalo que relinchava. Ele não tinha ideia de onde procurar e não tinha planos. Ele nem pensara que chegaria tão longe.

Royce fazia seu cérebro trabalhar, precisando pensar rápido. Os nobres provavelmente viviam lá em cima, ele imaginou, longe do fedor, das multidões, onde o vento e a luz do sol eram fortes. Naturalmente, era para lá que eles levariam Genevieve.

Aquele pensamento enraiveceu-o.

Se forçando a controlar suas emoções, Royce esporeou o cavalo e galopou pelo pátio, passando por servos em choque que paravam e olhavam, largando o trabalho à sua passagem. Ele avistou uma larga escada de pedra em espiral do outro lado e foi até lá, desmontando antes ainda do cavalo parar, correndo a grande velocidade pelas escadas acima. Ele subiu correndo pela escada em espiral, sem parar, lance após lance. Ele não tinha ideia de onde estava indo, mas imaginou que começaria no topo.

Royce finalmente saiu da escada no ponto mais alto, respirando com dificuldade.

“Genevieve!”, ele gritou, esperando, rezando por uma resposta.

Não havia nenhuma. Seu pavor se aprofundou.

Ele escolheu um corredor e correu por ele, rezando para que fosse o caminho certo. Um homem, de repente, abriu uma porta e espreitou. Era um nobre, um homem baixo e gordo, com um nariz largo e cabelos ralos.

Ele franziu o cenho para Royce, claramente por ver seu traje de camponês; ele torceu o nariz como se algo desagradável tivesse invadido ele.

“Ei!”, ele gritou. “O que você está fazendo em nosso...”

Royce não hesitou. Quando o indignado nobre se lançou para ele, Royce socou-o no rosto, derrubando-o de costas no chão.

Royce, rapidamente, espreitou pela porta aberta, esperando vislumbrar Genevieve. Mas ela não estava lá.

Ele continuou correndo.

“GENEVIEVE!”, Royce gritava.

De repente, ele ouviu um grito, ao longe, em resposta.

Ele ficou ali quieto e alerta ouvindo, tentando entender de onde tinha vindo. Ciente de que seu tempo era limitado, que um exército inteiro logo estaria correndo atrás dele, ele continuou acelerando em frente, com seu coração batendo forte, chamando o nome dela repetidas vezes.

Mais uma vez, ouviu um grito abafado. Royce sabia que era ela. Ele ficou inquieto. Ela estava aqui em cima. E ele estava se aproximando.

Royce finalmente chegou ao fim do corredor e, quando o fez, ouviu um grito vindo detrás da última porta à esquerda. Ele não hesitou. Baixou o ombro e se chocou com força contra a antiga porta de carvalho.

A porta quebrou e Royce entrou de rompante. Ele deu por si em uma câmara opulenta, de nove metros quadrados, com tetos altos, janelas esculpidas nas paredes de pedra, uma enorme lareira e, no centro, uma enorme e luxuosa cama de dossel, diferente de tudo que Royce já havia visto. Ele sentiu uma onda de alívio ao ver lá, em uma pilha de peles, seu amor, Genevieve.

Ele ficou aliviado ao ver que ela estava completamente vestida, ainda se agitando, pontapeando, enquanto Manfor tentava agarrá-la por trás. Royce se encolerizou. Ali estava ele, agarrando sua noiva, tentando tirar as roupas dela. Royce estava aliviado por ter conseguido chegar a tempo.

Genevieve se contorcia, tentando corajosamente tirá-lo de cima dela, mas Manfor era forte demais para ela.

Sem um momento de hesitação, Royce entrou em ação. Ele correu e se atirou a Manfor, exatamente no momento em que ele se virou para olhar. Os olhos de Manfor se arregalaram em choque e Royce o agarrou pela camisa e o jogou.

Manfor voou pelo quarto e aterrissou com força no chão, gemendo.

“Royce!”, Genevieve gritou, com sua voz se enchendo de alívio quando ela girou e o viu.

Royce sabia que não poderia dar a Manfor uma chance de se recuperar. Quando ele tentou se levantar, Royce pulou em cima dele, prendendo-o. Inundado de raiva pelo que fizera com sua esposa, Royce puxou o punho para trás e socou-o com força no queixo.

Manfor foi projetado para trás. Porém, ele se sentou e pegou uma adaga. Mas Royce arrancou-a da sua mão e bateu nele sem parar. Manfor caiu para trás e Royce empurrou a adaga para longe, fazendo-a deslizar pelo chão.

Ele imobilizou Manfor, que sorria sarcasticamente para ele, sempre desafiador e superior.

“A lei está do meu lado”, Manfor disse fervendo. “Eu posso pegar quem eu quero. Ela é minha.”

Royce franziu o cenho.

“Você não pode pegar minha noiva.”

“Você está louco”, Manfor respondeu. “*Louco*. Você será morto até o final do dia. Não tem onde se esconder. Você não sabe disso? Esse país é nosso.”

Royce sacudiu a cabeça.

“O que você não entende”, ele disse, “é que eu não dou a mínima.”

Manfor franziu a testa.

“Você não vai se safar dessa”, disse Manfor. “Eu vou cuidar disso.”

Royce apertou ainda mais os pulsos de Manfor.

“Você não fará nada disso. Genevieve e eu vamos sair daqui hoje. Se você vier atrás dela novamente, eu vou te matar.”

Para surpresa de Royce, Manfor sorriu maleficamente, com sangue escorrendo de sua boca.

“*Nunca* vou deixar ela em paz”, respondeu Manfor. “*Nunca*. Vou atormentá-la pelo resto de sua vida. E vou perseguir você como um cachorro com todos os homens de meu pai. Vou levá-la e ela será minha. E você será enforcado em praça pública. Portanto, fuja agora e se lembre do rosto dela - pois logo, ela será minha.”

Royce sentiu um rubor quente de raiva. O que era pior do que essas palavras cruéis era que ele sabia que elas eram verdadeiras. Não havia para onde correr; os nobres possuíam o território. Ele não podia lutar contra um exército. E Manfor, de fato, nunca desistiria. Por pura crueldade - por nenhum outro motivo. Ele tinha tanto, e, ainda assim, não conseguia evitar privar as pessoas que não tinham nada.

Royce olhou para os olhos desse nobre cruel. Ele sabia que Genevieve seria possuída por esse homem um dia. E ele sabia que não podia permitir que isso acontecesse. Ele queria ir embora, ele realmente queria. Mas não podia. Fazer isso significaria a morte de Genevieve.

De repente, Royce agarrou Manfor e o jogou no chão. Ele encarou-o e sacou de sua espada.

“Saque de sua espada!”, Royce ordenou, dando a ele uma chance de lutar honrosamente.

Manfor olhou para Royce, claramente surpreso por estar sendo dada a ele essa chance. Então ele desembainhou a espada.

Manfor atacou, dando balanço com força, e Royce ergueu a espada e bloqueou-a. Voaram faíscas. Royce, sentindo que era mais forte, ergueu a espada, empurrando Manfor para trás, depois girou com o cotovelo, batendo no seu rosto com o punho.

Ouviu-se um estalido quando Royce quebrou o nariz de Manfor. Manfor cambaleou para trás, claramente atordoado enquanto agarrava seu nariz. Royce poderia ter aproveitado o momento para matá-lo, mas, de novo, ele deu a Manfor outra chance.

“Desista”, Royce propôs, “e eu deixo você viver.”

Porém, Manfor soltou um gemido de fúria. Ele ergueu sua espada e atacou de novo.

Royce bloqueou o ataque, enquanto Manfor balançava furiosamente, cada um golpeando para frente e para trás, com suas espadas tilintando enquanto faíscas voavam. Os dois andavam de um lado para o outro por todo o quarto. Manfor poderia ser um nobre, criado com todos os benefícios da classe real, mas, ainda assim, Royce tinha um talento superior para lutar.

Durante a luta, ele ouviu cornetas ao longe e o som de um exército se aproximando do castelo, com os cascos dos cavalos se ouvindo batendo na calçada abaixo. Royce ficou preocupado. Ele sabia que seu tempo estava acabando. Algo tinha que ser feito rapidamente.

Por fim, Royce girou acentuadamente a espada de Manfor e desarmou-o, lançando-a pelo ar para o outro lado do quarto. Royce encostou a ponta de sua espada na garganta de Manfor.

“Recue agora”, ordenou Royce.

Manfor recuou lentamente, de braços para cima. No entanto, quando chegou a uma pequena mesa de madeira, ele, de repente, girou, pegou algo e jogou isso nos olhos de Royce.

Royce gritou ao ficar, subitamente, cego. Seus olhos ardiam e seu mundo ficou preto. Ele entendeu, tarde demais, ao tatear seus olhos, o que era: tinta. Tinha sido uma jogada suja, uma jogada imprópria para um nobre ou qualquer lutador. Mas, novamente, Royce sabia que não deveria se surpreender.

Antes de conseguir recuperar sua visão, Royce, de repente, sentiu um pontapé forte no estômago. Ele se desequilibrou, caindo no chão, sem fôlego, e, quando olhou para cima, recuperou o suficiente de sua visão para ver Manfor sorrir enquanto tirava uma adaga escondida de seu manto - e ergueu-a na direção das costas de Royce.

“ROYCE!”, Genevieve gritou.

No momento em que a adaga descia na direção das suas costas, Royce conseguiu se recompor, se apoiando em um joelho, levantando o braço e agarrando o pulso de Manfor. Royce se levantou lentamente, com os braços tremendo, e enquanto Manfor continuava baixando a adaga, ele subitamente se esquivou e girou o braço de Manfor, usando sua força contra ele. Com esse movimento rápido, Royce fez com que Manfor atravessasse a adaga em seu próprio estômago.

Manfor arfava. Ele estava lá, olhando para Royce, de olhos arregalados e com sangue escorrendo de sua boca. Ele estava morrendo.

Royce sentiu a solenidade do momento. Ele havia matado um homem. Pela primeira vez em sua vida, ele havia matado um homem. E não era um homem qualquer, mas sim um nobre.

O último gesto de Manfor foi um sorriso cruel, com o sangue saindo de sua boca.

“Você recuperou sua noiva”, ele ofegou, “ao custo de sua vida. Você vai se juntar a mim em breve.”

Com isso, Manfor desabou e caiu no chão com um baque.

Morto.

Royce se virou para olhar para Genevieve, que estava sentada na cama, atordoada. Ele podia ver o alívio e gratidão em seu rosto. Ela pulou da cama, correu pelo quarto, na direção de seus braços. Ele abraçou-a com força. Era tão bom. Tudo fazia sentido no mundo de novo.

“Oh, Royce”, ela disse em seu ouvido. E isso era tudo o que ela precisava dizer. Ele entendeu.

“Vamos, devemos ir”, disse Royce. “Nosso tempo é curto.”

Ele pegou a mão dela e os dois saíram correndo pela porta do quarto em direção aos corredores.

Royce correu com Genevieve ao lado dele. O coração dele bateu forte quando ele ouviu as cornetas reais soarem, uma e outra vez. Ele sabia que era o som de alarme - e ele sabia que era por causa dele.

Ouvindo o barulho da armadura embaixo, Royce soube que o forte estava fechado e que ele estava cercado. Seus irmãos tinham feito um bom trabalho conseguindo empotá-los lá fora, mas a incursão de Royce tinha demorado tempo demais. Enquanto corriam, ele olhou para baixo para o pátio e ficou aterrorizado ao ver dezenas de cavaleiros já do lado de dentro dos portões.

Royce sabia que não havia saída. Não só ele invadira a casa deles, como também matara um deles, um nobre, membro da família real. Ele sabia que eles não o deixariam vivo. Hoje seria o dia em que sua vida mudaria para sempre. Quão irônico, ele pensou; essa manhã ele havia despertado tão cheio de alegria, antecipando o dia. Agora, antes do sol se pôr no mesmo dia, ele provavelmente estaria enfrentando a força.

Royce e Genevieve corriam sem parar, se aproximando do final do corredor e da entrada para a escada em espiral, quando, de repente, meia dúzia de cavaleiros apareceram, saindo das escadas, bloqueando o caminho.

Royce e Genevieve pararam imediatamente, se viraram e correram para o outro lado, enquanto os cavaleiros os perseguiam. Royce conseguia ouvir a armadura deles ressoando atrás dele, e ele sabia que sua única vantagem era sua falta de armadura, dando a ele velocidade suficiente para se manter à frente deles.

Eles corriam sem parar, percorrendo os corredores. Royce esperava desesperadamente encontrar uma escada dos fundos, outra saída - quando, de repente, ao virarem para outro corredor, eles se viram diante de uma parede de pedra. Royce ficou desesperado quando chegaram ao fim.

Um beco sem saída.

Royce girou e sacou a espada enquanto colocava Genevieve atrás de si, preparado para resistir aos cavaleiros, embora soubesse que seria a última.

De repente, sentiu Genevieve apertar seu braço freneticamente enquanto gritava: “Royce!”

Ele girou e viu para onde ela estava olhando: uma grande janela ao lado deles. Ele olhou para baixo e ficou apavorado. Era uma longa queda, longa demais para sobreviver.

E, no entanto, ele a viu apontando para uma carroça cheia de feno passando devagar por baixo deles.

“Podemos pular!”, ela gritou.

Ela pegou a mão dele e, juntos, se aproximaram da janela. Ele se virou e olhou para trás, viu os cavaleiros cada vez mais próximos e, de repente, antes que ele tivesse tempo de pensar em como isso era uma loucura, sentiu sua mão sendo puxada - e eles estavam no ar.

Genevieve era ainda mais corajosa do que ele. Ela tinha sempre sido, mesmo quando crianças, ele lembrou.

Eles pularam, caindo uns bons nove metros pelo ar, com Royce apavorado e Genevieve gritando, visando a carroça. Royce se preparou para morrer e, pelo menos, estava grato por não morrer nas mãos dos nobres - e com seu amor a seu lado.

Para grande alívio de Royce eles caíram no monte de feno, provocando uma enorme nuvem à volta deles. Apesar de estar sem fôlego e machucado com a queda, para sua surpresa, ele não tinha quebrado nada. Ele se sentou imediatamente e olhou para ver se Genevieve estava bem; ali estava ela, atordoada, mas também se sentou e, enquanto Genevieve escovava o feno, ele viu com imenso alívio que ela não estava ferida.

Sem uma palavra, os dois ao mesmo tempo se lembraram de sua situação e saltaram da carroça, com Royce pegando a mão dela. Royce correu até seu cavalo, que ainda esperava por ele no pátio, montou, agarrou Genevieve, ajudando-a a subir para trás dele. Com um chute, os dois partiram a galope, com Royce apontando para o portão aberto para o castelo, enquanto os cavaleiros continuavam a entrar, passando direto sem sequer se darem conta que eram eles.

Eles se aproximaram do portão aberto. O coração de Royce batia com força; eles estavam tão perto. Tudo o que tinham que fazer era transpô-lo e, em alguns passos largos, eles estariam lá fora, em campo aberto. Lá, eles poderiam juntar-se com seus irmãos, seus primos e homens, e, juntos, todos poderiam fugir desse lugar e começar uma nova vida em algum lugar. Ou melhor ainda, eles poderiam juntar seu próprio exército e lutar contra esses nobres de uma vez por todas. Por um glorioso momento, o tempo parou e Royce se sentia à beira da mudança, da

vitória, de tudo o que ele sabia estar de cabeça para baixo. O dia da revolta havia chegado. O dia em que suas vidas nunca mais voltariam a ser as mesmas.

Ao se aproximar do portão, Royce ficou congelado de medo quanto viu a grade de ferro, que antes estava aberta, de repente, baixando, e se fechando à sua frente. Seu cavalo se empinou e eles pararam a tempo.

Royce se virou, olhando de volta para o pátio. Lá ele viu cinquenta cavaleiros, que agora entendiam quem eles eram, se aproximando. Royce se preparou para cavalgar em frente, para enfrentá-los em batalha, por mais imprudente que fosse, quando, de repente, sentiu uma corda caindo sobre ele vinda de trás, ouvindo Genevieve gritar.

As cordas se apertaram ao redor de suas cinturas e, com um puxão, Royce se sentiu sendo atirado para trás de seu cavalo. Ele caiu no chão duro, sem fôlego, amarrado por trás. Ele olhou e viu Genevieve também amarrada com cordas e puxada para o chão.

Royce rolava e cambaleava, freneticamente tentando se libertar, com as cordas apertadas em volta de seus braços e ombros. Ele levou sua mão até sua cintura, agarrou a adaga e, com um solavanco, conseguiu cortá-las.

Livre, ele se desviou com um giro de um taco que vinha descendo na direção de sua cabeça. Ele agarrou a espada de seu atacante, e depois ficou de pé no meio do pátio, cercado pelo que era agora quase uma centena de cavaleiros. Eles cercaram-no de todos os lados.

Eles atacaram. Royce levantou sua espada e lutou também, se defendendo enquanto os cavaleiros golpeavam, golpeando também, se sentindo invencível, mais forte e mais rápido que todos eles. Ainda assim, eles cercavam-no cada vez mais, com suas fileiras ficando cada vez mais espessas.

Royce ergueu sua espada e bloqueou um golpe apontado para sua cabeça; então, ele girou e golpeou outra espada apontada a suas costas, arrancando a espada das mãos de seu atacante. Ele se inclinou para trás e chutou outro cavaleiro no peito quando ele se aproximou, forçando-o a largar seu taco.

Royce lutava como um homem possuído, golpeando e se defendendo, conseguindo manter dezenas deles à distância, enquanto espadas tilintavam e faíscas choviam ao redor dele. Ele respirava com dificuldade, mal conseguindo ver por causa do suor que fazia com que seus olhos ardessem. E o tempo todo ele pensava em apenas uma coisa: Genevieve. Ele morreria aqui por ela.

As fileiras ficaram ainda mais espessas. Em poucos instantes, ficou demais até para ele. Os braços e ombros de Royce doíam, sua respiração estava pesada. A multidão era tanta, estando tão próxima, que ele mal conseguia se mexer para dar balanço. Quando Royce ergueu sua espada uma última vez para golpear, de repente, sentiu uma terrível dor na parte de trás de sua cabeça.

Caiu no chão, vagamente consciente de que tinha sido atingido por um taco. Ele só deu por si, deitado de lado no chão, incapaz de se mover, quando dezenas de cavaleiros se lançaram sobre ele. Era uma parede de metal prendendo-o no chão, dobrando seus braços, com os joelhos nas suas costas e os braços na sua cabeça.

Era o fim, ele sabia.

Ele havia perdido.

CAPÍTULO SEIS

Royce acordou, em sobressalto, sentindo água gelada em seu rosto, ao som de gritos e vaias. Ele pestanejou com a luz. Na hora ele percebeu que não conseguia abrir um de seus olhos, e o outro também já estava quase fechado, aberto apenas o suficiente para ele conseguir ver alguma coisa. Ele se sentia estonteado por causa de sua dor na cabeça e seu corpo estava rígido, coberto de inchaços e hematomas. Ele se sentia como se tivesse rolado montanha abaixo. Olhou para o mundo à sua frente e desejou que não o tivesse feito.

Uma multidão agitada o cercava, alguns gritando e vaiando, outros protestando, aparentemente em seu nome. Era como se essas pessoas tivessem irrompido numa guerra civil, com ele no centro. Ele se esforçava para entender o que estava vendo. Seria um sonho? Ele se questionava.

A dor era intensa demais para que isso fosse um sonho; a dor na cabeça provocada pelos golpes, e as cordas grossas cavando em seus pulsos. Ele lutou, sem sucesso, com as cordas que amarravam seus pulsos e tornozelos e, ao olhar para baixo, se deu conta que estava amarrado a uma estaca. Seu coração bateu com mais força quando viu uma pilha de madeira embaixo dele, como se estivesse pronta para ser acesa. O medo se apoderou dele quando entendeu que estava amarrado no pátio do castelo.

Royce olhou e viu centenas de aldeões invadindo o pátio e dezenas de cavaleiros e guardas ao longo dos muros; ele viu um palco de madeira improvisado, talvez a quinze metros de distância, e nele, juízes do tribunal, todos nobres. No centro estava um homem que ele reconheceu: Lorde Nors. O chefe da família dos nobres. Pai de Manfor. Ele era o juiz presidente do território. Ele estava no centro e olhou para Royce com um ódio que ele jamais havia visto.

Isso não augurava nada de bom.

Voltou tudo à memória de Royce. Genevieve. A invasão ao forte. O resgate dela. Matar Manfor. Pular. A luta contra esses cavaleiros. E depois...

O bater de um martelo na madeira se fez ouvir várias vezes e a multidão sossegou. Lorde Nors estava de pé, olhando taciturnamente para todos. Ele era ainda mais feroz, mais imponente, de pé. Ele fixou seus olhos cheios de fúria em Royce que entendeu que estava sendo levado a julgamento. Ele já havia visto vários julgamentos antes e nenhum era favorável aos prisioneiros.

Royce examinou os rostos, desesperado para encontrar qualquer vislumbre de Genevieve, rezando para que ela estivesse a salvo, longe de tudo isso.

No entanto, ele não viu nada. Isso era o que mais o preocupava. Será que ela tinha sido presa? Morta?

Ele tentou bloquear de sua mente vários cenários de pesadelo.

“Você é acusado do assassinato de Manfor da casa de Nors, filho de lorde Nors, governante do sul e dos bosques de Segall”, fez soar Lorde Nors. A multidão ficou completamente imóvel. “Qual é sua alegação?”

Royce abriu a boca, se esforçando para falar - mas seus lábios e garganta estavam ressequidos. Sua voz falhou e ele tentou novamente.

“Ele roubou minha noiva”, Royce finalmente conseguiu responder.

Se ouviu um coro de aplausos de apoio, e Royce olhou e viu milhares de aldeões, seus compatriotas, entrando, empunhando tacos, foices e forquilha. Ele se encheu de esperança e gratidão ao ver que todos de seu povo tinham vindo para apoiá-lo. Eles estavam todos fartos.

Royce olhou para Lorde Nors e o viu perder sua convicção, apenas um pouco. Um olhar nervoso se espalhou por seu rosto. Ele se virou e olhou para seus colegas juizes e eles olharam para os cavaleiros. Parecia que eles estavam começando a entender que poderiam, se condenassem Royce à morte, ter uma revolução em suas mãos.

Finalmente, Lorde Nors bateu com o martelo e a multidão se acalmou.

“E, no entanto”, ele disse, “a lei é clara: qualquer mulher camponesa é propriedade de qualquer nobre até ela se casar.”

Se ouviu um coro alto de vaia e assobios da multidão, que avançou. Uma pessoa anônima atirou um tomate em direção ao palco, e a multidão aclamou, pois, por pouco, não acertou no Lorde Nors.

Se ouviu um sussurrar horrorizado entre os nobres e, quando Lorde Nors assentiu, os cavaleiros começaram a empurrar a multidão, ansiosos para encontrar o agressor. No entanto, eles logo pararam, pensando melhor ao serem cercados por centenas de aldeões que se movimentavam para a praça, tornando a passagem impossível. Um cavaleiro tentou abrir caminho, mas logo se viu completamente rodeado pelas massas, empurrado para todos os lados e, entre gritos e aplausos furiosos, recuou.

A multidão aclamou. Finalmente, eles estavam se defendendo a si mesmos.

Royce sentiu uma onda de otimismo. Um ponto de virada havia chegado. Todos os camponeses, tal como ele, estavam fartos. Ninguém queria mais que suas mulheres fossem levadas. Ninguém queria ser considerado como propriedade. Todos eles sabiam que poderiam estar na posição de Royce.

Royce observou a multidão, ainda desesperado para encontrar Genevieve - ele ficou em pânico quando, de repente, a viu na extremidade do pátio, amarrada com cordas.

À medida que a multidão se avolumava, os magistrados pareciam cada vez mais nervosos e olhavam para o Lorde Nors com olhares de incerteza.

“É *sua* lei!”, Royce gritou, recuperando sua voz, encorajado. “Não a nossa!”

A multidão soltou um rugido enorme de aprovação, enquanto avançava perigosamente, com forquilhas e foices erguidas no ar.

Lorde Nors, franzindo o cenho para Royce, ergueu as mãos e a multidão finalmente se acalmou.

“Meu filho morreu hoje”, ele ressoou, com uma voz pesada de tristeza. “E se eu fosse fazer cumprir a lei, você seria morto também.”

A multidão vaiou e se aglomerou ameaçadoramente.

“E, no entanto”, ecoou lorde Nors, erguendo as mãos, “dada a situação de nossos tempos, matá-lo não seria no melhor interesse da coroa. E, portanto”, disse ele, se virando e olhando para os seus colegas magistrados, “decidi conceder a você misericórdia!”

A multidão aclamou calorosamente, se agitando, e Royce sentiu uma onda de alívio. Lorde Nors ergueu as mãos.

“Sua noiva”, ecoou Lorde Nors, “nunca será sua. Ela se tornará propriedade de um de nossos nobres.”

A multidão vaiou e assobiou, mas antes que se se intensificasse, Lorde Nors terminou, apontando para Royce com toda a sua ira:

“E você, Royce, será condenado ao Fosso!”

A multidão vaiou e correu para frente, e logo uma briga irrompeu nas ruas.

Royce não teve a chance de assistir ao seu desenrolar. De repente, as cordas foram cortadas de seus pulsos e tornozelos, e ele caiu no chão, mole. Sentiu uns braços ao redor de si, manoplas de metal agarrando-o, arrastando-o para longe através do caos.

Enquanto era arrastado através da multidão, as palavras de Lorde Nors ecoavam em sua mente. *O Fosso*. Royce sentiu um profundo pressentimento. Era o brutal esporte sangrento para entretenimento dos nobres, aquele ao qual ninguém sobrevivia. Lorde Nors havia astutamente poupado Royce a uma sentença de morte para apaziguar as massas - e, no entanto, o Fosso era uma sentença pior que a morte. Tinha sido uma jogada inteligente. Lorde Nors havia poupado uma revolução e, ainda assim, conseguira arranjar forma de matar Royce.

Royce estava desanimado. Era melhor ter morrido aqui, nobremente, diante de seu povo, do que ser enviado para uma morte ainda mais horrível.

No entanto, ao ser arrastado através da multidão tumultuosa, em direção aos arcos imponentes na saída da cidade, Royce pensava não em si, mas em Genevieve. Ela era tudo o que importava para ele agora. Ela era tudo o que sempre tinha importado para ele. A ideia de ela ser dada a outro nobre era demais para ele. Isso tornava tudo aquilo fútil.

Royce se encolhia e se contorcia, tentando inutilmente se libertar. Ele olhava para trás enquanto eles o arrastavam, esperando vislumbrá-la pela última vez.

“Genevieve!”, ele gritou.

Ele vislumbrou-a entre a imensa multidão.

“Royce!”, ela gritou de volta, chorando.

No entanto, não havia nada que nenhum deles pudesse fazer.

Royce foi levado através dos portões em arco, para longe da cidade, para longe de sua vida, banido para sempre de todos que conhecia e amava, enfrentando uma jornada que seria muito pior do que a morte.

O Fosso, pensou Royce. Era melhor ter morrido.

CAPÍTULO SETE

Royce tropeçava, empurrado por trás, embatendo bruscamente contra o grupo de rapazes quando estavam todos a ser levados pela longa rampa no navio. Com um olho ainda inchado, a cabeça e o corpo ainda o matando por causa de todos os hematomas e contusões, Royce achava que não poderia se sentir pior - até terminar de subir a rampa e entrar a bordo do navio. Este balançou violentamente nas águas agitadas, e, ao dar uma guinada, Royce esbarrou nos rapazes à esquerda e à direita, recebendo em troca cotoveladas afiadas nas costelas e nos rins. Ele não sabia o que era pior: as cotoveladas ou a súbita sensação de náusea.

Royce estremeceu quando o soldado o agarrou bruscamente por trás e o lançou para frente. Ele tentou se virar e balançar para trás, mas não conseguiu, com seus pulsos ainda amarrados firmemente atrás das costas.

Ainda se recuperando dos acontecimentos das últimas horas, ainda tentando processar como sua vida tinha mudado tão dramaticamente tão depressa, Royce tentava recuperar rapidamente, assimilando a cena ao seu redor o melhor que conseguia. Por mais que sentisse vontade de morrer depois de ter sido separado de Genevieve, de todo mundo que amava, seus instintos de sobrevivência se manifestavam e ele sabia que, se não estivesse alerta, seria morto nesse navio.

Ele olhou em volta e viu centenas de garotos sendo empurrados para bordo, alguns parecendo inocentes, tão chocados e desorientados quanto ele, enquanto outros pareciam criminosos profissionais. Muitos deles, ele notou, eram mais altos, mais encorpados, mais velhos, com barba áspera por fazer, cicatrizes proeminentes, cabeças rapadas e um olhar que dizia que eles matariam por qualquer coisa. Até mesmo os garotos da idade dele pareciam prematuramente envelhecidos, como se a vida já tivesse percorrido seu caminho com eles.

Era um mar de rostos desesperados, de meninos e homens que sabiam que estavam sendo enviados para a morte e que não tinham mais nada a perder.

A trave foi levantada atrás dele, se fechando. A apreensão de Royce se aprofundou, e um nó pesado se formou na base de sua garganta, quando ele foi empurrado para frente, mais para dentro do navio. Ele se virou e observou os soldados cortarem as cordas que mantêm o navio em terra firme e, de repente, o navio começou a se mover.

Royce perdeu o equilíbrio quando o navio deu uma guinada para frente. Ele viu a terra ficando cada vez mais longe e viu que as docas estavam cheias de pessoas em movimento - nenhuma das quais sequer olhando para se despedir. Esse navio, ao que parecia, estava cheio de pessoas que eram dispensáveis. Ao se afastarem da costa, Royce sabia que sua vida estava prestes a mudar para sempre.

As águas ficaram mais violentas quando eles deixarem o porto. Royce lutava para se equilibrar com as mãos ainda amarradas atrás das costas. A multidão ficou ainda mais volumosa quando todos os garotos avançaram. Estavam tão apertados que ele mal conseguia respirar, com o fedor dos homens sem banho tomado. O navio parecia gemer com todo aquele peso; parecia que havia demasiadas pessoas a bordo para conseguirem sobreviver à viagem de navio. Talvez esse fosse o ponto, Royce achou. Talvez eles quisessem matar alguns deles.

De fato, Royce olhou ao redor e notou que vários garotos estavam deitados no convés, imóveis. Estavam sendo casualmente pisados pelas massas, enquanto cada vez mais pessoas avançavam pelo navio. Ele estava abismado por esses rapazes serem tão desprovidos de sentimentos ao ponto de não se importarem em pisar nos outros, se perguntando também porque os rapazes deitados no convés não gritavam de dor.

E então ele entendeu. Ele olhou para baixo e viu seus olhos bem abertos, e soube, com um calafrio, que eles estavam mortos. Se eles tinham morrido por terem sido pisados ou por qualquer outra coisa, ele não sabia. Um deles, ele notou, tinha um pequeno punhal alojado em seu peito. Royce olhou para os rostos endurecidos ao seu redor e se perguntou quem deles poderia ser o responsável. Pela aparência deles, poderia ter sido qualquer um. E provavelmente, infelizmente, sem qualquer motivo.

Royce se sentiu mais em guarda do que nunca, percebendo que seus problemas nem haviam começado. Ele estava em um navio cheio de criminosos profissionais, rapazes que estavam sendo enviados para a morte, que estavam desesperados, que matariam por qualquer coisa pequena - ou por nada.

“Em frente!”, gritou uma voz áspera.

Royce sentiu uma bota no fundo de suas costas, e se desequilibrou para frente ao ser pontapeado. Bateu a cabeça em uma estaca de madeira, que provocou nele uma dor cegante. Ele se sentiu espremido por todos os lados. De repente, o navio foi atingido por uma onda. Borrifos gelados vieram dos lados do navio, atravessando-o e encharcando Royce, deixando ele totalmente desperto. Estava gelada. A água salgada fez com que suas feridas ardessem. A água espirrou no convés sob seus pés e ele perdeu o equilíbrio, caindo, de repente de costas no chão, batendo a cabeça no convés de madeira, incapaz de recuperar seu equilíbrio com as mãos amarradas atrás de suas costas.

A próxima coisa que Royce se deu conta foi quando sentiu a dor de uma bota pesada pisando seu estômago; ele ficou em pânico quando viu que poderia ser pisoteado até a morte. Alguém pisou em sua perna, outra pessoa em seu braço. Royce olhou para cima e viu outra bota vindo em direção ao seu rosto e se preparou para a dor seguinte.

De repente, Royce sentiu umas mãos em suas costas que o colocaram de novo em pé, imediatamente antes de ser pisado. Ele olhou e viu um garoto mais ou menos com sua idade, com tristes olhos verdes e cabelos negros ondulados até o queixo. Royce ficou surpreso ao ver que ele não se parecia com os outros que aqui estavam; seus olhos estavam cheios de bondade e inteligência e ele parecia ser uma criação dos nobres.

Ele sorriu largamente, mostrando dentes perfeitos.

“Foi por pouco”, ele comentou.

Royce olhou de volta para ele, em choque, enquanto dava um suspiro de alívio.

“Você me salvou”, disse Royce, atordoado. “Porquê?”

Ele sorriu.

“Mark é meu nome”, ele respondeu, “e eu odeio vê-los pisotear as pessoas. Achei que seria uma pena deixar você morrer antes de você ter a chance de se safar lá em baixo.”

Royce assentiu com gratidão e estava prestes a agradecer - quando, logo em seguida, o próprio Mark foi empurrado pelo convés por vários guardas. Royce tentou seguir Mark, mas rapidamente o perdeu no meio da multidão que continuava se avolumando.

Royce sentiu os guardas agarrando ele por trás, puxando seus braços para trás, e se perguntou brevemente se eles estariam prestes a quebrá-los já que a dor se tornava cada vez mais intensa. Seu coração acelerou quando viu uma faca afiada. Eles iam esfaquear ele? O que tinha feito ele?

Para sua surpresa e alívio, ao invés disso, eles cortaram as cordas que amarravam os pulsos dele; e cortaram também as cordas de todos os rapazes ao seu redor. Royce imediatamente levou seus pulsos para frente, esfregando-os, roxos por terem estado amarrados, tão grato por os ter livres. Ele se perguntou se as coisas iriam mudar para melhor.

Mas então ele levou um pontapé de novo, e, um momento depois, se viu caindo pelo buraco do convés adentro que ia dar lá abaixo.

Royce caiu vários pés, se agitando no ar. Por fim, aterrizou na escuridão, batendo no chão com força.

Ele lentamente se levantou e olhou em volta, enquanto mais e mais rapazes eram jogados ao redor dele. Estava escuro aqui embaixo. Esse porão estava iluminado apenas pela luz filtrada pelas ripas acima. Ele viu os rostos dos rapazes já amontoados aqui, com centenas deles em camas de rede, centenas de pé e outras centenas dormindo no chão. Ele nunca tinha visto tantas pessoas amontadas em um espaço tão pequeno. Tinha pouco ar aqui embaixo e o fedor era esmagador.

Mais e mais garotos estavam sendo jogados no porão. Tentando se afastar dos corpos voadores, Royce entrou mais fundo, passando por cima das pessoas com

cuidado. De repente, ele ouviu uma risada sombria atrás dele.

“Porque estás a evitá-los, rapaz?”, ele ouviu uma voz perguntar. “Eles estão mortos tem muito tempo.”

Royce se virou e viu os rostos ameaçadores de um grupo de garotos atrás dele e viu quando um deles, um garoto alto com barriga grande e olhos escuros e redondos, se baixou, pegou um dos rapazes e o segurou em frente do rosto de Royce. Este recuou ao ver que o rosto do rapaz estava coberto de furúnculos, com os olhos bem abertos e a língua pendurada da boca.

O menino deu uma risada sombria.

“Não pense que não vai acontecer com você também”, ele avisou. “Eles não nos mandam aqui para baixo para viver - eles nos mandam para morrer.”

Royce sentiu sua apreensão se aprofundar quando uma nova onda de garotos foi jogada para baixo e a multidão o empurrou para frente. Ele abriu caminho pelo porão, tanto quanto conseguiu, desesperado para se libertar, na esperança de encontrar um caminho de volta para cima. Ele escorregou quando o navio balançou. Ouviu gritos e viu uma briga irromper em um canto escuro do porão. Acima de sua cabeça, no espaço apertado, ouvia o som de milhares de passos pesados, com as tábuas do chão do convés a ranger, como se o peso do mundo estivesse por cima dele. Ele começou a suar pela sensação claustrofóbica aqui embaixo; ele sentia como se tivesse ficado submerso em uma visão do inferno.

Royce esfregou seus pulsos novamente, satisfeito por os ter livres das amarras, e se perguntou se conseguiria, de alguma forma, voltar para cima. Era melhor morrer lá em cima, ele imaginou, do que aqui em baixo.

Ele olhou para frente e viu um dos garotos tendo a mesma ideia, trepando, tentando sair do porão e subir. No entanto, Royce assistiu com horror quando, de repente, ouviu o golpe de uma lança e viu o rapaz ser perfurado no peito. O rapaz caiu de costas com um baque e uma lança no peito, morto.

O rosto de um soldado apareceu acima, olhando para eles aqui em baixo, como se estivesse desafiando outra pessoa a tentar.

Royce desistiu de sua ideia e, em vez disso, recuou para o canto mais escuro que conseguiu encontrar, sabendo que, por agora, só precisava sobreviver. Finalmente encontrou uma cama de rede, no fundo do canto mais escuro, na qual um rapaz estava deitado de uma forma pouco natural. Royce olhou de perto e, como suspeitava, o rapaz estava morto, com os olhos bem abertos, uma expressão confusa no rosto, como se perguntando como era possível morrer aqui.

Royce timidamente esticou a mão, tirou da rede os dedos rígidos do rapaz e o jogou para fora. Royce odiava fazê-lo, mas se mentalizou e o corpo caiu e aterrizou no chão com um baque. Ele não tinha outra escolha. O rapaz estava morto agora, e essa rede não servia para nada para ele.

Mas então um pensamento horrível passou pela sua cabeça: o rapaz havia sido morto nessa cama de rede porque alguém a tinha querido?

Royce não tinha escolha. Ele precisava se levantar do chão, do rio de vômito, sangue e morte.

Se levantou, subiu na cama de rede e, pela primeira vez, se sentiu leve. A dor nos pés e nas costas diminuiu momentaneamente quando ele ficou lá, balançando com o navio.

Ele respirou fundo. Se enrolou como uma bola começando a balançar, com o gemido da morte ao redor dele. Ele sabia que, apesar de tudo o que ele tinha visto, seu inferno não tinha sequer começado.

CAPÍTULO OITO

Genevieve, sozinha em uma pequena cela no alto da torre do forte, encostada ao lado de uma janela aberta, olhava para as massas abaixo, chorando. Ela era incapaz de conter as lágrimas por mais tempo. Ela lembrava-se de ver Royce desaparecendo de vista, arrastado pelos cavaleiros, se fundindo no caos da multidão enquanto eles vagavam lentamente em direção às docas. Ela estava destroçada. Assistir Royce sendo atado à estaca era demais para ela; mas pior ainda foi ouvir sua condenação aos Fossos. Diante de seus olhos, o homem que ela mais amava no mundo, aquele que ela estava prestes a se casar, estava sendo levado para uma morte certa.

Não era justo. Royce havia desistido da vida para salvar a dela, invadira o castelo sem medo para arriscar tudo. Ela estremeceu quando se lembrou das mãos de Manfor agarrando-a, enquanto recordava seu senso de puro terror. Se Royce não tivesse chegado quando chegou, ela não sabia o que teria feito. Sua vida teria acabado.

E, no entanto, talvez já tivesse mesmo acabado. Ali estava ela, depois de tudo isso, ainda presa, ainda esperando para ouvir seu destino. Ela se lembrou das palavras de Lorde Nors e elas soavam em seus ouvidos como uma sentença de morte:

No entanto, sua noiva nunca será sua. Ela se tornará propriedade de um de nossos nobres.

Nada os superava; *nunca* nada os superava. Os nobres governaram suas vidas e sempre tinha sido assim. Desrespeitar um deles significava uma possível morte - e matar um deles era certeza disso. E, no entanto, Royce não tinha hesitado em matar um deles por ela.

Genevieve estremeceu com o pensamento. Ela tinha visto naquele momento o quanto Royce a amava. Tinha sido tão fácil para ele desistir de sua própria vida pela dela. Ela queria arriscar tudo por ele também, o que a fazia sentir pior por estar presa aqui, incapaz de ajudá-lo.

Um ferrolho pesado de ferro deslizou de volta para o outro lado da porta, quebrando o silêncio, e Genevieve se encolheu em sua cela solitária. Veio o som da grossa porta de madeira rangendo quando foi aberta, e ela viu dois soldados de pedra esperando por ela silenciosamente. Ela ficou com medo. Estariam eles ali para a levar para a sua morte?

“Você será vista agora”, um anunciou rispidamente.

Eles ficaram ali em silêncio, esperando, mas ela permaneceu estática, congelada de terror. Uma parte dela queria ficar aqui, sozinha nessa cela, uma prisioneira pelo resto de seus dias. Ela não estava pronta para enfrentar o mundo e, certamente, não estava pronta para enfrentar os nobres. Ela queria mais tempo para processar tudo e mais tempo para pensar em Royce. No entanto, ela sabia que voltar a sua vida normal não era mais uma possibilidade. Agora, ela era propriedade desses nobres. Propriedade deles para eles fazerem o que quisessem.

Genevieve respirou fundo na quietude e deu um passo à frente, depois outro. Andar na direção desses homens era pior do que caminhar até a forca.

Enquanto eles andavam pelo corredor, a porta batendo atrás dela, um agarrou-a com força, muito rudemente, seus dedos calejados cavando na carne macia de seu braço. Genevieve queria gritar de dor. Mas ela não fez. Ela não lhe daria a satisfação.

Ele se aproximou tanto que ela podia sentir sua respiração quente em seu rosto.

“Seu namorado matou meu lorde”, disse ele. “Ele sofrerá. Você também sofrerá - embora de uma maneira diferente. Um caminho mais longo e cruel.”

Ele a empurrou, conduzindo-a pelos corredores tortuosos e giratórios, o som de seus passos ecoando na pedra e, ao passarem, Genevieve estremeceu. Ela tentava não pensar no que a esperava. Como tudo tinha acontecido assim? Isso começara como o dia mais feliz de sua vida - e de alguma forma se transformara em tragédia.

Quando passaram pelas janelas abertas, Genevieve olhou lá para fora e viu o pátio embaixo, a multidão indo e vindo, todos eles já de volta à sua rotina diária. Ela se perguntou como a vida poderia continuar assim, como se nada tivesse acontecido. Para ela, a vida mudara para sempre. No entanto, o mundo parecia não se abalar.

Quando ela olhou para a pedra lá embaixo, sentiu uma súbita onda de esperança. Ela *tinha* um último poder à sua disposição: o poder de acabar com tudo. Tudo o que ela tinha que fazer era se libertar do aperto deste soldado, correr e saltar pela janela aberta. Ela poderia acabar com tudo isso.

Ela calculou quantos passos seriam necessários, se ele a pegaria antes que ela saltasse, e se a queda seria suficiente para quebrar seu pescoço. Pensando nisso, ela sentiu uma sensação perversa de alegria. Era o único poder que ela ainda tinha. Era a única coisa que ela poderia fazer para mostrar sua solidariedade a Royce. Se Royce ia morrer, ela deveria morrer também.

“Do que você está sorrindo?”, o guarda assobiou.

Ela não respondeu, ela nem se tinha dado conta deque estava sorrindo. Suas ações responderiam por ela.

Com o coração acelerado, Genevieve esperou que o aperto dele diminuísse para que ela pudesse puxar o braço e fugir. No entanto, para seu espanto, ele ainda

apertou com mais força, nunca a soltando por um segundo.

Genevieve ficou desolada caiu quando eles desceram um novo corredor, um sem janelas. Eles chegaram a uma nova porta e quando ele a conduziu para dentro, ela entendeu que sua oportunidade estava perdida.

Da próxima vez, ela disse a si mesma.

Genevieve entrou em uma câmara abobadada, escura e fresca, com tetos altos. Ela foi levada para o centro da sala pelos dois guardas, que finalmente a soltaram e ficaram a poucos metros de distância. Ela esfregou o braço onde ele havia agarrado, aliviada por tê-lo livre.

Diante de Genevieve estava um homem, claramente um nobre pela aparência. Ele estava em frente a ela, a poucos metros de distância, e olhou de volta com um olhar frio e duro. Ele parecia examiná-la como se ela fosse uma estátua ou uma obra de arte interessante que foi trazida diante dele.

Ela teve uma sensação imediata de repulsa ao olhá-lo: ele se parecia com Manfor. Seu irmão, talvez?

Ele ficou ali, com seus belos traços esculpidos, um homem de talvez vinte anos, um olhar arrogante no rosto, não muito carrancudo. Vestido com o melhor dos veludos, indicativo de sua posição, ele estava acompanhado por outros dois homens mais velhos, vestidos igualmente de forma luxuosa. Atrás deles estavam vários criados. Os olhos do nobre estavam vermelhos, como se ele estivesse estado chorando, e seu rosto estava emoldurado por longos cabelos castanhos ondulados. Ele seria atraente, ela pensou, se o rosto dele não estivesse inchado com tanta arrogância e crueldade.

O rapaz olhou friamente para ela. Trancando as mandíbulas, ela olhou para ele, imune ao seu ódio. Afinal de contas, ela não queria a aprovação de ninguém.

Um longo e pesado silêncio cobriu o quarto enquanto cada um deles ficou lá, olhando em silêncio. A sala estava cheia da tensão silenciosa da dor, da culpa, da raiva, da vingança. Quase nada precisava ser dito.

Finalmente, o homem falou.

“Você sabe quem eu sou?”, ele perguntou. Sua voz não era desagradável, suave no ar, uma voz de autoridade, de privilégio, de direito.

Ela olhou nos olhos castanhos dele, estudando-os.

“O irmão de Manfor, eu presumo”, ela respondeu, sua voz rouca pela falta de uso.

Ele balançou sua cabeça.

“Eu *era* irmão dele”, ele corrigiu. “Meu irmão está morto agora, graças a você.”

Seus olhos se estreitaram em desaprovação quando ele olhou para ela como se ela tivesse apunhalado seu irmão. Ela desejou que ela tivesse mesmo o apunhalado. Ela desejou que ela pudesse tirar o sofrimento de seu amado Royce, que ele não tivesse que sofrer por causa dela.

Ela queria desesperadamente acabar com isso. Afinal, ali perante si, estava seu inimigo. Ela examinou a sala discretamente, procurando por quaisquer armas - uma espada que ela pudesse desembainhar, um punhal que ela pudesse jogar - qualquer coisa que ela pudesse mergulhar no coração desse homem. Seu pensamento rapidamente se transformou em resolução. Ela notou que um dos guardas, agora olhando para longe, tinha uma adaga no cinto, na cintura. Ela questionou-se se a conseguiria arrebatá-la, imaginando a rapidez com que poderia dar alguns passos e apunhalá-lo antes que conseguissem detê-la.

“Você ouviu o que eu te perguntei?”

Ela piscou e olhou para ele, despertando, sem saber o que ele tinha estado falando.

“Eu disse”, ele repetiu, “que meu nome é Altfor. E seu precioso Royce estaria morto agora se não fosse pelos camponeses. De fato, nada me dava mais prazer do que o ver decapitado na praça. No entanto, em última análise, isso não importa. Ele morrerá de qualquer maneira, ainda que de maneira longa e tortuosa nos Fossos. Eu suponho que isso seja melhor, apesar de me roubar a minha satisfação.”

Genevieve estava indignada e Altfor deu um passo à frente. Seu desdém se aprofundou.

“A vida do meu irmão foi roubada dele”, ele fervia. “Meu irmão. E por um pobre camponês. É *vergonhoso*! Ele gritou, suas palavras ecoando nas paredes e no chão, sua raiva permanecendo no ar.

Ele baixou a voz.

“E tudo por *você*”, concluiu com desprezo.

Um pesado silêncio caiu novamente. Ela não tinha intenção de responder. Ela não se importava se ele estava com raiva – na verdade, ela queria que ele estivesse. Ela queria que ele sofresse, como ela havia sofrido.

“Você não tem nada a dizer?”, ele finalmente cutucou.

Um longo silêncio permaneceu entre eles, cada um encarando o outro, cada um igualmente determinado, até que finalmente ela falou:

“O que é que você gostaria que eu dissesse?”, ela perguntou.

Seu olhar endureceu.

“Que você está arrependida. Que você nunca quis que isso acontecesse. Que você está feliz que Royce vai morrer.”

Genevieve apertou as mandíbulas.

“Nada disso é verdade”, ela respondeu, sua voz cheia de uma calma que ela não tinha sentido até agora. “Estou muito feliz que seu irmão esteja morto. Ele era um ladrão e um assassino e um estuprador. Ele me sequestrou no dia do meu casamento; ele me roubou a maior alegria da minha vida; e como resultado das ações hediondas de seu irmão, o homem que me amou, o homem que veio para me salvar, agora é um exilado. Lamento apenas que seu irmão não tenha morrido antes - e que eu mesma não tenha encravado a lâmina.”

Suas palavras saíram com raiva e veneno para combinar com as dele, e ela podia ver cada uma machucando-o. Ela viu também seu olhar de surpresa. Claramente, ele esperava que ela cedesse - e ela não cedeu.

Ele a encarou em choque e, talvez, com uma pitada de respeito.

“Você é uma menina determinada, não é?”, ele disse, balançando a cabeça lentamente. “Sim. Isso é o que eles dizem sobre você. Uma garota com muito espírito. E ainda, de que serve o espírito na vida de uma menina? Qual será a sua ocupação, afinal de contas? Esposa. Mãe. Você estará gastando seus dias costurando e tricotando, limpando a parte de trás das crianças. Que propósito o seu espírito lhe servirá então?”

Ela franziu o cenho.

“Você tenta manchar uma profissão que é mais nobre que a sua”, ela cuspiu de volta. “Você tenta manchar a profissão de sua própria mãe - embora considerando a qualidade do trabalho dela... eu não esteja surpresa.”

Ele franziu a testa, claramente sem palavras, e ela o encarou, silenciosamente furiosa. De fato, resolvera ser uma esposa e mãe devota e, para ela, não havia um chamado maior. Ela também resolveu treinar, ser uma guerreira por direito próprio; ela já era mais habilidosa com uma espada do que a maioria dos meninos. Ela já havia conquistado por si mesma a sua parte da caça, algo que outras garotas não fariam, e tinha uma mira mais apurada com a flecha do que a maioria dos homens que conheceu. Mesmo Royce não era tão preciso quanto ela.

“A ironia é que, se eu tivesse um arco e flecha à minha disposição agora, colocaria a flecha entre os seus olhos antes que você pudesse terminar de falar. Esposa e mãe não são talentos exclusivos”, ela respondeu. “Eu tenho outros talentos também, que eu ficaria feliz em mostrar em você.”

Ele a fitou, claramente atordoado.

Então, depois do que pareceu uma eternidade, ele abriu um sorriso.

“Eles subestimaram você, de fato”, ele respondeu. “Meu irmão pegou você como um esporte para descartar no final do dia. Ele claramente não tinha ideia de quem ele havia escolhido.”

Ele a examinou de cima a baixo com um novo olhar, um olhar que claramente carregava respeito e, até mesmo, um pouco de admiração. Ela não gostou do olhar; ela preferia quando ele a olhava apenas com desprezo.

“Estou acima de sua posição”, continuou ele. “E ainda vejo algo em você. Meu irmão passou por você por engano; eu vou escolher você por vontade própria. Você não pode ser morta, se quisermos apaziguar o campesinato. Nem podemos libertá-la, depois de tudo o que você esteve envolvida, seja de bom grado ou não.”

Ele suspirou.

“Então, eu vou tomar sua mão em casamento”, concluiu, como se estivesse negociando em uma fazenda e comprando uma ovelha particularmente boa para a refeição da noite.

Genevieve o encarou, espantada.

“Considere uma grande sorte eu ter encontrado você aqui hoje”, continuou ele. “Quase todas as mulheres nesse campo morreriam para ser minha noiva; você venceu. Conte suas bênçãos. Você entrará em uma vida de nobreza e eu resolverei esse assunto em nome de meu pai e trarei paz ao campesinato. Colocaremos todos esses negócios desagradáveis para trás, para o bem de nossas famílias e do nosso reino.”

Enquanto ele falava, Genevieve sentia a vida se esvaindo lentamente, sentia o corpo entorpecido pelo choque. Ela não ficou surpresa por ele querer possuí-la; de fato, ela esperava ser estuprada e torturada por ele, até mesmo morta. O que a surpreendeu foram as palavras dele. Que eloquentes, que elegantes eram. Ele a elogiara quando não precisava; ele até falou com admiração dela. Ele não a tomaria como seu brinquedo, como ela esperava, mas como sua *esposa*. Como membro de sua família. Como da nobreza.

Era tudo, claro, extremamente insultante, dado o que acabara de fazer ao amor de sua vida, ao homem que ela mais amava. No entanto, o que mais a incomodava era que também havia algo de cortesia naquilo tudo. Ela desejou que não houvesse; tornaria tudo isso mais fácil de aceitar como punição. Apesar de seu intenso ódio por ele, apesar de querer apunhalá-lo através do coração, ela teve que admitir para si mesma que havia uma parte dela, lá no fundo, que estava surpresa por ele e que talvez até o admirasse também. Apesar de sua arrogância, ele parecia diferente de seu irmão; o contraste era surpreendente e a pegou completamente desprevenida.

Genevieve sentiu-se mal, sentindo-se traidora por pensar tais coisas e se odiava por isso. Só havia uma maneira de afastar esses pensamentos ‘não-tão-negativos’ sobre ele de sua mente: ela examinou a sala novamente em busca da adaga. Seu coração batia mais rápido enquanto ela se preparava para ir em frente.

Ele riu, surpreendendo-a.

“Você nunca vai chegar a essa adaga”, disse ele.

Ela se encolheu e olhou para trás para vê-lo olhando para ela, sorrindo.

“Olhe com cuidado”, acrescentou. “Está amarrada por todos os lados. Tente tirá-la da bainha e você ficará presa. Então esqueça isso.”

Ela seguiu a mão dele e a viu repousando sobre uma adaga em seu próprio cinto.

Ela ficou vermelha, sentindo-se tola, sabendo que sua mente tinha sido lida. Altfor era muito mais perspicaz do que ela tinha pensado.

Ele olhou para seus guardas. Os olhos dele, de repente, ficaram frios novamente.

“Levem-na embora.”

De repente, foi novamente agarrada por mãos ásperas, puxando seus braços, levando-a para longe. Ela esperava verdadeiramente que Altfor ordenasse que eles a levassem para a forca, que eles a matassem por ela tentar matá-lo. Mas em vez disso, ele ordenou algo que a chocou mais do que se ele a tivesse condenado à morte:

“Limpem-na”, disse ele. “E a preparem para casar.”

CAPÍTULO NOVE

Raymond sempre pensou em si mesmo como o esperto. Ele era o mais velho dos irmãos, sem a tendência de Lofen de entrar em brigas ou da impulsividade de Garet. Quanto a Royce... bem, Royce era diferente. Qualquer idiota poderia ver isso.

“O que eu preciso ver”, disse Raymond enquanto eles faziam o seu caminho através do cerrado fora da aldeia, “é uma maneira que todos nós podemos sair disso vivos.”

“O que precisamos fazer é reunir todos os homens da nossa família e tomar o castelo”, disse Lofen.

Raymond riu amargamente disso. “A menos que eu tenha me enganado no último dia de festa, não há parentes nossos suficientes para tomar uma casa de esquilos, quanto mais um forte como esse.”

Essa era a parte mais difícil de aceitar. Eles tinham lutado para distrair os guardas do castelo, mas não conseguiram salvar Royce, e mal conseguiram escapar. Eles tinham tentado estar lá para o julgamento, tinham estado nas multidões nas docas e, a cada vez, tinha havido homens demais, guardas demais para fazer qualquer coisa além de morrer tentando ajudar.

“Então precisamos ir para casa”, disse Garet. É claro que os mais novos gostariam de correr atrás e se esconder atrás das saias de sua mãe. Uma parte de Raymond também queria, mas ele sabia que não funcionaria assim.

“Se formos para casa, encontraremos cavaleiros esperando por nós”, disse Raymond. “Precisamos ficar longe até que a poeira abaixe, encontrar um lugar seguro nas colinas, tentar descobrir o que acontece depois.”

Eles fugiriam pelo mar? Eles iriam até os confins longínquos do país, onde diziam que ainda restavam os da tribo Picti, dos dias antes dos verdadeiros homens terem lá chegado? Quanto tempo eles poderiam fugir? Quanto tempo eles poderiam se esconder?

Não, pensou Raymond, apesar de tudo, seus irmãos estavam certos. Eles precisavam encontrar uma maneira de ajudar Royce. Se eles pudessem levar reforços para o lugar onde Royce tinha sido levado, a Ilha Vermelha, então talvez eles pudessem tirá-lo, e com ele lá, talvez eles pudessem fazer mais.

“Quantos primos e amigos nós realmente temos?”, Raymond perguntou aos outros.

Eles começaram a totalizá-los.

“Há os meninos da tia Willa”, disse Garet, “e talvez pudéssemos convocar um encontro, atrair os homens interessados.”

“Isso é tão bom quanto um convite para as forças do Duque...”, disse Lofen. “Bem, eu tenho alguns amigos que gostam de uma boa luta...”

Garotos que eram bons com os punhos, não homens com espadas. Mesmo assim, Raymond estava disposto a aceitar toda a ajuda que pudessem obter para isso.

“Temos que arriscar ir até a aldeia”, declarou ele aos outros. “Vamos pegar homens lá, encontrar alguém com um barco. Podemos não ter o suficiente para tomar o castelo, mas acho que podemos encontrar o suficiente para tirar nosso irmão de uma ilha.”

Eles partiram na direção da aldeia, mantendo-se abaixados, afastando-se da estrada o melhor que conseguiam. Raymond conseguia ver a aldeia à distância agora, e ele esperava poder encontrar ajuda suficiente ali. Eles não podiam deixar Royce enfrentar sozinho o seu destino.

Eles poderiam chegar lá e encontrar essa ajuda sem ter problemas? A resposta para isso veio no som de cascos trovejando sobre o chão molhado.

“Fujam!”, Raymond gritou, mesmo antes dos cavaleiros aparecerem. Havia pelo menos uma dúzia deles, verdadeiros soldados e sargentos de armas.

Eles fugiram, mas mesmo conhecendo melhor o local, eles não podiam fugir dos cavalos. A dúzia que os perseguia fez um círculo à volta deles, cavalgando como se estivesse se preparando para uma justa.

“Sua senhoria diz que vocês devem ser levados vivos”, um dos cavaleiros gritou. “Entreguem-se e não serão mortos.”

Raymond sacou a espada. Ele e seus irmãos podiam não ser nobres guerreiros, mas eles treinavam todos os dias, no entanto.

“Você vai ter que nos levar à força se você quiser”, ele gritou.

Os cavaleiros avançaram, empurrando com as pontas de suas lanças, usando-as como porretes. Raymond não sentiu a necessidade de se conter dessa forma, golpeando um deles e sentindo sua espada raspar a armadura do homem.

Ele viu Garet derrubado primeiro, atingido pelo golpe de uma lança. Lofen durou um pouco mais, conseguindo arrastar um homem de seu cavalo, mas rapidamente descobriu que havia mais três lá para agarrá-lo.

Raymond correu para ajudar, balançando a espada para o mais próximo dos homens. Ele bateu com força, sentindo a espada morder profundamente enquanto atingia o primeiro. Ele girou para encarar o próximo deles, e evitou um golpe direto, desviando para trás o suficiente para sentir o aço raspar na pele.

Ele ouviu o som de cascos nas proximidades e começou a girar novamente, mas desta vez ele estava muito lento. Raymond sentiu o baque surdo quando o cabo de uma lança o atingiu atrás da orelha. O mundo pareceu rodar e então Raymond caiu de joelhos, sua espada saindo de sua mão. Mãos ásperas agarraram

seus braços, arrastando-os para trás para amarrá-los. Nessa hora, porém, ele já estava deslizando para a inconsciência...

*

Raymond recuperava e perdia a consciência, sentindo o solavanco do cavalo sobre o qual ele havia sido colocado amarrado. Nos momentos em que ele estava consciente, ele foi capaz de distinguir seus irmãos, pendurados nas costas de outros cavalos.

À frente, ele podia ver o castelo do senhor, a ponte levadiça aberta, pronta para recebê-los. Os cavalos cavalgaram para dentro, os cavaleiros lá agarraram seus braços e atiraram-no ao chão, para baixo do cavalo em que estava sendo transportado. Eles arrastaram ele e os outros para uma porta de ferro ao final de uma descida por escadas. Um guarda estava sentado em um banquinho, com as chaves penduradas nos dedos.

“Você os pegou, então”, disse ele. “Sua senhoria disse para jogá-los na masmorra principal e ver se alguém os esfaqueia.”

O cavaleiro segurando Raymond assentiu. “Garotos bonitos como esses, terão sorte se for o pior que acontecer com eles.”

O carcereiro arrastou a porta e os cavaleiros levaram Raymond e seus irmãos para o espaço escuro. Havia celas individuais perto da porta, algumas delas com ocupantes, junto a uma sala onde gritos vinham de trás da porta, de um modo que causava arrepios na espinha de Raymond.

Havia uma porta além dela, que o carcereiro abriu cautelosamente, recuando como se esperasse que alguém saísse de lá de repente. Havia degraus que levavam para mais além, em um espaço totalmente escuro.

“É onde jogamos as pessoas que queremos esquecer”, disse o carcereiro. “Aproveite. Eu sei que eles vão gostar de você.”

Os cavaleiros jogaram Gareth e Lofen, e depois foi a vez de Raymond. Eles cortaram as cordas em seus pulsos e, em seguida, empurraram-no para o espaço além da porta. Ele desceu as escadas parcialmente correndo, parcialmente se equilibrando, e aterrissou em uma pilha no fundo.

Na escuridão, ele podia ver os olhos dele, e ele sabia que se ele e seus irmãos não ficassem juntos, eles estariam tão mortos quanto se tivessem sido executados.

CAPÍTULO DEZ

Royce estava sentado no porão do navio, encolhido em um canto escuro com as mãos em volta dos joelhos, e abriu os olhos devagar, acordado de um sono intermitente. Imediatamente alerta, ele espreitou, como sempre fazia desde que tinha sido jogado ali. Seus olhos se ajustaram lentamente enquanto olhava para uma sala cheia de caos e morte.

O que ele viu o fez desejar que nunca tivesse acordado. Era um cenário muito sombrio, mais pessoas mortas ali do que vivas, corpos cobrindo o chão, cobertos de furúnculos e vômito. O fedor era quase insuportável. Ele ficou espantado porque ver mais e mais garotos sendo empurrados para lá, em um fluxo aparentemente interminável. Esse porão era usado como um local de despejo, supostamente para punições que aconteciam lá em cima ou apenas para os azarados.

Todas as camas de rede estavam cheias de jovens, alguns alerta, outros roncando, alguns olhando fixamente para o teto, todos balançando mais do que o normal, enquanto Royce sentia ondas batendo no barco. Ele desejava estar em uma rede agora. No entanto, ele aprendera há muito tempo que era melhor desocupar a rede e ir para o chão. Ele tinha visto muitas crianças mortas por dormirem em redes, com outras rastejando sobre elas e esfaqueando-as por quererem seu lugar para dormir. Ficavam incapazes de resistir estando presas na cama de rede. Royce há muito havia se mantido no chão, encontrando o canto mais escuro que conseguia e dormindo com as mãos nos joelhos, de costas para o canto, para que ninguém o atacasse. Era mais seguro assim.

Uma vez por dia, os guardas abriam a escotilha, deixando entrar luz e uma rajada de ar do oceano. No começo, Royce pensava que isso significava que eles deixariam todos subir e ter um pouco de liberdade para se mover. Mas então viu enormes sacos sendo abertos e jogados no chão, ouvindo o barulho de algo se espalhando no chão, parecendo ser areia. Assim, vendo os meninos se jogarem para cima daquilo, como animais selvagens, agarrando punhados, entendeu: grãos. Tinha chegado a hora da refeição deles.

Os meninos empurravam isso em suas bocas, empurrando os outros para o lado, se agredindo, cotovelando, com sangue caindo no grão. Era uma competição brutal pela sobrevivência - e acontecia uma vez por dia. Os guardas sempre deixavam a escotilha aberta o tempo suficiente para assistir, sorrindo para o espetáculo. Depois a fechavam com um estrondo.

Royce disse a si mesmo que nunca iria participar daquele triste espetáculo. No entanto, depois de um dia, sua fome falou mais alto e ele mergulhou com os outros, pegando um punhado de grãos, enquanto outro menino tentava arrancá-lo de suas mãos. Eles brigaram brevemente, até que Royce o empurrou e o menino foi para

outro lugar. Royce engoliu imediatamente. Eram crocantes e sem gosto. Dificilmente o nutririam. Mas era alguma coisa. Ele aprendeu a lição também - no dia seguinte, ele tentaria pegar dois punhados e racioná-los.

Estava sendo uma existência sombria aqui, uma questão de sobrevivência, dia após dia, esperando pela abertura da escotilha, pegando qualquer comida que conseguisse e voltando novamente para seu canto. Ele tinha visto muitos meninos morrerem; ele havia tolerado por muito tempo o fedor perpétuo. Ele observara muitos valentões percorrendo o porão, predadores, esperando até que outros garotos parecessem fracos demais para lutar - depois atacando-os e pegando os poucos pertences que possuíam. Era constantemente inquietante.

Royce mal dormia. Ele era perturbado constantemente por pesadelos, imagens em que era esfaqueado em seu sono, em que flutuava em um caixão em um mar de sangue, em que era engolido pelas ondas enormes do oceano. Essas imagens, por sua vez, se transformavam em pesadelos com Genevieve, em que ela estuprada pelos nobres do castelo, em que ele chegava tarde demais para salvá-la. Pesadelos com seus irmãos e familiares, sua casa e campos queimando até o chão, e pesadelos em que todos eles se tinham mudado, tendo esquecido ele havia muito tempo.

Ele sempre acordava suando frio. Ele não sabia o que era pior nos dias de hoje: dormir ou acordar.

Nesse dia, porém, quando Royce acordou, ele imediatamente entendeu que algo estava diferente. Ele ficou com medo, mais do que o habitual, ao ouviu o barulho das ondas contra o convés com mais força, ao ouvir o assobio agudo do vento. Ele soube imediatamente que uma tempestade havia chegado. E não uma tempestade normal. Mas uma tempestade que poderia mudar tudo.

Gritos em pânico vieram de algum lugar bem alto, seguidos pelo som de botas correndo pelo convés, mais apressadas do que antes, e um momento depois, para surpresa de Royce, a escotilha foi aberta. Nunca havia sido aberta tão cedo no dia.

Ele se sentou, alerta.

Algo estava errado.

Ele olhou para o céu, uma imagem tão luxuosa nos dias de hoje, e viu que estava cheio de nuvens escuras e furiosas, movendo-se rápido demais; ele viu a chuva caindo, tão severa que estava caindo de lado. Ele nem precisava vê-la - o som da água atingia primeiro. Ele olhou para a escotilha aberta, mas não viu várias mãos fortes abrindo-a, como de costume. Em vez disso, ela se abriu sozinha - puxada por uma rajada de vento.

Royce observou, surpreso, quando a escotilha de madeira de cem quilos levantou-se de repente, por si só, e girou e voou no ar, como se fosse um brinquedo

de criança. Ele engoliu em seco. Se os ventos conseguiam fazer isso com algo tão pesado, o que eles poderiam fazer com um homem?

De fato, o som dos ventos estridentes abafava tudo, um som tão intenso que infligiu o terror nele mesmo lá embaixo. Soava como se estivesse rasgando o navio em pedaços. Enquanto ele observava, uma tábua de madeira voou para o ar, direto do convés.

De repente, ele se assustou, quando o navio baixou e uma enorme onda bateu contra o casco. Ele sentiu como se o navio tivesse caído quinze metros. Ele ficou surpreso que o navio não virou.

Royce olhou para os outros garotos, seus rostos finalmente visíveis à luz do sol, todos parecendo cheios de esperança de ver o céu - mas também cheios de terror diante da tempestade. A liberdade estava finalmente bem diante deles, uma chance de subir, de ir para cima e sair desse inferno.

No entanto, nenhum deles ousou se mover. Todos ficaram congelados pelo terror da tempestade.

De repente, uma corda pesada caiu pela escotilha, aterrissando com um baque como uma serpente enrolada. Lá, apareceu o rosto de um guarda, segurando uma estaca para os salvar, olhando com desconfiança para baixo enquanto se inclinava.

“Ocupem o convés!”, ele gritou, lutando para ser ouvido pelo vento. “Todos vocês aqui em cima agora!”

Ninguém se mexeu.

Ele parecia irado.

“Venham agora, ou eu vou aí embaixo e mato cada um de vocês eu mesmo!”

Ainda assim, nenhum se moveu.

Um segundo depois, uma lança veio voando pelo ar, e Royce assistiu com horror quando ela perfurou o peito de um menino ao lado dele. O garoto gritou, preso ao chão do porão, instantaneamente morto.

Dois guardas pularam, ergueram suas espadas, agarraram os garotos mais próximos e os esfaquearam no peito.

Quando os meninos caíram, os guardas se viraram e olharam o resto.

Todos os outros garotos entraram em ação, correndo para as cordas, subindo e saindo do porão. Royce foi com eles. A morte certamente o esperava lá em cima - mas pelo menos seria uma morte mais limpa. Talvez ele tivesse sorte e uma onda o levasse para o mar e ele pudesse deixar todo esse pesadelo para trás.

Royce olhou para cima e viu quando o primeiro garoto subiu, lutando, fraco e desnutrido. Ele finalmente chegou ao convés e, ao fazê-lo, agarrou o corrimão, levantou-se e rastejou pela balaustrada. Ele fez isso sem jeito, levantando as pernas no ar. Royce observou com horror o garoto perder o controle e voar pelo ar,

erguido pelo vento como uma tábua de madeira. Ele girou de novo e de novo, seus gritos abafados pelo vento, até que ele voou sobre a balaustrada e caiu no mar.

A apreensão de Royce se aprofundou. Sua vez finalmente chegou, e ele agarrou a corda firmemente, seu coração batendo em seus ouvidos, e subiu um pouco de cada vez. O barulho do vento ficou mais alto quando ele levantou a cabeça, e, por fim, ele agarrou o convés, com as mãos tremendo.

O barulho era insuportável aqui em cima e a visibilidade quase zero. Ele rastejou pela borda, fora do porão pela primeira vez em semanas, lutando para viver. Ele perdeu o controle e escorregou, seu corpo deslizando pelo convés, e, depois, se agarrou novamente. Ele havia aprendido com os erros dos outros, mantendo seu corpo baixo e rastejando ao longo do convés.

Royce agarrou uma estaca firmemente presa ao chão e rastejou contra o vento, lutando por cada centímetro, até que finalmente encontrou um local onde ele conseguiu se apoiar. Ele agarrou duas estacas, uma em cada mão, apoiando os pés contra duas estacas atrás de si, abrigando-se atrás de um mastro alto. Ele se sentiu estável aqui, mesmo quando o barco balançou violentamente de um lado para o outro e subiu e despencou, com as ondas quebrando ao redor dele.

“Traga essa vela!”, gritou um soldado ao vento.

Royce olhou para uma vela batendo violentamente no alto, seu peso dobrando o mastro até quase se romper. Ele sentiu a lança de um soldado cutucá-lo nas costas e sabia que, se não entrasse em ação, encontraria outra morte.

Royce se levantou e agarrou o mastro, abraçando-o com toda a sua força. Segurando-o com uma mão, estendeu a outra e agarrou a corda pendurada, puxando-a para dentro. A corda grossa e molhada escorregava em sua mão, mas quando ele puxou, vários outros garotos se juntaram a ele, eles também, cutucados pelos soldados. Juntos, todos eles puxaram e, a pouco a pouco, conseguiram baixar a vela. Quando ela foi enrolada, o mastro grosso parou de dobrar e o navio endireitou-se e balançou-se com menos violência.

Uma forte rajada de vento soprou e Royce segurou o mastro com força. O menino ao lado dele, no entanto, não reagiu tão rapidamente, e antes que pudesse agarrar-se, perdeu o equilíbrio e foi tropeçando para trás, aterrissando de costas no convés. Uma onda atacou e o navio virou de lado. Royce observou o garoto deslizar todo o caminho através do convés, uma dúzia de outros garotos deslizando com ele, até que todos caíram ao mar, gritando.

Royce olhou para fora e viu um exército de calotas brancas pontilhando os mares, e ele sabia que não os veria novamente. Seu medo se aprofundou. Ele sentia cada vez mais que não sobreviveria.

“Amarre forte essa tela!”, gritou um soldado.

Royce entendeu que a vela de lona estava batendo descontroladamente sobre a cabeça e ele estendeu a mão e agarrou-a, tentando amarrá-la. Ela escorregou de suas mãos, mas ele finalmente conseguiu segurá-la com o braço e com força. Agarrou a corda que balançava ao vento e enrolou-a novamente na tela, amarrando-a ao mastro.

O navio de repente balançou e virou de lado novamente, e enquanto Royce se apegava à sua própria vida, ele observou vários meninos indo para o outro lado, em direção à balaustrada do navio. Ele reconheceu entre eles o garoto de cabelos negros e ondulados, que o havia salvo, semanas antes, daquele pisoteamento: Mark. Lá estava ele, deslizando, tentando agarrar qualquer coisa que pudesse, mas incapaz de fazê-lo. Em instantes ele cairia ao mar.

Royce não podia deixá-lo morrer.

Por mais arriscado que fosse, Royce se agarrou ao mastro com apenas uma mão e estendeu a outra para ele.

“AQUI!”, ele gritou.

Mark olhou, estendeu a mão e, ao passar, conseguiu segurar. Ele segurou firme, olhando para Royce com medo e desespero em seus olhos, e acima de tudo, gratidão. Royce o agarrou com todas as suas forças, não deixando que ele deslizasse para o outro lado enquanto o navio se tornava quase vertical. Os outros garotos, porém, gritando, caíram ao mar.

Royce segurava com as mãos trêmulas, sentindo como se todos os seus músculos estourassem, rezando para o navio se endireitar. Ele mal conseguia segurar o mastro com a outra mão, seu pulso já perdendo as forças. Ele sabia que em poucos momentos, ele também iria ao mar.

“Me deixe ir!”, Mark gritou. “Você não vai conseguir!”

Mas Royce balançou a cabeça, sabendo que ele tinha que salvá-lo. Ele devia isso a ele.

Finalmente, o navio se endireitou, e Royce sentiu seus músculos relaxarem quando Mark foi capaz de se ajeitar e agarrar o mastro ao lado dele. Os dois ficaram ali, abraçando o mastro, respirando com dificuldade.

“Eu te devo uma”, Mark gritou.

Royce sacudiu a cabeça.

“Estamos quites.”

Royce ouviu um grito atrás dele, e ele se virou para ver um dos valentões de baixo erguer sua adaga e apunhalar um garoto inocente nas costas; ele então pegou um saco que estava amarrado na cintura do menino morto e guardou para si. Royce balançou a cabeça, espantado porque esses predadores atacariam mesmo no meio de uma tempestade dessas.

No entanto, um momento depois, uma enorme onda envolveu todo o navio, e aquele valentão, por sua vez, foi voando para o mar.

A onda embaralhou os sentidos de Royce. Por um momento ele ficou completamente submerso em água gelada, e, em seguida, a onda foi embora rapidamente, deixando-o ofegante, tentando recuperar o fôlego. Ele piscou e limpou a água de seus olhos e cabelos e ficou aliviado ao ver que Mark ainda estava lá, se segurando. Ele sentiu mais frio do que nunca e, ao olhar para o mar revolto à sua frente, cheio de calombos, Royce sabia que isso só pioraria. Ele entendeu então que ficar aqui em cima, acima do convés, significaria morte certa.

“Nós não vamos sobreviver aqui!”, Royce gritou para Mark.

Mas antes que ele pudesse terminar a frase, outra onda desabou sobre eles; mais uma vez eles seguraram, mas quando a onda desapareceu, Royce assistiu a vários homens serem puxados para o oceano - incluindo o soldado que estava de guarda sobre ele.

“Temos que descer para o fundo do convés!”, Royce gritou.

Royce olhou para os soldados restantes e viu que eles estavam preocupados em continuar vivos; ele duvidava que eles o vissem desaparecer ou tivessem tempo de embarcar numa perseguição.

“Vamos lá!”, Mark gritou de volta.

Ambos soltaram o mastro e correram para o porão aberto abaixo - mas, quando o fizeram, outra enorme onda desabou sobre eles. Eles caíram no convés de madeira e deslizaram quando o barco virou quase de lado. Royce se agitou embaixo da água, apontando para o porão aberto, tentando se virar - e, um momento depois, para seu alívio, sentiu-se despencar lá para baixo enquanto a onda passava. Ele sentiu um corpo aterrissar ao lado dele, e ele sabia que Mark também tinha conseguido.

Royce não pousou em um chão de madeira dura, como ele esperava, mas em vários metros de água. O porão, ele entendeu com medo, estava inundando.

Royce se levantou e viu que a água lá embaixo estava a poucos metros de profundidade, girando ao redor. Ele viu algo passar e sentiu a pancada na perna, e olhou para baixo e viu que era um cadáver, um dos muitos garotos que tinham morrido lá embaixo. Ele inspecionou o porão e viu, para seu horror, que a água estava cheia de cadáveres flutuantes. As chances de sobrevivência aqui também eram pequenas, ele entendeu. No entanto, lá em cima, era impossível.

As águas subiam cada vez mais. Logo, iria chegar em sua cintura. Royce sabia que quando chegasse ao topo, ele estaria flutuando no convés e sua vida terminaria.

Ele estendeu a mão, agarrou a uma estaca na parede e uma corda de uma antiga cama de rede, preparando-se, Mark fez o mesmo. Eles ficaram lá e esperaram,

observando as águas subirem. Vendo a morte ao seu redor, Royce se perguntou como iria morrer.

CAPÍTULO ONZE

Genevieve sentia as lágrimas deslizarem pelo seu rosto enquanto suas novas criadas, cercando-a, colocavam-na em seu vestido de noiva. Ela olhou para ele em desespero: poderia muito bem ser um vestido de funeral. Com cada puxada do cordão, amarrando o espartilho ao redor de sua cintura, ela sentia como se outra corda de sua vida estivesse sendo puxada, cortando-a do futuro que tinha imaginado com Royce, e sentenciando-a a um casamento que seria a sua morte.

“Não chore agora, é impróprio para uma noiva”, veio uma voz.

Genevieve estava vagamente ciente das garotas que a ajudavam, meia dúzia delas, todas ocupadas se preparando enquanto ela estava em um banco no quarto de pedra naquele forte. Algumas trabalhavam em seus sapatos – altos, de couro, amarrados a seus joelhos - enquanto outras arrumavam o cabelo, aparavam o vestido, esfregavam óleos em sua pele e aplicavam maquiagem. Era a menina que estava limpando o rosto de Genevieve com um pano fresco, enxugando as lágrimas, que tinha falado com ela.

Genevieve olhou e viu a garota olhando para ela, alguns anos mais velha, com longos cabelos negros encaracolados, olhos verdes e um rosto gentil. Ela ficou surpresa com seu olhar de compaixão, o primeiro que ela tinha recebido desde que entrara no forte. A garota cobriu as lágrimas de Genevieve com um pouco de maquiagem, tratando-a como se fosse uma boneca. Para essas pessoas, Genevieve sabia, só as aparências importavam.

“Não é tão ruim quanto você pensa”, continuou a garota. “Afinal, você está se casando com a nobreza; poderia ser pior.”

Genevieve fechou os olhos e sacudiu a cabeça.

“Eu *não* vou casar com ele”, Genevieve insistiu, com sua voz soando distante.

A garota deu-lhe um olhar confuso.

“Ele pode formalmente se casar comigo”, Genevieve esclareceu, “e não há nada que eu possa fazer sobre isso. No entanto, não me considerarei esposa dele.”

As garotas riram ao redor dela.

Genevieve franziu a testa, determinada a expressar sua seriedade.

“Meu coração pertence a outro”, acrescentou ela, para cimentar seu ponto.

Finalmente, as expressões das meninas ficaram sérias, enquanto se olhavam com preocupação.

A garota que estava cuidando da maquiagem de Genevieve se virou para as outras e as enxotou. Todas elas saíram, com preocupação transparecendo em seus rostos. Genevieve se perguntou a quem elas iriam correr para contar o que tinham ouvido, mas não se importou.

Logo elas estavam sozinhas, só Genevieve e a garota, e a sala ficou em silêncio. A garota continuou a olhar para Genevieve com olhos sábios e compreensivos.

“Meu nome é Moira”, disse ela. “Sou mulher de Ned, o irmão mais novo do homem com quem você vai se casar. Eu acho que isso nos tornará irmãs?”, ela sorriu fracamente. “Eu sempre quis uma irmã.”

Genevieve não sabia como responder; Moira parecia gentil o suficiente, mas ela não queria que ninguém nesse forte fosse sua família.

Moira respirou fundo, se aproximando e começando a amarrar o cabelo de Genevieve.

“Permita-me dar-lhe uma palavra de conselho, tendo vivido nesta família por muitos anos”, acrescentou. “Eles farão o que for preciso para permanecer no poder. Eles não escolhem as noivas aleatoriamente. E casar com eles é como uma pequena morte.”

Genevieve se virou para ela, impressionada com sua honestidade e, pela primeira vez, ela realmente a escutou.

“Essas pessoas não se casam por amor, mas sim pelo poder. Eles se casam para sobreviver. É tudo parte de um jogo para eles.”

Genevieve franziu a testa.

“Eu não quero entendê-los”, ela respondeu. “Eu não me importo com nenhum dos seus jogos. Eu desejo apenas que o homem que eu amo seja devolvido para mim.”

Moira lançou-lhe um olhar de reprovação.

“Mas você *tem* que entendê-los”, ela respondeu. “Essa é sua única chance de sobreviver. Você deve entrar em suas mentes doentes e distorcidas e descobrir o que as impulsiona.”

Ela suspirou, apertando o cabelo de Genevieve.

“Eu gosto de você”, ela continuou. “Eu gostaria de ver você sobreviver. Então deixe-me dar uma dica: não permita que ninguém mais ouça você professar seu amor por outro. Esses homens, se te ouvirem, podem muito bem cortar sua língua assim que você se casar.”

Genevieve sentiu uma grande aflição, percebendo que Moira falava a verdade. Esse lugar era ainda mais brutal do que ela imaginara, e sua sensação de pavor aumentava.

Moira se aproximou, olhou ao redor e baixou a voz como se quisesse se certificar de que ninguém estava ouvindo.

“*Ninguém* dentro dessas paredes pode ser confiável”, ela continuou. “Aceite seu quinhão. A melhor maneira de derrotá-

los é abraçá-los. Abrace seu novo título, seu novo poder. Torne-se o verme de dentro. Dê-lhes tempo. Permita que eles pensem que você os ama. Deixe a guarda baixar. E então, quando eles estiverem confortáveis, ataque.”

Genevieve a encarou, chocada por ela ser tão franca. Ela se perguntou o que Moira tinha sofrido para sentir o que sentia.

“Lembre-se”, disse Moira, “há muitas maneiras de alcançar um objetivo.”

A porta se abriu de repente, e várias outras criadas apareceram. Elas ficaram atentas, claramente aguardando a saída de Genevieve.

“A festa de casamento aguarda”, uma anunciou, sombria.

Sabendo que havia chegado a hora, Genevieve olhou para Moira, que assentiu de volta com conhecimento de causa. Juntas, elas saíram lentamente do quarto, com Moira segurando a cauda do seu vestido.

Novas lágrimas surgiam a cada passo que Genevieve avançava. Não era assim que ela imaginara a caminhada do dia do seu casamento.

Enquanto Genevieve passava pelos sombrios corredores de pedra, iluminados por tochas, serpenteando em seu caminho, ela procurava janelas abertas para pular - mas não encontrou nenhuma. Sentindo-se como se estivesse indo em direção à morte, ela se perguntou onde estaria Royce nesse momento. Ela se perguntou se ele também estava sonhando com ela. Ela se perguntou se voltaria a olhar para ele novamente.

Ela se viu ser conduzida através de uma abertura abobadada e em uma enorme câmara também abobadada. Ficou surpresa ao ver centenas de nobres presentes, sentados em longos bancos. No final do corredor aguardava um altar, emoldurado por vitrais. Ao lado estava um padre.

E lá, esperando, estava Altfor. Seu futuro noivo.

Genevieve respirou fundo e resolveu não ir em frente. Ela iria estrangulá-lo antes que ela concordasse em se casar.

Ainda assim, antes de cruzar o limiar da porta, ela sentiu um forte aperto no braço. Virou-se e viu Moira balançando a cabeça negativamente, como se estivesse lendo sua mente.

“Case com ele”, ela sussurrou. “Ame-o. Ou deixe que ele pense que você o ama. E, então, quando for a hora certa, podemos matá-los. Podemos matar todos eles.”

Genevieve estava ali, tremendo, lutando sobre o que fazer. Esta era sua última chance de se virar e fugir, para deixar que eles a prendessem ou matassem.

“Se você ama Royce”, Moira acrescentou, “suba no caminho do poder. Esse é o único caminho para a liberdade de vocês dois.”

Moira fez um gesto para que Genevieve entrasse na sala.

Genevieve ficou ali, com a mente cambaleando, e entendeu que Moira estava certa. Ela não tinha outro jeito de ajudar Royce. E por Royce, ela faria qualquer coisa.

Lentamente, um passo de cada vez, angustiada, Genevieve começou a andar. Ela caminhou pela nave em direção ao altar, com a sala cheia de incenso e luz do sol filtrada pelos vitrais, e olhou para o seu noivo que estava esperando, para a vida que a esperava. E ela morreu por dentro.

No entanto, ela se forçou a dar um passo após o outro. E quando ela o fez, pensou consigo mesma:

Royce, isto é por você.

CAPÍTULO DOZE

Royce lentamente abriu os olhos na direção do som gentil de água corrente e olhou em volta, desorientado. Ele estava deitado de bruços no convés superior do navio, com o rosto submerso em três centímetros de água, que batia suavemente em seu rosto. A água espirrou sobre o queixo, a bochecha e a orelha dele, e ele se perguntou brevemente se estava morto.

Royce levantou a cabeça devagar, metade pingando, a outra metade seca e queimada pelo sol, e piscou várias vezes enquanto limpava a água incrustada de sal de suas pálpebras. Sua cabeça estava latejando, sua garganta ressecada e seu corpo parecia uma grande contusão.

Ele lentamente se ergueu, apoiando-se em suas mãos e joelhos, respirando com dificuldade, imaginando o que acontecera e imaginando como ele havia sobrevivido à tempestade.

O silêncio era o mais enervante de todos. Durante essas luas passadas, o navio tinha estado agitado, cheio de sons de garotos gemendo, gritando, lutando, morrendo. Tinha estado preenchido com os sons onipresentes de soldados dando ordens implacavelmente, chicoteando, batendo, matando. Tinha estado repleto de sons sempre presentes de agonia, miséria e morte.

No entanto, agora estava em silêncio, imóvel. Royce olhou para fora e viu o sol rompendo o céu, um vermelho opaco, e parecia que ele era o último homem vivo no mundo. Como ele havia sobrevivido? Como o navio havia permanecido inteiro?

Ele olhou em volta e viu que a embarcação estava inclinada, se arrastando nas águas abertas, que agora estavam calmas como um lago. Royce sentiu algo bater em seu joelho, olhou para baixo e desejou que ele nunca tivesse feito isso. Havia um cadáver, um menino que parecia ter a idade dele, sem vida, olhos abertos para o céu enquanto flutuava pelo convés, batendo contra ele.

Royce virou-se e examinou ao redor e, com a luz do amanhecer, viu dezenas de outros corpos flutuando, alguns virados para cima, alguns virados para baixo, todos balançando no navio. Ele sentiu uma onda de repulsa. Era um cemitério flutuante.

Royce balançou a cabeça, tentando apagar a imagem de sua mente. A tempestade tinha levado quase todos eles. Ele fechou os olhos e tentou não ouvir os gritos, tentou não pensar em todos os rostos, de todos os garotos que haviam morrido, agora em algum lugar ao mar, levados pelo vento e pelas ondas.

E ainda assim ele supunha que deveria estar grato. Se as coisas tivessem ficado como estavam, se ele tivesse ficado lá embaixo, certamente teria morrido eventualmente, de praga ou punhal, se não de fome. Essa tempestade pelo menos havia permitido que ele saísse lá de baixo; na verdade, ele se virou e olhou para a escotilha, viu suas bordas quebradas e ficou chocado ao ver que agora o porão

estava inteiramente cheio de água. Flutuando de dentro dele saíam vários cadáveres, que atravessavam o convés.

Lentamente, surgiram sons de vida, um respingo distante, e Royce se virou para ver um menino no convés se apoiando em suas mãos e joelhos para se levantar, enquanto o sol surgia no céu. E depois outro.

E outro.

Um por um, os sinais de vida começavam a retornar.

Os soldados também começaram a levantar, um de cada vez, e logo dezenas de membros do navio voltavam à vida. Quando o céu se iluminou, Royce entendeu com uma combinação de alívio e pavor que ele não era o único. De alguma forma, apesar de tudo, outros também haviam sobrevivido.

Com a chegada do novo dia, Royce olhou para fora e ficou surpreso com a calma do céu, com a calma das águas, como se uma tempestade nunca tivesse acontecido. A água estava chocantemente parada, sem emitir nenhum som audível, exceto por um ruído menor contra o porão. Era como navegar num lago.

Quando Royce olhou, ficou surpreso ao ver outra coisa: ali, no horizonte, havia uma massa de terra. Ele avistou penhascos escarpados e negros erguendo-se do mar, como se um monstro de enxofre tivesse surgido e endurecido no meio das águas. Parecia ser um lugar sombrio e implacável, mas ainda assim, o coração de Royce acelerou: pelo menos era terra. A primeira terra que ele via em semanas.

E, claramente, o destino deles.

“Escravos, voltem ao trabalho!”, gritou uma voz áspera.

Royce sentiu uma comoção atrás dele e se viu empurrado, tropeçando para frente. Ele não podia acreditar. Os soldados já estavam reunindo os meninos, ordenando-os como se nada tivesse mudado, apesar da carnificina ao redor deles. Royce se perguntou quantos deles tinham sobrevivido. Se os meninos agora superassem os guardas, poderiam preparar uma revolta. No entanto, enquanto olhava ao redor, Royce viu que um número surpreendente de guardas havia sobrevivido, cada vez mais deles parecendo ressurgir dos mortos. E esse navio estava em um estado muito ruim para os levar para qualquer lugar.

Royce logo se viu reunido com um grupo de várias dúzias de meninos, com uma dúzia de soldados atrás deles, sendo empurrados para a proa. Os soldados queriam que eles trabalhassem as velas, para dirigir o navio; no entanto as velas estavam esfarrapadas e o timão tinha sido arrancado. Então, em vez disso, eles empurraram e atiraram Royce e os outros para vários bancos quebrados afixados na borda do convés.

“Remos!”, eles comandaram.

Royce foi empurrado com brutalidade sobre os restos de um banco, um enorme remo colocado em sua mão. Ele olhou por cima do navio e viu o remo descendo a

dez metros na água, e ele acompanhou enquanto os outros avançavam com os remos, e depois recuavam, puxando a água. Royce sentiu seus braços, fracos pela fome, tremerem.

Lentamente, o navio começou a se mover. Ele tinha estado à deriva, sem direção, mas agora seguia em frente, em direção à ilha distante. Royce ouviu o estalido de um chicote, viu um dos garotos nas proximidades sendo chicoteado e, quando o ouviu gritar de dor, Royce remou com mais força. Os guardas eram impiedosos, mesmo em condições como aquelas.

Houve uma comoção, e Royce viu um menino sendo empurrado para o banco atrás dele - e sentiu um grande ânimo ao ver que era Mark. Ele tinha sobrevivido.

Mark olhou para Royce, com igual surpresa e gratidão em seus olhos.

“Você deveria ter me deixado morrer”, disse Mark com um sorriso, quando um soldado lhe entregou um remo. “Você salvou minha vida às custas da sua e não pense que jamais esquecerei disso. Vou estar sempre ao seu lado, supondo que vamos sobreviver.”

Mark estendeu a mão e Royce apertou seu antebraço. Era bom ter um amigo, ter alguém em quem ele pudesse confiar.

“E eu posso dizer o mesmo de você”, respondeu Royce.

Royce olhou para o mar enquanto remavam, seu navio ganhando impulso.

“Onde eles estão nos levando?”, Royce perguntou.

“Para a Ilha Vermelha”, respondeu Mark. “Pelo que ouvi, aquele lugar vai fazer o nosso navio parecer um conto de fadas. Dizem que sua costa está manchada de sangue.”

Royce sentiu sua apreensão se aprofundar.

“Acho que o objetivo dessa jornada é matar a maioria de nós”, continuou Mark. “E para quem sobreviver, eles deixarão a ilha terminar o serviço.”

Royce se perguntou enquanto observava a ilha se aproximando. Era o lugar mais inóspito que já vira. Ele não via sinais de vida, e certamente parecia um lugar para morrer.

Royce voltou a remar, seu corpo tremendo com o esforço e, enquanto ele voltava para a monotonia, notou as cicatrizes nas costas de Mark, nos locais em que ele havia sido açoitado. Ele se perguntou se suas costas tinham as mesmas cicatrizes. Royce arqueou para tentar sentir alguma coisa, e ainda parecia que suas costas estavam em carne viva onde os nobres o haviam espancado. Depois, notou uma pequena insígnia do sol tatuada na parte de trás do ombro esquerdo de Mark, e isso o fez se perguntar quem ele era, e de onde ele era.

Royce estava prestes a perguntar a Mark sobre isso, quando de repente três meninos se sentaram no banco ao lado dele, deslizando e se espremendo ao lado -

perto demais. Eles eram mais largos e maiores que ele, e ele podia sentir seus corpos quentes e suados ao seu lado.

Royce foi surpreendido, quando um deles tirou uma adaga e a segurou contra sua garganta, com a lâmina fazendo doer. O garoto olhou furtivamente para se certificar de que os guardas não estavam vigiando. Royce mal conseguia respirar. Ele desejou ter reagido mais cedo, mas tudo tinha acontecido rápido demais.

O garoto sorriu com crueldade, mostrando os dentes amarelos. Sua cabeça estava raspada e parecia ter vários queixos, com excesso de peso. No entanto, ele também era musculoso.

“Você se lembra de mim?”, ele perguntou. “O nome é Rubin. Eu quero ter certeza de que você nunca esquecerá. Esses dois aqui são meus amigos, Seth e Sylvan. Gêmeos. Mas você nunca adivinharia olhando para eles.”

Royce olhou e viu os outros dois garotos, nenhum deles sorrindo, nem mesmo semelhantes um com o outro. Ambos tinham feições escuras, mas um deles, Seth, era magro, com um olhar magro e zangado, enquanto o outro, Sylvan, era musculoso, com rosto e nariz largos, e um pescoço tão grande quanto Royce jamais vira.

Rubin sorriu, cutucando a faca na garganta de Royce.

“Agora que todos nós seremos melhores amigos”, ele continuou, “você pode começar me entregando essa sua corrente.”

Royce olhou para baixo e ficou surpreso ao ver que o colar que Genevieve lhe dera - a única coisa que ele já possuía - agora estava abertamente à mostra, com a corrente dourada reluzindo à luz. Como ele fora estúpido. Ele a tinha mantido escondida em segurança durante todo esse tempo, sob a camisa; mas na tempestade sua túnica tinha ficado rasgada.

“Me dê sua corrente!”, Rubin sussurrou. “Ou os peixes terão mais comida.”

Royce queria revidar, mas os garotos eram muito maiores do que ele e haviam o imprensado, apertando-o contra o casco e deixando-o sem espaço para manobrar. Ele sentia a ponta da adaga encostada em sua garganta e não duvidou nem por um momento que o matariam.

A ideia de entregar o colar deixou-o com uma profunda sensação de tragédia. O colar era tudo o que restava de Genevieve, e ele o amava. Era a única coisa que lhe dava esperança desde que ele tinha embarcado no navio.

Quando o punhal foi empurrado mais profundamente contra a garganta de Royce, ele percebeu um movimento pelo canto do olho e, de repente, ouviu um barulho quando Mark se virou e chutou Rubin no rosto. Rubin caiu para trás e largou a faca.

Royce não perdeu tempo. Ele se lançou para frente e atacou Seth e Sylvan de uma vez, empurrando-os para trás, derrubando-os no chão e pulando em cima

deles.

“Briga! Briga!”, veio um coro de gritos enquanto Royce lutava com eles. De repente, eles ficaram cercados por meninos.

Royce não perdeu tempo. Socou Seth e, depois, girou e deu uma cotovelada em Sylvan. No entanto, quando ele acertou um, o outro pulou para cima dele, tornando impossível ganhar impulso. Finalmente, Sylvan rolou por cima e agarrou o rosto de Royce, afundando os dedos em suas bochechas e tentando arrancar seus olhos.

Royce sabia que, se não agisse rápido, não teria sucesso. Ele não tinha outra escolha: ele jogou os dois braços entre os pulsos do garoto, conseguiu desfazer o aperto e ergueu a testa enquanto a cabeça do agressor descia.

Houve um som de rachadura e Royce viu que ele havia quebrado o nariz largo de Sylvan. Sylvan gritou, colocando as mãos no rosto e rolando de dor.

Assim que Royce fez isso, Seth pulou em cima dele.

Royce sentiu vários guardas agarrarem-no e colocarem-no de pé, enquanto eles puxavam Seth. Ele foi atirado com violência pelo convés, de volta a seu assento no banco, enquanto ao lado dele Mark - que havia espancado Rubin também – tinha sido igualmente jogado. Os dois aterrissaram um ao lado do outro, enquanto os guardas sacavam as espadas.

“De volta aos remos!”, eles comandaram. “Lutem de novo e todos vocês serão jogados ao mar. Precisamos aliviar esse navio de qualquer maneira!”

“Guardem suas energias”, o outro guarda acrescentou com um sorriso maligno. “Onde vocês estão indo, vocês vão precisar.”

Royce e Mark voltaram a remar, e Royce olhou e sorriu para Mark.

“Sou eu quem devo a você agora”, Royce disse a ele.

Mark sorriu de volta.

“Que nada. Isso foi divertido”, ele respondeu.

Royce e Mark olharam juntos para a ilha que se aproximava. Tendo Mark ao seu lado, Royce sentiu-se um pouco menos sozinho nesse navio cheio de ladrões, valentões e criminosos. Ele sabia que estava velejando para a morte, mas era melhor não fazer isso sozinho.

“Essa ilha vai matar a nós dois, você sabe”, disse Mark.

Royce assentiu. Ele sabia que era verdade.

“Mas, se dermos cobertura um ao outro”, disse Mark, “podemos viver o tempo suficiente, apenas o tempo suficiente para voltar ao continente e ver as pessoas que amamos.”

Mark estendeu o antebraço e Royce apertou-o.

“Você morre, eu morro”, disse Mark.

Royce assentiu. Ele gostou do som disso.

“Você morre”, ele respondeu, “eu morro.”

CAPÍTULO TREZE

Royce agarrou a balaustrada do navio quando se aproximava da costa. Um momento depois, o casco bateu nas rochas e balançou quando as ondas puxaram a embarcação de volta. O barco chocou-se novamente nos pedregulhos escarpados que agiam como uma linha costeira para a Ilha Vermelha, os meninos sendo incapazes de guiá-lo.

“Cordas!”, os soldados gritaram. “Âncoras!”

Royce imediatamente entrou em ação, com Mark ao seu lado, enquanto eles corriam com os outros garotos, pegavam as longas e grossas cordas enroladas no convés e jogavam-nas no mar. As cordas eram pesadas e grossas, molhadas de espuma do mar, e cortavam as palmas das mãos, que já estavam calejadas por horas de remo. Ardiam as mãos só de encostar na corda.

Enquanto Royce jogava as pesadas cordas no mar, certificando-se de que estavam seguras no mastro, seus ombros doíam, e ele ficou aliviado, pelo menos, de que a jornada tinha terminado. Essa ilha podia muito bem vir a ser a moradia da morte, mas pelo menos seria uma morte em terra seca, e não, como para muitos meninos, nesse navio amaldiçoado.

Royce ouviu uma comoção e olhou para fora para ver os rostos ferozes dos soldados esperando para recebê-los nas rochas abaixo. Eles agarraram as cordas e as prenderam, puxando o navio para dentro e, quando Royce olhou para essa festa de boas-vindas, ele se perguntou se chegar ali era um alívio. Eles foram recebidos por olhares frios e duros, que analisavam a nova safra de meninos. Eles estavam em uma praia feita de pedras negras afiadas, que se estendia pelo entorno da ilha. Campos de terra preta estavam atrás, sem árvores à vista. A ilha parecia completamente sem vida, sem pássaros, sem animais, sem som além do barulho das ondas e do estalar de seu navio.

Esses guerreiros eram claramente homens endurecidos, crescidos, com músculos, cabeças raspadas, rostos cobertos de cicatrizes. Eles usavam uma armadura de malha preta e leve, peles sobre os ombros, insígnias douradas marcadas neles. Todos tinham longas barbas e caras azedas, como se nunca tivessem aprendido a sorrir. Claramente, esse era um lugar de homens.

Diante deles havia um que parecia ser o líder, maior do que os outros, com ombros largos, peles extras sobre os ombros, duros olhos negros e uma das orelhas mutilada. Ele ficou ali parado, com as mãos nos quadris enquanto os homens trabalhavam nas cordas, e olhou para os garotos com repugnância, como se o mar tivesse trazido alguma coisa suja.

“Bem-vindo à casa”, Mark murmurou sarcasticamente para Royce em voz baixa.

“MEXAM-SE!”, berrou uma voz atrás deles.

Royce, empurrado por trás, entrou numa formação em linha com os outros garotos, indo em direção a uma tábua larga abaixada do navio. Royce observou a tábua cair no ar em um arco de nove metros de altura e aterrissar nas rochas abaixo com um estrondo. Abaixo dele, ondas quebraram, e tubarões nadavam nas águas. A prancha era muito estreita e estava abarrotada de gente.

Royce, cutucado por trás, juntou-se aos outros enquanto todos desciam a rampa improvisada. A madeira gemia embaixo deles com o peso de todos os meninos desembarcando ao mesmo tempo. Royce entendia muito bem porque eles estavam tão ansiosos para sair desse navio. No entanto, ao mesmo tempo, ele se perguntou qual era a pressa: eles não entendiam que era apenas uma morte diferente que os aguardava nessa ilha?

Eles correram pela prancha como um exército de elefantes, e logo surgiram xingamentos quando alguns meninos empurraram e deram cotoveladas. Royce ouviu um grito e olhou para trás vendo Rubin, o valentão que tentara pegar seu colar, que atormentara aqueles que estavam embaixo, careca, com queixo duplo, os olhos castanhos estreitos e o queixo zangado, virar e atingir com o ombro em um menino. O garoto berrava enquanto caía da prancha, uns bons dez metros de altura, direto nas águas.

Em poucos segundos ele foi atacado pelo cardume de tubarões, rasgando-o em pedaços enquanto ele gritava. Finalmente ele foi arrastado para baixo e as águas ficaram vermelhas.

Royce, perturbado, desviou o olhar. A morte parecia que os esperava em cada virada.

Royce encarou Rubin, cheio de raiva e desprezo, e Rubin retribuiu o olhar.

“O que você está olhando?”, Rubin latiu.

Royce silenciosamente prometeu se vingar por aquele garoto. O tempo de Rubin chegaria.

Eles continuaram se movendo e Royce seguiu rapidamente pela prancha, com Mark ao lado dele, todos os garotos se amontoando, não querendo encontrar o mesmo destino. Logo Royce pisou em um pedregulho e deu um suspiro de alívio ao sentir a terra seca sob seus pés. Ele deu mais alguns passos e chegou numa praia de pedras negras.

“Alinhar!”, gritaram os guardas.

Todos se alinharam lado a lado, e Royce olhou para ver que restavam apenas cem sobreviventes. O número o surpreendeu. Quando partiram, havia centenas de pessoas a bordo. Eles haviam perdido tantos para o mar?

Alinhados lado a lado, todos eles ficaram de frente para o guerreiro que Royce só poderia assumir como sendo seu novo comandante, e quando Royce olhou para

o rosto endurecido, com aqueles olhos negros e frios avaliando-os enquanto ele andava ao longo da linha de meninos, ele estremeceu. Esse homem era incrível, um homem a ser respeitado. Elevando-se sobre todos os outros, com a pele escura, uma mandíbula larga, a cabeça calva e uma cicatriz que ia do queixo ao ouvido, ele parecia não ter medo de nada. Ele era como uma montanha ambulante.

Ele caminhou lentamente ao longo da fileira, examinando-os, e Royce podia sentir seu coração batendo no silêncio, o ar cheio de tensão. Sem qualquer motivo ou razão, o comandante, de repente, aproximou-se de um menino e socou-o diretamente na boca.

O menino caiu de costas, gemendo de dor. Ele então se sentou.

“O que eu fiz?”, o menino perguntou.

O comandante sorriu.

“Você existe”, ele respondeu, sua voz tão profunda e dura quanto sua aparência. “E da próxima vez, você vai se dirigir a mim como Comandante Voyt.”

O comandante Voyt passou por cima da cabeça do menino, com um sorriso maligno enquanto continuava examinando os outros.

“Bem-vindos à Ilha Vermelha”, Voyt explodiu, com sua voz sinistra e nada acolhedora. “Há séculos esta é a casa dos melhores lutadores que nosso reino tem a oferecer. Eu sou seu mestre. Seu dono. Vocês vão olhar para mim como se eu fosse Deus. Porque eu *sou* Deus nesse lugar. Se eu decidir que vocês morrem, vocês morrem. Se eu decidir que vocês vivem, bem, vocês vivem por enquanto. Até vocês morrerem em algum outro momento. Vocês valorizam a vida tanto que desejam viver por mais tempo - só para morrer depois?”

Era uma pergunta curiosa, e enquanto Voyt continuava a andar de um lado para o outro, Royce não estava certo de que ele estivesse procurando uma resposta. Voyt parecia olhar para a alma de cada menino quando passava por eles.

“Essa é a questão central aqui, uma que vocês aprenderão a se perguntarem: quantas vezes vocês vão orar para morrer? Para morrer durante o treinamento? Treinando para morrer em glória.”

Ele andava de um lado para o outro, com as mãos atrás das costas e, ao olhar para o mar, parecia que estava falando consigo próprio, como se tivesse visto levadas intermináveis de meninos chegarem e morrerem.

“Quando vocês tiverem chegado ao fim do treinamento – *se* chegarem”, enfatizou, “vocês serão enviados para os Fossos. Lá

irão aprender o que a verdadeira morte significa. Vocês vão ficar encurralados junto com selvagens de todos os cantos do mundo. Homens que são tão propensos a morder seus rostos quanto apertar sua mão. Eles não mostram piedade. Eles não procuram misericórdia. E esse é o nosso lema aqui na Ilha Vermelha: *Não tenha piedade. Não busque piedade.* É um lema que vocês aprenderão muito bem. Pois esse é o caminho das espadas.”

Ele respirava fundo enquanto continuava andando.

“A Ilha Vermelha, *minha* ilha, transforma garotos em homens. Leva criminosos e assassinos e os transforma em guerreiros; leva os vivos e os transforma em uma morte ambulante. Vocês serão assombrados aqui, e os pesadelos o atormentarão pelo resto de suas vidas. Se vocês forem inúteis, como a maioria de vocês é, vão morrer. Aqueles de vocês que não estão prontos para se tornarem homens, morrerão. Aqueles de vocês que são fracos, aqueles de vocês que não são assassinos, morrerão. Esta é a ilha onde a fraqueza morre. Onde os fortes vêm para florescer.”

Ele parou no centro, recostou-se e deu um largo sorriso.

“Bem-vindos a Ilha Vermelha, meus amigos, meus servos, minha escória inferior a nada.”

Voyt virou-se abruptamente e começou a marchar para o continente, seus soldados agrupando-se atrás dele. Houve uma comoção e de repente Royce fora empurrado, jogado numa formação em linha com os outros, enquanto todos eles começaram a seguir.

Uma corneta soou atrás de Royce, e ele se virou para ver a prancha do navio subir, as cordas sendo puxadas, o navio começando a partir. Ele sentiu um buraco no estômago quando a embarcação começou a se afastar para o mar, ficando cada vez mais longe da costa.

Royce se virou e encarou a morte diante dele, a ilha negra e estéril, e ele sentiu que nunca mais voltaria para casa.

CAPÍTULO QUATORZE

Genevieve estava parada ao lado da janela na câmara iluminada por tochas e olhou para o pátio do castelo lá embaixo, não tentando mais impedir que as lágrimas escorressem por seu rosto. O farfalhar continuava atrás dela, e ela sentiu um profundo pavor ao saber que era Altfor, lentamente tirando a roupa, removendo suas vestimentas de casamento, uma peça de cada vez. Chegara a hora de consumarem o casamento.

Genevieve tinha sido levada a essa câmara mais cedo na noite, e quando entrou ela foi atingida pela visão da enorme cama de dossel que dominava a sala, envolta em sedas e peles como nunca tinha sonhado. Tapeçarias luxuosas pendiam das paredes, tapetes de seda adornavam a pedra e, no canto, uma lareira queimava acesa.

Nada disso impressionara Genevieve. Pelo contrário, para ela parecia uma tumba. Tomada pelo medo, ela olhou para as estrelas no céu e desejou, rezando com todo seu coração e alma, que ela estivesse em qualquer outro lugar. Ela olhou lá para fora, se perguntando sobre Royce. Ele estava em algum lugar lá fora - vivo ou morto, ela não sabia. Ela rezou para que ele voltasse para seus braços e escapassem juntos, dessa vez para sempre. O que ela não daria para ter sua vida simples de volta.

Genevieve ouviu Altfor dar um passo em direção a ela e sua mente voltou para a realidade, lembrando-se da horrível imagem da cerimônia de casamento durante o dia. Ela sentiu um nó no estômago ao lembrar daquilo. Tinha sido um evento formal da nobreza, Genevieve ali, presente pessoalmente, mas não em sua alma. Ela ficara paralisada durante toda a cerimônia, enquanto Altfor sorria e a beijava. Ele pegou a mão dela, virou-se e encarou a multidão, e todos os nobres acenaram de volta, balançando as cabeças em aprovação, enquanto os recém-casados desciam juntos do altar e se retiravam.

Genevieve fechou os olhos e sacudiu a cabeça, tentando apagar tudo de sua mente. Era a derradeira traição a Royce, ao único homem que ela amava no mundo. Como, ela se perguntou, ela tinha permitido que isso acontecesse?

As palavras de sua nova cunhada ressoavam em sua cabeça.

Torne-se o verme de dentro. Dê-lhes tempo. Permita que eles pensem que você os ama. Deixe a guarda baixar. E então, quando eles estiverem confortáveis, ataque.”

Moirra tinha razão, claro. Os nobres não eram atacados por inimigos externos havia séculos. Mas um inimigo vindo de dentro, isso sim poderia derrubá-los. Seu casamento, ela sabia, era a melhor maneira de finalmente vingar seu povo - e libertar Royce.

Ela sabia que isso exigiria paciência e astúcia, e Genevieve não era boa em jogar jogos. Ela era quem ela era, e tinha dificuldade em fingir ser outra pessoa.

“Meu amor?”

Genevieve estremeceu com a voz repentina, quebrando o silêncio, como uma faca nas suas costas. Ela ouviu Altfor se aproximando alguns passos atrás, e seu coração bateu forte quando ela sentiu as mãos dele em seus ombros. Eram mãos gentis, mas davam a sensação de tiras de gelo encostando em seu corpo.

Ela não se moveu para virar, e ele soltou um longo suspiro.

“Eu não sou como os outros senhores aqui, que tomariam você à força”, ele disse suavemente em seu ouvido. “Eu só vou te aceitar de bom grado. Quando você estiver pronta. Quando você me pedir.”

Genevieve ficou surpresa com as palavras dele. Eram palavras que ela nunca esperara que um nobre pronunciasse.

Ela se virou para encará-lo e pôde ver que o rosto dele era sincero. Mantinha a bondade e a compaixão, o que também a surpreendeu. Era um rosto totalmente diferente de seu irmão cruel.

“Eu não sou como meu irmão”, ele continuou, surpreendendo-a, como se lesse sua mente. “Nós compartilhamos os mesmos pais, mas isso é tudo. Meu irmão era um homem imaturo e imprudente. Um homem violento e voluntarioso. Eu não aprovei ele sequestrar mulheres dos campos. Não é algo que eu mesmo já tenha feito. Eu o amava do jeito que era - afinal somos irmãos. Mas eu não sou ele.”

Genevieve respirou fundo, analisando-o.

“No entanto, você me tomou e me obrigou a casar, afastando-me de meu povo”, respondeu Genevieve com frieza. “De certa forma, isso é pior.”

“Eu não tomei você como um brinquedo, mas sim para casar”, ele respondeu. “Há uma diferença.”

Ela balançou a cabeça.

“Você está errado”, ela respondeu. “Você é igual a seu irmão. Você me tomou com uma bela cerimônia e um sorriso; ele fez isso com agressão. De qualquer forma, não desejava ser levada.”

Ele olhou para ela, seu rosto parecia desmontar em decepção, e ela podia ver que suas palavras o tinham atingido.

“Você está errada”, respondeu ele.

Ela encarou de volta.

“Então por acaso eu estou livre para sair?”, ela perguntou.

“Não”, ele respondeu, com um tom de voz duro. “Você não está livre para sair. Você é minha agora. Você pertence a mim, a essa família. Você vai me dar filhos. Talvez filhas também. Mas eu não vou te forçar. Eu vou te dar tempo. Você vai aprender a me amar.”

Genevieve sentiu desgosto dentro dela, junto com uma determinação teimosa de nunca o amar. Ela franziu a testa, sentindo sua raiva, sua falta de esperança, atravessando-a. Ela entendeu, mesmo com raiva, que Altfor era diferente dos outros nobres e talvez fosse justamente a sua nobreza, a sua falta de crueldade, que a irritava ainda mais. Teria sido mais fácil se ele fosse violento e cruel como os outros.

“Eu *nunca* vou aprender a amar você”, ela insistiu. “Meu coração está com outro. E enquanto eu estiver viva, até morrer com meu último suspiro, sempre o amarei. Você pode me ter; mas você tem apenas uma casca de mim. Ele tem todo o meu coração, e ele o terá para sempre.”

Ela esperava que Altfor ficasse com raiva; ela *queria* que ele ficasse bravo.

No entanto, para sua grande surpresa e desapontamento, ele simplesmente sorriu de volta e acariciou seu rosto com as costas de sua mão, de forma suave.

“Eu vou deixar você agora”, respondeu ele. “Nós vamos dormir em câmaras separadas. Mas um dia você me procurará”, ele sorriu, acariciando seu rosto. “Amor”, concluiu ele, “é uma palavra sobre a qual você vai descobrir ter muitos significados diferentes.”

CAPÍTULO QUINZE

Royce estava marchando em uma longa fileira de garotos, com as pernas doendo, escorregando nas pedras molhadas que formavam essa ilha e, enquanto o sol pairava baixo no céu cinza, ficava imaginando se essa jornada terminaria. Eles chegaram a outro morro e ele olhou em volta, esperançoso de que, dessa vez, finalmente um destino final estivesse diante deles.

Royce foi assolado por decepção. Lá, até onde os olhos podiam ver, era mais do mesmo: um terreno baldio sem fim, sem nenhum tipo de marco à vista, o chão composto de rocha lisa e negra entrelaçada com pequenas poças, estendendo-se por uma eternidade. Seu estômago roncou, fraco de fome. Eles não tinham tido nenhum intervalo, sem água, sem comida. O pior de tudo, o vento incessante e cortante não os deixava em paz. Suas roupas ainda estavam molhadas da viagem, e ainda por cima eram muito leves, inadequadas para o clima aqui. A umidade fazia suas roupas grudarem em sua pele e o frio afundava em seus ossos. Ele olhou para os outros garotos e viu que não era o único tremendo, e se viu olhando para as peles de seus captores e invejando-os mais do que nunca. Os soldados ali estavam todos muito vestidos, enfeitados com peles, protegidos do frio, com botas grossas que podiam suportar o terreno escorregadio e rochoso - ao contrário de todos os recém-chegados, incluindo ele próprio, que estavam mal equipados para esse clima, terreno ou caminhada. Era tudo um teste, Royce percebeu.

Eles pararam no topo da colina, e Voyt se virou e encarou os garotos, com um sorriso satisfeito.

“Eu sei que todos vocês estão com frio. E cansados. E famintos. Muito bem”, ele disse com um sorriso. “Sintam como é sofrer. Abracem isso. É o único amigo que vocês terão aqui.”

Voyt inspirava o ar, com as mãos nos quadris, e Royce poderia dizer que ele parecia apreciar a desolação deste lugar.

“Virem-se e fiquem de frente para o mar”, ele ordenou.

Royce se virou com os outros e olhou à distância. Tudo era cinza com um pesado nevoeiro, e ele mal podia ver um vislumbre do horizonte.

“Nos seus passados não há nada”, continuou Voyt. “Nos seus futuros também não há nada. Exceto o menor vislumbre de esperança. Mas antes disso, vocês vão marchar. Uma marcha que os levarão ao limite de tudo aquilo que vocês são. É assim que acolhemos calouros aqui. É a marcha dos dignos.”

Ele inspecionou todos eles enquanto o vento uivava em meio ao silêncio.

“Somente os dignos sobreviverão a essa marcha”, continuou ele. “Muitos a conquistaram antes de vocês, e muitos morreram logo aqui nesta mesma pedra.

Sinta-se à vontade para deitar-se e desistir a qualquer momento. A maioria faz. Vocês vão me poupar do trabalho de lhes matar mais tarde.”

Houve um barulho e Royce se virou para ver quando um dos garotos, um rapaz alto e magro que mal parecia se agarrar à própria vida durante toda a viagem, saiu da linha, caiu de joelhos e juntou as mãos, implorando por misericórdia.

“Por favor”, ele gritou, chorando. “Eu não posso dar outro passo. Estou com muito frio”, ele disse, seus dentes batendo. “Muito cansado. Muito fraco. Eu não posso ir. Por favor. Vamos descansar. Misericórdia!”

Todos os garotos olhavam para aquela cena nervosos enquanto Voyt caminhava lentamente até o menino, suas botas esmagando o cascalho. Ele de repente desembainhou a espada e, antes que Royce pudesse processar o que estava acontecendo, enterrou a lâmina através do coração do menino.

O garoto engasgou e caiu de lado, imóvel, de olhos abertos. Morto.

Royce olhou para ele, atordoadado.

“Há misericórdia”, disse Voyt, calmamente, ao corpo morto.

Voyt se virou e olhou para o grupo de meninos.

“Alguém mais deseja misericórdia?”, ele perguntou.

Royce ficou parado, com o coração acelerado, e nenhum dos garotos se mexeu.

Finalmente, Voyt se virou e continuou caminhando lentamente de volta para a desolação.

*

Royce marchava e marchava, um pé de cada vez, e ficou surpreso ao ver-se escorregando em algo macio. Ele olhou para baixo e entendeu que o terreno havia mudado de pedra negra para lama negra, quando começaram a descer uma nova colina. Mark, ao lado dele, perdeu o equilíbrio e começou a cair, e Royce estendeu a mão e agarrou seu braço, estabilizando-o.

Mark deu-lhe um olhar de gratidão enquanto continuavam a andar lado a lado.

“Eu não acho que eu posso fazer isso”, Mark finalmente confessou.

Royce notou o quão pálido seu amigo parecia, o quão instável ficava em seus pés, e ele se preocupava com ele.

“Você *vai* conseguir”, disse Royce. O próprio Royce estava se sentindo à beira de morrer, mas com as palavras de seu novo amigo, ele sentiu uma súbita onda de força. Ele entendeu que quando tirava a mente de si mesmo e colocava em outras desgraças, quando ele se concentrava em se preocupar com os outros e não em si mesmo, todo o seu cansaço ia embora.

“Você *deve* fazer isso”, continuou Royce. “*Devemos* fazer isso. Você fez um voto, lembra? Para me dar cobertura. E eu sou sua cobertura. Você não pode me ajudar se estiver morto.”

Mark olhou de volta sorriu, e ele parecia ter ganho um ânimo em seus passos.

“Eu lembro”, ele admitiu. “Para você, eu farei isto. Mas quando chegarmos ao acampamento, vou morrer. Então você deve cuidar de suas próprias costas.”

Royce riu.

“É um acordo”, ele concordou.

De repente, Royce sentiu-se empurrado por trás e tropeçou, perdendo o equilíbrio e caindo na lama. Ele sentiu dor nas mãos e olhou para baixo para ver que tinha raspado as palmas em uma pedra afiada.

Furioso, Royce se levantou e virou-se, procurando o culpado. Atrás dele, viu Rubin, sorrindo de volta, flanqueado por Seth e Sylvan. Todos eles estavam rindo de Royce.

“Talvez você veja onde está indo na próxima vez”, Rubin zombou.

Royce sentiu uma onda de fúria. Ele entendeu imediatamente que aquele garoto era um valentão, um predador, testando todos, procurando os mais fracos que ele pudesse dominar. Royce tinha visto ele fazer isso para os outros no navio, testando-os até onde eles poderiam ir, até que ele finalmente os quebrasse - e eventualmente os matasse. Royce sabia que ele estava sendo escolhido agora, que ele estava sendo testado. Ele não podia permitir que isso acontecesse.

Enxergando tudo em vermelho de raiva, Royce avançou. Ele se aproximou e deu um chute, movendo suas pernas com rapidez, chutando Rubin o mais forte que pôde e tentando atingir a parte de trás dos joelhos dele. Ele atingiu a carne macia atrás do joelho de Rubin, e quando o fez, deu-lhe uma rasteira que fez Rubin sair voando, até que ele caísse de costas.

Os garotos se aglomeraram ao redor, instantaneamente aplaudindo.

“LUTA!”

Royce partiu para cima antes que Rubin pudesse se levantar, ajoelhando-se sobre ele, agarrando seu pescoço e apertando-o.

Rubin, no entanto, era surpreendentemente forte. Ele agarrou a mão de Royce, puxando-a, mas Royce segurou firme, como se fosse uma questão de vida ou morte.

“Teste-me”, Royce fervia, “e eu vou te matar. Eu não tenho mais nada a perder. Teste-me.”

Royce sabia que deveria parar, mas continuou apertando. Ele apertou até o rosto do garoto ficar roxo. Royce foi dominado pela raiva. Ele não aguentava mais.

Ele estava furioso por ter sido tirado de Genevieve, de seus irmãos, de todos que ele amava no mundo. Ele não podia tolerar mais maldade.

Com o canto do olho Royce viu os gêmeos vindo em sua direção. Ele viu Mark correndo para frente e os atacando, derrubando os dois no chão.

De repente, Royce sentiu-se chutado no peito por uma bota enorme e ele estava no ar, voando para longe de Rubin; Ele caiu na pedra e foi chutado novamente, agora no rosto.

Royce, com dor, rolou e gemeu e olhou para cima. Voyt estava sobre ele, enquanto outro soldado estava em cima de Mark, chutando-o para longe dos gêmeos e separando-os.

Voyt zombou.

“*Eu* vou te dizer quando é hora de matar”, ele repreendeu Royce. “Até então, seja grato por não o matar eu mesmo.”

Royce se levantou e olhou para Mark, que também estava limpando o sangue do lábio. Rubin e os gêmeos se levantaram lentamente, franzindo os rostos para Royce e Mark. Mas desta vez eles não riram nem tentaram se aproximar dele. Ele enfrentara o valentão e provara seu argumento.

“Você e eu”, disse Rubin, apontando ameaçadoramente para ele. “Mais tarde.”

Royce abriu os braços largamente.

“Venha agora”, disse ele, não recuando.

Mas Rubin virou-se sorrindo e se afastou junto com os gêmeos. Mas desta vez, Royce notou, eles mantiveram distância.

Rubin agiu como se tivesse vencido, e mesmo assim Royce sabia que ele havia conquistado seu respeito. E não apenas dele. Royce olhou em volta e viu os rostos de dezenas de outros garotos, potenciais inimigos, também potenciais amigos, olhando para ele. Eles também aprenderam. Ele não se entregaria fácil.

Isso era valioso, Royce sabia.

Em um lugar como esse, isso era mais valioso que o ouro.

*

O céu ficou escuro quando Royce, congelado até os ossos, cansado de exaustão, fraco de fome, pisou na grama real. Ele olhou para baixo no início, intrigado, sem entender porque a textura havia mudado sob seus pés. Ele estava perdido em um mundo de fantasia, imaginava-se em qualquer lugar, menos aqui. Ele havia se imaginado em casa, com seus irmãos, colhendo a colheita do outono, tão feliz por estar vivo. Ele se viu reunido com Genevieve, no dia do casamento, prestes a trocar votos.

Mas agora, quando ele pisou na nova superfície macia, ele olhou para cima pela primeira vez em horas e viu o céu noturno. Não era bem negro nessa parte do mundo, mas estava marcado por roxos e verdes fosforescentes. Ele havia perdido a conta de quantas horas - ou eram dias e noites? - eles estavam marchando. Ele olhou para trás e viu que dos cem garotos que haviam saído do navio e desembarcado nessa trilha, restavam apenas algumas dezenas. Os outros haviam morrido em algum lugar ao longo do caminho, caindo na ilha como moscas, desabando nas pedras sem ninguém para enterrá-los. Os pássaros que os seguiam cada vez mais, enormes coisas semelhantes a abutres, dificilmente esperavam antes de descer sobre os cadáveres.

Royce, com os dentes rangendo de frio, procurou e ficou aliviado ao ver seu amigo Mark ainda vivo ao lado dele, embora agora estivesse curvado, mal conseguindo andar. Ele olhou para trás, por cima do outro ombro, e ficou desapontado ao ver que Rubin também ainda estava vivo, junto com os gêmeos, todos o encarando com ódio, como se estivessem olhando o tempo todo. O ódio, Royce entendeu, poderia sobreviver a qualquer coisa.

Royce olhou para frente e ficou surpreso ao descobrir, na extremidade do gramado, uma estrutura, a primeira que ele havia visto em toda a ilha. Parecia ser uma grande caverna esculpida na encosta de uma montanha - e, dentro da caverna, Royce ficou chocado ao ver, estava uma fogueira queimando intensamente. Em torno de suas chamas brilhavam os rostos do que pareciam ser cem soldados, todos parados ali, esperando.

Royce, com uma onda de esperança, subitamente entendeu o que isso significava. Ele tinha conseguido. Ele havia sobrevivido à marcha dos dignos.

Melhor ainda, Royce foi subitamente atingido pelo cheiro de carne assada. Acertou-o no estômago. No fogo, ele viu um pequeno conjunto de assar, juntamente com jarras de água e vinho. Ele pensara que nunca mais que sentiria cheiro de comida novamente. Eles permitiriam comer? De repente ele se perguntou, em pânico. Terá sido tudo isso uma brincadeira cruel?

Voyt parou diante de todos, virou-se e sorriu.

“Hoje à noite”, ele explodiu, sua voz sombria, em tom de comando e estranhamente tão cheia de energia como quando Royce a ouvira pela primeira vez, como se a jornada pelo mundo não o perturbasse, “vocês jantam com os homens. Vocês aproveitam o calor do fogo. A água. O vinho. Vocês poucos que sobreviveram, fizeram por merecer.”

Ele respirou fundo.

“E amanhã”, ele acrescentou, “vocês aprenderão o que significa se tornar homem. Descansem, pois essa pode ser a última noite que muitos de vocês terão nesta terra.”

Royce estava ali parado, com frio, exausto e faminto, quase incapaz de se mexer, e observou os outros soldados deixarem o fogo lentamente e saírem para abraçar seus colegas soldados. A dúzia de meninos sobreviventes se dirigiu para o fogo como mariposas para uma chama, e Royce caminhou com eles, agarrando o braço de Mark e trazendo-o junto.

Logo chegaram à fogueira, e Royce estendeu as mãos enrijecidas e trêmulas diante dela. Lentamente, a dor o atingiu, como um milhão de agulhas nos dedos, as mãos voltando à vida. Ele as esfregou, lentamente no início, desajeitadamente, e os dedos começaram a ficar mais soltos. Foi doloroso; mas foi excelente.

Royce estendeu a mão para Mark, que ainda estava curvado, e o ajudou a levantar as mãos. Ele então foi até um dos espetos assados de carne e olhou para os soldados que estavam por perto. Eles acenaram de volta, concedendo permissão.

Royce pegou dois pedaços e deu um a Mark primeiro.

“Coma”, ele pediu.

Mark estendeu a mão, pegou o pedaço e lentamente deu uma mordida.

Royce também deu uma mordida e foi a melhor sensação de sua vida. Ele mastigou e deu mordida após mordida, mal engolindo antes de mastigar mais.

Royce sentiu algo pesado em seus ombros e olhou para trás para ver que um soldado havia colocado uma manta de pêlo pesada sobre ele. Os soldados iam de menino para menino, cobrindo cada um com aquele pêlo. Royce entendeu que era um distintivo de honra, um presente para os sobreviventes. Enrolou com firmeza a manta sobre os ombros e, pela primeira vez desde que chegou, sentiu-se imune aos ventos da ilha.

Royce pegou o jarro de vinho que os soldados estavam passando, tomou um longo gole e imediatamente sentiu o calor se espalhar por seu corpo. Isso, combinado com as peles nos ombros e o calor do fogo, lentamente o trouxe de volta à vida.

Amanhã ele poderia morrer. Mas essa noite, e nesse momento, ele estava vivo novamente.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Royce foi despertado por mãos ásperas em suas costas, puxando-o para ficar em pé. Ele ficou lá, vacilante, ainda no mundo dos sonhos e incerto se estava acordado ou dormindo. Desorientado, ele abriu os olhos, em estado de alerta, imaginando o que estava acontecendo. Ele observou e viu que o mundo estava escarlate, o amanhecer antes dele parecia encher o mundo inteiro, e ele nunca se sentira mais exausto em sua vida. Ele sentiu como se tivesse acabado de fechar os olhos para dormir um momento atrás. Ainda exausto por causa da marcha, foi o mais profundo - e mais curto - sono de sua vida.

Royce ouviu uma comoção e viu todos os outros garotos sendo puxados para ficar de pé também, todos rudemente cercados pelos soldados. O cheiro de fumaça estava pesado no ar, ele olhou e viu a fogueira queimando, e entendeu que havia desmoronado ao lado do fogo na noite anterior, exausto. Suas roupas cheiravam a fumaça.

Pelo menos agora seu corpo estava quente. Ontem ele estivera tão frio quanto jamais se sentira, certo de que nunca mais se aqueceria. Agora, com as peles grossas, a comida quente, vinho em sua barriga e a noite que ele passou ao lado das chamas, ele se sentiu pronto para enfrentar o mundo novamente.

“Movam-se!”, uma voz gritou, perfurando o silêncio da manhã.

Royce viu Mark parado ao lado dele, parecendo meio morto, mas antes que tivesse a chance de falar com ele, de repente sentiu uma dor aguda em suas costas, que o deixou totalmente desperto. Ele se virou para ver que fora cutucado nas costas por um longo cajado - um soldado franziu o rosto enquanto se movia para cima e para baixo ao longo da linha, espetando todos os garotos, pastoreando-os como se fossem ovelhas.

Royce moveu-se com todos os outros para baixo de uma colina de rocha e logo se viu em pé em um campo de lama. Ele e os meninos se alinharam um ao lado do outro, todos cercados pelos soldados, que formavam um amplo círculo. Royce, de coração acelerado, imaginou o que estaria acontecendo. Ele não gostava da aparência daquilo.

De repente, longos bastões de madeira começaram a voar, sendo arremessados pelos soldados aos meninos, um a um. Um foi apontado para ele, e Royce o pegou no ar, imaginando o que teria que fazer com aquilo.

Voyt deu um passo à frente com severidade e se dirigiu a eles.

“Algumas dezenas de vocês contra uma centena de nós”, disse ele, sorrindo. “Vocês aprenderão a lutar juntos e a lutar em equipe. Vocês aprenderão a precisar um do outro. Nos Fossos, cada um vai lutar sozinho. Mas, para aprender a lutar por si mesmo, é preciso primeiro aprender a lutar pelos outros.”

Uma corneta soou, ouviu-se um grande grito e de repente as dezenas de soldados atacaram. Royce se preparou para os soldados que vinham brandindo alto espadas pesadas de madeira, prontos para causarem o máximo de dano nos garotos.

Sem pensar, Royce levantou seu bastão para bloquear. O soldado desceu com tanta força que Royce pensou que iria quebrar aquele pedaço de pau em dois. O bastão aguentou o impacto. No entanto, a vibração percorreu os braços de Royce, a força de seu atacante o surpreendeu.

O estalar de madeira encheu o ar, enquanto Royce bloqueava um golpe após o outro, com os ataques do soldado fazendo-o caminhar para trás. Ele ergueu o cajado e defendeu um golpe de espada que vinha para a sua cabeça, depois desviou para o lado e bloqueou outro golpe antes de chegar às suas costelas. Ele viu uma oportunidade e abaixou o cajado, para rapidamente levantá-lo novamente, arrancando a espada das mãos do atacante. Ele ficou surpreso por ter feito esse movimento e satisfeito consigo mesmo.

Mas ele então sentiu uma dor terrível nas costas, caiu de joelhos e se virou para ver que havia sido golpeado no rim por outro soldado. A dor era insuportável.

Antes que ele pudesse se recompor, de repente sentiu uma dor terrível em sua cabeça, tendo sido golpeado novamente.

Ele caiu de cara na lama, sentindo um nó se formando em sua cabeça.

“Levante-se!”, um soldado rosnou, de pé sobre ele. “Guerreiros não desistem.”

Ele empurrou Royce com a bota, fazendo-o rolar na lama, e quando Royce olhou para cima, viu a espada de madeira descendo em direção ao peito. Ele sabia que iria doer muito e que ele não tinha muito tempo para agir.

Royce de repente entendeu que se quisesse sobreviver a esse lugar, ele teria que superar sua dor, superar seu sofrimento. Ele teria que aprender a sobreviver - e até prosperar - no meio da dor.

Royce, determinado, se forçou a revidar. Sentiu uma repentina onda de raiva, uma determinação de não ser espancado aqui na lama, e quando a espada desceu, ele rolou, girou com o bastão e bateu no soldado com força atrás dos joelhos. O golpe derrubou o soldado, e Royce sentiu muita satisfação ao ver o homem cair de costas.

Royce ficou de pé, girou e bloqueou o golpe de outro soldado, logo antes de atingir seu rosto. Ele deu um passo à frente e golpeou com o cajado no peito do outro atacante, fazendo-o cair de joelhos.

Royce, revigorado, girou em todos os sentidos, lutando por sua vida, totalmente acordado, determinado a não cair novamente. Ele estava se recuperando da dor e das colisões e contusões, mas estava determinado a passar por cima daquilo tudo. Segurando seu cajado com as duas mãos, ele bloqueou um poderoso golpe de

espada que descia direto para sua cabeça. Ele então inclinou-se um pouco e chutou seu atacante, empurrando-o de volta.

Outro soldado correu pelo lado e, desta vez, Royce foi capaz de detectá-lo. Ele não sabia como, mas, enquanto lutava, era como se suas habilidades estivessem em sintonia, como se alguma força sobrenatural estivesse correndo dentro dele. Ele estendeu a mão e atingiu o homem com seu bastão antes que ele pudesse se aproximar.

Ele então girou e golpeou outro soldado nas mãos enquanto ele apontava a espada, desarmando-o.

Depois se abaixou quando um golpe veio por cima da sua cabeça, girou e atingiu outro atacante nas costas.

Royce lutava como um homem possuído. Ele sentia uma energia familiar subindo dentro dele, uma que ele nunca tinha entendido, mas estava aprendendo a abraçá-la. Essa energia se espalhava por todo o peito, as palmas das mãos, um calor, uma onda. Ele olhou em volta e de repente o mundo desacelerou e entrou em foco. Ele podia ver tudo nos mínimos detalhes. Os sons foram silenciados, e foi como se, por um momento, o universo existisse apenas para ele.

Royce viu os outros garotos sendo espancados, caindo em todas as direções. Alguns desabavam de joelhos enquanto eram atingidos por golpes e socos; outros foram atingidos pelas costas. Até mesmo Rubin e os gêmeos estavam no chão, com as barrigas na lama, seus cajados já há muito tempo arrancados das mãos, enquanto os soldados os golpeavam sem parar. Golpes choviam sobre eles de todas as direções. Era uma surra. Um julgamento pelo fogo. Isso não era uma luta de mero treino.

Era uma iniciação brutal.

Ele entendeu com uma fúria repentina que alguns desses garotos poderiam até morrer com esses golpes.

Royce estava cheio de indignação. Foi injusto. Toda essa ilha, toda a razão para ser enviado para cá, era injusta. Ele protestou contra a injustiça do universo. Aqueles homens não estavam ansiosos para treiná-los. Eles queriam mesmo era quebrá-los.

Royce se recusou a deixar-se morrer. Não seria assim.

Royce sentiu algo passar por ele então - força, raiva, certeza. Seu corpo sabia o que fazer, mesmo que ele mesmo não soubesse. Aqui, nesse lugar desolado, no fim da terra, sem nada a perder, o poder veio a ele. Royce se permitiu ser dominado por ele. Ele se permitiu, pela primeira vez, ser controlado por algo que ele não entendia.

De repente, o mundo voltou a aparecer com toda a velocidade. Ele balançou o bastão com toda a força, retirando a espada das mãos de um soldado que se

aproximava. O soldado, muito maior, olhou para ele atordoado, e Royce fez um movimento para cima com o pedaço de madeira, atingindo o soldado sob o queixo e derrubando-o de costas.

Royce abaixou-se e levantou-se, usando as costas para mandar um soldado pelos ares. Ele então girou, de novo e de novo, cortando a multidão, atacando em vez de recuar. Ele era como uma raposa, entrando e saindo deles, girando e golpeando, abaixando-se e espetando, deixando um campo de vítimas em seu rastro. Ninguém poderia tocá-lo.

Royce se moveu como uma cobra pela água. Ele não se permitiu parar nem por um momento, e logo entendeu vagamente que estava derrubando todos os soldados no campo.

Quando a raiva o consumiu, Royce sentiu-se preso em um borrão de movimento, balançando e golpeando, chutando, pulando, jogando-se na batalha sem medir consequências. Ele sentiu-se imerso no poder do universo. E pela primeira vez em sua vida, ele se sentiu invencível.

Quando tudo terminou, Royce mal sabia o que havia acontecido. Ele ficou ali parado, respirando com dificuldade, e observou a cena agora silenciosa. Deitados no chão ao redor dele, havia quase cem homens, soldados, todos caídos e apoiados em suas mãos e joelhos, todos em estado de choque.

Mas o que mais chamou a atenção de Royce foi o olhar que todos lhe deram. Não era apenas um olhar de choque. Não era só um olhar de espanto ou admiração.

Eles olhavam para ele como se ele fosse diferente.

E ele sentiu isso também em si mesmo, como algo correndo em suas veias. Ele não era parte desses garotos, desses homens.

Ele era diferente.

Mas como?

Quem, afinal de contas, era ele?

CAPÍTULO DEZESSETE

Dust repousava em silêncio enquanto os marinheiros remavam um pequeno barco em direção à margem do reino. Os marinheiros olhavam para ele com óbvio horror e antipatia, e Dust não conseguia decidir se era porque eles nunca tinham visto um homem de pele cinzenta antes, se era porque as sedas cinzas dos mortos os enervavam, ou porque eles reconheciam as tatuagens que se traçavam pelo seu rosto.

Ele sentou-se esperando, observando o vôo dos pássaros do mar e lendo os sinais que se encontravam neles. Havia sinais na maioria das coisas, desde as chamas que dançavam acima do fogo, até no derramamento de tripas de um bode sacrificado. Dust podia não ter a mesma grande magia que tinham os sacerdotes ou os magos, mas ele tinha o conhecimento dessas coisas e de muitas outras.

Ele sabia, por exemplo, que os marinheiros planejavam traí-lo. Não era um pensamento que o enchesse de qualquer medo em particular, embora houvesse três deles e Dust não carregasse nenhuma arma óbvia, nenhuma espada ou lança. Isso trouxe, na melhor das hipóteses, uma espécie de irritação leve com o fato de as pessoas poderem ser tão tolas. Eles deveriam saber o que ele era, então porque arriscar?

“Chegamos”, disse um dos marinheiros, como se Dust não pudesse sentir o raspar do barco contra a areia.

Ele pulou para fora e os marinheiros também foram atrás. Dust se perguntou como eles planejavam traí-lo e matá-lo. Quem sabe, talvez eles lhe ensinassem algo novo. Mas, provavelmente não. Homens como esses tinham tão pouca experiência com os verdadeiros caminhos da morte. Eles começaram a se espalhar ao redor dele, posicionando-se grosseiramente numa formação de triângulo.

“Nós juramos que o levaríamos a salvo até a praia”, disse um dos homens. “Nós não dissemos nada sobre o que aconteceria depois.”

Dust ignorou isso. “Quando eu era menino, os homens vieram até a minha casa e mataram minha família inteira. Eles fizeram isso porque os magos da minha ordem tinham observado certos sinais. Os homens então me levaram para a casa deles e me criaram.”

“Acha que queremos ouvir a sua história de vida quando estamos prestes a matá-lo?” outro dos marinheiros perguntou.

“Acha que ouvir como você foi mimado vai nos parar?”

“Mimado?”, Dust disse com um sorriso. “Todos os dias fui espancado. Eu estava acostumado à dor. Eu vi coisas morrerem na minha frente. Fui treinado até que minhas mãos sangrassem e

aprendesse até que minha mente doesse com isso. Eles me levaram e me moldaram em um *angarim*. Você sabe o que isso significa?”

“Não sei, não me importo”, o último dos homens disse, investindo contra as costas de Dust, tal como Dust já previra que ele faria. Quando se chega aos caminhos da morte, a maioria das pessoas é tão previsível.

Dust se virou, desviando lateralmente do ataque, logo em seguida fazendo seu pé descer com um aríete no joelho do homem. Quando a perna de seu atacante desmoronou, ele já estava emendando um novo movimento, entrando por baixo do arco de uma machadinha que vinha em sua direção e, ao mesmo tempo, enfiando os dedos enrijecidos na garganta do segundo atacante. Suas mãos subiram para o crânio do homem enquanto ele engasgava e Dust puxou de lado no ângulo perfeito, ouvindo o estalido de um pescoço quebrado.

O último homem veio até ele girando uma espada larga e Dust rolou por baixo da lâmina, ao mesmo tempo em que segurava uma pedra nas mãos. Ele girou e atirou no primeiro homem que o atacara, vendo-a colidir diretamente na têmpora dele; outro dos pontos por onde a morte pode entrar.

O homem da espada ficou ali olhando, surpreso. “O que você é?”

“Como eu te disse, eu sou *angarim*. Na sua língua, acredito que possa ser traduzido como ‘um com morte’. Eu entendo. Eu sirvo. Fui treinado para levá-la aonde fosse necessário, por todos os meios, rápido e devagar.” Dust enfiou as mãos por dentro de suas mangas, tirando um par de longas agulhas parecidas com adagas. “No seu caso, acho que vou devagar.”

Seu oponente começou a avançar, mas Dust já estava em movimento, jogando primeiro uma agulha, depois a seguinte. Elas atingiram onde ele pretendia; como poderia ser diferente? O homem caiu de joelhos, com as agulhas perfeitamente encaixadas nos feixes de nervos de ambos os ombros.

Dust desembainhou uma pequena faca afiada. “Parece ser o jeito das coisas, porém, os tolos sempre encontrarão uma maneira de se colocar no caminho do que deve ser feito. Agora, vamos começar?”

O tolo gritou, é claro, mas isso não incomodou Dust. *Suas* entranhas não diziam nada de interessante, mas haveria outros sinais. Sempre tinha havido.

Nada disso importava.

Havia apenas uma pessoa que ele realmente tinha que matar, um jovem cuja existência ameaçava demais.

Royce.

E ele não iria parar por nada até que o encontrasse.

CAPÍTULO DEZOITO

Royce olhou para o desfiladeiro que estava na frente dele e dos outros recrutas; ele tinha certeza de que nada de bom viria daquilo, especialmente com os homens que ele podia ver em ambos os lados dos morros com lanças e arcos.

O Comandante Voyt ficou ali parado, gesticulando em direção ao desfiladeiro, como se estivesse dando boas vindas a algum grande baile.

“Um guerreiro deve ser rápido, ágil e forte. Ele deve ser capaz de enfrentar o perigo com toda a velocidade necessária para superá-lo, mas não tanta que ele se torne imprudente e se deixe aberto à morte. Assim, vocês correrão pelo desfiladeiro, onde há obstáculos que podem lhes matar, e homens que vão atirar lanças em vocês.”

Royce engoliu em seco ao ver o desfiladeiro. Mesmo de lá, ele podia identificar o brilho nas lanças. Elas estavam afiadas.

O Comandante Voyt ainda não havia terminado. “Um homem cauteloso poderia se esgueirar, se tivesse tempo suficiente, mas vocês não *têm* tempo.” Ele tirou uma grande ampulheta de areia e a girou. “O menino mais lento do vale será morto. Qualquer garoto que não conseguir passar antes que a areia acabe será morto. O que vocês estão esperando? Um convite? *Corram!*”

Royce correu para frente, todos os garotos brigando e lutando por posição. Ele viu um dos garotos tropeçar e o ajudou a subir.

“Você não deveria ajudar ninguém. Se alguém cair, você sabe que será o último”, disse o garoto.

Royce sacudiu a cabeça. Ele não podia agir assim para ganhar, mesmo que isso o colocasse em maior risco. Ele faria isso de forma justa, através de sua própria velocidade e força.

Ele saiu correndo, e podia ver Mark à frente, sendo empurrado aqui e ali por Rufus e os outros.

Ele também viu um lanceiro mirando na direção do amigo e correu para frente, empurrando Mark quando o homem disparou. A lança atingiu logo ao lado deles.

“Talvez você devesse gastar menos tempo empurrando os outros e mais tempo correndo”, Royce sugeriu, enquanto ele e Mark se afastavam dos outros.

“Você não precisa correr comigo”, disse Mark. “Eu vi o quão rápido você é; eu só te atrasaria.”

“Se você morrer, eu morro”, disse Royce, lembrando ao seu amigo acerca do pacto deles. Ele correu para frente, certificando-se de que Mark estava junto.

Mais lanças vieram de cima. Royce se esquivou, descobrindo que era fácil adivinhar o caminho delas se ele se concentrasse. Ele entendeu a violência daquilo tudo e foi fácil entrar nas brechas entre as armas. Nem todo garoto teve essa sorte. Royce viu um ser perfurado por uma lança, outro derrubado por uma flecha que veio da frente.

Havia pedregulhos ao longo do chão do vale agora, e Royce podia ver garotos correndo de um para o outro, tentando evitar as flechas vindo em sua direção. Parecia um processo lento, e em sua mente, Royce podia imaginar a areia na ampulheta, lentamente escorrendo. Não parecia haver tempo suficiente para prosseguir tão devagar.

“Confie em mim”, ele gritou para Mark, e avançou.

Julgar onde as flechas iriam chegar era mais difícil do que em relação às lanças. Elas vinham mais rápidas e com menos vento para atrapalhar os arqueiros. Mesmo assim, Royce poderia fazê-lo se ele se concentrasse, adivinhando os momentos em que ele teria que mergulhar atrás das rochas, movendo-se rapidamente de um lugar para outro.

Logo, eles passaram por outra curva no desfiladeiro, e agora Royce podia ver os obstáculos em seu caminho, desde paredes com espigões até buracos com chamas na parte inferior e fios emaranhados ao longo do caminho que eles deveriam percorrer.

“Por que tudo isso?”, Royce se perguntou em voz alta. “Por que nos fazer passar por tudo isso, se estamos indo só para os Fossos para morrer de qualquer maneira?”

Parecia um pensamento repugnante, levá-los todos lá e extenuá-los quase até a morte apenas para que pudessem ter uma morte mais divertida mais tarde. Naquele momento, porém, não houve tempo para pensar nisso; havia apenas a rota na frente deles.

“Pronto?”, Royce perguntou. Assim que Mark assentiu, eles começaram a avançar. Uma das paredes com espetos foi a primeira. Royce tentaria saltar se estivesse sozinho, e provavelmente teria acabado empalado nos espetos. Em vez disso, ele levantou Mark, e Mark se agachou já no topo da parede, ajudando Royce a subi-la. Eles então saltaram para o outro lado, prontos para os buracos flamejantes.

Royce sabia que deveria algum truque para ultrapassar aquilo. Os buracos eram largos demais para pular, então tinha que haver outro jeito. Foi aí que ele viu nas proximidades umas folhas grossas de couro, que estavam encharcadas com água. Um homem teria que ser muito corajoso para confiar naquelas folhas, mas também

inteligente o suficiente para não tentar pular sem elas. Jogando uma para Mark, ele pegou outra para si mesmo também.

Ele correu para o buraco, que cuspiu labaredas quando ele se aproximou, mas Royce pulou assim mesmo, sentindo os pés esmagarem a terra do outro lado. Ele viu Mark aterrissar ao lado dele, lutando por equilíbrio. Royce estendeu a mão para agarrá-lo, puxando-o para frente.

Do outro lado, Royce viu um menino copiando o que eles tinham feito, envolvendo-se em uma das peles. Rubin, porém, agarrou-o, empurrando o menino para longe. O menino balançou na borda do poço por um momento, e depois caiu, gritando, os sons de sua morte horríveis demais para serem compreendidos. Royce só conseguiu se afastar porque sabia que não havia nada que pudesse fazer, e o tempo estava implacavelmente passando.

Agora só faltavam os fios emaranhados de armadilhas, e Royce não tinha certeza de quanto tempo eles tinham para passar por eles. Ele tentou traçar uma rota, dando um passo de cada vez.

À sua volta, Royce podia ver meninos morrendo nas armadilhas. Eles encostavam nos fios e logo vinham lâminas para cortá-los, ou flechas para espetá-los. Houve um inclusive que ativou a liberação de uma cobra para atacar o menino.

Royce sabia que não podia arriscar tocar um único fio. Ele olhou para o desenho deles, tentando entender. Ele achou que tinha descoberto um padrão. Quem quer que tenha feito isso, o fez com um design definido em mente, e Royce pôde ver as brechas naquele traçado.

“Por aqui”, ele disse, passando de um buraco a outro, movendo-se suave e rapidamente. Ele liderou o caminho e Mark seguiu em seu rastro.

Após passarem os fios, eles tropeçaram até a saída para o vale. O comandante Voyt estava ali esperando por eles, tendo de alguma forma chegado à frente deles.

“Esperem aí”, ele ordenou, apontando.

Royce fez o que foi instruído e, lentamente, mais e mais dos garotos começaram a chegar ao vale, até parecer que a maioria daqueles que conseguiriam atravessar as armadilhas realmente conseguiu. O comandante Voyt ficou ali parado, olhando para o cronômetro de areia, esperando até que cada grão dele acabasse. Royce podia ver garotos ainda correndo pelo caminho em direção à saída.

O comandante Voyt baixou a mão e os soldados da Ilha Vermelha subiram até a linha de chegada do desfiladeiro, com espadas prontas. Eles não hesitaram quando mais garotos saíram do vale, e giraram as espadas na altura das cabeças, cortando pescoços e derrubando corpos no chão. Royce reconheceu garotos do barco que pareciam gentis, que poderiam ter se tornado amigos a qualquer momento. Uma parte de Royce queria dar um passo à frente e tentar impedir a carnificina, mas Mark o impediu.

“Não há nada que possamos fazer”, sussurrou seu amigo.

O comandante Voyt se virou para eles. “Alguns de vocês conseguiram. Estou surpreso. Eu estava esperando que nenhum de vocês tivesse sucesso.”

Royce ponderou suas palavras, imaginando se eram verdadeiras.

CAPÍTULO DEZENOVE

Genevieve estava em seus aposentos, tentando descobrir o que exatamente a esposa de um nobre deveria fazer. Em certo sentido, ela já sabia: ela deveria ter filhos, e essa era verdadeiramente sua única função na vida. Ela não conseguia fazer isso, não com Altfor, e não quando Royce ainda estava lá fora em algum lugar.

“Eu pensei que iria encontrá-la aqui”, disse Moira, sua cunhada, chegando sem esperar para ser convidada a entrar. Não que Genevieve se importasse com esse tipo de coisa normalmente, mas aqui, parecia que o mundo dizia que mesmo esse quarto, mesmo esse pequeno espaço, não era verdadeiramente dela.

“Onde mais eu iria?”, Genevieve disse, sem se esforçar para esconder sua infelicidade.

“Você não pode deixar Altfor pensar nem mesmo que você *quer* ir a algum lugar”, disse Moira, sacudindo a cabeça. Ela foi até a penteadeira e serviu uma taça de vinho de uma jarra.

“Aqui, beba isso.”

Genevieve pegou e bebeu, mas não bebeu tudo, mesmo quando Moira serviu vinho para si, bebendo mais.

“Sensato, não beber demais”, disse Moira. “Você tem que lembrar que a partir de agora, tudo o que você faz e diz será julgado, se não por Altfor será por seus amigos ou pelo campesinato.”

“Eu *sou* uma camponesa”, assinalou Genevieve.

“Você *era*”, respondeu Moira, “mas no momento em que se casou com o Duque, você se tornou mais do que isso. Ninguém que você costumava conhecer a verá da mesma maneira.”

“Minha família irá”, Genevieve insistiu. “Eu ainda tenho pais e irmãs. Sheila não me verá como a esposa de um Duque.”

“Não”, disse Moira. “Ela ficaria com ciúmes por não ter tido a chance nessa posição, ou agradecida por não ser ela, ou com medo de que, se viesse a ela, a colocaria em perigo.”

Genevieve sacudiu a cabeça. “Você não sabe nada sobre Sheila. Você não sabe como ela reagiria.”

Moira se moveu para sentar em uma cadeira ao lado da sala. “Então me diga.”

Genevieve hesitou e depois foi se sentar com ela. “Você está apenas esperando para tirar sarro de mim.”

“Não é nada disso”, disse Moira. “Eu sei o que é estar presa aqui com pouco o suficiente para fazer. Ned passa metade do tempo caçando e a outra metade tentando convencer os templos a declará-lo favorecido por Deus. Isso me deixa aqui com música, bordados, o jogo da sedução cortesã...”

“Moira!”, Genevieve disse, surpresa por sua cunhada até brincar com isso.

“Preocupada em ser decapitada por dizer a coisa errada?”, Moira perguntou. Ela sorriu. “Então me conte tudo sobre sua família e nos salve a ambas.”

“Não sei o que dizer”, disse Genevieve. “Nós vivemos... vivemos, simplesmente. Sheila é minha irmã mais velha e eu sempre achei que ela fosse bonita. Meus pais sempre estavam presentes quando eu precisava de alguma coisa, mesmo que não tivéssemos muito a compartilhar entre nós.”

“Parece que você teve uma vida bonita lá”, disse Moira. “Você precisa pensar nessa vida sempre que as coisas ficarem difíceis aqui. Você precisa buscar forças nisso.”

Genevieve sabia que a outra mulher entendia do que ela estava falando, mas a única coisa que ela poderia extrair de força naquele momento era o pensamento do fim disso tudo, ou a morte de Altfor ou a dela própria. Ela faria qualquer coisa que fosse preciso. Ela não se importava se isso levasse à sua derrota, contanto que o nobre não conseguisse o que queria dela. Ela poderia ser sua esposa, mas ela nunca seria dele.

Mesmo se isso a matasse.

Seis luas depois

CAPÍTULO VINTE

Royce atacava, golpeando seu amigo Mark, com o barulho das espadas de madeira enchendo o ar enquanto se empurravam de um lado para o outro nos campos. Royce não pôde deixar de notar que ambos eram mais fortes agora, mais rápidos, mais endurecidos - e melhores guerreiros. Nenhum deles foi capaz de obter o melhor um do outro.

Eles giravam as espadas e treinavam como uma máquina bem lubrificada, testando e cutucando as fraquezas um do outro, melhorando a cada balanço, como tinham feito nas últimas seis luas. Eles haviam treinado tanto, era como se conseguissem ler os pensamentos um do outro, e enquanto Royce avançava, de novo, Mark sempre antecipava, bloqueando ou esquivando a tempo. Ainda assim, Mark não conseguia se impor sobre ele.

Royce ouviu os gritos e aplausos ao redor dele, vagamente ciente da dúzia de garotos em volta deles, incitando-os. Seis luas atrás havia dezenas desses meninos. Mas essas últimas seis luas tinham sido cruéis demais, reduzindo o grupo a quase nada. Houve perdas por causa da fome, do frio intenso, da luta, do afogamento, de encontros com bestas, de batalhas com autoridade e de intermináveis sessões de treinamento que eram tão extenuantes que alguns dos meninos não aguentavam e morriam.

Como avisou Voyt, os fracos eram eliminados aqui, dia após dia.

Enquanto treinava, Royce tentava esvaziar da sua mente o mais recente funeral de um de seus irmãos de armas, no início da manhã, um caso sombrio de um menino que se afogou enquanto tentava nadar através do Grande Canal. Tinha sido a última etapa de uma sessão de treinamentos de um dia inteiro, e enquanto ele clamava por ajuda, preso nas marés, mas a poucos metros da costa, nenhum soldado tinha ido atrás dele. Nem permitiram que Royce ou os outros fossem atrás dele. Fazia parte do treinamento, eles disseram.

Royce tentou afastar o pensamento de sua mente, mas os gritos do garoto ainda ecoavam em sua cabeça.

Distraído, Royce sentiu uma pontada de dor quando, de repente, olhou para cima e viu Mark dando um golpe em seu braço. Antes que ele pudesse reagir, Mark girou a espada rapidamente e o desarmou, derrubando a espada de Royce, deixando-o indefeso.

Surpreso, Royce atacou e jogou seu amigo no chão, derrubando-o. Os dois lutaram no chão, até que Royce conseguiu colocar Mark em uma alavanca de braços, agarrando seus ombros e prendendo-o.

“Desista!” Royce exigiu.

“Nunca!” Mark disse.

Mark rolou e jogou Royce para longe dele. Os garotos aplaudiram quando os dois ficaram novamente de pé e recuperaram as espadas, um de frente para o outro, procurando uma abertura para atacar novamente.

“Lutem!” gritou uma voz.

Royce e Mark olharam quando Voyt apareceu marchando diante deles, com uma espada de madeira na mão. Ele franziu o cenho.

“Vocês dois lutaram miseravelmente”, disse ele. “Continuem lutando assim, e vocês certamente serão mortos nos Fossos.”

Royce não se surpreendeu com aquelas palavras. Voyt não havia sido gentil uma única vez, desde que tinham chegado. Porém, no fundo, secretamente, Royce sabia que tinha melhorado - e muito - e sentiu que Voyt o admirava.

Uma corneta soou, gritos ecoaram, e mais garotos entraram no ringue e começaram a lutar. Os sons de *click-clack*, que nunca terminavam nesta ilha, voltaram a soar novamente.

E assim por diante, como havia sido hora após hora, dia após dia.

“Royce!”, gritou uma voz.

Royce se virou para ver Voyt franzindo o rosto para ele, com as mãos nos quadris.

“Venha comigo.”

Royce trocou um olhar com Mark, que olhou para trás nervosamente. Voyt nunca havia chamado nenhum deles antes. Royce não viu como isso poderia dar certo.

Royce se virou e seguiu enquanto todos os outros garotos olhavam, claramente imaginando o que poderia ser aquilo, e ele correu para alcançar Voyt.

“Você perde, vez após vez, por causa da maneira como segura a sua espada, a maneira como posiciona seu corpo”, disse Voyt, decepção em sua voz, olhando para frente enquanto caminhava.

Royce franziu as sobrancelhas.

“Eu não perdi”, disse ele. “Foi um empate.”

Voyt bufou.

“Um empate é uma perda”, ele repreendeu. “Não ganhar é uma perda. Nos Fossos, se você não vencer, você está morto.”

Eles caminharam em silêncio, subindo e descendo colinas, a apreensão de Royce se aprofundando. Nada disso corria bem. Ele seria morto?

Finalmente, eles alcançaram uma grande árvore queimada, seus galhos retorcidos apontados para o céu, e Voyt parou na clareira abaixo dela.

Voyt se virou e olhou para ele. Ele tirou duas espadas de verdade de seu cinto, segurando uma e jogando a outra para Royce.

Royce a pegou no ar, surpreso com o peso daquilo. Ele segurou-a, admirando sua empunhadura de metal pesado, a lâmina dupla e grossa. Ele olhou para cima e viu Voyt sorrindo, com sua espada brilhando na luz, e ele sentiu uma onda de medo. Era a primeira vez que eles seguravam espadas reais.

“Fiz algo errado?”, Royce perguntou. “Você vai me matar?”

Voyt sorriu e Royce percebeu que nunca o tinha visto sorrir antes. Parecia mais como uma carranca. Voyt era uma figura grande e intimidante, que lançava uma grande sombra sobre todo o grupo, tanto sobre os soldados quanto sobre os meninos.

“Se você não for rápido o suficiente, eu talvez até te mate.”

Voyt subitamente partiu para cima de Royce, erguendo a espada, indo em sua direção. Royce, por puro instinto, levantou sua própria espada no último segundo e bloqueou o golpe pesado. O som agudo de metal soou e faíscas começaram a chover ao redor deles. A vibração do golpe passou por todo o braço de Royce, através de seu cotovelo. Ele ficou atordoado com a força e a velocidade dominadoras do comandante, e não tinha ideia de como poderia lutar contra ele.

Voyt nem sequer parou; Ele girou a espada ao redor e, em um movimento rápido, cortou a espada de Royce. Lá veio novamente o som de aço raspando aço quando ele derrubou a espada de Royce de sua mão.

Royce, indefeso, assistiu a arma voando, até que finalmente aterrissou no chão a vários metros de distância. Voyt segurou a ponta da espada no pescoço de Royce, e Royce ficou ali, indefeso, envergonhado.

“Você vai ter que fazer muito melhor que isso”, Voyt repreendeu. “As últimas seis luas não lhe ensinaram nada?”

Royce olhou para baixo, envergonhado, sentindo o sangue correr para suas bochechas.

“Porque você me trouxe aqui?”, Royce perguntou.

Um pesado silêncio caiu quando Voyt deu um passo à frente, triturando o cascalho com as botas. Royce se preparou para um golpe fatal.

“Para ensiná-lo a permanecer vivo”, ele respondeu em sua voz profunda.

Royce olhou para cima, atordoado. De repente, ele entendeu que não havia sido levado para ser morto; pelo contrário, ele entendeu que Voyt havia se interessado por ele. Ele se perguntou por quê.

“Por que eu?”, Royce perguntou. “Porque agora?”

Voyt baixou a espada.

“Você tem uma qualidade diferente dos outros”, disse Voyt. “Você tem uma sensação natural de guerra. Você vê as lacunas nas defesas de um inimigo, e você já está se movendo quando o inimigo o ataca. Eu posso estar interessado em ver você viver um pouco mais. Agora pegue sua espada e pare de fazer perguntas.”

Royce correu atrás de sua espada e segurou-a novamente. Desta vez, ele apertou a empunhadura, jurando não a soltar.

Voyt atacou novamente, soltando um som de raiva, e Royce bloqueou o golpe, com faíscas voando pelos ares.

“Duas mãos!”, Voyt gritou. “Um homem segura uma espada com uma mão quando tem algo útil para fazer com a outra. Se você tem um escudo, uma faca ou um manto, essa é a hora de usar apenas uma mão. Caso contrário, use toda a sua força!”

Royce apertou a espada ainda mais quando Voyt se virou, desferindo um poderoso golpe que teria cortado uma árvore ao meio. Royce defendeu o ataque em uma chuva de faíscas, com seu corpo inteiro oscilando por causa da força dele.

“Você deve aprender as lições de um guerreiro. Use os pontos fortes do seu oponente como pontos fracos. Use tamanho contra eles. Use a falta de velocidade deles. Onde quer que eles achem que são mais perigosos, também há uma chance. Não hesite.”

Voyt atacou, balançando a espada de novo e de novo, de um lado para o outro, conduzindo Royce de volta através da clareira sob a árvore retorcida. No entanto, todas as vezes, Royce foi capaz de bloquear, encharcado de suor, braços tremendo, mas sobrevivendo. Faíscas choviam sobre ele, e Royce mal conseguia se segurar contra a força hercúlea de Voyt.

“Você é lento”, disse Voyt enquanto agitava sua espada. “Como um pato vadeando a lama. Porque você se move com os braços, não com os quadris, como deveria. O poder começa aos seus pés, não aos seus ombros. Lute com seus pés e o resto seguirá.”

Antes que Royce pudesse processar suas palavras, Voyt de repente se virou com o pé e varreu as pernas de Royce debaixo dele com uma rasteira.

Royce caiu de costas na lama, sem fôlego, piscando ao olhar para Voyt, que estava de pé sobre ele, balançando a cabeça.

“Você se concentra muito nas armas do seu inimigo”, Voyt repreendeu. “Existem muitas armas para um combatente. Espadas, claro. Mas mãos e pés também.”

Royce se levantou e encarou de novo, respirando com dificuldade, enxugando o suor de seus olhos. Novamente Voyt atacou e novamente Royce bloqueou.

Enquanto Voyt o conduzia pela clareira, desta vez Royce tentou prestar atenção ao que ele havia aprendido. Concentrou-se nos pés e começou a sentir-se mover mais depressa, um pouco mais ágil. Ele percebeu que Voyt estava certo. Ele conseguiu desviar de dois golpes que, sem esse conhecimento, certamente o teriam atingido.

“Melhor”, disse Voyt após desferir um golpe que passou raspando pelo braço de Royce. “Mas ainda muito lento.”

“Este campo é pura lama”, Royce chamou de volta, escorregando. “Isso é o que está me impedindo.”

Voyt riu.

“E você acha que eu estou lutando na água?”, ele repreendeu. “Nós compartilhamos o mesmo terreno.”

Ele rosnou quando atacou Royce com uma combinação feroz de golpes, parecendo fazê-los chover sobre ele de todas as direções ao mesmo tempo. Royce fez tudo o que podia fazer para bloqueá-los.

“Por que você acha que eu te trouxe aqui?”, Voyt parecia latir. “Você acha que seu adversário deve lutar em um terreno diferente de você? Você acha que ele, e ele sozinho, tem a vantagem? Você acha que os Fossos são feitos de grama e cascalho? Você estará lutando na lama. E você provavelmente vai morrer na lama. E pela sua aparência, reclamando o tempo todo.”

Voyt soltou um grito quando ele se lançou novamente; desta vez Royce se esquivou e desviou por pouco do golpe quando Voyt passou correndo.

Royce ficou surpreso com sua destreza.

Voyt se virou e olhou para ele.

“Rápido”, ele comentou. “Mas outro fracasso. Você perdeu uma oportunidade. Quando estiver perto, você deve esquecer sua arma e usar suas mãos. Você deveria ter me agarrado e derrubado quando passei.”

Assim que disse essas palavras, Voyt se virou e em um movimento rápido deu uma cotovelada em Royce pelas costas.

Royce cambaleou para frente, com uma dor lancinante entre as omoplatas e caiu de cara na lama, sem fôlego. Era como se uma marreta tivesse esmagado suas costas; ele mal podia acreditar que um homem pudesse ser tão forte.

Um momento depois, ele sentiu mãos fortes levantá-lo e colocá-lo de pé.

Royce ficou ali, rosto coberto de lama, envergonhado, abatido.

“Você vai me encontrar aqui amanhã antes do amanhecer”, disse Voyt. “Antes que os outros acordem. Vamos tentar novamente.”

Royce olhou para ele, chocado com a honra. Ele estava cheio de gratidão, mesmo que estivesse cheio de dor.

“Por que eu?”, ele perguntou novamente.

Royce olhou para Voyt e ele se viu olhando nos olhos escuros de um assassino. No entanto, eles também eram os olhos de um guerreiro valente e verdadeiro, um que Royce admirava mais do que pudesse exprimir em palavras.

“Porque eu me vejo em você”, disse Voyt, “e vejo o que você poderia se tornar.”

Royce se perguntou como isso seria possível. Voyt era o maior guerreiro que ele já conhecera. E um líder entre os homens.

“Se qualquer um dessa safra tiver chance de sobreviver, é você. O resto já está morto em meus olhos.”

Royce ficou chocado com o elogio; ele não tinha ideia de como havia captado a atenção de Voyt, que ele sempre achava que o desprezava. No entanto, ao mesmo tempo, Royce pensou em Mark sentiu-se pesaroso pelo amigo, imaginando-o não sobrevivendo.

Royce olhou de volta.

“Você realmente acha que eu posso sobreviver?”, ele perguntou.

Voyt olhou de volta, mortalmente sério.

“Provavelmente não”, ele respondeu. “Não por muito tempo. Mas se eu puder prolongar sua vida um pouco mais, isso será o suficiente.”

Royce ficou perplexo com aquele homem misterioso.

“Mas por que?”, ele perguntou. “Por que isso para mim?”

Voyt olhou para baixo e Royce entendeu que ele estava olhando para a marca de queimadura em seu antebraço. Ele então olhou de volta para Royce.

“Por seu pai.”

Royce ficou parado, completamente perplexo.

“Meu *pai*?”, Royce perguntou. “Meu pai é apenas camponês, fazendeiro de uma pequena aldeia. Como você, um grande guerreiro, conheceria meu pai?”

Lentamente, com um ar sério, Voyt balançou a cabeça.

“Seu pai foi o único homem que me derrotou. E o único guerreiro que eu amei.”

Voyt de repente se virou e foi embora, deixando Royce parado ali, cheio de admiração.

Royce se abaixou e olhou para sua cicatriz como se nunca a tivesse visto antes, e pela primeira vez em sua vida, um novo pensamento cruzou sua mente.

Quem era o pai dele?

E quem, afinal, era ele?

CAPÍTULO VINTE E UM

Na meia luz da cela, Raymond estava de costas para os seus irmãos, indo até uma das poucas janelas ali. Foi apenas uma das lições que a vida na masmorra lhes ensinou: nunca pergunte sobre a vida de outra pessoa, nunca confie em alguém que não seja da família, nunca dê hoje o que você pode precisar para mantê-lo vivo amanhã.

A masmorra havia mudado seus irmãos. Quando antes ambos estavam saudáveis e bem alimentados, agora os dois pareciam magros e desnutridos. O corpo largo de Lofen tinha sido reduzido até metade do que já tinha sido, enquanto quase não havia nada de Garet sobrando. Certamente não seu sorriso. Quanto a Raymond, ele passou a ter uma tosse forte, que não ia embora, e dores em quase todas as partes de seu corpo causadas pelas brigas, que eram a única maneira de sobreviver aqui.

“Eles estão nos deixando aqui até morrermos”, disse Lofen, não pela primeira vez.

Raymond deu de ombros, do jeito que ele sempre dava de ombros quando seu irmão dizia isso. “Então teremos que viver e desafiá-los, não é mesmo?”

Lofen parecia ter alguma resposta para isso, mas não disse nada, afinal. Os três se encaminharam para a pequena janela da masmorra, que ficava alta o suficiente para que Raymond tivesse que subir nos ombros dos outros para poder ver o mundo exterior.

Lá fora, a vida do castelo continuava em sua habitual monotonia. Servos iam e vinham, carregando tudo, de velas a pedaços inteiros de carne, o suficiente para deixar a boca de Raymond salivando. As carroças iam e vinham, enquanto no fundo, sempre visível, estava a carroça com o poste, pronta para levar os prisioneiros para a forca.

“Eles estão montando lá”, disse Raymond.

“Você acha que seremos nós hoje?”, Lofen perguntou.

Como Raymond poderia responder isso?

“Não, não hoje”, disse ele, tentando soar o mais confiante possível. “Vamos lá, me ponha para baixo, e cada um pode ter uma vez de olhar.”

Eles baixaram Raymond de volta ao chão da cela.

“E a minha vez?”, um homem exigiu. Ele era grande e novo, ainda atrevido o suficiente para pensar que importava o quão forte ele era no mundo exterior. “Eu vi vocês garotos, agindo como se vocês fossem donos deste lugar. Bem, eu estou aqui agora.”

Ele deu um passo à frente, com os punhos levantados, e Raymond se moveu para confrontá-lo. Quando o homem deu um soco nele, Raymond desviou para o

lado, e imediatamente revidou com um golpe forte o suficiente para jogar a cabeça do homem para trás. Raymond o atingiu com o cotovelo quando ele se aproximou, deixando-o sem ar. Lofen fez como se ele pudesse se juntar à briga, mas Raymond gesticulou de volta para ele não se meter. Se os outros pensassem que eles só conseguiriam lutar quando estivessem os três juntos, tentariam atacá-los um por um.

O homem avançou para cima novamente então, de cabeça baixa, como um touro. Raymond saiu do caminho na hora, empurrando-o mais forte que podia. Ele ouviu um estrondo quando seu inimigo atingiu a parede diretamente com a cabeça, deslizando para o chão completamente desmaiado.

Ao redor dele, Raymond podia ver os olhos dos outros prisioneiros, homens e mulheres jogados em uma grande cela para serem esquecidos - sendo que depois de um tempo você rezava mesmo para que se esquecessem de você, porque os que eram lembrados acabavam gritando sob tortura, ou morrendo de qualquer forma nova que inventassem hoje.

Raymond não sabia os nomes dos outros prisioneiros. Ele não sabia porquê eles estavam lá também. Fazer perguntas não era seguro em um lugar como esse. Mesmo nas ocasiões em que havia gritos mais profundos na escuridão, ele e seus irmãos aprenderam a não se envolver. Eles não eram como Royce, que mergulhava no perigo sem medir consequências.

“É a minha vez”, disse Garet.

“Não”, Lofen insistiu. “É a minha.”

“Está...”

Um martelar na porta de ferro interrompeu a discussão antes mesmo de ela começar. Os guardas batendo na porta antes de entrarem parecia uma espécie de brincadeira maldosa para fingir educação, quando na verdade só queriam assustar os prisioneiros e fazê-los se afastar.

“Encostem-se contra a parede!”, um guarda gritou quando a porta se abriu. “Todos vocês fora do caminho, ou vão se arrepender.”

A tocha que ele segurava era brilhante o suficiente para machucar os olhos de Raymond, depois de tanto tempo no escuro, deixando a impressão do fogo em sua mente sempre que ele desviava o olhar. Mesmo assim, porém, ocorreu-lhe que, se todos os prisioneiros ali agissem imediatamente, seriam mais que suficientes para dominar aqueles guardas com facilidade.

Contudo, nenhum deles se mexeu. Tudo o que podiam esperar era que a atenção dos guardas passasse longe deles. Raymond ficou com seus irmãos, sabendo que se hoje fosse o dia da morte deles, haveria pouco que qualquer um deles pudesse fazer para impedir isso.

Meia dúzia de guardas atravessaram a cela, com as armas apontadas, olhando de um prisioneiro para outro, obviamente esticando o momento sinistro o máximo que podiam. Raymond os odiava por isso, mas ele já tinha muito mais para odiá-los.

“Você!”, um guarda gritou, apontando, e Raymond se odiou pelo alívio que sentiu quando aquele dedo não estava apontando em sua direção.

Os guardas avançaram, agarrando uma jovem no meio da massa de prisioneiros. Ela gritou, implorando por misericórdia, mas ninguém se adiantou para ajudá-la. Ninguém sequer tentou. Raymond se amaldiçoou por sentir-se um covarde e começou a dar um passo para longe da parede, mas um dos guardas se virou para ele, levantando uma lâmina.

“Hoje não é seu dia, garoto, a menos que você queira fazer desse jeito”, ele retrucou.

Raymond ficou parado lá, sem vontade de recuar. Garet se aproximou ao lado dele.

“Leve-nos”, sugeriu seu irmão. “Se você quer machucar alguém, leve-nos.”

Raymond estava pronto para lutar. Ele não tinha certeza se eles poderiam fazer isso, mas ele poderia tentar.

Um dos guardas o chutou de volta quando ele deu um passo para trás, e os outros já estavam com as lâminas prontas.

“Tente de novo, e vamos te matar, depois vamos matá-la de qualquer jeito, e ainda abateremos o resto”, disse o guarda principal.

Raymond sentiu a mão de Lofen no ombro dele. Raymond recuou. Não havia nada que ele pudesse fazer. Eles arrastaram a mulher para fora, e ela mal lutou. As masmorras tinham um jeito de quebrar as pessoas até o ponto em que mesmo a morte parecia preferível do que permanecer ali.

Raymond recusou-se a deixá-los fazer isso com ele, embora, enquanto os guardas arrastavam a prisioneira, ele soubesse que, mais cedo ou mais tarde, seriam ele e seus irmãos.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Royce estava de pé ao lado de Mark, segurando a ponta da espada de madeira na garganta de seu amigo deitado no chão diante dele, e sorriu amplamente. Mark, claramente desapontado, sacudiu a cabeça.

“Injusto”, disse Mark. “Eu não posso ganhar apenas uma vez?”

Royce baixou a espada e estendeu a mão; Mark pegou e Royce o puxou para cima.

“Você lutou muito bem, meu amigo”, disse Royce. “Eu tive sorte.”

Mark franziu a testa.

“E todas as outras vezes?” ele perguntou. “Sorte?”

“Ele tem a vantagem porque trapaceia. Você não viu?”

Era uma voz cheia de maldade, e Royce se virou para ver Rubin sair do círculo de garotos. Os gêmeos avançaram atrás dele, e os três pularam para dentro do fosso lamacento em que Royce estava treinando - uma réplica dos Fossos que estavam por vir - e ergueram as espadas de madeira, encarando-o.

“Vamos ver como você pode lutar quando são três contra um”, acrescentou Rubin.

“Eu te dou cobertura”, disse Mark, levantando sua espada.

“Não”, respondeu Royce, tomando à frente sozinho. “É a minha luta.”

Assim que Mark saiu do fosso, Rubin ergueu a espada e partiu para o ataque com um grito, os gêmeos atrás dele, todos claramente decididos a matar Royce. A tensão entre eles havia crescido constantemente desde as luas passadas e, finalmente, explodira.

Royce estava pronto para isso. Depois de todas essas luas de treinamento com Voyt, ele se sentia mais forte do que nunca, pronto para enfrentar dez garotos, se necessário, e estava preparado para uma emboscada desde o dia em que chegara àquela ilha.

Royce ergueu a espada de madeira e bloqueou o primeiro golpe, o som de madeira soando, depois girou a espada ao redor com a velocidade da luz e atingiu Rubin no estômago. Rubin caiu imediatamente de joelhos.

Seth chegou a ele ao mesmo tempo, partindo em direção às costas de Royce. Royce girou e bloqueou e, em seguida, girou a espada com um movimento para cima, desarmando Seth. Royce então lhe deu uma cotovelada no rosto, fazendo-o cair.

Sylvan atacou Royce, gritando, vindo em sua direção como se fosse passar sua espada através dele. Royce se esquivou, golpeou-o no estômago, depois girou sua espada e a golpeou nas costas de Sylvan, mandando-o de cara na lama.

Royce se virou para Rubin, com a espada apontada.

Rubin levantou as mãos.

“Eu me rendo”, disse ele, ainda apoiado em um joelho.

Royce baixou a espada - mas no momento em que o fez, Rubin de repente jogou uma massa de lama em seus olhos.

Royce, cego, tentava tirar a lama do rosto, incapaz de ver. No momento seguinte, ele sentiu uma bota no peito e foi tropeçando para trás, aterrissando de costas no chão, desarmado.

“LUTA!”, gritaram os meninos lá em cima, observando.

Um momento depois, Royce, ainda cego e esfregando a lama, sentiu o peso pesado de Rubin em cima dele, seus joelhos caindo sobre os ombros. Ele então engasgou, incapaz de respirar, enquanto as palmas das mãos gordas de Rubin envolviam sua garganta.

Royce agarrou os pulsos do menino, lutando para respirar, mas ele estava imobilizado.

“Eu sempre odiei você”, Rubin fervilhava. E sorriu. “Agora chegou a hora de mandá-lo de volta para a fazenda de onde você veio. Ninguém vai notar que você se foi.”

Royce ouviu um som e viu Mark pulando no buraco. Ele correu para salvá-lo - mas os gêmeos bloquearam o caminho e ele lutou furiosamente com eles, tentando escapar.

Royce, desesperado, perdendo oxigênio, sabendo que assim ia morrer, sentiu aquela sensação novamente. Ela correu através dele, vindo de dentro. Era uma força. Uma força que ele não entendia. Ele não precisava entender, ele entendeu; ele só precisava ceder a isso.

Com uma súbita onda de poder, Royce conseguiu soltar os braços de Rubin, girar e afastá-lo. Ele então rolou e imobilizou o valentão.

Royce sufocou Rubin como ele próprio o tinha sido sufocado antes. Rubin levantou os braços e começou a enforcar Royce também. Os dois estavam na lama, o ódio correndo por ambos, sufocando um ao outro até a morte. Royce estava perdendo ar, mas ele ficou satisfeito em ver Rubin perdendo mais.

De repente, Royce sentiu uma bota no estômago. Ele foi chutado e a próxima coisa que se deu conta é que estava rolando na lama.

Ele olhou para cima e viu vários soldados entre ele e Rubin, alguns pisando no peito de Rubin também.

Voyt se aproximou e sacudiu a cabeça, olhando para Royce enquanto falava.

“Por mais que eu adorasse ver vocês dois se matando, hoje não é o dia. Nós temos negócios mais importantes.”

Mal ele terminara de falar, uma corneta soou. Era a corneta do encontro. Algo importante estava acontecendo.

Royce e os outros se levantaram e reuniram-se em volta de Voyt. Rubin e os gêmeos se alinharam no outro lado do círculo, e Royce podia vê-los fumegando, prometendo se vingar quando chegasse a hora.

“RAPAZES!”, Voyt explodiu, e todos ficaram em silêncio enquanto ele exigia sua atenção. “Neste dia alguns de vocês se tornarão homens. Vocês sobreviverão ao teste final e seu treinamento terminará. Outros de vocês vão morrer. Sua iniciação chegou.”

Ele andava de um lado para o outro nas fileiras e o coração de Royce batia forte, perguntando-se o que estaria esperando por ele.

“Vocês viajarão daqui como um grupo, descerão à Caverna da Loucura e recuperarão a Espada de Cristal. É guardada por um Mantra, uma fera que matou muitos antes de vocês, e matará muitos mais por vir. Para vocês, aqueles poucos que sobreviveram a essas luas, essa é sua recompensa. Esse é o seu privilégio. Uma chance de uma vida lutando nos Fossos. E uma chance de uma morte gloriosa.”

Royce observou o olhar de Mark. Seu rosto estava cheio de medo, assim como os rostos dos outros meninos.

“Além dos campos de minério, fica a entrada da caverna. Vocês irão como um, e vocês aprenderão, finalmente, a lutar como um. Pois se vocês não o fizerem, certamente morrerão. Vocês precisarão um do outro, mais do que vocês já precisaram. Se vocês lutarem juntos, poderão sobreviver. Apenas os dignos retornarão. E são apenas os dignos que desejo ver novamente.”

Um grupo de soldados se adiantou e Royce notou que cada um deles segurava uma arma, envolta em um pano de veludo escarlate. Voyt assentiu e eles removeram os panos, e Royce perdeu o fôlego ao ver doze espadas impressionantes reveladas, brilhando, com punhos de platina, feitas com o melhor metal que ele já tinha visto.

Os soldados deram uns passos à frente e entregaram uma espada para cada garoto. Royce estendeu a mão e pegou a dele, segurando o cabo com uma mão, a lâmina com a outra. Ele estava maravilhado. Era algo majestoso. O aço era preto, esculpido com a insígnia da Ilha Vermelha, enquanto o punho era flanqueado por longas pontas de prata. Sua lâmina era longa e afiada, a mais afiada que ele já tinha visto, feita de um metal que ele não conhecia. Royce ergueu a espada e parecia segurar um raio em suas mãos. Era a maior arma que ele já havia segurado.

“Estas são as armas dos homens”, disse Voyt. “Não de meninos. Pois são homens que vocês se tornaram aqui na Ilha Vermelha.”

Ele andava de um lado para o outro, olhando-os de cima a baixo.

“Aqui, na Ilha Vermelha”, continuou Voyt, “damos nossas espadas de iniciados *antes* de vocês serem efetivamente

iniciados. Dessa forma, se vocês morrerem, vão morrer segurando a recompensa em suas mãos.”

Ele andava de um lado para o outro nas fileiras e Royce examinou a espada, brilhando à luz da manhã, e sentiu-se repleto de orgulho. O que quer que acontecesse, seja lá o que estivesse por vir, ele merecera isso, e ninguém poderia tirar isso dele.

“Na Caverna da Loucura”, vociferou Voyt, “vocês encontrarão as bainhas e espadas de muitos meninos que seguravam armas como essas diante de vocês, e que morreram antes de vocês. Eles são homens também. Não há vergonha em morrer. Apenas vergonha do medo.”

Uma corneta soou novamente e, enquanto o grupo de soldados se dispersava, Royce se viu trocando olhares com os outros onze garotos, que pareciam atordoados. Todos pareciam estar encarando a morte frente a frente.

Um Mantra, pensou Royce. Ele havia lido sobre eles quando menino. Um monstro horrível e cruel. Uma besta lendária. Ele balançou sua cabeça. Não havia como sobreviver.

Lentamente, o grupo de meninos se juntou e, como um só, afastaram-se da clareira e começaram a longa jornada através das planícies. Um passo após o outro, eles marcharam através do deserto árido diante deles, sob a luz fria e brilhante um novo amanhecer. Todos caminharam em silêncio.

Eles caminharam devagar, com relutância, pela terra devastada, até mesmo Rubin e os gêmeos, pela primeira vez não assediando ninguém. Foi uma marcha de morte solene através das rochas estéreis, cada passo levando-os para mais perto da caverna, em algum lugar na extremidade da ilha.

Foi quando o sol ficou alto no céu que Royce olhou para cima e parou, junto com os outros. Eles estavam à beira de um precipício. Quando olhou para baixo, um vento forte atingiu-o no rosto. Royce ficou parado, boquiaberto. Ninguém disse uma palavra.

Lá embaixo, havia uma enorme montanha e, ao lado, uma entrada escancarada, com cerca de noventa metros de largura e altura, até uma caverna. Parecia ser a entrada para o inferno em si.

Surgiu um cheiro horrível da caverna, levado pelo vento até onde eles estavam. Royce também podia sentir as ondas de calor vindo do que parecia ser uma espécie de respiração. Ele sentiu o tremor sob seus pés, ouviu os rncos de uma enorme criatura espreitando abaixo, em algum lugar na escuridão.

Ele olhou para seus irmãos de armas e, pelos seus rostos, parecia que alguns deles já tinham morrido ali mesmo.

Sem dizer qualquer palavra, todos deram o primeiro passo e desceram juntos, como um, para as profundezas do inferno.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Genevieve estava na arquibancada, no alto, elevando-se sobre a multidão abaixo, e desviou o olhar com repulsa enquanto a massa de gente rugia diante do espetáculo. O estádio balançou quando homens e mulheres se levantaram, aplaudindo. Ela não podia acreditar na maldade que tanto movia aquelas pessoas. O que ela daria para estar em qualquer lugar, menos ali.

Genevieve se virou para ir embora quando de repente sentiu uma mão agarrar seu braço com força e puxá-la de volta.

Ela olhou para ver Moira, sua cunhada, olhando para trás severamente, sem ser notada no caos.

Moira balançou a cabeça em silêncio.

“Você é da nobreza agora”, ela avisou. “Aja como tal. A menos que você queira se encontrar trancada em uma masmorra.”

Genevieve ficou ali, paralisada, e lentamente virou-se e olhou para o espetáculo. Lá, abaixo dela, estava o fosso de luta lamacento, com suas paredes íngremes subindo seis metros para que seus combatentes não pudessem escapar. No centro, na terra lamacenta, jazia um homem morto, com a face para cima e uma lança no peito. Ao lado dele estava outro homem, usando uma máscara grotesca em forma de leão. Ele olhou para cima, levantando os braços e batendo no peito, absorvendo a adulação da multidão. Ele desfilou ao redor da cova como um pavão, tendo acabado de assassinar o outro homem a sangue frio.

A multidão parecia que não gritava o suficiente, e cada aclamação era como uma faca no coração de Genevieve. Ela odiava esse lugar. Odiava esses nobres. Odiava tudo sobre o que esse reino selvagem era.

O que ela mais odiava eram seus pensamentos sobre Royce. Lá, abaixo, estava um tenebroso futuro esperando por ele. Era terrível. Pior que a morte. E era tudo por causa dela.

Talvez fosse por isso que Altfor a arrastara para cá, pensou Genevieve. Ela olhou para ele e o viu ali, batendo palmas, o rosto tão presunçoso como todos os outros. Ela mal podia acreditar que era casada com esse homem. *Casada*. O pensamento virou seu estômago. Seis luas haviam passado lentamente, muito devagar, uma agonia de espera para ouvir Royce. No entanto, nenhuma palavra chegou. Ela não sabia se ele estava vivo. No entanto, ela sonhava com ele todas as noites.

Na maioria dos sonhos, ele estava estendendo a mão para ela, as pontas dos dedos roçando os dela, apenas por pouco fora de seu alcance.

Genevieve suspirou, afastando o pensamento de sua mente. Poderia ser pior, ela disse a si mesma. Pelo menos, Altfor não a fizera dormir com ele. Ele até lhe permitira uma câmara separada, uma cama própria, e isso permitia que ela se sentisse como a prisioneira que queria ser. Ela queria compartilhar o isolamento e a dor que Royce sentia.

Genevieve olhou e notou uma garota do outro lado de Altfor. Ela era jovem e incrivelmente linda. Genevieve a tinha visto muitas vezes antes, sempre se aproximando de Altfor. Ela a viu envolver um braço gentil ao redor dele e percebeu que seu marido não a afastou. A garota olhou para ele com amor e carinho, erguendo os olhos para ele.

“Você é uma tola”, veio uma voz.

Genevieve se virou para ver Moira olhando também para a garota.

“Ele vai encontrar alguém, você sabe”, continuou Moira. “Ele é um homem e os homens têm necessidades. Eles não gostam de ser desprezados. Continue ignorando-o e você será descartada.”

Genevieve sorriu.

“Ótimo”, ela respondeu. “Não há nada que eu deseje mais.”

Moira franziu a testa e sacudiu a cabeça.

“Você ainda não entende”, ela respondeu. “Nobres são obcecados por títulos. Você é uma *esposa* agora. Você faz parte dessa família para sempre. Queira você se dar conta disso ou não.”

Genevieve lutou para entender.

“Mas você acabou de dizer que se ele estivesse cansado de mim, ele me deixaria ir.”

Moira sacudiu a cabeça.

“Ele tomaria outra mulher, é verdade, mas você nunca seria verdadeiramente livre”, ela respondeu. “Eles nunca poderiam permitir que você estivesse lá fora, livre, casando com outra pessoa. Especialmente com Royce. Não depois de tudo isso. Isso os envergonharia. Eles iriam te esconder em algum lugar. Em uma masmorra, provavelmente. Você nunca seria ouvida de novo.”

“Ótimo”, Genevieve insistiu. “Eu não desejo ser livre se meu amor não for.”

Moira sacudiu a cabeça novamente.

“Você é uma tola maior do que eu pensava”, ela respondeu. “Você é a única esperança de Royce. Se você estiver trancada em uma masmorra, que esperança ele terá?”

Genevieve piscou os olhos, ponderando as palavras de sua cunhada.

“Mas como o fato de eu ser casada, de ser uma nobre, o ajuda? Não fiz nada que o favorecesse até agora.”

Moira franziu a testa.

“Porque você não sabe nada sobre os modos dos nobres. E você nem se deu ao trabalho de aprender. Nobres têm poder. Poder ilimitado, mais do que você poderia imaginar. Se você fosse uma verdadeira esposa e mãe nobre, amada pela família, poderia fazer o que quisesse. Com o estalar dos dedos, você poderia comandar qualquer um que desejasse. Salvar quem você quisesse.”

Genevieve sentiu o coração bater mais rápido pela primeira vez desde que havia chegado aqui. Ela se inclinou para mais perto de Moira.

“Sim”, disse Moira, animada. “Você teria poder sobre a vida de Royce. Você deseja salvar seu amado? Ou prefere se afastar numa masmorra em algum lugar em uma nuvem de autopiedade, enquanto Royce também sofre e morre?”

Genevieve ponderou suas palavras e sentiu uma onda de otimismo. Pela primeira vez, ela queria viver novamente.

“Claro que quero salvar Royce”, ela respondeu. “Eu daria minha vida por ele.”

Moira assentiu.

“E você realmente acha que poderá salvá-lo, ganhar qualquer tipo de poder, se permitir que seu marido caia nos braços de outra mulher?”

Genevieve pensou sobre isso.

“Você não vê?”, Moira pressionou. “À sua frente está o caminho para o poder. Se você quer tudo, você deve parar de fugir do seu papel. Você deve abraçá-lo.”

Moira recuou para a multidão que rugia e, quando todos começaram a se dispersar, as batalhas já terminadas, Genevieve se virou e olhou para Altfor. Lá estava ele, a garota ainda com um braço sobre ele. Quando ela olhou, de repente ela teve uma nova perspectiva. As palavras de Moira ecoaram em sua mente e ela entendeu que estava certa. Esta era mesmo uma oportunidade diante dela. Uma oportunidade que se perdia.

Ela precisava ir ao encontro de Altfor imediatamente. Abraçá-lo. Amá-lo.

Mesmo que fosse o que ela desejava menos no mundo.

Através do amor vem o poder.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Royce caminhava com o grupo de meninos até a Caverna da Loucura, dando um passo de cada vez pela encosta íngreme até que a escuridão absoluta quase os engoliu. A luz do sol ficava mais fraca a cada passo, dificilmente lhes dando chance para enxergar. Mark marchava ao lado dele, os dois no meio do grupo, o resto dos garotos na frente e atrás deles, todos eles marchando juntos, até o covil do monstro.

Finalmente, eles eram todos uma unidade. Marchavam como um grupo, mantendo-se perto, espadas estendidas diante deles com mãos trêmulas, o medo no ar palpável. O túnel era cavernoso, com noventa metros de largura, o som de suas botas ecoando, fundindo-se com o som de alguma coisa pingando do teto. Algo correu na escuridão diante deles, então desapareceu rapidamente. Royce não gostou de pensar no que poderia ter sido.

O pior de tudo era o cheiro. Cheirava à podridão ali embaixo, e Royce virava a cabeça enquanto o tremendo calor subia em ondas, carregando o cheiro nocivo. Ele estava com medo de imaginar sua fonte: o hálito nocivo do monstro, esperando por eles. Isso apenas aprofundou seu senso de pavor.

Um estrondo distante, que parecia um trovão, ecoou pelas paredes vindo de algum lugar distante, parecendo dominar todo o lugar, e Royce se virou para Mark, que o encarou de volta. Ele sentiu as próprias mãos começarem a suar. O que quer que fosse, não havia como conseguirem derrotá-lo.

Royce viu Rubin à frente, flanqueado pelos gêmeos, pela primeira vez não encarando Royce com ódio. Em vez disso, ele olhava diretamente para frente, congelado de medo. Ele estava ocupado demais marchando em direção à morte para se preocupar com intimidar os outros.

Pela primeira vez, os doze estavam todos juntos nisso. Eles tinham sobrevivido à viagem de navio até aqui, haviam sobrevivido à marcha dos dignos, haviam sobrevivido a essas últimas doze luas aqui, e todos tinham se unido - exceto, é claro, por Rubin e os gêmeos, que sempre permaneceram à parte. Mas Royce e os outros oito haviam formado um vínculo mais profundo que amizade; eles eram agora como irmãos. Eles estavam todos marchando para a morte como uma família. Royce morreria por qualquer um desses garotos, e ele sabia que eles morreriam por ele. De alguma forma, isso tornava tudo mais suportável.

Era algo que Rubin e os gêmeos nunca entenderam, algo que eles perderam.

“Se quisermos sobreviver a isso, devemos permanecer juntos.”

Royce não precisou se virar para saber quem estava falando; ele reconheceu a voz. Era Altos, andando ao lado dele, um rapaz alto, musculoso e barbeado, com cabelo preto curto e olhos negros. Todos os meninos olhavam e respeitavam Altos,

inclusive Royce. Altos sempre se apresentara como líder, sempre tomara a postura mais ativa, sempre fora o primeiro a ser voluntário. Ele, Royce e Mark se tornaram rápido amigos desde o começo.

“Devemos encarar a fera como uma só”, continuou Altos.

“Se a fera atacar”, disse Sanos, um garoto destemido e magro com cabelos ruivos flamejantes, sempre leal a Royce e os outros, “precisamos trabalhar em equipe, alguns de nós a distraem enquanto outros atacam.”

“Você tem suas estratégias, nós temos as nossas”, interveio Rubin, voltando-se, olhando para cima. “Nós não precisamos de vocês. Eu posso lutar sozinho. Se vocês estão com muito medo de ir em frente, podem seguir seus caminhos.”

“Você pode lutar sozinho e você pode morrer sozinho”, Altos respondeu. “Eu não me importo nada com você.”

A tensão aumentou entre os nove meninos e Rubin e os gêmeos, e a apreensão de Royce se aprofundou ao ver o grupo dividido. Sabia que Altos estava certo: só se trabalhassem juntos sobreviveriam a isso. E eles não estavam juntos a partir de agora; eles eram um grupo de nove e outro grupo de três.

“Siga o seu caminho e nós vamos para o nosso”, interrompeu um dos gêmeos. “Vamos ver quem sobrevive.”

Rubin e os gêmeos se separaram do grupo, indo para a direita, mais fundo na caverna, criando distância entre si mesmos e o grupo.

“A besta, afinal, vai procurar o grupo maior - e isso significa vocês”, acrescentou Rubin, rindo enquanto desapareciam na escuridão, agora apenas uma voz.

Royce balançou a cabeça enquanto marchavam à frente, desviando-se em direções diferentes.

“Estamos melhor agora”, disse Mark, expressando todos os seus pensamentos. “Agora, pelo menos, somos verdadeiramente uma unidade.”

O coração de Royce batia acelerado enquanto eles desciam cada vez mais fundo na caverna, mais baixo e mais baixo, a luz se tornando mais difusa, mais difícil de se ver. Logo veio um som triturando sob seus pés, e Royce virou-se para baixo e apertou os olhos na escuridão para tentar enxergar algo. Ele entendeu, com um sobressalto, que estava pisando em ossos. Os ossos, ele supunha, dos meninos que vieram antes dele.

“Veja!”, Sanos disse em horror.

Royce olhou e viu Sanos se curvar e pegar uma espada, tirando-a de uma mão esquelética. Royce engoliu em seco. Era uma espada igual a que ele estava segurando. A espada de um menino que veio antes dele, que havia sido enviado em uma missão tal como essa.

Royce examinou o chão da caverna e viu que não havia apenas uma espada - mas dúzias delas. Este lugar não era um campo de batalha; era um cemitério.

Ali era o local que os novatos eram enviados para morrer.

Royce de repente se perguntou se algum dos garotos já havia conseguido retornar.

O grupo seguiu em frente, em silêncio, o ar se encheu com nada além do som de botas esmagando ossos, e o estrondo da besta, em algum lugar na distância, ficando mais alto a cada momento. O calor e o ar nocivo estavam se tornando sufocantes. Royce logo se viu suando, seja por calor ou medo, não sabia.

“Se eu não sobreviver e você conseguir, e se você voltar para o continente”, disse Mark, com a voz cheia de medo, “volte para minha aldeia de Ondor e diga à minha irmã que a amo.”

Royce se virou para ver Mark olhando direto para frente na escuridão, os olhos arregalados de medo.

“E diga a ela que sinto muito por decepcioná-la.”

Royce sacudiu a cabeça.

“Você pode dizer a ela você mesmo, meu amigo”, respondeu Royce. “Você não vai morrer hoje. E nem eu.”

No entanto, enquanto Royce continuava andando, ele se perguntou se suas palavras pareciam verdadeiras.

De repente, um terrível rugido irrompeu, um que fez Royce arrepiar-se por inteiro. Ele parou no meio do caminho com os outros, e quando olhou para cima, o que emergiu das profundezas da escuridão só aumentou sua sensação de medo.

Era diferente de tudo que ele já tinha visto. A besta se assemelhava a um urso, com seu longo pêlo castanho, mas era dez vezes maior do que um urso normal, e tinha um único olho vermelho brilhante, garras amarelas afiadas e dois longos chifres saindo dos lados de sua cabeça. A besta ficou em pé sobre as patas traseiras, elevou-se sobre eles, rosnou e rugiu de novo, o som quase quebrando as orelhas de Royce.

Royce mal podia ouvir os próprios pensamentos, com o som ecoando ao redor deles. O rugido foi seguido por um som estridente, e Royce olhou para cima para ver milhares de pequenas criaturas, parecendo morcegos, voando em bando, claramente tentando fugir do monstro.

Ao longe, do outro lado da fera, Royce sentiu o coração bater forte quando viu a Espada de Cristal, a arma que seus mestres exigiam que recuperassem. Olhando agora, Royce entendeu como era impossível. Não havia como eles conseguirem passar por esse monstro - muito menos sobreviver aqui.

Royce ouviu um barulho pesado e ficou chocado quando se virou para ver Leithna de repente se virar e correr em pânico. Royce estava enojado com aquela

covardia, mas se houvesse alguém que ele esperaria que fosse fugir, seria ele; Leithna mal havia sobrevivido ao treinamento. Royce podia entender. Aquela fera era horrível o suficiente para inspirar medo até mesmo no coração mais intrépido.

Royce assistiu com horror quando a fera repentinamente se lançou para frente, surpreendentemente rápida, dado seu tamanho, e fixou suas vistas em Leithna enquanto ele fugia pela caverna. Em segundos, ele o alcançou e, quando golpeou com seus longos braços, as garras amarelas cortaram as costas do rapaz ao meio.

Leithna gritou e desmoronou de cara no chão em uma poça de sangue. Sem parar, o animal o pegou em suas garras e o colocou na boca, engolindo-o inteiro.

“Ataquem!”, Altos gritou.

Altos correu para frente sem medo, erguendo a espada, e Royce se juntou aos outros enquanto todos atacavam como um só, levantando as espadas em um grande clamor. Quando eles se aproximaram, Royce, com o coração acelerado, continuou correndo até chegar à fera e esfaqueá-la na coxa. Mark e os outros garotos também o alcançaram, golpeando-o e apunhalando-o através de suas pernas e canelas, o mais alto que podiam alcançar. Altos lançou sua espada, enviando-a girando de ponta a ponta através do ar até que ela se alojasse profundamente na coxa da besta.

A besta recostou-se e gritou de dor. Considerando todas as feridas, Royce esperava que ela tropeçasse para trás e caísse; afinal de contas, eles tinham agido em sincronia perfeita e atacaram com tudo o que tinham. Royce estava orgulhoso de seus irmãos. Eles eram verdadeiramente uma unidade agora.

No entanto, para choque de Royce, a besta simplesmente se abaixou, agarrou Altos em uma mão, levantou-o e moveu-se para colocá-lo em sua boca, como se para engoli-lo inteiro. Quando a besta apertou a mão mais fortemente, Royce ouviu um som de rachadura nauseante, e ele entendeu que eram as costelas de Altos estalando. Altos gritou em agonia.

Royce agiu rapidamente, sabendo que tinha pouquíssimos segundos se quisesse salvar seu amigo. Ele plantou seus pés firmemente no chão, estendeu a mão com a espada, mirou e atirou.

Ele assistiu a arma atravessar o ar e finalmente encravar-se no olho da fera.

A besta gritou e depois largou Altos. Ele caiu cerca de seis metros pelo ar e aterrisou no chão duro da caverna, gemendo, talvez quebrando mais costelas. Mas, pelo menos, ele estava vivo.

A fera, rugindo de fúria, tirou a espada do olho e, cega, começou a pisar furiosamente ao seu redor, tentando matar qualquer coisa que estivesse pelo caminho.

Os irmãos de Royce correram, tentando escapar dos pés maciços que desciam como martelos, criando crateras na terra. Royce assistiu com horror quando cinco deles não conseguiram escapar rápido o suficiente e foram esmagados e mortos. O

coração de Royce doeu quando ele viu seu novo amigo Sanos deitado ali, entre os infelizes, esmagados na terra.

Isso deixou seis mortos e Altos ferido. O que tornava Royce e Mark os únicos de pé. Royce mal podia acreditar. Todos esses meninos corajosos, rapazes com quem ele havia treinado e vivido com todas essas luas, todos eles mortos tão rapidamente.

A besta se virou para eles, como se os sentisse na escuridão.

Royce detectou movimento e olhou pelo canto do olho para ver Rubin e os gêmeos se arrastarem para frente nas sombras. Agora que a besta estava cega, eles levantaram suas espadas, correram para frente e golpearam os pés grossos da besta, prendendo-a ao chão.

A besta rugiu, enfurecida enquanto estava presa.

Royce esperava que a fera ficasse imobilizada, mas para sua surpresa ela conseguiu levantar um pé do chão, depois outro. Fechou as mãos em punhos, ergueu-as bem acima do rosto e atingiu um deles às cegas. Seth olhava aterrorizado enquanto aqueles punhos imensos desciam e o esmagavam na terra.

A besta então rugiu, estendeu a mão e de alguma forma conseguiu sentir Sylvan, agarrando-o no ar e em um movimento rápido, comendo-o vivo, abafando seus terríveis gritos enquanto o menino entrava em sua boca.

Os únicos que permaneciam agora eram Royce, Mark, Altos - deitados no chão, imóveis - e Rubin. Rubin, sentindo claramente uma oportunidade, correu para a Espada de Cristal no outro extremo da caverna. Royce entendeu com indignação que Rubin pretendia pegar a espada e sair correndo da caverna, enquanto todos os outros morriam aqui embaixo.

Rubin alcançou a espada, agarrou-a e preparou-se para correr - quando a besta o detectou. Ela girou, bateu suas enormes garras e agarrou Rubin. Ela o segurou alto, trazendo-o para perto como se fosse comê-lo.

Royce sabia que Rubin merecia morrer; mesmo assim, ele não sentiu que poderia permitir que isso acontecesse. Apesar de Rubin ter se comportado muito mal, uma pessoa horrível, Rubin ainda era seu irmão de armas. E não era do feitio de Royce ficar ali e deixar um rapaz morrer, mesmo que ele merecesse.

Royce soltou um grande grito, sentindo uma onda de determinação e, sem pensar em sua própria segurança, correu para frente, pegou uma espada no chão e saltou no ar. Quando ele pulou, sentiu um grande calor surgindo dentro de seu corpo, sentiu o poder chegando a ele. Ele se viu pulando mais e mais alto no ar, seis, oito metros. Algo surreal. Era quase como se ele estivesse voando.

Royce ergueu a espada enquanto voava e, com as mãos pulsando com o poder, ele a encravou no peito da fera, mergulhando-a dentro do corpo da besta.

A besta gritou. Ela olhou para baixo como se estivesse em choque e soltou Rubin, que caiu no chão bem abaixo. Então a fera se abaixou e agarrou Royce.

Mas Royce segurou a espada com toda a sua força, balançando no ar, empalando-a em seu peito, recusando-se a soltar-se enquanto sentia as garras da fera envolvendo-o. Lentamente, aquelas garras se apertaram ao redor dele, espremendo a sua vida. Royce não sabia quanto mais pressão poderia suportar antes de se partir em pedaços. Ele sabia que estava prestes a morrer.

Em um movimento decisivo, Royce conseguiu quebrar o aperto da besta, soltando os seus braços, sendo finalmente capaz de respirar novamente. Ele então soltou um grande grito de guerra, puxou a espada, girou e cortou a cabeça da besta.

A besta caiu para trás, como uma grande árvore desmoronando, e Royce se equilibrou enquanto desabava junto, por fim caindo por cima do corpo daquele animal.

Finalmente, a besta estava morta.

Royce estava no peito da fera, segurando sua espada, respirando com dificuldade, as palmas das mãos ainda vibrando. Lentamente, ele se virou e olhou em volta.

Na penumbra da caverna ele viu Mark, Altos e Rubin, os únicos outros três sobreviventes, olhando para ele, os olhos cheios de admiração. Mais do que maravilhados. Com verdadeira admiração. Todos eles olhavam para Royce como se ele fosse um deus.

Royce ficou lá, com os braços trêmulos, mal conseguindo acreditar no que acabara de fazer.

E se perguntando, ainda mais, quem ele era.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Royce estava diante da fogueira furiosa, as chamas crepitando alto, acima do som dos ventos do oceano que sopravam a costa da Ilha Vermelha, e enquanto ele olhava para as chamas, ele entendeu como era surreal estar vivo. Mark estava de um lado dele, Altos, cuidando de suas costelas quebradas, do outro, e Rubin ao lado deles, os quatro os únicos sobreviventes daquela turma, ali no meio do amplo círculo de soldados, enquanto outros, que tinham claramente completado seus treinamentos anteriormente, observavam. Era uma noite vitoriosa, mas solene, e Royce podia sentir os espíritos de seus irmãos mortos ao seu redor.

Royce olhou para cima e examinou os rostos endurecidos dos homens à sua volta, os homens mais duros que já vira, homens tão duros quanto aquele lugar, homens que ele respeitava mais que quaisquer outros no mundo. Era difícil acreditar que esses eram os mesmos homens que o saudaram quando ele chegou pela primeira vez a essa ilha, doze luas atrás. Eles mudaram tanto assim? Ou ele é quem tinha mudado?

Royce observou a lâmina da Espada de Cristal, que segurava em suas mãos, examinando-a com admiração. “Quantos meninos tiveram que morrer por essa espada?”, ele se perguntou. Quantos anos aquela besta a tinha guardado?

Ele podia ver os homens, Voyt no centro, olhando para ele, e podia ver que eles estavam todos, finalmente, impressionados. Eles olhavam para ele agora com um novo senso de respeito. Eles olhavam para eles não mais como meninos, mas como homens. Como guerreiros. Como lutadores prontos para deixar esse lugar, para serem enviados para os Fossos.

Esse pensamento fez Royce parar quando Voyt se adiantou. Ele segurava um punhado de palhas na mão, estendidos como se fossem uma arma.

“Seu treinamento terminou”, ele disse, “e agora vocês são dignos de aprenderem os seus lugares nas coisas. A Ilha Vermelha é vista como um lugar que treina os homens para que eles morram com maior honra nos Fossos. Para que seus crimes também morram junto com eles. No entanto, alguns de vocês, muito poucos, um em uma dúzia de grupos, podem ter a chance de ser mais. Não pode haver um padrão para isso, e não há espaço para todos vocês, então a sorte é tudo o que resta. Quando eu for até você, escolha uma palha e rezem para que seja um longo.”

Ele começou a andar pelas fileiras dos meninos que tinham passado pelo treinamento, tanto em seus contingentes quanto em outros. Royce viu menino depois de menino pegando palhas curtas, gemidos e estremecimentos vindo deles. Ele viu Rubin pegar uma palha e jogá-la no chão em desgosto.

Foi a vez dele então. Ele sentiu... de alguma forma, ele sentiu como se esse momento significasse algo, como se tivesse significado algo desde sempre. Royce pensou na marca em seu braço; a que Voyt havia reconhecido. Talvez esse tenha sido o momento em que tinha acabado por significar algo mais. Ele estendeu a mão cegamente, deixando o instinto guiá-lo enquanto a palha saía do conjunto que Voyt segurava.

Ele ouviu o treinador suspirar de desapontamento enquanto tirava uma pequena palha.

“Eu tinha pensado... eu esperava...”

“Esperava o que?”, Royce perguntou, adivinhando que essa poderia ser a última chance que ele tinha.

Voyt agarrou-o com força, do jeito que ele teria feito se estivesse ameaçando alguém, mas quando falou, suas palavras eram suaves, não cheias de veneno.

“A Ilha Vermelha é um local de treinamento, não apenas para os Fossos. Nós usamos isso como uma desculpa para encontrar homens para se juntar a uma guarda digna de um rei.” Ele balançou a cabeça tristemente. “Mas sua palha era pequena. Seu destino está em outro lugar.”

Voyt recuou e voltou a distribuir palhas. Ninguém escolheu uma longa dessa vez, e Royce pôde sentir a decepção pairando sobre o grupo como uma nuvem. O treinamento deles finalmente havia terminado, mas e agora?

Voyt ficou de frente para eles.

“E agora vocês devem nos deixar”, disse Voyt, sua voz sombria, muito sombria. “Vocês devem enfrentar os Fossos. Vocês se tornarão entretenimento para o reino.”

Ele suspirou e Royce detectou tristeza naquele suspiro.

“E ainda”, continuou ele, “vocês nunca serão entretenimento para *nós*. Vocês fazem parte da nossa irmandade. Lembrem-se disso sempre, enquanto vocês lutam. À medida que os lutadores vêm enfrentá-los de todos os cantos da Terra, lembrem-se do que aprenderam aqui. Lembrem-se deste lugar, dos irmãos que vocês perderam e lutem não apenas por si mesmos, mas por eles. E quando vocês morrerem, saibam que conquistaram essa grande honra. Ter uma chance de morrer em glória é, de fato, uma das maiores honras que um homem poderia alcançar.”

Voyt deu um passo para o lado e, quando o fez, Royce viu uma luz à distância no escuro da noite. Estava fraca, longe, trêmula, e levou alguns minutos para entender o que era: uma lanterna, balançando em um navio. Um pequeno navio de madeira estava ancorado nas águas agitadas perto da costa, e Royce, aturdido, olhou para Voyt, que acenou de volta com um olhar conhecedor.

“Chegou a hora de ir”, afirmou.

Royce não pôde deixar de sentir uma mistura de triunfo e tristeza; de desejar voltar para casa, e de desespero pela morte que se aproximava. Por mais que odiasse essa ilha, ele também se tornara um guerreiro aqui, aprendera mais sobre si mesmo do que jamais desejara saber. Uma parte dele estava relutante em partir. Voyt, ainda que fosse tão duro como ele era, tornou-se uma espécie de figura paterna para ele. Ele era o mais próximo de um pai que Royce jamais teve. Royce entendeu que sentiria falta dele.

“A lei exige que ponhamos algemas em vocês”, continuou Voyt. “Eu não o farei. Vocês podem não ser livres aos olhos do reino, mas vocês são livres no nosso. Pois todos os verdadeiros guerreiros são livres. Velejem, lutem, morram uma morte gloriosa e nos deixem orgulhosos.”

Os homens se separaram, e um de cada vez, Royce e os outros, usando seus novos peitorais de armadura, empunhando suas novas espadas, começaram a caminhar em direção ao litoral, em direção ao navio que os esperava na escuridão. Royce caminhava por último e, enquanto ia, ouviu barulhos de pedras sendo pisadas e olhou para o outro lado; ele ficou surpreso ao encontrar Voyt andando ao lado dele.

“Vou acompanhá-lo”, disse Voyt. Royce pensou ter sentido alguma tristeza na voz dele.

Eles andaram por um longo tempo em silêncio na ilha escarpada, Royce se perguntando o que seu mentor tinha a dizer, se é que tinha alguma coisa. Talvez eles apenas andassem por todo o caminho em silêncio.

“Logo as ondas trarão outra safra de meninos”, disse Voyt, sua voz pensativa. “E logo esses meninos vão encontrar suas mortes.”

Royce virou-se e viu que Voyt estava olhando para frente enquanto caminhavam, como se estivesse examinando o oceano negro em busca de algo que não conseguia encontrar.

“Você é diferente dos outros”, acrescentou.

Royce ponderou aquelas palavras, imaginando o significado delas. Ele recordou seu poder misterioso, lembrou-se de como sempre se sentira, como se os outros o olhassem com desconfiança. Como, afinal, ele havia derrotado aquela fera? Como ele tinha feito tantas coisas que ele não deveria ser capaz de fazer?

Royce olhou para baixo e observou seu colar, brilhando ao luar, e ocorreu a ele perguntar a Voyt algo que ele havia temido perguntar durante toda a sua estada aqui.

“Meu pai”, disse Royce, nervoso, sua voz trêmula. “Você nunca me contou sobre ele.”

Houve um longo silêncio, um tempo tão longo que Royce teve certeza de que Voyt nunca responderia, enquanto continuavam a caminhar pela costa.

Mas então, finalmente, Voyt suspirou.

“Não é o momento certo”, disse ele. “Você não está pronto. Eu posso dizer apenas que você tem um grande legado na sua história. E um grande destino à sua frente.”

Voyt de repente agarrou Royce, apertando seu braço com força quando chegaram ao barco. Enquanto os outros subiam a prancha, ele ficou lá e voltou seus olhos intensos para Royce. Royce viu a morte naqueles olhos. Olhos de um assassino.

“Quando chegar a hora”, ele disse com urgência, “você saberá o que fazer. O reino depende de você. Não desaponte o seu pai.”

Royce olhou para trás, perplexo, quando Voyt se virou e abruptamente se afastou, de volta para a fogueira furiosa ao longe, de volta para seus homens na ilha estéril. O que ele quis dizer?

Royce voltou-se em direção ao mar e viu seus três irmãos de armas esperando por ele, na longa prancha que levava ao navio. Ele se juntou a eles, e os quatro entraram juntos na embarcação, que balançava demais.

No momento em que o fizeram, a prancha foi erguida, um soldado deu um passo à frente e cortou a corda. O navio partiu para a noite, as águas levantando-o e levando-o embora. Royce ficou na popa, observando a Ilha Vermelha desaparecer. Era difícil acreditar que eles estavam deixando esse lugar. Esta ilha lhes dera muito, mas havia tomado mais. Eles eram todos homens assombrados agora.

As águas ganharam velocidade e Royce sabia que o continente estava em algum lugar lá fora, esperando por eles. Seu coração disparou com excitação.

Genevieve, pensou ele, olhando para a noite. *Eu estou indo para você.*

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Genevieve estava parada do lado de fora da câmara de Altfor, com o forte silêncio tão tarde na noite, quando levantou o pesado anel de ferro e bateu. A madeira parecia oca, fez-se um som muito alto no carvalho espesso, e era estranho pensar em si mesma de ali, num corredor de pedra, e bater à porta do marido para entrar.

Ela ficou ali, esperando no silêncio, seu coração batendo forte. Tão estúpido da parte dela não ter feito isso mais cedo, pensou. Ela apenas rezou para que não fosse tarde demais. E se aquela garota estivesse agora atrás daquela porta, envolvida nos braços do marido? E se Altfor abrisse a porta e a batesse na cara dela? Que chance ela teria de salvar Royce então?

Ela ficou ali, esperando, rezando que não fosse tarde demais.

Genevieve se esticou para bater de novo, mas desta vez, antes que ela pudesse pegar a aldrava, a porta se abriu com um rangido. Ali estava Altfor, os olhos apertados de desconfiança, o manto de seda apertado. Genevieve viu os olhos dele se arregalarem de surpresa quando a viu.

Ele parou brevemente na porta e, ao fazê-lo, o coração de Genevieve bateu forte.

Por favor, não deixe ser tarde demais.

Então, lentamente, ele deu um passo para trás e, para seu imenso alívio, disse: “Entre.”

Genevieve entrou enquanto ele fechava a porta. Ela virou-se e trancou o ferrolho, fazendo ele olhar para ela com surpresa.

Ela então rapidamente examinou a sala, rezando para não encontrar nenhum sinal da garota. Ficou aliviada por não ter nada à vista.

Genevieve respirou fundo. Era só ela e Altfor. Lá estavam eles, na luz fraca das tochas, nada além do estalar da lareira enquanto o luar brilhava pela janela.

“Uma pergunta engraçada para minha esposa”, ele disse, sua voz suave, “mas porque você veio aqui?”

Ela olhou para ele, deu um passo à frente e, com as mãos trêmulas, o coração batendo, estendeu os braços e gentilmente colocou as palmas das mãos sobre os ombros dele.

“Para estar com você”, ela respondeu, sua voz trêmula.

Os olhos dele se arregalaram de surpresa. Ele ficou olhando por um longo tempo, e ela podia senti-lo analisando-a, como se estivesse avaliando a sinceridade daquelas palavras.

Finalmente, ele estendeu a mão e pegou na dela.

“Prometa-me uma coisa”, disse Genevieve.

“Você é minha esposa”, disse Altfor. “Eu já fiz as promessas que importam.”

“Por favor, Altfor”, disse Genevieve.

Ele pareceu baixar a guarda por um momento.

“Que promessa você quer?”, ele perguntou.

“Prometa-me que você será gentil com os camponeses”, disse ela. “Eu sei o que é ser um, viver com medo. Você disse antes que não é seu irmão, então me prometa.”

Ele assentiu. “Você é uma mulher altruísta, Genevieve, e prometo o que você quer. Apenas me diga uma coisa. Me diga que você me quer.”

Genevieve se fortaleceu. Ela tinha que fazer isso. Ela tinha que ser a pessoa que *poderia* fazer isso.

Ela se inclinou para beijá-lo. “Eu quero você mais do que qualquer coisa.”

Altfor apertou ainda mais a mão dela e levou-a para a cama.

Genevieve, com o coração acelerado, permitiu-se ser conduzida, cada passo como uma faca em seu coração. Ela não queria isso. Mas por Royce, ela faria qualquer coisa.

Ele a guiou para a cama e, quando começou a despi-la, ela tentou com todas as suas forças esconder as lágrimas e colocar sua mente em qualquer lugar, desde que longe dali.

E enquanto Altfor puxava as cobertas, ela só teve um pensamento final:

Royce, me perdoe.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Royce estava parado na proa segurando na balaustrada desgastada, e enquanto assistia as ondas quebrando, os respingos batendo em sua nova armadura de peitoral, ele se perguntou o que seu futuro poderia trazer. De um lado estava Mark, do outro, Altos, os três parados ali, um ao lado do outro, olhando para o infinito do oceano. Eles tinham passado por tanta coisa juntos. Luas de treinamento cansativo, atravessando o oceano aqui e voltando, perdendo tantos amigos e irmãos de armas. Eles tinham formado um vínculo que era mais forte que amigos. Eles eram familiares agora. Eles eram tudo o que tinham no mundo. E eles eram os únicos no mundo que entendiam o que cada um deles tinha passado.

Era difícil acreditar que eles tivessem saído da Sevania tantas luas atrás, em um navio cheio de centenas de garotos, tão lotado que mal conseguiam se mexer. E agora, aqui estavam eles, os únicos sobreviventes, retornando sozinhos. Em certo sentido, eles foram os sortudos. E ainda assim, a morte os esperava. Então eles tiveram sorte afinal?

Royce observava as ondas, o navio subindo cada vez mais alto no oceano e tentou não imaginar o que o esperava. Ele sabia que logo seria jogado nos Fossos. Morrer não o assustava, não mais. O que o incomodava era que ele seria forçado a matar outros, por esporte. Não parecia uma razão boa o suficiente; não protegia ninguém; não servia de causa nem de bem maior. Ele odiava, também, saber que seus amigos morreriam, enviados para suas próprias mortes, todo o seu treinamento apenas para garantir que eles durassem um pouco mais antes do fim.

Ao sentir o borriço do oceano em seu rosto, os pensamentos de Royce se voltaram para aquilo que importava mais do que tudo isso: Genevieve. Ela, afinal de contas, era a razão pela qual ele tinha sido enviado para essa ilha em primeiro lugar. Por ela, ele faria tudo de novo. Ela estava esperando por ele? O que teria acontecido com ela?

Imagens dela flutuavam diante de seu rosto, e seu coração acelerou com a chance de talvez a ver, ver sua família novamente. Ele não queria aumentar suas esperanças. Eles estariam fisicamente mais próximos, no mesmo continente, e, ainda assim, ele obviamente não seria escoltado para a presença dela; ela provavelmente nem saberia que ele havia retornado. Em vez disso, ele seria jogado em um buraco em algum lugar para lutar e morrer, e ironicamente, embora mais perto dela, ele provavelmente nunca mais a veria. O pensamento doía sem fim.

“Você vai matar?”

Royce procurou de onde vinha a voz, saindo do devaneio em sua mente, para ver Altos parado ao lado dele, também olhando para o mar, seus olhos também cheios de incerteza. Foi uma pergunta suave, direta ao ponto.

Ele mataria?

Não havia dúvida de que ele lutaria gloriosamente, lutaria com honra e orgulho, lutaria para se defender em batalha. Claro que ele faria.

Mas Royce sabia que essa não era a questão. Era: ele mataria outro ser humano por esporte? Só porque seus mestres lhe ordenavam? Ele lhes daria essa satisfação?

Matá-los alimentaria a máquina, alimentaria o entretenimento dos mestres, não o faria melhor do que qualquer um dos outros. Daria aos mestres o que eles queriam: controle total sobre ele de uma vez por todas.

Não matar, porém, significaria sua própria morte. Isso também faria dele um covarde aos olhos de todos os seus concidadãos.

“Eu não desejo morrer um covarde”, interrompeu Mark. “Se alguém vier me matar, não vejo a escolha que tenho.”

Um longo silêncio se seguiu.

“E, no entanto, matá-los”, disse Altos, “é dar ao reino o que ele quer.”

“Que escolha nós temos?”, Mark respondeu.

Royce ficou lá, segurando a balaustrada, olhando para fora enquanto as ondas mudavam de azul para verde e compartilhando os mesmos pensamentos que seus irmãos. Eles estavam sendo colocados em uma situação impossível. Uma situação pior que a morte.

“Se matarmos alguém apenas por esporte”, disse Altos, após um longo silêncio, “o que nos acontece é pior que a morte. Nossa alma será morta.”

Royce não pôde deixar de pensar que Altos estava certo. Ele olhou de volta para os soldados que guardavam o navio e se perguntou de novo se havia alguma maneira de escapar. Dezenas deles se alinhavam no convés, armas prontas. E dúzias mais, ele sabia, os esperariam em terra.

“E se você pudesse escapar?”, Mark perguntou, olhando e lendo seus pensamentos. “O que você faria?”

“Libertaria Genevieve”, Royce respondeu sem hesitação.

Mark assentiu em aprovação.

“Como você a libertaria?”, Altos pressionou.

“Eu mataria qualquer soldado em meu caminho e a tiraria.”

“Então você *mataria*”, Altos disse com um sorriso.

Royce sacudiu a cabeça.

“Matar por justiça não é matar por esporte”, ele respondeu.

Houve um longo silêncio, o navio subindo e descendo suavemente, até que finalmente Mark falou.

“Talvez eles nos coloquem juntos”, disse Mark. “Talvez possamos ser colocados no mesmo buraco e lutar lado a lado.”

Altos balançou a cabeça.

“Eles nos farão lutar separadamente. Eles não querem arriscar que ganhemos. Eles só querem um bom show nosso, antes de morrerem.”

O pensamento deixou Royce entristecido.

“Vamos fazer um pacto, então”, disse Altos. “Se um de nós se libertar, ele procurará os outros, e nós três tentaremos nos libertar juntos.”

Altos estendeu o braço, Mark apertou e Royce também apertou. Era um pacto entre irmãos. Não havia nada, Royce sabia, mais sagrado do que isso.

*

Muitas horas depois, tarde da noite, Royce ainda estava ali, na balaustrada do navio, sozinho, muito tempo depois de os outros terem adormecido. Ele ficou congelado, olhando para a lua, para as águas, observando as ondas subindo e descendo, alienado do mundo. Ele sentia como se estivesse contando os minutos que restavam para sua vida, e continuava pensando em Genevieve. Ele se perguntou se ela estava acordada agora, olhando para a mesma lua. Ele se perguntou se poderia usar suas habilidades para derrotar os guardas na embarcação. Não, era muito incerto. Os instintos que ele tinha para a batalha pareciam ir e vir, e aqui, no navio, poderia fazer pouca diferença.

Royce estava olhando para os restos da noite quando ouviu um rangido atrás dele, e se virou, em guarda, lembrando-se de Rubin. Afinal, ele estava em algum lugar no navio. Royce virou já puxando sua espada, pronto para combate.

Rubin estava ali, a vários metros de distância, caminhando lentamente em direção a ele, e ergueu as mãos inocentemente no ar.

“Eu não estou aqui para lutar com você”, explicou Rubin. Ele olhou para o chão, claramente envergonhado. “Só para lhe agradecer.”

Royce examinou-o e entendeu que Rubin parecia um homem diferente. Ele parecia quebrado, humilhado.

Royce lentamente embainhou sua espada. Ele estudava Rubin quando este levantou novamente o olhar.

“Você salvou minha vida”, disse Rubin, incrédulo. “Quando você não precisava. Quando você tinha todos os motivos para *não* salvar. Eu não consigo parar de pensar nisso. Eu vim para perguntar por quê.”

Royce olhou para ele, surpreso. Ele nunca esperara por isso.

“Porque toda vida vale a pena salvar”, disse Royce. “Mesmo aqueles do seu inimigo. Mesmo aqueles dos valentões que atormentaram os outros.”

Rubin olhou para trás, claramente surpreso, depois balançou a cabeça lentamente.

“Eu te devo a minha vida”, disse ele. “Quando você me salvou, algo mudou dentro de mim. Isso me fez entender...”

Ele parou. Ele deu um passo à frente, ao lado de Royce, agarrou a balaustrada e olhou para o mar. Ele permaneceu em silêncio por um longo tempo.

“Isso me fez entender... como estou errado. Que idiota eu tenho sido. Quão envergonhado estou. Eu sou um homem mudado. Eu sei que não posso esperar seu perdão, mas quero pedir-lhe por isso.”

Royce ficou chocado com suas palavras. Ele não esperava tal atitude. Ele estudou Rubin por um longo tempo e finalmente concluiu que ele estava sendo sincero.

“O jeito que eu agi, a maneira como eu tratei todo mundo”, disse Rubin. “Foi porque eu estava com medo. Com medo de que os outros *me* tratassem assim. Foi defensivo. Fui criado por um pai que me batia todas as noites. Minha mãe me deixou quando eu era jovem. Meus irmãos me atormentaram. Ser atormentado... era tudo que eu já conheci.”

Ele suspirou.

“Foi depois de você me salvar que percebi que as pessoas podem ser de outra forma nesse mundo. *Você* me salvou. Mais do que essa ilha inteira, mais do que todas aquelas luas de treinamento, seu único ato de graça é o que me salvou.”

Ele respirou fundo e encarou Royce.

“Eu sei que não mereço o seu perdão”, disse ele, “mas eu preciso te pedir de qualquer maneira.”

Royce olhou de volta, sem saber o que dizer. Claramente, Rubin era um homem mudado.

Finalmente, Royce assentiu.

“Eu não nutro sentimentos ruins por você”, disse Royce. “Mas não é de mim que você precisa do perdão. Há um grande número de garotos que você atormentou. Incluindo Altos e Mark.”

Rubin assentiu em concordância.

“Eu pedirei perdão a todos eles. Eu mudei. Você tem que acreditar em mim.”

Royce olhou para ele com mais atenção e suas palavras pareciam verdadeiras.

“Eu acredito em você”, respondeu Royce.

Rubin se aproximou.

“Eu quero que você saiba que você tem um amigo em mim para todo o sempre”, acrescentou Rubin, estendendo o braço.

Royce se perguntou brevemente se isso era um truque, até que ele viu a sinceridade em seus olhos. Rubin era de fato um homem mudado. Um homem quebrado. Um homem que havia enfrentado a morte e que não esperava sair do outro lado.

Royce estendeu a mão e apertou seu braço em retorno, e, nesse aperto, ele sentiu que tinha encontrado, no mais improvável dos lugares, com a mais improvável das pessoas, um amigo para a vida.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Genevieve caminhava devagar com Altfor, de braços dados, atravessando a larga praça de mármore no topo do terreno do palácio, observando o mundo da opulência. O mármore se estendia até onde os olhos podiam ver e estava entrelaçado com jardins formais, fontes borbulhantes, pomares floridos - uma verdadeira imagem de luxo. De tudo o que seu povo havia sido negado. Ela olhou para si mesma, vestida com as melhores sedas, usando jóias preciosas, e ficou surpresa ao perceber que ela se tornara indistinguível da realeza. Isso a fez se odiar ainda mais.

O que ela tinha se tornado?

Desde aquela fatídica noite em que foi à cama de Altfor, entregara-se a ele, deixara de resistir e aceitara seu papel como esposa, as coisas mudaram radicalmente para ela. Ela tinha sido regada com tudo o que seu coração poderia querer e mais, até as pesadas jóias que ela usava em volta do pescoço. Ela tinha sido autorizada a deixar o terreno do castelo para vagar onde desejasse. Ela tinha recebido o maior respeito não só por Altfor, mas por toda a família real, até os guardas do castelo. Todos olhavam para ela, ela percebia, como uma das suas.

No entanto, quanto mais a ela era dado, quanto mais respeito a ela era concedido, mais triste ela se tornava. Ela não queria nada disso. Ela só queria Royce.

Era curioso. Toda a sua vida ela tinha sido vista como uma camponesa, como todas as pessoas com as quais ela tinha crescido. Enquanto caminhava pelos jardins e eles se curvaram para ela, ela se sentiu desconfortável; não podia deixar de sentir como se a tivessem confundido com outra pessoa.

O que parecia ainda mais estranho do que tudo isso era andar de braços dados com Altfor, viver a realidade de que ele era seu *marido*. A palavra a enchia de uma sensação de medo. Ela sentia, a cada passo que dava, como se estivesse rejeitando Royce. Ela disse a si mesma, repetidas vezes, que estava fazendo isso por ele. Era preciso lembrar-se constantemente que este era o caminho para o poder, a única maneira de salvar Royce e seu povo. Se ela continuasse a resistir, não teria utilidade para ninguém.

Ela compreendia isso com a razão; no entanto, em seu coração, era muito doloroso viver daquele jeito dia após dia. Ela odiava fingir estar apaixonada por

outra pessoa. Era contrário a tudo que ela era, à vida que levava. No entanto, para salvar Royce, ela não via outro caminho.

O que era pior do que tudo isso era que, por mais que odiasse admitir, não se sentia inteiramente desconfortável nos braços de Altfor. Ao se estabelecer na vida de casada, não pôde deixar de notar como era fácil, o quanto se sentia confortável, o quão gentil Altfor era para ela, como seu toque era carinhoso. Ele tentava tanto fazê-la feliz. Ele realmente a amava.

Isso também era uma sensação curiosa. Ela não *queria* que ele a amasse. Ela queria que ele a odiasse. Isso tornaria tudo muito mais fácil.

E apesar de não o amar, ela também tinha que admitir para si mesma que não o odiava também. Havia homens muito piores no mundo. E esse sentimento era o que a fazia se odiar mais.

“Você vê isso?”, ele perguntou.

Ela olhou para cima, assustada ao sair de seus pensamentos, para vê-lo fazendo suavemente sinal na direção da terra diante deles. Ela observou a vista, espantada com a beleza daquilo. Ali, no final da praça de pedra, olhando ao longo dos pomares ocidentais, encostada no corrimão de mármore, viu toda a paisagem espalhada diante dela, uma visão de que nunca se cansava. Ela viu as colinas da Sevania, o sol brilhando em fazendas e vinhedos gloriosos. Campos de cor faziam fronteira com eles, fazendeiros lavavam o solo, coletavam as flores.

Ela apertou os olhos e pôde apenas distinguir uma das aldeias distantes que pontilhavam a paisagem - a dela - e o pensamento a encheu de saudade. Ela sentia muita falta de seu povo. Ela sentia falta da sua vida simples e antiga. Ela seria capaz de desistir de tudo isso em um piscar de olhos para ser agricultora. Estes luxos, os ornamentos da riqueza, não lhe traziam alegria. Só a liberdade poderia lhe trazer alegria.

“É tudo seu agora”, Altfor continuou, se voltando para ela com um sorriso satisfeito. “Fui designado por meu pai nesse dia como Duque das Terras do Oeste. Como minha esposa, você é a Duquesa, e agora você é dona de toda essa terra comigo. Tudo o que você vê diante de si, as terras ocidentais, eu estou lhe dando tudo.”

Ela olhou para ele, atordoada. Com apenas algumas palavras, ele lhe dera mais terras do que seus ancestrais conseguiriam ter trabalhando ao longo da vida.

“É verdade”, disse ele, sorrindo. “Meu pai conferiu o novo título a mim essa manhã. Eu sou o filho escolhido agora. Sou *eu* quem vai governar tudo isso.”

Ele sorriu quando gentilmente puxou uma mecha de cabelo do rosto dela e correu os dedos ao longo de sua bochecha. Ela desejou que seus dedos não fossem tão lisos, seu toque tão amoroso. Ela desejou que ela pudesse sentir repulsa por ele. E ela odiava que não sentisse.

“Você é minha *esposa* “, disse ele. “Qualquer coisa que você quiser, qualquer coisa que você veja, agora é sua. Aquela vinha lá; aquele pomar; as casas dessas pessoas; aquela aldeia inteira. *Qualquer coisa* que você quiser. Eu posso construir um castelo só para você. Eu posso mandar os camponeses minerarem as minas de ouro da Sevania, moldar as melhores joias que você já viu. É uma terra próspera em que vivemos, e é sua.”

Ele sorriu, claramente pensando que ela ficaria impressionada.

No entanto, ela sentiu apenas repulsa. Ela não queria nada disso. Aquelas terras de que ele falou, como se fossem seus brinquedos particulares, eram terras dela, as terras de seu povo. Ela as trabalhara com as próprias mãos, ajudara a torná-las o que elas eram - não ele. O que deu a ele - ou a algum dos nobres - o direito de reivindicar alguma coisa?

No seu âmago, ela se irritou. Mas se forçou a segurar a língua. Ela lembrou a si mesma que ele queria apenas expressar seu amor por ela. Ele não fazia ideia de como ela se sentia por dentro. E ela sabia que lutar com ele agora não adiantaria nada. Ela se forçou a lembrar o que realmente queria: que Royce, e seu povo, fossem livres.

“Diga-me”, ele pressionou. “O que você gostaria?”

Genevieve respirou fundo, uma respirada longa, lenta e triste enquanto se virava e observava o campo. Era uma terra tão linda, mas uma grande vergonha que fosse controlada por tão poucos. Ela queria que as pessoas lá embaixo fossem livres.

“Eu peço apenas uma coisa”, ela finalmente disse, sua voz suave e gentil.

“Diga-me, meu amor, o que é?”, ele disse, apertando as mãos dela. “Qualquer coisa.”

Ela respirou fundo.

“Dar à minha família e à minha aldeia de volta o que é deles. Permitir que eles possuam sua própria terra e não mais tenham que pagar dízimos aos nobres. Eles sempre devem dar a maior parte do que possuem e, por isso, frequentemente passam fome. Especialmente as crianças. Apenas permita que eles mantenham suas próprias plantações.”

Ele piscou os olhos, claramente atordado.

“Eu deveria ficar surpreso com o seu pedido altruísta”, disse ele, “mas eu não estou. Está de acordo com sua natureza. Seu coração é verdadeiramente puro. Você é diferente de qualquer pessoa que já conheci.”

Ele sorriu e acenou em concordância com a cabeça.

“Seu pedido será concedido. Seu pessoal pode manter o que quiser.”

Ela sentiu uma enorme onda de alívio. Ficou maravilhada por ter acabado de conquistar mais do que um exército inteiro. Talvez Moira estivesse certa, afinal.

“E para você?”, ele pressionou. “O que eu posso *lhe* dar?”

Ela balançou a cabeça.

“Eu não quero nada.”

Ele apertou as mãos dela.

“Certamente, deve haver uma coisa...” ele pressionou.

De repente, veio a ela. Havia uma coisa.

“Há”, disse ela. “Os irmãos de Royce. Eles permanecem na masmorra. No entanto, eles não prejudicaram ninguém. Eu gostaria que eles fossem libertados.”

Lentamente, como uma nuvem escura se aproximando de um dia de verão, o rosto de Altfor escureceu.

“Você ainda sonha com ele, não é?”, ele perguntou, sua voz sombria, em tom de acusação.

Ela desviou o olhar, esperando que ele não visse a expressão em seu rosto.

O rosto dele escureceu ainda mais e, depois de um longo silêncio, sua mandíbula se apertou.

“Não”, disse ele, asperamente.

Com essa única palavra, ele se virou e se afastou. Ela podia ver o quanto ela o havia enfurecido, e um novo sentimento de pavor a dominou. Ela se perguntou que ato vingativo ele tomaria.

Ele os mataria?

Royce, ela pensou, quando uma lágrima caiu de sua bochecha, observando o horizonte distante, *volte para casa para mim*.

*

Genevieve caminhava rapidamente pelas ruas do castelo, com passos urgentes, todos os aldeões curvando a cabeça respeitosamente enquanto ela passava, como se ela fosse parte da realeza. Ela não entendeu o quão elegante seu vestido era até ver os rostos de todas essas pessoas saindo de seu caminho, curvando-se, dizendo: “Minha senhora”, de todas as direções. Não faz muito tempo, ela mesma teria saído correndo do caminho de um nobre. Era enervante para ela. Ela desejou que eles

não a olhassem desse jeito. Ela queria que eles a aceitassem como um deles, como costumavam fazer.

Genevieve andava rapidamente, tentando ignorar toda a atenção, obrigando-se a manter o foco enquanto se apressava para onde precisava ir. Enquanto pensava em seu destino, sentiu uma onda de ansiedade revirar seu estômago. Poderia não dar certo. E era muito arriscado que ela tentasse.

Atravessou o pátio do castelo, cheia de gente, cavalos, cachorros, galinhas, mantendo a cabeça abaixada, tentando manter-se discreta, até passar por um baixo arco de pedra. Ela virou-se, passou por um corredor ao ar livre e parou diante de uma porta de carvalho espessa.

A porta estava protegida por dois guardas reais, que observaram Genevieve, intrigados.

“Minha senhora”, cada um disse.

Ela cumprimentou de volta, o coração batendo forte, tentando manter a calma enquanto olhava para a entrada das masmorras.

“Eu vim para ver os irmãos de Royce”, disse ela.

Eles a olharam com ceticismo.

“Sob cuja autoridade?”, um perguntou.

“O Duque”, ela mentiu.

Um longo e tenso momento de silêncio se seguiu. Seu coração batia forte quando ela foi inundada de ansiedade. E se eles negassem o acesso dela? E se eles contassem ao Duque?

Trocaram outro olhar, e finalmente, para seu imenso alívio, afastaram-se e abriram a porta. Ela respirou profundamente. Claramente sua aparência, seu vestido e jóias, carregavam mais autoridade do que uma carta do próprio rei. Surpreendia-a como as pessoas sempre julgavam as aparências.

Genevieve entrou, com o coração batendo forte, sabendo que cada passo a estava aprofundando em problemas. Ela estava, afinal de contas, desafiando o comando do Duque. Ela só podia esperar que a notícia não o alcançasse.

Estava escuro, frio e úmido aqui, e Genevieve estremecia enquanto andava rapidamente pelos corredores de pedra, escoltada por um dos guardas. Ele a conduziu por um conjunto claustrofóbico de escadas em espiral, que ficava mais escuro à medida que avançavam. Logo a única luz para se ver era de sua tocha tremulante.

Genevieve podia ouvir o som agudo dos ratos na escuridão quando chegaram ao nível mais baixo. Eles marcharam por outro corredor de pedra, até que finalmente chegaram a um pesado portão de ferro. Quando o fizeram, o guarda se afastou, deixando-a de frente para dois novos guardas.

Eles abriram a cela e deram um passo para o lado e Genevieve entrou, seu coração partido por pensar nos irmãos de Royce - que tinham sido como irmãos para ela - aqui embaixo. Ela caminhava devagar, com cautela, passando por fileiras de celas, rostos desesperados encarando-a solenemente na escuridão.

Finalmente, ela parou antes da última cela. Ela se virou e olhou para a escuridão. Seu coração partiu-se em pedaços, lá estavam os três irmãos de Royce, todos sentados no chão de pedra, abatidos. Eles olharam de volta para ela como animais encurralados, os olhos arregalados de surpresa - e de repente se levantaram e se apressaram para atravessar a cela.

“Genevieve!”, Raymond exclamou.

Ela podia ouvir o alívio em sua voz, quando ele correu para frente e agarrou as barras, seus irmãos ao lado dele, com a esperança lentamente aparecendo em seus rostos. Vê-los a fez pensar em Royce, e ela sentiu o coração se rasgar de emoção. Ela sentiu esperança pela primeira vez desde que essa provação tinha começado, mas ela também sentiu uma onda de culpa. Ela se odiava por não ter vindo mais cedo, mas essa era a primeira vez que recebera a indulgência para viajar livremente.

“O que aconteceu?”, perguntou Raymond.

“Onde está nosso irmão?”, perguntou Lofen.

“Ele está seguro?”, perguntou Garet. “Você ouviu alguma coisa?”

Isso era tão característico deles. Ali estavam os três, presos em uma masmorra, e tudo o que importava era a segurança do irmão. Isso aprofundou a tristeza de Genevieve e a fez se odiar ainda mais. Enquanto esses homens excelentes estavam sofrendo, ela estava aproveitando os luxos de viver no castelo - e nos braços do inimigo. O inimigo perante quem eles tinham arriscado suas vidas para libertá-la.

“Eu não ouvi nada”, ela respondeu, uma lágrima caindo pelo seu rosto.

Seus rostos se desfizeram com a decepção.

“Eu rezo por ele todos os dias”, acrescentou. “E faço vigília por ele todas as noites.”

Raymond repentinamente teve um novo olhar em seu rosto enquanto lentamente a olhava de cima a baixo, reconhecendo seu traje pela primeira vez. Um olhar de desaprovação - e depois de suspeita - deslizou por seu rosto.

“E ainda assim você usa o traje dos nobres”, disse ele, sua voz escura e dura.

Os outros irmãos a examinaram também, e ela viu seus rostos tomados de condenação.

“Você esqueceu o nosso irmão tão cedo?”, Garet perguntou.

Genevieve sentiu uma dor no peito pelas palavras dele.

“Eu amo o seu irmão com tudo o que sou”, disse ela.

“E ainda assim o seu vestido diz o contrário”, respondeu Lofen. “Você já se casou com um deles?”

Eles olharam para ela, perplexos, e ela não sabia o que dizer.

“Eu tinha uma escolha?”, ela finalmente respondeu. “Eu fui levada, lembram?”

“Nós nos lembramos muito bem”, respondeu Raymond. “Nosso irmão perdeu a vida - todos nós perdemos nossas vidas - por causa daquele dia.”

“O que vocês querem que eu faça?” ela perguntou.

“Ser levada é uma coisa”, disse Lofen. “Casar é outra.”

Ela balançou a cabeça, tentando soltar as palavras, sem saber o que dizer. O problema era que ela compartilhava seus sentimentos - ela também se odiava pelos mesmos motivos.

“Não é o que você pensa”, ela finalmente disse, tentando explicar sem saber por onde começar.

No entanto, enquanto estava lá, ela podia ver nos rostos deles que seus sentimentos estavam endurecendo. Eles estavam todos começando a odiá-la, e ela podia ver que nada do que ela dissesse mudaria suas mentes.

“Eu vim aqui para falar com vocês”, explicou ela, com pressa. “Para ver se há alguma maneira de ajudá-los. Para tentar libertar vocês. Para tentar encontrar uma maneira de...”

“Não queremos nada de você”, cuspiu Raymond.

O veneno em seu tom feriu seu coração.

“Está claro o que você se tornou”, continuou ele. “Você virou as costas para Royce e se tornou uma traidora para todos nós.”

“Eu não virei isso!”, ela gritou.

Um a um, eles viraram as costas para ela e se retiraram para o outro lado da cela. Eles não olhavam mais para ela.

Genevieve desabou chorando. Ela não sabia o que dizer, como se explicar. Ela queria dizer a eles que morreria por eles, por qualquer um deles. Mas as palavras não saíram, foram substituídas apenas por soluços.

Genevieve entendeu lentamente que nada que pudesse dizer faria qualquer diferença agora. Vir aqui, ela entendeu, tinha sido um erro horrível.

Incapaz de controlar suas emoções, ela se virou e correu, chorando enquanto fugia da masmorra, imaginando se poderia ter sua antiga vida de volta.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Altfor cavalgou para o campo, com a espada ao lado, o cavalo trovejando debaixo dele. Ele cavalgou com a fúria que crescia dentro dele quase que inevitavelmente ao pensar nas coisas que sua esposa lhe pedira. Essa tolice de bondade para com os camponeses era quase uma espécie de traição; uma prova de que ela não tinha deixado sua antiga vida para trás, mesmo que ele a tenha arrancado da lama, que tenha feito dela sua legítima esposa aos olhos da lei quando ele simplesmente poderia ter tomado o que quisesse dela.

Ele prometera a ela que não seria como seu irmão, e Altfor quisera mesmo dizer isso. Manfor tinha sido um tolo, pois não entendia a sutileza que deve sempre acompanhar o poder. Um nobre poderia fazer o que quisesse, claro, mas mesmo assim deveria sempre escolher o momento certo.

Altfor foi em direção à antiga vila de Genevieve em busca de seu momento.

Ela tinha tentado enganá-lo, ele tinha certeza disso. Ela tinha pedido favores para os irmãos de seu antigo amor. Ela estava a apenas a um passo de pedir misericórdia por ele também! A raiva explodiu em Altfor ao pensar nisso e ele cavalgou com mais velocidade, forçando o cavalo a avançar apesar das queixas do animal.

Finalmente ele encontrou a aldeia, e se deparou com uma criança camponesa tão suja que era espantoso ela viver daquela forma.

“Estou procurando a família de Genevieve, que foi tirada dessa aldeia”, disse ele. “Eu acredito que ela tem uma irmã chamada Sheila e os pais ainda estão vivos?”

A criança, que estava tão imunda que era impossível dizer se era menino ou menina, olhou para ele com medo.

Altfor desembainhou metade da espada. “Uma resposta, ou você não tem utilidade para mim.”

“Por ali”, a criança disse, apontando. “A casa com as flores azuis ao redor da porta.”

Altfor seguiu em frente, procurando a casa que a criança descrevera. Logo a seguir, havia uma casa com flores azuis marcando as outras. Ele poderia ter ido até a porta e forçado a entrada, mas era assim que seu irmão teria feito as coisas: de forma óbvia e tola. Ele poderia fazer a mesma coisa, porém muito mais sutilmente.

Em uma caçada, um tolo entrava com tudo e de forma desleixada, enquanto um verdadeiro caçador gostava da perseguição e da espera, tomando seu tempo, saboreando o momento.

Altfor esperou, ficando fora de vista até que uma mulher saiu da casa. Um olhar, e era óbvio que ela era a irmã de Genevieve, sua aparência era a mesma, até

mesmo a maneira de se mexer. Ela não era tão bonita quanto a esposa dele, mas isso não importava. Isso tinha a ver com o fato de que ele simplesmente poderia fazer o que estava planejando. Afinal, ele era senhor aqui.

Ele a seguiu, andando a cavalo enquanto seguia o caminho para uma floresta próxima. O trajeto foi se tornando mais denso, as árvores formando um dossel no alto, em trilhas de pastores que estavam vazios.

Lá ele a viu coletando plantas um pouco afastada da passagem. Altfor tocou o cavalo, movendo-se com todo o silêncio de um caçador perseguindo uma corça. Ele se aproximou por trás dela, divertindo-se com o pensamento de que, deste ângulo, ela parecia com a irmã.

“Você é Sheila, não é?”, ele perguntou gentilmente enquanto se aproximava. “A irmã de Genevieve?”

Ele a viu começar a girar em direção a ele, presa entre a vontade de correr e a surpresa de ser reconhecida.

“Meu... meu senhor”, ela gaguejou. Havia uma pequena presença de espírito nela, mas nada tal como em sua esposa. Uma pena. Altfor teria gostado de quebrá-la.

“Sim, eu sou seu senhor”, disse ela. Ele sorriu com um sorriso predatório. “Você sabia que sua irmã me pediu para ser gentil com o campesinato?”

“N-não, meu senhor.”

Altfor a atacou então, principalmente porque ele simplesmente podia. “Não diga não para mim. Os camponeses não conseguem dizer não aos seus senhores, não é mesmo?”

“Nã... como queira, meu senhor”, disse ela.

Ele a viu olhar para trás e se perguntou se ela tentaria fugir. Haveria alguma emoção na perseguição, mas o controlá-la agora era mais divertido.

“Se você correr, eu vou te pegar, e eu vou te matar”, ele prometeu.

Ele a viu congelar no lugar. “O que você quer?”

Altfor sorriu para isso. “Oh, todos os tipos de coisas. Você sabe, há coisas que um homem não deve fazer com sua esposa, já que ela se torna nobre no momento em que ele se casa com ela. Há coisas que são consideradas *humilhantes* para um nobre.”

“Eu... não sabia disso”, respondeu Sheila. Ele podia vê-la procurando uma maneira de correr novamente.

“Se você correr, eu mato você devagar”, disse ele. “Oh, as coisas que eu faria com você. As coisas que *vou* fazer com você.

Mas você vai viver. Acho que a maioria das pessoas aguenta quase tudo para viver. Os camponeses vão sobreviver, tolerar qualquer crueldade, porque a única alternativa é apenas perderem suas vidas.”

Ela ficou ali tremendo e Altfor ficou um pouco desapontado. Genevieve provavelmente teria alguma resposta desafiadora.

“E você?”, ele perguntou, nivelando sua espada. “O que você vai fazer para viver?”

A garota hesitou e Altfor pôde ver o medo nela. Ele gostou.

“Qualquer coisa, meu senhor”, ela finalmente disse. “Eu farei qualquer coisa.”

Altfor sorriu e colocou a lâmina no tecido do vestido, sentindo-a tremer. Ele cortou a roupa dela com um puxão afiado.

“Sim”, assegurou ele. “Você irá fazer.”

*

Quando terminou, Altfor deixou a menina machucada e choramingando no chão de madeira coberto de folhas. Deixou-a tropeçar e cambalear de volta; ele não se importou. Ele retornou ao cavalo, cavalgando pela floresta, sentindo-se vivo, como raramente sentia quando precisava se controlar por causa das regras e convenções da nobreza.

Seu irmão compartilhava isso, é claro, exceto que Manfor tinha sido um tolo. Altfor pensava mais, planejava mais e não corria riscos, e mesmo assim conseguia aproveitar os prazeres com igual facilidade. Ele tocou o cavalo para frente, aumentando sua velocidade para um galope enquanto voltava para o castelo.

Havia criados esperando por ele, é claro. Eles se aglomeraram, desesperados para impressioná-lo, por algum sinal de elogio ou reconhecimento. Altfor os ignorou, mantendo os olhos na varanda onde Genevieve e Moira conversavam. Ele imaginou como sua esposa iria gritar se ele fizesse com ela metade do que ele havia feito com sua irmã.

Como era esperado, ele teria que se contentar com um tipo diferente de crueldade.

“Minha esposa pediu que eu seja gentil com os irmãos do traidor Royce”, disse ele. “Tirem-nos das masmorras, levem-nos a um local de execução e mandem enforcá-los.”

CAPÍTULO TRINTA

Royce saiu da prancha e deu um passo para terra firme pela primeira vez em semanas. Parou, respirou fundo e cheirou o ar, sorrindo. Ele saboreou a sensação de estar de volta a terra firme, de ter chão debaixo dele, de retornar à sua terra natal. A viagem acabara. Ele havia sobrevivido.

Era um sentimento desorientador a princípio não ter a terra movendo-se embaixo dele, e ele se sentia aliviado e perturbado ao mesmo tempo. Ficou aliviado por finalmente estar fora do navio, longe da Ilha Vermelha, de volta ao mesmo continente que sua família e Genevieve - mas perturbado porque sua chegada aqui significava apenas uma coisa: era hora de ele enfrentar os Fossos.

Ao lado dele, Mark, Altos e Rubin deram um passo em frente, os quatro lado a lado, cercados por dezenas de soldados do Império que se aproximaram para cumprimentá-los, com novas algemas na mão. Royce olhou em volta e descobriu que eles haviam atracado em uma pequena e agitada aldeia portuária, levados para o meio de uma multidão de aldeões que se apressavam em seus afazeres diários. Em instantes, os quatro já estavam algemados, sem nenhum lugar para onde fugir.

Royce estava com os outros na pequena praça da cidade enquanto dezenas de aldeões curiosos olhavam para eles com desconfiança. Sua terra natal parecia muito mais movimentada, mais apressada, mais cheia do que quando ele a havia deixado, todas aquelas luas atrás. Talvez o vazio, o silêncio da Ilha Vermelha tivesse penetrado nele. Os rostos de todas essas pessoas pareciam ser de estranhos, e Royce mal se sentia como se tivesse voltado para casa.

Royce e os demais foram arrastados através da aldeia até uma grande jaula a céu aberto, que era pouco melhor do que o tipo de coisa em que eles poderiam ter mantido um urso ou um lobo antes de atraí-lo com cachorros. Outros homens também estavam ali, muitos dos quais pareciam desesperados e perigosos; homens duros e bandidos que não tinham nada a perder. Eles não tinham treinado na Ilha Vermelha, porém, e Royce se viu imaginando quanto tempo eles realmente durariam uma vez que a luta começasse.

Ele e os outros foram jogados na jaula rapidamente, sem qualquer explicação, e Royce olhou em volta, certificando-se de que nenhum dos homens ali iria atacar. A maioria deles se mantinha de cabeça baixa ou com um olhar desafiador, como se isso pudesse de algum modo afastar qualquer perigo. Royce encontrou um lugar vazio em um canto, e os outros se sentaram com ele, formando uma espécie de quadrado, todos de olho nos outros.

“Um de nós deve ficar acordado o tempo todo”, disse Mark.

Altos encolheu os ombros. “Você acha que eles realmente atacarão?”

“Eles podem”, disse Royce. “Homens desesperados fazem qualquer coisa.”

“Então o *que* faremos?”, Mark perguntou.

Royce não tinha uma resposta. Ele e os outros tinham todas as habilidades da Ilha Vermelha, e tanta razão para tentar se libertar como qualquer um, mas não havia esperança de fazer qualquer coisa agora, não preso dentro da jaula assim.

“Nós esperamos”, disse ele. “Nós dormimos e esperamos que seja o suficiente.”

Um guarda passou, perto o suficiente para que Royce pudesse estender a mão e puxá-lo contra as barras, se tivesse tentado.

“Olhem para vocês”, disse o homem com uma risada. “Os melhores da Ilha Vermelha? Vocês não são nada mais que um bando de crias.”

“Se você acha que somos tão fracos”, disse Royce, “porque não tenta a sua sorte? Deixe-me sair desta jaula, passe-me uma espada e veremos como você se sai.”

Por um momento, ele pensou que ele tinha pegado o orgulho do homem o suficiente para que ele realmente pudesse fazer aquilo, mas não, o guarda bateu a ponta de sua alabarda contra as barras, fazendo Royce pular para trás.

“Lembre-se de como você fala com seus superiores, garoto, ou você se verá açoitado antes de entrar para lutar. Não que isso faça muita diferença. Nenhum de vocês vai sobreviver ao que acontecerá amanhã. Eu vou estar assistindo confortavelmente do lado de fora enquanto você e seus amigos serão estripados.”

*

Genevieve viu o regresso de Altfor através de uma das janelas de seus aposentos e se endureceu, tendo que construir camadas de si mesma que serviam para disfarçar o que realmente sentia. Ela reteve todo o desagrado e o medo, substituindo-o pela fachada de felicidade, até amor, que ele exigiria dela.

“Você não deveria tornar isso tão óbvio”, disse Moira.

“É você que me diz para fingir ser o que eu não sou”, apontou Genevieve.

“Mas isso não funciona se as pessoas perceberem que você está apenas fingindo. Se você vai do ódio ao amor tão rapidamente, é óbvio que é uma máscara.” Moira encolheu os ombros e foi até a porta. “Talvez Altfor não perceba. Ned dificilmente é brilhante.”

Genevieve descartou essa ideia imediatamente. Altfor era muitas coisas, mas ele não era estúpido. Ela precisaria ser mais cuidadosa.

“Você não vai ficar?”, Genevieve perguntou. A presença de Moira facilitaria as coisas.

“Eu tenho coisas para fazer”, ela respondeu. “Tenho certeza que você vai ficar bem.”

Ela saiu pela porta antes que Genevieve pudesse dizer qualquer outra coisa, e Genevieve ficou ali, tentando se recompor melhor. Moira estava certa; era suspeito demais se ela se apaixonasse de repente por um marido que ela professara odiar.

Altfor parecia... feliz não era a palavra certa. Satisfeito, talvez, com uma expressão de fome quando olhou para ela, o que deixou Genevieve bastante tensa.

“Olá, esposa”, disse ele, e Genevieve sabia que tinha que ser natural, lembrando-se de que ela era dele, e não tinha escolha em nada disso. “Eu confio que você esteve bem aqui?”

“Bem o bastante”, disse Genevieve, aceitando o conselho de Moira e sem disfarçar tudo o que sentia. “Devo fingir estar feliz por você?”

A expressão de Altfor endureceu. “Você pode fingir ou não. Não faz diferença para o fato de você ser minha e de eu poder fazer o que quiser com você.”

Genevieve conteve uma resposta a isso, sabendo que argumentar iria tornar as coisas mais difíceis para si mesma. Em vez disso, ela baixou o olhar, tentando parecer recatada.

“Uma pena que você não pode estar comigo antes”, disse Altfor. “As coisas que você teria visto... Eu conheci sua irmã.”

Genevieve sentiu o sangue gelar quando Altfor sorriu. “Minha irmã? O que você fez?”

Altfor apenas continuou sorrindo. “Simplesmente fui conhecer a família da minha esposa, deixando-a saber o quanto eu valorizo você.”

Genevieve olhou para ele, tentando descobrir exatamente o que tinha acontecido, sem ousar tentar imaginar sobre aquilo.

“O que você *fez*?”, Genevieve exigiu saber novamente.

Mais uma vez, Altfor não respondeu diretamente. Em vez disso, apenas serviu-se de vinho, tomando-o como se estivesse gostando do desconforto dela.

“Diga-me, Altfor!”

Ele jogou o copo na parede, fazendo Genevieve pular na hora em que o vidro despedaçou.

“Você não me dá ordens. Eu as dou para você e você me agrada.”

“Mas minha irmã...”, Genevieve começou.

“Sua irmã é camponesa e solteira”, disse Altfor. “Eu tenho todo o direito.”

O horror total do que o marido tinha feito atingiu Genevieve.

“Porquê?”, ela perguntou.

“Toda vez que você me desagrada, eu vou encontrar um jeito de te machucar. Às vezes eu vou te machucar diretamente, e vou gostar disso. Às vezes, eu atinjo aqueles que você diz amar, para te lembrar que você é minha.”

“Não”, disse Genevieve, sentindo as lágrimas que começaram a derramar de seus olhos, e querendo segurá-las para que ele não as visse. “Não...”

Altfor parecia estar gostando da miséria dela. “Eu sei que você está desapontada por ter perdido o momento. Ainda assim, talvez amanhã possamos ter um momento juntos quando visitarmos os Fossos.”

Genevieve não tinha certeza do que dizer sobre isso. Havia apenas uma coisa em que ela conseguia pensar que Altfor fosse capaz de fazer e isso era arrastá-la para ver a luta, e era apenas a única coisa que poderia piorar aquele momento.

“Royce? Você está me levando para ver o Royce lutar, não é?”

“Estou levando você para vê-lo morrer”, disse Altfor.

Genevieve sacudiu a cabeça. Ela sabia que deveria fingir que estava feliz com Altfor, ser a pessoa que ele supostamente esperava, mas naquele momento o horror de tudo era quase esmagador.

“Não, eu não vou”, disse ela.

Altfor voou para cima de Genevieve em um instante, enrolando a mão no cabelo dela. “Você fará exatamente como lhe é dito. Você não tem escolha.”

“Você não pode me obrigar”, disse Genevieve.

“Eu posso fazer você fazer o que eu quiser. Atualmente, não tenho planos de visitar sua irmã novamente. Atualmente, sua irmã ainda vive. Você gostaria que isso mudasse?”

Genevieve tentou desviar o olhar, mas ele não deixou.

“Então, você *tem* uma escolha. Você irá amanhã aos Fossos ou irá no dia seguinte para que possamos ver sua irmã morrer?”

Ela mordeu o lábio, incapaz de falar.

Altfor a empurrou para longe.

“Estou feliz que esteja resolvido. Agora, quando eu voltar, esteja pronta para dormir. E desta vez, finja melhor que você me ama, ou pensarei em uma nova maneira de te punir.”

CAPÍTULO TRINTA E UM

Royce sentiu o metal frio dos novos grilhões em seus pulsos, e ele sabia que estava em uma encruzilhada. A apreensão em seu estômago se aprofundou ao ver os rostos de seus amigos olhando fixamente para trás e ele sabia que essa era muito provavelmente a última vez que os veria vivos.

Mark deu um passo à frente e conseguiu estender a mão para apertar o braço de Royce antes que os soldados pudessem afastá-lo.

“Você tem sido um bom amigo”, disse Mark. “Espero um dia retribuir o favor.”

Royce pensou em tudo o que tinham passado, e ele só conseguiu assentir enquanto segurava o braço do amigo.

“Você já o fez”, respondeu Royce.

Altos apertou o braço dele.

“Não me esqueça”, ele disse de forma sincera.

E então, para surpresa de Royce, Rubin também se aproximou, abraçando-o antes que o levassem. Ele assentiu tristemente, e Royce podia ver em seu rosto um olhar de respeito, um que ele nunca esperava ver dele.

“Eu sou fiel à minha palavra”, disse Rubin. “Eu vou pagar minha dívida a você.”

Royce se viu sendo puxado pelas algemas, puxado para frente na multidão. No mesmo instante, uma máscara de couro foi colocada em seu rosto, deixando fendas para os olhos e para a respiração, mas escondendo totalmente sua identidade. Ele entendeu que isto era a forma como eles adornavam os lutadores nos Fossos.

Royce foi logo levado pelo meio da aldeia caótica. Gritos e aplausos surgiram quando uma multidão começou a aumentar e engrossar ao redor dele. Todos olharam para ele como se ele fosse um animal em um zoológico, desfilando pela cidade. Ele não gostou do sentimento. Alguns aldeões davam-lhe tapinhas nas costas, enquanto outros o insultavam.

Royce entendia a reação da multidão. A maioria dos que foram jogados no Fossos eram criminosos endurecidos, estavam ali por assassinato ou crimes piores. Eles assumiam que ele era igual. Se ao menos eles soubessem, Royce pensou, que ele estava lá apenas por tentar recuperar sua noiva roubada. Eles o receberiam assim então?

Royce foi empurrado para o centro da vila, enquanto os gritos da multidão atingiam um nível ensurdecedor. Ele sentiu algo se formando, como se estivesse sendo levado para algum lugar.

Por fim eles pararam, e quando a multidão abriu caminho, Royce parou e olhou para baixo em choque com a visão diante dele.

Ali, a seus pés, havia um enorme fosso de seis metros de diâmetro, com seis metros de profundidade. Em sua extremidade, havia centenas de espectadores, aplaudindo enquanto ele caminhava para frente.

Eles o fizeram esperar ao lado do buraco, suas algemas presas a um anel de ferro, enquanto a luta começava.

Royce viu Altos sendo arremessado no fosso. Um trio de inimigos estava na frente dele. Ele reconheceu todos eles das jaulas. Todos carregavam longas facas que não deveriam ser problema para a espada de Altos, mas quando se espalharam ao redor dele, Royce podia ver o perigo em que seu amigo estava.

Altos estava cercado por eles, como um animal cercado por lobos, sem maneira de atacar um sem ser morto pelos outros. Pior, Royce tinha a sensação de que seu amigo nem queria *tentar* lutar naquele momento. Altos estava lá, com a espada para baixo, olhando para Royce e os outros, enquanto os três homens se aproximavam.

Naquele momento, ele poderia ter pulado para frente para lutar, poderia ter batido neles, poderia ter *lutado*. Em vez disso, ele ficou ali parado quando o primeiro dos homens o apunhalou pelas costas com uma longa faca.

Outro golpeou sua garganta, e o terceiro ficou para trás, como se esperasse que Altos ainda tivesse força para matar. Royce caiu ajoelhado ali mesmo, vendo seu amigo morrer, mais corajoso na morte do que ele pensava que poderia ser.

A multidão começou a vaiar, claramente esperando mais.

“É para isso que eles pagam um bom dinheiro para a Ilha Vermelha?”, um dos guardas resmungou. “Eles deveriam ser *melhores* após todo esse treinamento.”

“Se somos assim tão fracos”, disse Rubin, “então você gostaria de tentar nos matar?”

“Ou talvez eu só precise jogar mais de um de vocês, e dar à multidão um show adequado”, o guarda respondeu. Ele e os outros guardas tiraram as correntes de Rubin e Mark, jogando-os juntos no buraco, e atiraram as armas deles a seguir.

“E quanto a mim?”, Royce exigiu. Se ele tivesse que morrer, ele queria fazê-lo lado a lado com seus amigos, e talvez, apenas talvez, os três juntos pudessem encontrar uma maneira de lutar contra isso.

“Dois de vocês são o suficiente”, o guarda respondeu, algemando Royce na lateral da cabeça e deixando-o no lugar. “Vamos ver se seus amigos lutam ou se também morrem como covardes.”

Mark e Rubin lutaram. Oh, como eles lutaram. Na Ilha Vermelha, eles não tinham gostado um do outro, mas agora Royce os viu apertarem as mãos por alguns instantes e depois pular nos três condenados. A luta foi tão breve que Royce suspeitou que a multidão não tinha tido tempo para entender a habilidade que seus amigos mostravam. Mark fez uma finta contra um inimigo, depois foi para outro, deixando Rubin pular no espaço entre as defesas que sua finta havia exposto. A espada de Rubin passou pelo guarda do condenado, penetrando profundamente na artéria da perna, enquanto Mark empurrava sua lâmina pelo peito de outro homem. Os dois giraram a tempo de enfrentar o terceiro, Mark dominando a espada dele enquanto Rubin atacava suas costelas.

A multidão aplaudiu, embora Royce soubesse que era para o sangue que eles estavam aplaudindo, não para seus amigos.

“O próximo é o velho”, o guarda disse.

“Espere, você está fazendo eles lutarem de novo?”, Royce indignou-se.

O guarda olhou furioso para ele. “Você está aqui para morrer, garoto, para não desfrutar de uma vida brilhante. Seus amigos lutarão e continuarão lutando até que as multidões estejam entediadas, morram, ou fiquemos sem inimigos para eles. Agora fique quieto.”

Royce ficou lá com raiva, esperando que seus amigos pudessem encontrar um jeito de passar por isso. Ele quase deu um suspiro de alívio quando viu o próximo inimigo deles: um homem velho que nem sequer usava a máscara de um lutador, mas apenas seu cabelo branco, erguendo-se de um rosto descoberto. Ele, *contudo*, usava uma armadura bem surrada, que parecia já ter visto muitas batalhas, e carregava uma espada de duas mãos, a ponta arrastando pelo chão. Ele ficou na frente de Mark e Rubin como se esperasse o momento em que os dois atacariam.

Então ambos atacaram, um pouco hesitantes, como se não acreditassem que esse velho fosse uma ameaça. Foi justamente essa hesitação que os salvou naquela primeira investida, face à espada longa que o velho começou a agitar em forma de arcos assassinos, um deles acabou desenhando uma linha de sangue no braço de Mark.

“Costumava ser um campeão de um dos senhores locais”, disse o guarda em resposta ao olhar chocado de Royce. “Porém matou o filho do homem errado.”

O velho certamente parecia se mexer com mortalidade de longa data. Mark e Rubin tentaram contorná-lo, mas toda vez que pareciam ter o homem entre eles, ele atacava um ou outro, reposicionando-se com habilidade e cuidado.

Ele parecia estar ficando cansado, porém, seus passos se tornando mais aleatórios enquanto a luta decorria. O velho pareceu tropeçar por um momento, perdendo um passo no chão de terra do poço. Royce percebeu que era uma armadilha e tentou gritar, mas não havia como seus amigos ouvirem os gritos no meio da multidão.

Mark avançou para aproveitar a oportunidade, brandindo a espada na direção do homem mais velho, mas viu que a arma apenas bateu na armadura dele. Royce viu seu amigo congelar no lugar enquanto o velho, em um revide rápido, empurrava a espada para o peito de Mark.

Mark desviou o suficiente para que aquele golpe não fosse mortal.

Mas não o suficiente para evitar ferimentos graves.

A espada perfurou seu lado, mas não tão profundamente. Poderia ter sido pior - mas poderia ter sido muito melhor também.

Mark caiu no chão, imóvel, e parecia duvidoso que ele se levantasse novamente.

Royce ofegou assistindo àquela cena, sentindo-se com falta de ar.

Ali jazia seu melhor amigo no mundo, já derrotado.

Se você morrer, eu morro.

As palavras soaram em sua cabeça.

Nesse momento, Royce sentiu como se *ele* mesmo estivesse sendo esfaqueado.

“*Não.*”

Lá embaixo, Rubin começou a atacar o velho furiosamente com a espada. A maioria dos golpes bateu na armadura, mas alguns conseguiram atingi-lo. O velho cavaleiro, mesmo ferido, conseguiu girar, golpeando Rubin de volta com um punhal. Royce viu o jato de sangue e, nos segundos que se seguiram, três corpos jaziam no chão do poço.

Nos momentos que se seguiram, a multidão rugiu.

Royce ficou ali, sentindo uma mistura de repulsa e horror com o que estava acontecendo. Ele não podia acreditar que pelo menos um de seus amigos tinha sido morto, e possivelmente o outro também. Royce se sentiu entorpecido, incapaz de acreditar no enorme desperdício disso.

“Mark!”, ele gritou.

Mas seu amigo não se mexeu.

O guarda sorriu para ele. “Parece que você está com sorte, garoto. Você vai poder viver um pouco mais. Vamos levá-lo de volta para sua jaula enquanto encontramos mais oponentes para você enfrentar.”

Royce queria gritar com ele, queria lutar com ele. Queria matá-lo. Contudo, preso em correntes como ele estava, não podia nem começar a fazê-lo. O guarda e outros com ele o arrastaram de volta para a praça, para o local onde a jaula estava. Eles o jogaram de volta para dentro, deixando-o lá com os bandidos e os criminosos.

Quanto tempo demoraria para eles voltarem para ele? Eles estavam mesmo tentando encontrar coisas que poderiam matá-lo? Royce olhou ao redor da jaula, imaginando porque os homens ali não haviam sido jogados no fosso contra ele. Talvez depois do modo como Rubin e Mark haviam lutado, eles estivessem preocupados que os homens não fossem perigosos o suficiente.

Royce se acomodou no canto da jaula, tentando dormir, sabendo que precisaria de todo o descanso que pudesse ter para ter uma chance de sobreviver.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Genevieve vagou pelos corredores do castelo, procurando por seu marido, mesmo sabendo que não era um momento que ela queria acelerar. Ela não queria se apressar para ir aos Fossos ver a violência deles. Ela *certamente* não queria estar lá no momento em que enviassem Royce para morrer.

Ela também não queria pensar no que a Altfor poderia estar fazendo, depois das ameaças que ele havia feito. E se a razão pela qual ela não conseguia encontrá-lo era que ele estava cavalgando, indo novamente para mais perto de sua irmã no momento? O pensamento disso deixou Genevieve com repulsa.

“Onde está o meu marido?”, ela perguntou a uma das criadas que encontrou. Era difícil pensar naquela mulher como sua criada. Afinal, ela própria era do marido, assim como o castelo. Genevieve era propriedade dele, em vez de sua Duquesa.

Ela viu a criada hesitar e o medo a dominou. “Onde ele está?”

Desta vez, a criada apontou para um quarto um pouco afastado. Era uma sala que Genevieve reconheceu, porque pertencia apenas à única pessoa no castelo em quem ela confiava: Moira.

Genevieve correu pelo espaço entre ela e a porta, pensando que, se Altfor estava preparado para ferir sua irmã com o intuito de atingi-la, então ele não hesitaria em ferir a amiga também, mesmo que ela fosse casada com um de seus irmãos.

“Oh... Altfor!”

Os sons vindos da sala não soavam como sons de dor. Não pareciam ser de uma luta furiosa, ou mesmo de uma submissão silenciosa, que estivesse sendo forçada a Moira porque não havia outra opção. Genevieve viu sua necessidade furiosa de proteger a amiga ser substituída por simples fúria, e ela irrompeu por uma porta que ela suspeitava ter sido deixada destrancada deliberadamente.

Ela os viu lá, enroscados na cama de Moira: sua amiga e seu marido, envoltos apenas nos lençóis enrolados em volta deles, e Genevieve só pôde agradecer que eles pareciam ter se distanciado um do outro no momento em que ela abriu a porta.

“Moira?”, ela disse, incapaz de manter a dor fora de sua voz. “Como você *pôde*?”

Ela não perguntou o mesmo ao marido, embora fosse ele que tinha um laço de juramento a ela. Ela perguntou à amiga; à

mulher que *disse* que era sua amiga. Então Moira sorriu e Genevieve viu que ali nunca havia existido amizade de verdade.

“Eu lhe *disse* que esse era um lugar onde você tinha que aprender a fingir”, disse Moira, enquanto Genevieve sentia seu coração sendo esmigalhado. “E você me disse *tantas* coisas que você não teria dito a um inimigo.”

Era isso que ela era, Genevieve entendeu. Em poucos segundos, a mulher que ela pensara como sua melhor amiga era na verdade sua inimiga. Será que ela propositalmente deveria encontrar Moira e Altfor assim? Se sim, qual deles decidiu que aquilo era uma boa ideia? Teria sido sua ex-amiga, decidindo que era o momento certo para revelar sua traição, ou seu marido cruel, encontrando mais uma maneira de machucá-la?

“Eu vou...”, Genevieve começou, avançando em direção a eles.

Altfor pegou o braço dela enquanto ela o levantava. “Você não fará nada. Você não *dirá* nada. Você irá para o salão e esperará por mim, para que possamos assistir seu querido Royce terminando os dias dele.”

Genevieve começou a sacudir a cabeça, mas Altfor segurou a mandíbula dela com a outra mão. Ele pressionou para um beijo forçado, o suficiente para causar dor em Genevieve.

“Vá agora, ou eu decidirei que você quer se juntar a nós. E esteja pronta quando eu quiser ir. Se eu tiver que procurar por você, você não vai gostar.”

Genevieve saiu correndo da sala, sem se atrever a olhar para trás.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Dust entrou na aldeia, sem se abalar ao ver a pobreza do lugar, a sujeira, a sensação de que bastava apenas mais uma má colheita para aquilo se tornar um lugar de fantasmas. Para ele, todos os lugares possuíam fantasmas, e hoje era um dia para fazer mais. Isso já era previsto.

“Há um menino daqui”, disse ele ao primeiro homem que encontrou, “com uma marca no braço.”

“Você acha que eu tenho tempo para parar e conversar com cada estranho que eu conheço?”, o homem disse. “Eu tenho gansos para levar ao mercado.”

Ele começou a avançar e Dust entrou em seu caminho.

“Saia da minha frente”, disse o homem, estendendo um braço como se pudesse afastar Dust de lado. Dust agarrou o braço do homem e quebrou-o tão facilmente como se ele estivesse quebrado um galho, ignorando os gritos que se seguiram.

“Eu aprendi muitas coisas”, disse Dust. “Eu estudei e aprendi diversas maneiras de trazer a morte. Eu aprendi a andar em silêncio e a sentar pacientemente como uma pedra sem comer por dias. Eu aprendi a ler os sinais em todas as coisas. Esses sinais me trouxeram aqui. Eu vou perguntar mais uma vez. Onde está o garoto com a marca no braço?”

“Você quer dizer Royce?” o homem conseguiu balbuciar, entre respirações doloridas. “Sua família... sua família vive na fazenda na orla da aldeia. Por ali.”

“Obrigado”, disse Dust, e partiu pela aldeia. As pessoas estavam olhando para ele agora, e ele imaginou que, pela primeira vez, isso tinha a ver com algo mais do que apenas pela sua pele cinza. Um grupo de homens estava se reunindo, com ferramentas agrícolas nas mãos. Dust se perguntou se aqueles homens sabiam alguma coisa sobre como interpretar sinais nas multidões, como conseguir ler suas intenções. Provavelmente não, ou eles saberiam o quão óbvia era a raiva se acumulando neles. Era claro que eles ficariam ali parados até que alguém ganhasse a coragem de atacar, e então todos eles agiriam juntos.

Dust também podia ver qual deles seria o líder, os sinais apontando para um homem que segurava uma foice como se fosse uma verdadeira arma. Ele era o maior homem lá, e claramente alguém que costumava lutar. Quando ele atacasse, os outros avançariam.

Dust avançou rapidamente, no espaço de tempo de dois batimentos cardíacos, segurando firmemente a foice e torcendo-a, arrancando-a do alcance do outro homem tão facilmente quanto ele poderia tê-lo feito das mãos de uma criança. Ele precisou de um pequeno momento para aprender o peso da arma, e talvez seus mestres tivessem desaprovado isso, pois um homem como ele deveria saber o caminho da morte em todas as coisas.

No instante seguinte, ele compensou a falha quando girou a foice e a atravessou pela garganta do homem com tamanha velocidade, que provocou um sussurro do metal. Ele recuou, evitando o sangue que jorrava; as pessoas nunca entendiam o quanto poderia haver de sangue em um corpo. Ele então apoiou a foice nos ombros, como se fosse uma lança, e continuou a andar.

As pessoas se afastaram dele, algumas xingando, outras simplesmente gritando. Dust deixou que o fizessem. Como poderiam eles saber que ele tinha acabado de permitir que eles vivessem, matando a única pessoa que importava? Ele continuou em direção à fazenda, por fim alcançando-a e procurando sinais de que era o lugar certo.

Um pássaro solitário estava acima da porta. O musgo no lintel tinha crescido na forma de algo que poderia ter sido um dos símbolos *enatharis*. Isso era um sinal de um tipo diferente.

Dust deixou pacientemente a foice encostada ao lado da entrada, depois chutou a porta com força suficiente para estilhaçá-la, fazendo-a se abrir.

Duas figuras, um homem e uma mulher, que estavam sentados lá dentro, levantaram-se de seus lugares muito lentamente. Dust levantou a mão em advertência.

“Pare”, disse ele. “Eu não tenho nenhum desejo de matá-los.”

Suas palavras foram suficientes para retardá-los, pelo menos.

“Onde está seu filho?”, ele perguntou.

O homem parecia querer lutar, e naquele momento, Dust se arrependeu de não o ter atacado logo ao entrar, já que isso poderia intimidar mais um sujeito assim. Em vez disso, ele estendeu as mãos em um gesto de paz.

“Eu não tenho vontade de lutar com você. Onde está seu filho?”

“Qual filho?”, a mulher exigiu saber, soluçando. “Royce foi levado para a Ilha Vermelha para ser entregue para morrer nos Fossos. Nossos outros filhos... o Duque os jogou numa masmorra, e ele os matará quando puder.”

Dust poderia entender o ela devia estar sentindo. Seus estudos tinham mostrado que a maioria das pessoas achava que a morte era um problema. Seus mestres até o haviam feito aprender os rituais de morte de cem lugares diferentes, coisas que deveriam acalmar ou reconciliar, levar a conclusão tanto aos vivos quanto aos mortos.

Ainda assim, ele tinha uma tarefa.

“Qual filho seu tem uma marca no braço?”, ele perguntou. “Os videntes que me enviaram falaram de apenas um menino.”

“O que você quer com Royce?”, o homem perguntou.

“Ele tem um destino perigoso”, disse Dust, não vendo razão para mentir. “Eu fui enviado para matá-lo.”

“Você... isso é algum tipo de piada?”, o homem perguntou. Ele pulou para um lugar no casebre, aparecendo com uma espada. “Você acha que eu vou deixar você machucar meu filho?”

Dust fez uma pequena reverência. “Perdoe-me, mas você não pode me impedir. Vocês dois morrem aqui hoje.”

“Eu pensei que você tinha dito que não queria nos matar”, disse a mulher.

“Eu não”, disse Dust. Ele olhou em volta, caso houvesse outro sinal para contrariar aquele que vira, na entrada, mas não havia nada. “Havia um sinal de morte acima da sua porta, e eu devo agir como o destino requer.”

“Você é um monstro”, disse a mulher.

O homem era mais direto. Ele atacou Dust, que se desviou para o lado, ignorando a lâmina, e logo a seguir atingindo com um soco a garganta do homem, com tanta força que parecia que a cartilagem de seus dedos estava quebrando e seus ossos despedaçando. Ele recuou para deixar o homem desmoronar. Um corpo sem ar era um corpo morto.

Ele se aproximou da mulher, embalando sua cabeça quase suavemente, ignorando seus gritos.

“Vou fazer uma oração pelo seu corpo”, prometeu ele, “e elogiá-lo até a morte. Então eu encontrarei seu filho. Se é algum conforto, até mesmo alguns sábios sentem que as pessoas podem se reunir após a morte, então talvez você o veja.”

Ela continuou a gritar e era um som que Dust sempre achava desagradável. Não adiantava nada, então porque fazer isso? Ele torceu bruscamente a cabeça dela, quebrando o pescoço e interrompendo seu choro. Ele a deitou e começou a dizer uma das mais curtas orações pelos mortos que ele conhecia. Ele tinha tanto a fazer que não havia tempo para mais.

O filho deles ia para o Fosso.

Era para lá que ele deveria ir.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Royce sonhava com um lugar em que nunca estivera, olhando de cima para uma batalha em que parecia que cem mil pessoas se digladiavam num confronto repleto de aço, madeira e violência. Ele estava em pé acima de tudo aquilo, ao lado de uma árvore que claramente havia sido escurecida pelo fogo. Um homem estava ali, de armadura branca o cobrindo da cabeça aos pés, tão alto e orgulhoso quanto a árvore provavelmente fora uma vez. Royce sabia, sem que ninguém lhe tivesse dito, quem aquele homem tinha que ser.

“Pai?”

O cavaleiro de armadura branca virou-se para ele. “E você é Royce, o garoto que estava destinado.”

“Eu não entendo”, admitiu Royce.

“Você vê lá embaixo?”

Royce olhou para o confronto aparentemente interminável dos exércitos. Havia homens ali vestidos à maneira de cavaleiros e outros vestidos de maneira mais estranha e mais antiga, desde a armadura de escamas dos primeiros colonos do reino até homens que pareciam usar pouco mais do que tinta rabiscada em talismãs de proteção enquanto lutavam.

“Estou os vendo”, disse Royce.

“Todos eles batalharam em seus tempos para decidir quem era o mais forte, o mais rápido ou o melhor. Todos eles queriam ser um rei porque achavam que poderiam usar sua força para controlar os outros. Você, contudo... você realmente é tão forte quanto aquilo que eles apenas pensam que são. Você será o melhor de nós.”

“Eu...”, Royce não sabia o que dizer sobre isso. “Como, quando eu estou prestes a ser jogado nos Fossos para morrer sozinho?”

“Você acha que está sozinho quando todos esses estão aqui atrás de você?”, seu pai disse. “Eu estarei lá com você. Você tem um grande destino à sua frente.”

“Que destino?”, Royce exigiu saber. “O que eu devo fazer?”

Não houve resposta, porém, mas sim um martelar em suas costelas que parecia mais forte do que qualquer um dos choques de aço naquele lugar. Royce sentiu as pancadas o empurrando, enquanto os gritos dos guerreiros abaixo pareciam se transformar em um tipo diferente de berros...

“... Acorde ou eu vou chicotear você até que você levante”, o guarda disse bruscamente, já desferindo outro chute em direção a Royce. Royce foi rápido o

suficiente para evitá-lo, levantando-se suavemente, e talvez a graciosidade com que ele fez isso tenha sido o suficiente para fazer o homem desistir de dar mais um golpe. Em vez disso, o guarda sorriu maldosamente.

“É a sua vez, garoto. Todas as pessoas estarão lá para ver você morrer.”

Ele e os guardas empurraram Royce novamente para fora da jaula, colocando a máscara dos lutadores dos Fossos no rosto dele mais uma vez. Royce andou novamente pelo meio da aldeia e das pessoas, ouvindo os gritos e vaia da multidão ao redor.

Aquele sonho pairava sobre ele como uma nuvem. Ele se perguntou se era real - ou apenas alguma invenção esperançosa de sua imaginação.

Ele parou no mesmo lugar onde já havia estado da primeira vez. Antes que ele tivesse a chance de processar tudo, Royce ouviu um tilintar, e, então, sentiu suas algemas sendo destrancadas.

Ele procurou em toda a sua volta por Mark, rezando para que ele ainda estivesse vivo em algum lugar.

“Mark está vivo?”

Mas Royce foi empurrado para frente.

Ele estava no ar. Seu estômago parecia sair pela boca enquanto ele despencava no fosso, caindo uns bons seis metros até que aterrisou no chão lamacento abaixo, sem fôlego.

A multidão rugiu, e Royce se levantou, desorientado, seu corpo coberto de lama. Ele tentou rapidamente se concentrar. Ele olhou para cima e viu imediatamente que as paredes eram muito íngremes e lamacentas para escalar. Mesmo que pudesse, acima do fosso havia centenas de pessoas, inclinando-se com forquilhas, claramente ansiosas para empurrá-lo de volta caso ele tentasse fugir. Era mesmo uma armadilha mortal.

Royce olhou ao redor, com seu coração batendo forte, imaginando porque ele estava sozinho lá embaixo - quando, de repente, a multidão explodiu. Ele olhou para cima e viu um borrão de movimento quando algo foi empurrado para o lado. A multidão ficou louco quando aquilo aterrisou no fosso, em frente a Royce.

Royce observou em choque. Ele esperava ver outro lutador. Mas não era.

Ali, a menos de seis metros à sua frente, havia um monstro. Parecia um tigre, mas tinha duas cabeças, longas presas e longas garras. O ser bizarro rosnava enquanto olhava para ele com olhos vermelhos irritados.

Royce ouviu o barulho frenético de metal, e olhou para cima para ver os aldeões trocando freneticamente sacos de ouro, apostando em seu destino.

A besta levantou a cabeça, mostrou suas presas e rugiu, claramente se preparando para atacar. Royce recuou, mas suas costas logo atingiram a parede de barro. Não havia saída.

Sem defesa, Royce se preparou quando o monstro pulou em sua direção.

Com o coração batendo, nenhum lugar para ir, Royce se conectou com seus instintos. Ele se ajoelhou, lembrando-se de seu treinamento, lembrando das lições que Voyt tinha embutido nele:

Use os pontos fortes do inimigo como pontos fracos.

Use o tamanho do inimigo.

Use sua falta de velocidade.

Não hesite.

Royce havia sido treinado para isso. Lembrou-se dos dias em que ele e seus irmãos tinham sido jogados em um buraco, confrontados com animais, monstros, tudo sob o sol.

Ele se concentrou. Se encolheu numa espécie de formato de bola, preparou as mãos para erguê-las alto, e quando o monstro estava no meio do salto, Royce levantou-se rapidamente e o empurrou com toda a força atingindo a barriga macia do animal.

Ele jogou a besta no alto, que voou pelo ar e bateu contra a parede de barro.

A multidão rugiu.

Ela caiu de pé, porém, mais rápida do que Royce esperava, virou-se e o encarou novamente. Royce sabia que sem uma arma, suas opções eram limitadas. Ele estava indefeso, e não havia para onde fugir. Ele poderia se defender, mas ele não poderia vencer.

Talvez, no entanto, ele pudesse cansar aquele animal.

Use sua própria força contra isso.

Royce olhou freneticamente ao redor do fosso e encontrou raízes penduradas do outro lado da parede de barro, como se fossem cipós. Ele correu através do fosso e, quando a fera o atacou novamente, ele correu para as raízes e saltou.

Royce pegou em uma delas no ar e com toda a força conseguiu escalá-la. Logo ele estava fora do chão, um metro, um metro e meio, dois metros. Ele rezou para que isso acontecesse.

O monstro se lançou para ele e, quando o fez, Royce se enrolou como um touro prestes a dar um coice, encolhendo os pés. A besta simplesmente errou o alvo, roçou os pés de Royce e bateu na parede de barro.

A multidão rugiu, claramente não esperando que Royce sobrevivesse àquilo.

Royce se agarrou à raiz, subindo ainda mais alto e, quando a fera furiosa rosnou, a multidão aplaudiu sua engenhosidade. Logo ele estava em segurança e fora de alcance.

O coração de Royce bateu forte quando ele olhou para baixo, respirando com dificuldade, feliz pelo descanso, imaginando como ele poderia ganhar isso. Ele olhou para cima e viu que a raiz não ia muito mais alto, e ele sabia que não poderia

subir ao topo de qualquer maneira, não com todos os aldeões esperando para empurrá-lo de volta.

Assim que ele teve a ideia, de repente, veio um barulho horrível de rangido - e ele teve o pior sentimento de sua vida: a raiz estava lentamente se separando da parede de barro. Royce começou a cair e não havia como parar.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Raymond e seus irmãos estavam sobrevivendo à masmorra, mas cada vez mais, parecia que eles não estavam nem perto disso. A fome corria em Raymond a cada segundo do dia, embora os três, que trabalhavam juntos, pudessem pegar sua parte do pão sem problemas sempre que os guardas se lembrassem de jogá-lo. A dor invadiu seu corpo em razão das brigas que dominavam o lugar, enquanto sua mente... sua mente não podia ignorar os gritos que vinham de algumas das sombras.

“A carroça está lá fora de novo”, disse Lofen, de pé sobre os ombros de Gareth para olhar pela janela.

“Deixe-me ver”, Raymond respondeu, como se fizesse alguma diferença se ele o visse ou não. Mesmo assim, seu irmão desceu para deixá-lo subir e ele se colocou no lugar.

Com certeza, a carroça da execução estava ali, pronto para arrastar outra pobre alma para a morte; ou se não fosse a morte, seria pelo menos para algo tão ruim que ninguém jamais voltaria. Quantas pessoas eles tinham visto serem arrastadas para fora das celas, sem nenhum critério de escolha e sem aparente motivo? Às vezes eram as pessoas que pareciam estar mais tempo ali; às vezes as que acabavam de chegar. Às vezes eram as que estavam mais desiludidas e conformadas, às vezes as que ainda pareciam ter a aparência de quem eram no mundo exterior.

Raymond saltou das costas de Lofen e atingiu pesadamente o chão. Entre os seus irmãos, Lofen achava que a falta de um padrão era algum tipo de tortura sutil, enquanto Gareth suspeitava que havia algum esquema que eles simplesmente não conseguiam detectar. De sua parte, Raymond suspeitava que era justamente quando os governantes do local se lembravam daqueles que estavam lá e decidiam uma punição final para eles.

Não era um pensamento reconfortante quando a porta começou a ranger de volta contra a parede.

“Precisamos estar prontos para lutar para fugir”, Raymond sussurrou.

“Porquê?”, Lofen perguntou. “Achei que seria melhor não atrair atenção.”

“Como se pudéssemos evitar isso”, disse Gareth.

“Fiquem quietos aí embaixo!”, gritou um dos guardas que entrou. “Todo mundo com as costas contra as paredes!”

Raymond recuou, como antes, quando eles entraram. Ele e seus irmãos mantiveram-se nas sombras e permaneceram quietos. Havia muitos guardas para arriscar qualquer outra coisa, e eles estavam fracos demais para tentar...

“Vocês três!”, o guarda disse bruscamente, apontando com o seu bastão. O coração de Raymond disparou quando viu que apontava diretamente para ele. “Parece que seu tempo acabou. Ordens do Duque.”

“Não”, disse Raymond, tentando pensar, tentando pensar em alguma maneira de ele e seus irmãos poderem sair dessa.

“Sim”, disse o guarda. “Agora venham para frente, ou vamos buscá-los.”

Raymond olhou em volta para os outros prisioneiros, mas nem mesmo ele sabia porque fez isso. Não haveria qualquer ajuda lá. Não tinha havido nenhuma quando ele mesmo era um dos que ficavam para trás. Em desespero, ele atacou o guarda, imaginando que pelo menos morrer em uma luta honesta seria melhor do que qualquer coisa que eles tivessem guardada para ele. Ele viu Lofen e Garet se lançando contra ele para impedi-lo, e se perguntou o que poderia ter acontecido se tivessem conseguido persuadir os outros prisioneiros a trabalhar com eles; se aquele lugar não tivesse criado tanta desconfiança que os impedisse de trabalharem juntos.

Como previsto, Raymond sentiu o impacto contundente de um bastão, depois outro. Um o atingiu profundamente no estômago, e ele se dobrou, tentando não vomitar. Outro bateu em suas omoplatas. Os golpes continuaram chegando, e Raymond ouviu sua própria voz implorando para que parassem.

Finalmente, com as mãos puxadas para trás das costas, correntes ásperas prenderam seus pulsos.

“De pé”, o guarda que parecia estar no comando ordenou, “e seja grato, eu prefiro ver você morrer no seu lugar designado!”

Raymond conseguiu ficar de pé e viu seus irmãos lutando para fazerem o mesmo. Os guardas os arrastaram da cela, e depois de tanto tempo no escuro da masmorra, a luz fazia lágrimas escorrerem de seus olhos. Pelo menos, Raymond queria pensar que era por causa da luz.

Os guardas empurraram os três na direção da carroça, e como Raymond não tinha mais forças para andar agora, então eles realmente o arrastaram, os pés raspando no chão antes de jogá-lo nos fundos.

“Indo implorar por suas vidas, meninos?”, o guarda principal perguntou, enquanto pulava para o banco do motorista. Outro guarda saltou para o lado dele. “Não? Todos eles acabam por implorar, você sabe, até os mais difíceis. Oh, as coisas que eles prometem. Não que isso faça alguma diferença.”

O guarda fez um estalido com a língua, e o cavalo que puxava a carroça avançou devagar e sem esforço, já que tinha longa prática naquilo. Raymond estava feliz pelo cavalo tomar o tempo que quisesse, porque só uma coisa os esperava depois que terminassem a viagem:

Morte.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Royce voou pelo ar, aterrissando de volta no buraco, a poucos metros da criatura. A multidão aplaudiu. Assim que ele pousou, a fera foi para cima dele, movendo as garras e golpeando furiosamente. Royce sentiu uma dor terrível ao ser atingido e levantou as mãos ensangüentadas, tentando afastar-se.

Royce sabia que tinha pouco tempo para agir, se quisesse sobreviver. Ele estendeu a mão, desesperado, e agarrou a fera pela garganta. Girou e bateu, subindo em cima do animal. Ele apertou, segurando a fera apenas longe o suficiente para que suas garras não o alcançassem.

Ele continuou apertando, sufocando a vida do bicho. Royce odiava ferir essa fera, mesmo que ela estivesse tentando matá-lo. Mas ele sabia que, se não o fizesse, sua própria vida terminaria.

Royce aguentou, mesmo enquanto a besta soltava rosnados terríveis, contorcendo-se para matá-lo. Mas não importa o que ela fizesse, Royce não iria ceder. Ele sabia que isso significaria sua morte.

Finalmente, a besta ficou mole em seus braços.

Morta.

O pensamento chocou e entristeceu Royce. Ele ficou aliviado em matá-la, mas também ficou triste.

A multidão ficou em silêncio, claramente atordoadas.

Royce levantou-se, sem fôlego, coberto de arranhões e feridas, pingando sangue. Ele estava exausto e não tinha ideia de como vencera a batalha. A adrenalina tomou conta do seu corpo, deixando até sua visão turva.

Não importava. Ele havia vencido. O trabalho estava completo e ele havia feito o que nunca desejara ter feito: sobreviver a qualquer custo.

Royce se levantou, meio que esperando que eles pudessem baixar uma corda, mas sabendo que isso não ia acontecer. Ele vira o que acontecera com Mark e Rubin, ouvira o que o guarda dissera: continuaria lutando vezes sem fim até morrer ou até a multidão ficar entediada. Os aplausos vieram novamente, cada vez mais altos, e Royce entendeu, abatido por um profundo desânimo, que sua luta não tinha sequer começado.

Um lutador foi repentinamente jogado da borda lá de cima, aterrissando na cova a poucos metros de distância dele, para o rugido da multidão. Royce o estudou. Era um homem enorme, musculoso, sem armadura ou roupa, exceto por uma tanga e uma sinistra máscara negra cobrindo seu rosto. Este homem, com pele morena, coberto de cicatrizes e tatuagens, era claramente um matador profissional.

A multidão aplaudiu.

Royce recuou quando o homem veio devagar, ameaçadoramente, em direção a ele, com um enorme machado na mão. O coração de Royce disparou e encheu-se de medo. Ele não viu como poderia escapar dessa.

Algo veio voando pelo ar, e quando Royce ouviu a lama espalhar-se ao lado dele, ele se virou e ficou aliviado ao ver o que era: uma espada. *Sua* espada. A Espada de Cristal.

Royce saltou e a agarrou, desviando-se do golpe de machado que ia em direção à sua cabeça.

Os aldeões rugiram excitados quando Royce levantou a espada da lama e encarou seu atacante. Mal havia girado, Royce viu o oponente indo em direção a ele com um grito horrível, levantando o machado com as duas mãos, como se quisesse dividir Royce ao meio. Royce ergueu a espada rapidamente e bloqueou o golpe, com faíscas voando por toda parte, mal conseguindo conter a enorme força do homem, parando o machado a centímetros do rosto.

Mas seu atacante, tão rápido, desviou-se no mesmo movimento e deu uma cabeçada no rosto de Royce, tão forte que o arremessou de costas por vários metros na terra.

Royce, na lama, estava tonto de dor enquanto a multidão rugia. Ele olhou para cima a tempo de encontrar o machado vindo para ele novamente, e, por pouco, não conseguiu desviar quando fez a esquiva. Ele então desviou para o outro lado quando o machado caiu novamente. O inimigo era incrivelmente rápido.

Desta vez, o machado veio direto pelo meio. Royce, pensando rápido, recostou-se na lama e deu uma rasteira nas pernas do homem. Seu machado voou.

A multidão rugiu, claramente surpresa, enquanto seu inimigo jazia ali, indefeso.

Royce se recuperou rapidamente e ficou de pé sobre ele. Enquanto seu inimigo se arrastava na lama, Royce sabia que esse era o seu momento. Ele sabia que tinha o poder da morte diante dele. Esta era sua chance de matar seu inimigo, acabar com ele e sair vencedor.

No entanto, quando ele estava em pé sobre o lutador, segurando firme a espada, decidiu não atacar. Em vez disso, virou-se para a multidão, ergueu os olhos, ergueu a espada para que todas as pessoas a vissem e, à vista de todos eles, deixou-a cair na lama. Ele não deixaria que eles o controlassem. Ele não mataria um homem inocente. Ele não se tornaria o monstro que eles queriam que ele fosse.

Enfurecida, a multidão vaiou e assobiou. Neste momento, Royce havia tirado o poder deles. Não havia nada que eles pudessem fazer. Eles não podiam fazer Royce matá-lo. Era a única coisa que eles não tinham poder sobre ele.

“Eu não vou matar um homem para seu prazer!”, Royce gritou.

A multidão vaiou ainda mais.

Royce se virou e estendeu os braços, indefeso, enquanto o homem se levantava e o encarava. O homem o encarou, claramente atordoado por aquela situação.

“Eu não vou machucá-lo”, disse Royce ao seu inimigo. “Somos ambos escravos, controlados pelo mesmo sistema. Escolha não lutar, e não haverá nada que eles possam fazer. Teremos triunfado sobre eles.”

Royce esperava que seu inimigo ficasse grato. Grato que Royce havia poupado sua vida. Grato que ele estava dando a ele uma maneira de ir embora.

Mas, para surpresa de Royce, aquele homem grande fez uma careta, claramente não compartilhando tal sentimento. Ignorando o pedido de Royce, ele se abaixou, pegou o machado da lama e atacou.

A multidão foi à loucura.

Royce, indefeso, pensou rápido. Ele esperou até o último momento, então se desviou do caminho. Seu inimigo passou correndo, tropeçando, e foi quando Royce girou e o chutou nos rins, fazendo-o cair na lama.

A multidão rugiu.

O homem conseguiu ficar novamente em pé e virou-se rapidamente com seu machado. Royce não esperava isso; ele se desviou do golpe, mas, ainda assim, a lâmina conseguiu roçar seu braço. Foi o suficiente para sair sangue - e doeu.

A multidão rugiu.

O inimigo então jogou o machado no chão e atacou Royce com o peso do próprio corpo, derrubando-o na lama. Royce ofegou quando ele bateu no chão com força e eles deslizaram vários metros para trás. Antes que ele pudesse se recuperar, o homem, em cima dele, deu-lhe um soco no rosto uma vez, depois duas vezes, depois três vezes.

Royce estava atordoado. Este homem queria matá-lo, ele podia ver em seus olhos. De fato, ele estendeu as duas mãos, e Royce sabia que ele pretendia arrancar seus olhos.

Royce agarrou os pulsos do homem no caminho, e seu corpo inteiro tremeu com o esforço. Eram mãos assassinas fortes e largas, e estavam apontadas diretamente para o rosto de Royce.

As mãos do homem baixaram e Royce sabia que em alguns momentos, tudo estaria acabado. Este homem iria matá-lo.

A multidão aplaudiu, instigando-o, desesperada por sangue.

De repente, Royce sentiu seu olhar embaçar diante dele, sentiu o mundo ficar parado. O mundo se derreteu e tudo ficou em silêncio. A força subiu por dentro dele. Sentiu-se sucumbir a uma nova raiva e se sentiu maior que o universo.

De repente, Royce empurrou os pulsos do homem para cima, revertendo a descida. Ele empurrou sem parar, até que conseguiu ficar de pé.

O homem encarava Royce, com os braços tremendo, claramente chocado com aquela força. Royce sacudiu os braços e jogou o inimigo de lado.

O homem caiu na lama, quando Royce se levantou. A multidão aplaudiu, extasiada com essa reviravolta inesperada.

O homem pegou seu machado e voltou, mas desta vez, foi diferente. Enquanto ele o atacava, Royce facilmente se esquivava e voltava a se esquivar de cada golpe, uma e outra vez, o machado assobiando a cada passada. Royce era capaz de antecipar todos os movimentos do inimigo. Finalmente, quando teve a chance, Royce se adiantou e chutou o homem no peito, derrubando-o de costas e desarmando-o novamente. Ele então recuperou sua espada.

A multidão foi à loucura quando Royce ficou sobre seu inimigo, com um pé no peito, prendendo-o.

O homem olhou para cima, atordoado, humilhado. Pela primeira vez, Royce viu medo em seus olhos.

“Termine isso!”, disse o homem, o sangue escorrendo de sua boca.

Royce sacudiu a cabeça.

“Não o farei.”

Finalmente, o homem assentiu.

“Eu concedo!”, ele gritou.

A multidão vaiava e gritava.

“Mate-o, mate-o, mate-o!”, eles cantavam para Royce.

Royce largou a espada, se virou e olhou para cima.

“*Vocês perderam!*”, ele gritou. “*Todos vocês perderam!*”

Mal Royce tinha pronunciado tais palavras, ouviu um súbito rosnado atrás dele; ele girou no último segundo para ver que seu inimigo havia recuperado o machado e estava arremessando-o diretamente para baixo em direção à sua cabeça, com o objetivo de cortá-lo ao meio.

Royce se esquivou do golpe e rolou. Ele pegou a espada por instinto e golpeou com um giro na altura do pescoço.

A multidão rugiu quando a cabeça de seu inimigo caiu por completo.

Royce olhou para aquele corpo morto, sentindo-se tão mal como nunca havia sentido.

Uma corda foi baixada para a subida de Royce e, embainhando sua espada, ele a agarrou e começou a escalar, um pé de cada vez.

Quando chegou ao topo, sentiu as mãos dos aldeões dando-lhe tapinhas nas costas, pronunciando o seu nome sem fim. Ele ficou parado em um estado alterado, sentindo sua vida girando diante de si.

“ROYCE! ROYCE! ROYCE!”

No entanto, em seu torpor, três coisas entraram em seu foco. O primeiro era o homem que presidia os Fossos. Um nobre, vestido de púrpura real. Royce reconheceu-o imediatamente: ele era o lorde local que o sentenciara àquela tortura. Pai de Manfor. Lorde Nors.

O segundo era o filho desse nobre, parado ao lado dele, em suas vestes, usando o emblema de um Duque, um olhar altivo e arrogante em seu rosto.

E o terceiro, para seu pânico absoluto, era Genevieve. Ela estava lá. Vestida com trajes reais, assim como eles.

De braço dado com o Duque.

Royce ficou parado, entorpecido em horror. Genevieve estava olhando para ele, mas ela não o reconheceu. Claro, ele ainda estava usando a máscara.

Lentamente, Royce levantou a máscara cobrindo o rosto e, quando o fez, olhou de volta para ela.

Os olhos de Genevieve se arregalaram e ela parou, congelada, olhando para ele. Ele podia ver o choque no rosto dela. Claramente, ela não esperava vê-lo lá também. Ela parecia muito atordoada para pronunciar qualquer palavra.

Tudo dentro de Royce parecia ter morrido de uma vez. Como isso poderia ser possível? Lá estava sua amada, a garota por quem ele arriscara tudo, a garota com quem ele tinha crescido, ali, de braço dado com um nobre. Depois de tudo isso, ela o traía.

Royce ficou destroçado. Ele sentia tanta dor que não sabia mais o que fazer.

Mais ainda, ele sentia ira, um desejo de vingança contra esses nobres que haviam criado esses Fossos, que colocavam todos esses bravos guerreiros nessa situação terrível. Alguém tinha que fazer alguma coisa. Alguém tinha que acabar com isso agora.

Royce estendeu o braço, pegou uma lança da mão de um aldeão e a atirou com toda a força.

A arma voou pelo ar, diretamente, e antes que alguém na multidão atordoada pudesse reagir, encontrou um lugar no peito de Lorde Nors. Merecido, pensou Royce. Afinal, ele era o homem que o sentenciara, o homem que havia começado tudo.

Lorde Nors arfou por ar, segurando a lança com as duas mãos, depois se curvou e morreu ali mesmo. Royce não deu tempo para a multidão reagir. Ele se virou e correu para o meio das massas.

Uma corneta soou e dezenas de soldados o perseguiram. Ele podia ouvi-los atrás dele, ganhando velocidade. Mas Royce teve uma vantagem inicial e era rápido. Seu poder o dominava e ele era mais veloz que todos eles. Avistou um cavalo, saltou em cima do animal, e depois de um chute firme ele estava

galopando, deixando essa aldeia lamacenta, indo para o campo aberto, longe daquele lugar.

Ele olhou para trás uma última vez, apesar de tudo.

E a última coisa que ele viu, antes de desaparecer para sempre, foi o rosto de Genevieve, olhando para ele. A dor na face dela longe de se igualar à dor em seu coração.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Genevieve estava sozinha nas muralhas do castelo, olhando para o campo, e chorando. Ela nunca se sentira tão sobrecarregada com suas emoções, nunca sentira uma mistura tão grande de sentimentos: alegria ao ver o rosto de Royce novamente, e agonia e desespero por captar o olhar de traição em seu rosto. Esse olhar tinha partido o coração dela. Era um olhar que ela levaria consigo pelo resto de seus dias, um olhar de acusação, de desespero.

Tamanha traição.

Se pelo menos ela tivesse um minuto para explicar, dizer o que estava fazendo e por quê - dizer a Royce que tudo tinha sido por ele.

No entanto, não houve tempo. Ele correu para a multidão, e enquanto ela o observava ir embora, seu coração ia se despedaçando, e ela não sabia o que era mais doloroso: vê-lo lá no início, naquela situação horrível, lutando nos Fossos, ou observá-lo desaparecer de novo.

Genevieve estava ali chorando e, enquanto observava o campo, desejou poder voltar atrás e mudar tudo. O que ela não daria por um minuto com ele, um minuto para explicar tudo.

Mas agora era tarde demais. Royce se foi e provavelmente dessa vez para sempre.

O Duque pegara em armas, com a intenção de encontrar Royce e vingar seu pai morto. Ele havia montado um pequeno exército e seus homens estavam em busca de sangue. Nobres e senhores locais vieram de toda a região, para ajudar a capturar Royce. Não haveria lugar para onde Royce pudesse escapar. De fato, quando Genevieve olhou ao redor, ela pôde vê-los ao longe, galopando pelo campo em pequenos grupos, espalhando-se, latindo para os cães ao lado deles. Eles soavam cornetas periodicamente, e cada som era como uma faca em seu coração.

Genevieve se perguntou como tudo terminaria. Se ao menos ela pudesse ter mudado as coisas de alguma forma, feito algo diferente. Teria ela cometido um erro? Ela havia pensado que se tornando uma nobre, poderia ajudar Royce. Mas talvez ela estivesse errada. Que bem lhe havia feito, afinal? Ela não conseguia nem mesmo libertar os irmãos dele.

Ela entendia agora que teria sido melhor nunca ter se aventurado por esse caminho. Nunca ter ido à câmara de Altfor. Nunca ter visto Royce nessas circunstâncias. Pelo menos então, o último olhar deles teria sido de puro amor; pelo menos o amor deles teria terminado em uma nota perfeita.

Agora estava sujo, a coisa toda arruinada.

Genevieve andou até a beira da varanda, inclinou-se e viu até onde a queda dava. Seu coração batia no peito. Com Royce longe, que motivo ela ainda tinha

para viver?

Desta vez, ela faria isso.

Genevieve segurou o corrimão de mármore e começou a se levantar, preparando-se para pular - quando de repente ouviu o som de passos correndo atrás dela.

Genevieve girou e ficou surpresa ao ver um mensageiro correndo freneticamente em sua direção. Com esforço, ele estendeu um pergaminho, ofegando enquanto tentava transmitir sua mensagem.

“Minha... senhora”, ele engasgou. “Onde está o Duque? Eu tenho uma mensagem urgente para ele e seus homens. Diz respeito a Royce.”

Ao ouvir essa palavra, Genevieve congelou. Era a única palavra que poderia fazê-la recuar da beira da varanda.

Ela o encarou, tremendo por dentro.

“E o que diz respeito a Royce?”, ela perguntou devagar, pensando bem em quais palavras utilizar, forçando-se a permanecer calma.

“Ele foi... avistado”, continuou o mensageiro. “No cume oriental da Floresta do Norte. Devo transmitir essa informação ao Duque antes que seja tarde demais!”

O coração de Genevieve bateu forte quando ela teve uma percepção repentina: ela ainda poderia ser útil para ajudar Royce. Se ela estivesse morta, não ajudaria ninguém. Talvez não tenha sido tarde demais. Talvez ela tivesse feito a escolha certa, entrando nessa família de nobres. Mesmo que fosse apenas por um momento, tudo valeria a pena. Ela estava recebendo uma segunda chance. Foi um ato de graça, como um anjo descendo para salvá-la de si mesma.

Genevieve se aproximou do mensageiro com calma, estendeu a mão e pegou o pergaminho. Ela olhou para baixo e o examinou; era mais pesado do que ela esperava e lacrado com cera. Era bom segurá-lo na mão dela.

“Estou indo ver o Duque agora”, disse ela com frieza, “e eu darei isto a ele pessoalmente.”

O rosto do mensageiro transpareceu alívio. Ele se curvou em reverência.

“Obrigado, Duquesa.”

Ele se virou e saiu correndo, desaparecendo pelo forte.

Genevieve quebrou o selo, abriu o pergaminho e leu. Foi como ele disse. Ela sabia que ao esconder essa mensagem do Duque estaria brincando com a morte. Se ela fosse descoberta, seria enforcada, torturada e eliminada. E ela sabia que um dia, de alguma forma ou de outra, o Duque descobriria o que ela havia feito. Que um mensageiro tinha vindo para ele com a notícia. Que ela havia interceptado o pergaminho.

Um dia haveria um acerto de contas e ela perderia a vida.

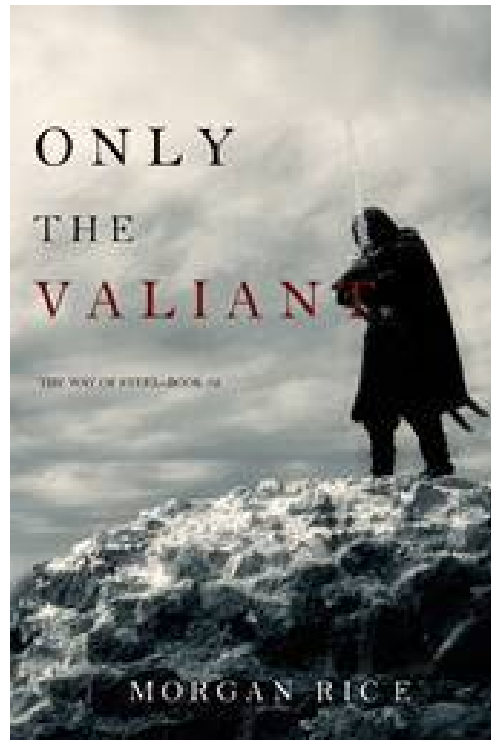
Mas esse dia não seria hoje.

Genevieve voltou-se novamente para a paisagem do campo, segurou o pergaminho sobre o corrimão e, lentamente, um pedaço de cada vez, rasgou-o por completo desfazendo-o no ar.

Era uma sensação boa. Ela viu os pedaços caírem, se espalhando no campo, traçando a queda que ela mesma quase fez e, pedaço por pedaço, sentiu seu coração começando a se reparar. Finalmente, ela poderia se sacrificar por Royce também.

Royce, ela pensou, eu te amo.

AGORA DISPONÍVEL PARA PRÉ-ENCOMENDA!



APENAS OS CORAJOSOS
(O Caminho da Espada—Livro Dois)

“Morgan Rice conseguiu de novo! Construindo um forte conjunto de personagens, a autora oferece outro mundo mágico. APENAS OS DIGNOS é cheio de intrigas, traições, amizade inesperada e todos os bons ingredientes que farão você saborear cada virar de página. Embalado na ação, você não vai querer parar de ler.

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos

De Morgan Rice, autora best-seller #1 de UMA BUSCA DE HERÓIS (um download gratuito com mais de 1.000 comentários de cinco estrelas), surge uma nova série de fantasia fascinante.

Em O Caminho da Espada (Livro Dois), Royce, de 17 anos, está fugindo, escapando de sua liberdade. Ele se reúne com os camponeses enquanto tenta resgatar seus irmãos e fugir para sempre.

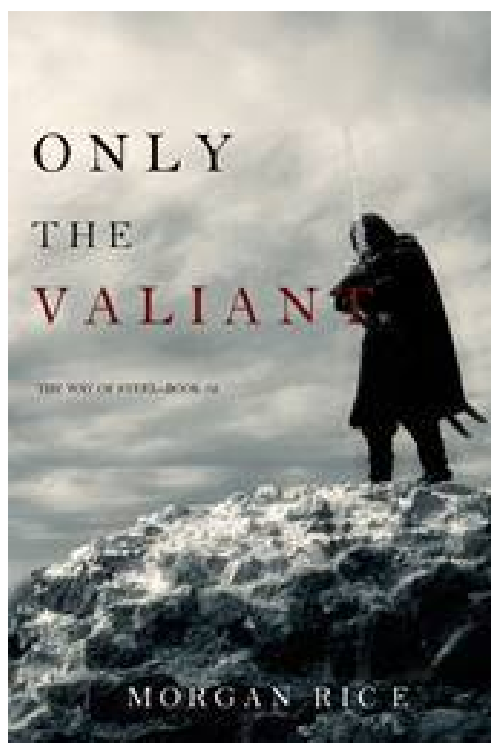
Genevieve, enquanto isso, descobre um segredo chocante, que afetará o resto de sua vida. Ela deve decidir se arrisca sua própria vida para salvar Royce - mesmo quando ele acha que ela o traiu.

A aristocracia se prepara para a guerra contra o campesinato e somente Royce pode salvá-los. Mas a única esperança de Royce reside em seus poderes secretos -

poderes que ele nem tem certeza de que possui.

APENAS OS CORAJOSOS tece um conto épico de amigos e amantes, de cavaleiros e honra, de traição, destino e amor. Um conto de bravura, que nos atrai para um mundo de fantasia pelo qual nos apaixonaremos e que apela a todas as idades e gêneros.

Livro #3 da série—APENAS OS PREDESTINADOS—está agora também disponível para pré-encomenda.



APENAS OS CORAJOSOS
(O Caminho da Espada—Livro Dois)

Sabia que eu já escrevi múltiplas séries? Se não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo e faça o *download* do primeiro livro de cada série!



Livros de Morgan Rice

OLIVER BLUE E A ESCOLA DE VIDENTES

A FÁBRICA MÁGICA (Livro 1)

[O ORBE DE KANDRA \(Livro 2\)](#)

AS CRÔNICAS DA INVASÃO

TRANSMISSÃO (Livro 1)

CHEGADA (Livro 2)

ASCENSÃO (Livro 3)

O CAMINHO DA ROBUSTEZ

APENAS OS DIGNOS (Livro n.º 1)

UM TRONO PARA IRMÃS

UM TRONO PARA IRMÃS (Livro n.º 1)

UMA CORTE PARA LADRAS (Livro n.º 2)

UMA CANÇÃO PARA ÓRFÃS (Livro n.º 3)

UMA NÊNIA PARA PRÍNCIPES (Livro n.º 4)

UMA JOIA PARA REALEZAS (Livro n.º 5)

DE COROAS E GLÓRIA

ES CRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro n.º 1)

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA (Livro n.º 2)

CAVALEIRO, HERDEIRO, PRÍNCIPE (Livro n.º 3)

REBELDE, PEÃO, REI (Livro n.º 4)

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO (Livro n.º 5)

HEROÍNA, TRAIIDORA, FILHA (Livro n.º 6)

GOVERNANTE, RIVAL, EXILADA (Livro n.º 7)

VENCEDORA, DERROTADA, FILHO (Livro n.º 8)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro n.º 1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro n.º 2)

O PESO DA HONRA (Livro n.º 3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro n.º 4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro n.º 5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro n.º 6)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro n.º 1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro n.º 2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro n.º 3)
UM GRITO DE HONRA (Livro n.º 4)
UM VOTO DE GLÓRIA (Livro n.º 5)
UMA CARGA DE VALOR (Livro n.º 6)
UM RITO DE ESPADAS (Livro n.º 7)
UM ESCUDO DE ARMAS (Livro n.º 8)
UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro n.º 9)
UM MAR DE ESCUDOS (Livro n.º 10)
UM REINADO DE AÇO (Livro n.º 11)
UMA TERRA DE FOGO (Livro n.º 12)
UM REINADO DE RAINHAS (Livro n.º 13)
UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro n.º 14)
UM SONHO DE MORTAIS (Livro n.º 15)
UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro n.º 16)
O DOM DA BATALHA (Livro n.º 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº1)
ARENA DOIS (Livro n.º 2)
ARENA TRÊS (Livro n.º 3)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro n.º 1)
AMADA (Livro n.º 2)
TRAÍDA (Livro n.º 3)
DESTINADA (Livro n.º 4)
DESEJADA (Livro n.º 5)
COMPROMETIDA (Livro n.º 6)
PROMETIDA (Livro n.º 7)
ENCONTRADA (Livro n.º 8)
RESSUSCITADA (Livro n.º 9)
COBIÇADA (Livro n.º 10)
PREDESTINADA (Livro n.º 11)
OBCECADA (Livro n.º 12)

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezessete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por três livros; da série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros; da série de fantasia épica DE COROAS E GLÓRIA, composta por oito livros; da série de fantasia épica UM TRONO PARA IRMÃS, composta por oito livros (a continuar); da nova série de ficção científica AS CRÓNICAS DA INVASÃO, composta por quatro livros; da nova série de fantasia OLIVER BLUE E A ESCOLA PARA PROFETAS, composta por três livros (a continuar); e da nova série de fantasia épica O CAMINHO DA ESPADA, composta por três livros (a continuar). Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

TRANSFORMADA (Livro #1 na série Diários de um Vampiro), ARENA UM (Livro #1 da série A Trilogia da Sobrevivência), UMA BUSCA DE HERÓIS (Livro #1 na série O Anel do Feiticeiro), ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Reis e Feiticeiros—Livro #1), UM TRONO PARA IRMÃS (Livro #1), e TRANSMISSÃO (As Crônicas da Invasão—Livro #1) estão todos disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sintase à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntarse à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligarse ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!